

Instituto Sedes Sapientiae

Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2021/2023

Danielle Melanie Breyton (Relações Externas), Elcio Gonçalves de Oliveira Filho (Comissão de Admissão), Maria Cristina Petry Barros Martinha (Relações Internas), Maria de Fátima Vicente (Eventos), Paula Patrícia S.N. Francisquetti (Cursos), Paulina Scmidthauer B. Rocha (Clínica e Instituições), Sílvia Maria de Moraes Gonçalves (Transmissão, Pesquisa e Intervenções Externas), Sílvia Nogueira de Carvalho (Publicação e Comunicação), Solange Maria Santos Oliveira (Administração e Finanças), Tide Setubal Souza (Formação Contínua)

Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE - ANO XXXIV - JUNHO 2022

Conselho Editorial

Cleusa Pavan, Eugenio Canesin Dal Molin, Luciana Cartocci, Marcia R. Bozon de Campos, Maria Aparecida Kfoury Aidar, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Maria do Carmo Vidigal M. Dittmar (Lila) e Marina Bialer.

Grupo de Entrevistas

Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky, Tatiana Inglez Mazzarella

Grupo de Debates

Cristiane Curi Abud, Gisela Haddad, Ivy Semiguem, Thiago Majolo, Vera Blondina Zimmermann.

Grupo de Debates Clínicos

Beatriz Mendes Coroa, Paula Peron, Sérgio Telles (coordenador)

Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves (coordenadora), Janaina Namba, Lia Novaes Serra, Sérgio Telles, Susan Markuszwover

Tesouraria

Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena de Staal (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlievsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingerhann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luis Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Nader (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Nelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificación Barcia Gomes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Sergio Zlotnic, Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia)

Linha editorial

Percurso é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

Revisão

Simone Zaccarias + simonezac@yahoo.com.br

Projeto e produção gráfica

Sergio Kon + A Máquina de Ideias + Tel.: (11) 99113-3243 + amaquina@aclnet.com.br

Assinaturas

Angela Maria Vitorio + Tel./Fax: (11) 3081-4851 + percurso@uol.com.br

Capa

Elaine Armenio. Sem título.

Coordenação editorial

Renato Mezan + Rua Amália de Noronha, 198 + 05410-010 São Paulo + Tel./Fax: (11) 3081-4851

Recepção de originais para publicação

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Claudia Dametta) + Rua Ministro Godoy, 1484 + 05015-900 São Paulo SP Brasil

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Site na Internet: <http://revistapercurso.uol.com.br> + e-mail: percurso@uol.com.br

Percurso é indexada na Biblioteca Virtual de Psicoanálise – BiViPsi.



Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro de Godoy, 1484
05015-900 São Paulo SP
Tel.: (11) 3866-2730
Secretária do Departamento:
Claudia Dametta
deptodepsicanalise@sedes.org.br

Diálogos, debates
e interseções

Percursos 68

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXIV : JUNHO DE 2022

Sumário

Table of contents

3 Sumário
Table of contents

7 Editorial
Letter from the editors

TEXTOS

PAPERS

9 O que podemos esperar de uma análise de “controle”? Em questão, a prática da supervisão na formação de analistas
What can we expect from a “control” analysis? Under scrutiny, the practice of supervision in analyst training
Jean-Michel Vivès

19 Uma dobra barroca em 22
A baroque fold in 22
Maria de Lourdes Caleiro Costa

33 Diálogos (im)pertinentes: Psicanálise, teorias *queer*, transgeneridades
(Im)pertinent dialogues: Psychoanalysis, queer theories, transgenderism
Jô Gondar

43 O falo e a falta – Notas sobre redesignações sexuais, intervenções hormonais e dores sem sujeito
The phallus and the lack: Notes on sexual reassignments, hormonal interventions and pain without a subject
Leda Tenório da Motta

3

53 A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott
The notion of imaginative elaboration and the conception of fantasy in the work of Winnicott
 Marcia R. Bozon de Campos + Leopoldo Fulgencio

65 Elaboração imaginativa: Protolinguagem e protopensamento
Imaginative elaboration: proto-language and proto-thinking
 Renata Udler Cromberg

75 Reflexões sobre o rompimento do pacto social e a expansão evangélica: Das periferias ao cenário político nacional
Reflections on the rupture of the social contract and the evangelical expansion: from the outskirts to the national political stage
 Ana Carolina de Camargo Cortes

85 El dialogo Freud-Ferenczi tras la formulación de la segunda topica
The Freud-Ferenczi dialogue after the formulation of the Second Topic
 Luis J. Martín Cabré

ENTREVISTA

INTERVIEW

93 Violência e delicadeza
Violence and delicacy
 Paulo Endo

DEBATE

DEBATE

113 Vamos falar de fascismo?
Let's talk about fascism?
 Ana Gebrim + Edson Luiz André de Sousa + Jean-Pierre Pinel + Luciana Lafraia

DEBATE CLÍNICO

CLINICAL DEBATE

121

Caso Dario
Dario's case
Marilsa Tafarel + Noemi Moritz Kon

LEITURAS

BOOK REVIEWS

133

Deslocamentos da branquitude: Como fazer diferença na diferença? [Entre o encardido, o branco e o branquíssimo. Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo]

Displacements of whiteness: how to make a difference in the context of difference?

Paula Patrícia Serra Nabas Francisquetti

138

Psicanálise, Ferenczi e a força criativa em situações de traumas coletivos [Ferenczi: Pensador da catástrofe]

Psychoanalysis, Ferenczi and the creative force in situations of collective trauma

Marina Bialer

143

Em defesa da arte e da vida [Furos no futuro, psicanálise e utopia]

In defence of art and life

Miriam Chnaiderman

146

Uma viagem no tempo: Ecos do pensamento de Sabina Spielrein na contemporaneidade [Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise – vol. 2]

A journey through time: echoes of Sabina Spielrein's thinking in contemporary times

Marcia R. Bozon de Campos

150

Uma intelectual entre fronteiras [Mothers, fathers and others – essays]

An intellectual across borders

Paula Regina Peron

5

- 153 Começar do princípio, para o bebê, e voltar ao princípio, para seus pais, interrompendo o mortífero do transgeracional [Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares: Pensando a clínica da primeira infância]
Starting from the beginning, for the baby and back to the beginning, for their parents, interrupting the deadly transgenerational
Eloisa Tavares de Lacerda
- 157 Vozes dos feminismos [Feminismos em trânsito]
Voices of feminisms
Ana Lúcia Panachão
- 162 Os estudos fanonianos de Faustino e a revolução pelas palavras [Frantz Fanon e as encruzilhadas]
Faustino's Fanonian Studies and the revolution through Words
Cláudia Ribeiro
- 167 A expressão simbólica do inconsciente [Expressão e linguagem: Aspectos da teoria freudiana]
The symbolic expression of the unconscious
Maria Aguilera Franklin de Matos
- 171 Colaboradores deste número
Contributors to this issue
- 173 Normas para envio de artigos e resenhas
Rules for contributors
- 175 Onde encontrar *Percurso*
Where to find Percurso
- 183 Para assinar *Percurso*
How to subscribe to Percurso

Editorial

Entre dois tempos, ainda sem saber o resultado definitivo das eleições deste ano de 2022 quando da escrita deste editorial, esta revista vem, mais uma vez, por sua própria existência, afirmar a importância de que prevaleça o trabalho de pensamento como efeito de partilha, possibilitando mudanças de perspectivas e infinitas aberturas.

São diversos os artigos que compõem este número de *Percurso*. No conjunto, não há uma temática que prepondere sobre as outras. No entanto, em um momento tão crucial, em que o valor da democracia precisa ser defendido vigorosamente, sobressaem diferentes figuras do diálogo: formas em que perspectivas, ora divergentes, ora convergentes, podem se relacionar, sem que se estabeleça entre nós o domínio de um pensamento único ou absoluto.

Dois artigos contribuem para o debate entre distintas perspectivas psicanalíticas quanto aos feminismos, às teorias de gênero e às novas práticas sexuais. O artigo “Diálogos (im)pertinentes: Psicanálise, teorias *queer* e transgeneridades” confere valor aos estudos de gênero por instigar o pensamento psicanalítico e busca investigar diferentes tentativas de ultrapassagem do binarismo, enfatizando a especificidade da abordagem e a contribuição da psicanálise a esses estudos. Já “O falo e a falta: Notas sobre as redesignações sexuais, intervenções hormonais e dores sem sujeito” não se furta à controvérsia ao sustentar a anterioridade da força da natureza às contingências do gênero – recuperando a leitura de Julia Kristeva do pensamento de Simone de Beauvoir e as críticas de Butler a essa posição –, além de questionar o modo Paul Preciado de apresentar sua travessia “como se não portasse gênero algum”.

Dando prosseguimento às interrogações sobre o corpo, um diálogo convergente se estabelece entre dois artigos que discutem as relações entre a noção de elaboração imaginativa proposta por Winnicott e a constituição do psiquismo a partir das primeiras relações com o objeto subjetivo em direção às relações objetais, abordando o lugar da destrutividade relacionada ao erotismo muscular representando um sintoma de estar vivo que possibilita as transformações.

Enquanto passagem do tempo lança novos olhares ao diálogo conceitual entre Freud e Ferenczi no artigo de Luis Martín Cabré, “Uma dobra barroca em 22” se inclui de forma incisiva nas discussões em curso por ocasião do centenário da Semana de Arte Moderna e duzentos anos de independência do Brasil, revelando fraturas e jogos de forças desde sempre presentes.

Na entrevista, Paulo Endo fala de sua pesquisa sobre as relações entre psicanálise e política, sobre a violência, memória e esquecimento; e como

a arte e os sonhos podem nos ajudar na elaboração e superação das compulsões alienantes.

“Vamos falar de fascismo?” foi a questão lançada pela seção Debates, um convite aos autores para pensarem a cultura fascista e como se atualiza, sob novas bandeiras, nas subjetividades, a partir da ideologia nazifascista do séc. xx.

Assim, diálogos, interlocuções e interrogações emergem deste número.

Atar a presença da força e da alegria à exigência de um pensamento complexo e matizado, capaz de suportar nuances e conflitos, em oposição ao ânimo fácil suscitado por afirmações simplistas e supostas verdades, eis uma tarefa que se impõe a nós no contemporâneo.

A capa deste número é uma obra de Elaine Armênio, psicanalista, escritora e artista plástica, querida companheira e amiga, que com sua delicadeza, sensibilidade e humor fino esteve conosco participando ativamente, nos últimos 30 anos, da construção da vida deste Departamento.

Boa leitura!

O que podemos esperar de uma análise de “controle”?

Em questão, a prática da supervisão na formação de analistas

Jean-Michel Vivès

Resumo Neste artigo, o autor se dedica a abarcar uma das principais problemáticas da análise de controle (supervisão). A análise de controle serve tanto para a elucidação das problemáticas transferenciais-contratransferenciais presentes no tratamento quanto para possibilitar que se mantenha viva a enigmática questão que o/a analista em devir encontrou por ocasião de sua análise e que fez dele/a um/a analista. No melhor dos casos, pode permitir que o/a analista que com isso se confronta se posicione numa relação com seu grupo ou escola que seja menos “institucional” (submissão ao supereu institucional) e mais “insistucional” (insistência, na presença de “alguns outros”, do desejo de que se autorizou para passar da posição de analisando/a para a de analista) e lhe possibilite permanecer analista de sessão em sessão.

Palavras-chave análise de controle/supervisão; enigma; ética; esquecimento; supereu.

Tradução Cleusa Pavan

Revisão Cláudia Berliner

Jean-Michel Vivès é professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d’Azur-Nice, França, psicanalista em Toulon, membro do “Mouvement Instance” – Paris, Membro do Corpo Freudiano – Seção Rio de Janeiro, Brasil.

1 *Contrôle* é o termo comumente empregado em língua francesa para nomear o que convencionalmente chamamos “supervisão” (N.R.).

2 A esse respeito, ver o bem documentado e esclarecedor artigo de A. De Mijolla, “Quelques figures de la situation de ‘supervision en psychanalyse’”, *Études Freudiennes*, n. 31, p. 117-130.

Tornou-se comum, nos meios psicanalíticos, afirmar que o controle¹ é uma necessidade na prática da análise. Afinal, não falamos de um tripé necessário para se tornar analista, composto de análise pessoal, formação teórica ministrada em uma escola analítica e análise de controle? Ainda assim, porém, essa prática continua sendo o parente pobre em termos de reflexões teóricas. É fato que as referências bibliográficas são pouco numerosas² e estão, sem dúvida, muito aquém da importância de que essa prática se reveste em nosso cotidiano.

O próprio nome dado a essa prática deve nos interrogar. Análise de *controle*! Etimologicamente, o termo francês *contrôle* refere-se ao duplo: trata-se de um “registro realizado de maneira duplicada para verificação de um outro”. Controle refere-se à anuidade e à duplicação. Podiam ter escolhido palavra pior para descrever a prática que visa acompanhar um colega desejoso de pensar os desafios e problemas de sua clínica? Os psicanalistas que propuseram substituir o termo “controle” pelo de “supervisão” esperavam, sem dúvida, atenuar essa desagradável dimensão de sujeição. Perda de tempo: a super-visão introduz o olhar em sua dimensão superegoica e, assim, abandonamos o campo da anuidade para entrar no da vigilância paranoica. Controle e supervisão implicam, pelas conotações que essas palavras carregam, uma relação hierárquica, até mesmo autoritária e normativa, o que não deixa de levantar problemas quando se está no campo da psicanálise, que, desde seus primórdios, pretendeu ser um empreendimento de desalienação. Mesmo que continuemos a usar, neste artigo, os termos “controle” e “supervisão”, uma vez que infelizmente essas expressões estão consagradas, gostaríamos de chamar a atenção do leitor para o que há de problemático na manutenção dessa escolha e para o conteúdo



esse dispositivo, que podemos reconhecer aqui in statu nascendi, tomará uma forma singular com o tratamento conduzido por Max Graf, em 1908, junto a seu filho Herbert, apelidado por Freud de o pequeno Hans

latente, silenciado de modo excessivamente rápido, que esses dois termos implicam.

Na tentativa de sair da dimensão de alienação a que estão associados os termos “controle” e “supervisão”, Lacan falará em 1975 de “super-escuta”³. Essa expressão é interessante por lembrar que a análise de controle é, assim como a análise pessoal, muito mais uma prática da escuta do que da visão. Lacan, tentando não reproduzir a burocratização institucional de que acusava a IPA – que o excluía de seus quadros uns dez anos antes –, afirmará que a prática do controle se impõe a todo analista não como uma obrigação proveniente da instituição, mas em decorrência dos efeitos de sua própria análise. Assim, desde 1964, na Escola Freudiana de Paris o controle não é, em si, nem uma obrigação, nem a chave de um percurso de estudos, mas decorre sobretudo da responsabilidade do analista. O controle é então reintegrado ao campo da ética da psicanálise, não submetido a um “tu deves!”, mas articulado a um “é meu dever”⁴.

É esse o caminho que exploraremos neste artigo. Antes, porém, nos propomos a mostrar que foi a dimensão superegoica da análise de controle que se impôs gradativamente durante o desenvolvimento do movimento analítico.

Análise de controle em suas origens

Uma das formas iniciais do que nos habituamos a nomear de controle pode ser depreendida das

reuniões das quartas-feiras da Sociedade Psicanalítica de Viena, em que os primeiros companheiros de Freud lhe falavam sobre os casos que conduziavam para lhe pedir ajuda e conselhos. Desenhava-se, então, uma das formas possíveis do controle e, pelos testemunhos que nos chegaram⁵, ela é claramente uma co-elaboração entre Freud e seus colegas. Esse dispositivo, que podemos reconhecer aqui *in statu nascendi*, tomará uma forma singular com o tratamento conduzido por Max Graf, em 1908, junto a seu filho Herbert, apelidado por Freud de o pequeno Hans⁶. Freud revelou-se nessa ocasião um “controlador” com bastante tato. Com efeito, ao longo do texto, adverte-nos sobre o perigo de fazer perguntas demais e de ser excessivamente intrusivo: o importante é deixar a palavra ao analisando e não abafar seu discurso com interpretações que visariam encontrar no que se escuta o que já se sabe. Nada de controle ou supervisão aqui, mas uma abertura para o inaudito da fala do pequeno menino.

Com a criação, em 1910, da Associação Psicanalítica Internacional, veremos a prática da supervisão ser codificada e assistiremos à elaboração de um ensino visando pensar a transmissão da psicanálise o mais rigorosamente possível. Nascia um necessário programa de estudo da psicanálise e, com ele, agregando-se à análise pessoal – condição *sine qua non* de qualquer prática analítica – a prática sistemática da “análise de controle”. Na verdade, a partir de 1910, a horda um tanto heteróclita, mas com grande liberdade no início, transforma-se pouco a pouco em um rebanho afeiçoado a diplomas e reconhecimento. Isso não se dará sem certa padronização. Max Graf, aliás, um dos artistas-analistas das primeiras horas, se afastará do grupo nessa ocasião e dirá, em 1952⁷, que se tornara relutante quanto à dinâmica religiosa sobre a qual repousava cada vez mais o funcionamento da associação psicanalítica vienense.

A codificação do dispositivo da análise de controle aparece com a fundação do Instituto de Berlim, que servirá de modelo para aqueles que surgirão em seguida. No relatório de Eitingon, de 1920, sobre o funcionamento da Policlínica de

Berlim, o termo “controle” é usado pela primeira vez para designar a vigilância exercida sobre os tratamentos conduzidos por iniciantes.

Confiamos aos alunos que já estão avançados no estudo teórico e em sua análise pessoal um ou mais casos que recebemos em consulta e que convêm a iniciantes, e deixamos os jovens analistas experimentarem sozinhos. Por

- 3 J. Lacan, “Conférences et entretiens dans des Universités nordaméricaines Columbia University Auditorium School of International Affairs”, *Scilicet* n. 6/7, p. 42.
- 4 Encontramos aqui a tensão e a diferença radical na interpretação do aforismo freudiano “Wo Es war, soll Ich werden”, proposto por um lado pelos pós-freudianos e, por outro, por Lacan. Os freudianos franceses da primeira hora o interpretarão da seguinte maneira: “O eu deve desalojar o isso”. Essa é a tradução de Anne Berman, publicada em 1936, em S. Freud, *Novas conferências sobre psicanálise* (Paris, Gallimard, 1936, p. 49). Essa proposição contém em si uma visão bem precisa da psicanálise: o eu deve conquistar o espaço do isso para mantê-lo na coleira. Prefigura-se aqui o que se tornará a psicologia do ego, em que o ego “forte” do analista deve servir como polo identificatório para o ego “fraco” do paciente. É fácil imaginar o que a análise de controle pode se tornar em tal contexto. Lacan, por sua vez, proporá, em 1955, uma tradução-interpretação desse aforismo – ele oferecerá várias durante seu ensino –, abrindo um caminho totalmente diferente. “Ali onde isso era, como se pode dizer, ali onde se era, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser”. J. Lacan, “A coisa freudiana”, in *Escritos* (Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 418-419).
Lacan associa à sua proposta de tradução uma nota de rodapé referente à tradução citada anteriormente: “Só nos resta indagar que demônio terá inspirado o autor da tradução existente em francês [...] a produzi-la nestes termos: *Le moi doit déloger le ça* [“o eu deve desalojar o isso”]. De fato, a proposição lacaniana, embora torça um pouco a afirmação freudiana, insiste de forma extremamente interessante na noção de dever contida no “soll” da frase freudiana e, ao se opor à primeira tradução citada, reintroduz a questão da ética. Com efeito, aqui, a injunção não vem tanto do outro (institucional no que diz respeito ao controle), mas se impõe ao sujeito como o próprio movimento do processo de subjetivação. Entendemos a partir disso que a análise de controle decorre menos de um “tu deves!” superegoico do que de um “É meu dever” ético.
- 5 *Les premiers psychanalystes – Minutes de la Société psychanalytiques de Vienne*, v. 1 (1906-1908) e v. 2 (1908-1910). É interessante notar que os dois volumes seguintes – v. 3 (1910-1911) e v. 4 (1912-1918) –, contemporâneos e posteriores à criação da Associação Psicanalítica Internacional, testemunham uma indiscutível inflexão em relação a essa questão.
- 6 S. Freud, “Analyse de la phobie d’un garçon de cinq ans”. *Œuvres complètes*, tome IX, p. 1-130.
- 7 M. Graf, Entretien du père du petit Hans (Max Graf) avec Kurt Eissler, trad. fr., *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, 14, p. 123-159.
- 8 M. Eitingon, Rapport de la policlinique de Berlin, *apud* M. Moreau, “Analyse quatrième, contrôle et formation”, *Topique* n. 18, p. 78-85.
- 9 S. Freud, La question de l’analyse profane, trad. fr. *Œuvres complètes*, tome XVIII, p. 1-92.

na noção de formação proposta por Freud, havia o cuidado com uma camaradagem, a necessidade de ajudar o sujeito a se libertar de identificações muito alienantes com o analista e de todo supereu institucional

meio de notas detalhadas que os alunos devem escrever, acompanhamos de perto os analisandos e podemos detectar facilmente a montanha de erros que comete o analista inexperiente. [...] Protegemos os pacientes que são confiados aos iniciantes pelo controle que exercemos sobre seus tratamentos, e estando sempre prontos para retirar o caso do aluno e continuarmos o tratamento nós mesmos...⁸

Podemos nos surpreender com o caráter particularmente autoritário da concepção que aqui se desenha sobre a formação e o acompanhamento dos jovens analistas. No entanto, embora Freud tivesse introduzido em algum momento da história da psicanálise⁹ a ideia de que não basta ter sido analisado para ser analista, ele introduziu, para completar essa experiência *princeps*, a noção de formação (*Ausbildung*), formação mais próxima da ideia de interrogação do que da noção de modelo, como já pudemos ver na supervisão do caso do Pequeno Hans. Na noção de formação proposta por Freud, havia o cuidado com uma camaradagem, a necessidade de ajudar o sujeito a se libertar de identificações muito alienantes com o analista e de todo supereu institucional. A formação não envolvia a duplicação, o modelo, noção que muito rapidamente prevaleceu, como se pode ver pelo relatório de Eitingon. Como sabemos, esse tipo de relação não é muito analítica. Na verdade, pode-se até dizer que é profundamente antianalítica, porque, implicando a conformidade a um modelo introduzido, essa prática postula, favorece





*em algumas sociedades,
o controlador avalia o paciente
para determinar se ele é um bom
caso para controle, antes
de confiá-lo a um analista
em formação*

e institui uma relação alienante. Ora, a alienação é – ou deveria ser – o contrário mesmo da análise. Lembremos que Lacan chegou a definir a psicanálise como uma “profilaxia da dependência”¹⁰. Como indicamos anteriormente, a própria palavra “controle”, ela mesma uma palavra imposta e mantida, contém algo dessa dimensão alienante em potencial. Controle significava originalmente: dupla anotação, um registro mantido em dobro ou, na linguagem contemporânea, uma fotocópia. A questão toda é, de fato, saber se se pode – e deve – fazer uma fotocópia de uma análise e, do analista, um fotocopiador!

Seria agradável e reconfortante pensar que essa questão diz respeito apenas aos tempos heróicos do aparecimento dos dispositivos de transmissão da psicanálise e que isso mudou desde então. As coisas não são tão simples, e, para se convencer, basta ler como certos grupos analíticos consideram hoje a questão da formação e do controle que, nesses casos, é particularmente digno desse nome¹¹.

Por exemplo, em algumas sociedades, o controlador avalia o paciente para determinar se ele é um bom caso para controle, antes de confiá-lo a um analista em formação. A nosso ver, essa exigência constitui um obstáculo significativo ao processo analítico: ela menospreza a importância que representa para o paciente a escolha de seu analista. Outro exemplo é o do analista que intervém avaliando se seu analisando pode se tornar analista. Não nos deteremos nas questões

deontológicas, para não dizer éticas, suscitadas por essa situação. Contentar-nos-emos em assinalar que aqui a neutralidade do analista está mais do que comprometida. Por último, em algumas sociedades, o candidato não tem a escolha nem de seu analista nem de seu controlador. Mais uma vez, as questões transferenciais que sabemos ser essenciais à dinâmica analítica são negadas por ocasião dessa imposição, em prol de uma ortodoxia teórico-técnica que acima de tudo não quer correr o risco da miscigenação. Não continuaremos a listar as diferentes modalidades encontradas; esses meros exemplos são suficientes para indicar que essa questão permanece ainda hoje extremamente viva e atual.

Na verdade, essas modalidades de controle superegoico, que continuam a operar em muitas sociedades psicanalíticas, podem ser teorizadas segundo a preponderância do olhar ou da voz – os dois objetos que operam no supereu: o “olhar persecutório” e “a voz grossa”. O primeiro aspecto seria ilustrado pela figura do mestre e privilegiária a voz; o segundo, pela figura do inquisidor em que se destacaria o olhar. Essas duas figuras – mestre e inquisidor –, embora tenham em comum o fato de serem manifestações do supereu, intervêm segundo duas modalidades muito distintas e se manifestarão, no contexto da supervisão, de maneira específica: por um lado, a imposição de um saber ao sujeito, o que equivaleria a ocupar a posição de mestre; por outro, a suspeita de um saber que seria ocultado pelo sujeito e que conviria arrancar dele, o que corresponderia à posição do inquisidor.

O mestre sabe de antemão a verdade sobre o ser do sujeito e comunica esse saber impondo-o, se necessário, com violência. O mestre acredita na existência de um saber preexistente, que conviria encontrar no outro (paciente ou colega), nem que tenha de ser imposto. A manifestação superegoica institucional corresponde então a: “Tu deves!”, “Obedece!”, “Entrega-te!”. Um “Tu deves!” que nenhuma proposição vem completar. Pura injunção à qual o sujeito não sabe o que responder, pois é incompreensível. Um “Obedece” e um “Entrega-te” que levam o sujeito a se submeter. Aqui, é a

dimensão vocal que se coloca preferencialmente em jogo, e Lacan, por ocasião do seminário xvi, não deixou de sublinhar o lugar central que o objeto voz ocupa tanto no masoquismo como no sadismo¹².

A outra posição, a do inquisidor, pressupõe menos um saber que conviria impor ao sujeito, como supõe o mestre, e mais um saber não sabido ou dissimulado que conviria arrancar do sujeito para que ele tenha, finalmente, acesso à verdade. O inquisidor, para o bem do sujeito, lembremos, suspeita que este seja um dissimulador. A manifestação superegoica é então um olhar, facilmente qualificável de inquisidor, que escrutina e vasculha a intimidade do sujeito, em quem nada poderia ficar escondido. Esse olhar silencioso sugere: “vejo tudo de ti, sei tudo de ti”, excluindo qualquer possibilidade para o sujeito, assim olhado, de constituir um espaço íntimo que possa escapar a esse olhar perseguidor, e excluindo igualmente toda possibilidade de ele tomar a palavra. O supervisor suspeita então que o supervisionando não diz tudo, que parte do material lhe é ocultado, no melhor dos casos por razões inconscientes, não sabidas pelo controlado, no pior, para fazer “boa figura”.

A face feroz e obscena do supereu institucional que se exerceria no controle poderia então ser compreendida a partir dessa dialética entre um olhar persecutório e uma voz imperativa. Com efeito, um dos elementos essenciais do supereu é a articulação entre a natureza do julgamento silencioso que o olhar superegoico faz e o fato de que esse julgamento também está associado à dimensão da voz. O que Alain Didier-Weill expressa da seguinte maneira: “O paradoxo do supereu é encarnar o fato de que ‘o olho ouve’ e que ‘o olho fala’, com a ressalva de que ele não ouve como o faz o ouvido, e não fala como o faz a boca: se o olho ouve, é adivinhando o pensamento, e se fala, não é supondo o sujeito, mas destituindo-o”¹³.

10 J. Lacan, *Le Séminaire*, Livre VII, *L'éthique de la psychanalyse*, p. 19.

11 Sendo discreto, optei por não indicar os links para os diversos sites das instituições consultadas, mas o leitor poderá encontrá-los facilmente.

12 J. Lacan, *Le Séminaire*, Livre XVI, *D'un Autre à l'autre*, p. 257-259.

13 A. Didier-Weill, *Les trois temps de la loi*, p. 83.

»
*o encontro entre dois analistas
com o objetivo de pensar
um momento do tratamento
de um analisando promove
um espaço de trabalho analítico
entre dois colegas visando
a uma coelaboração*

É inútil insistir na devastação que essas modalidades de controle podem causar! A partir daí, se a situação de análise de “controle” não pode ser a que acabamos de descrever, como pensá-la e o que se pode esperar dela?

Análise de controle: um espaço de trabalho para não esquecer

A tese que sustentaremos é que o encontro entre dois analistas com o objetivo de pensar um momento do tratamento de um analisando promove um espaço de trabalho analítico entre dois colegas visando a uma coelaboração. Esse espaço, assim concebido, constitui-se em um verdadeiro mediador, fazendo pensar e trabalhar os enigmas do discurso do paciente, e os efeitos desse discurso sobre o analista e a dinâmica do tratamento. A partir disso, podemos afirmar que o analista na posição de controlador só pode ajudar o analista que solicita esse momento de trabalho se ele mesmo for capaz de aprender algo com o analista que pediu o controle. É, portanto, uma mudança radical de perspectiva que estamos propondo aqui. O controlador deve ser capaz de se deixar ensinar pelo que escuta no dizer de seu colega. O que então se tornará central na situação de controle será a criação no supervisionando, mas também, e talvez de maneira ainda mais fundamental, no supervisor, da possibilidade de se deixar surpreender: possibilidade que implica não



*como entender o lugar
do controle no dispositivo,
não necessariamente de formação
ou transmissão, mas naquele,
mais essencial, que chamaremos
de espaço de re-criação*

14

PERCURSO 68 : junho de 2022

encontrar nas palavras do supervisionando o que já se sabe da psicanálise, mas de se autorizar a reinventar, rigorosamente, a psicanálise com ele e a partir do que ele dela transmite. Em outros termos, se o trabalho de controle tem alguma dimensão analítica, esta é a de colocar em questão os saberes estabelecidos, no analista em posição de controlador e no analista que solicita o controle. Os dois encontram-se então, de fato, em posição de desequilíbrio e de pesquisa. Estamos bem longe da posição de autoridade descrita por Eitingon. A partir daí, como no contexto do tratamento, o questionamento dos conhecimentos, os desligamentos de sentido, a emergência do que ainda não se sabia e que exige uma nova forma de pensar são características fundamentais na condução das análises de controle. O que nos leva a argumentar que a análise de controle é, acima de tudo, análise, ainda!

A partir disso, podemos ainda acreditar que uma prestação de contas tediosa e pretensamente exaustiva das sessões, a mais fiel possível, dá realmente conta do trabalho de um psicanalista? Claro que não: a única possibilidade de dar conta da análise de um paciente consiste em uma criação que, de fato, procede da própria análise do analista. A situação de controle torna-se então o testemunho do modo como o analista pensa/ressoa depois de a fala do paciente soar nele e do modo como o controlador se coloca no diapasão não para impor seu “lá”, mas para resolver no sentido musical – isto é, não dando a resposta, mas fazendo soar os

harmônicos das falas escutadas – os enigmas trazidos pelo analista em controle. Os dois psicanalistas pegos no dispositivo podem então fazer valer o que pegaram a partir de sua respectiva escuta.

Com efeito, assim como numa análise, o que está no centro do encontro entre o supervisor e o supervisionando é a questão do enigma. Enigma que, como nos lembra Catherine Muller em seu belo livro *O enigma, uma paixão freudiana*¹⁴, está no próprio cerne da direção do tratamento. Assim, Freud, em 1905, em seu relato do Caso Dora, nos diz:

A interpretação dos sonhos, a extração de ideias e de lembranças inconscientes das associações do paciente, bem como os outros processos de tradução, são fáceis de apreender; é sempre o paciente quem dá o texto. Mas a transferência, por outro lado, deve ser inferida sem o auxílio do paciente, em função de leves sinais e sem cometer arbitrariedades.¹⁵

A importância do enigma no tratamento perpassa toda experiência de criação, e a experiência de controle é uma delas.

Como entender, a partir daí, o lugar do controle no dispositivo, não necessariamente de formação ou transmissão, mas naquele, mais essencial, que chamaremos de espaço de re-criação, com a necessária dimensão lúdica que isso implica? Sustentamos, com efeito, que a análise de controle deve permitir que se mantenha viva a questão, o enigma ao qual o sujeito foi confrontado durante seu tratamento. Na verdade, se entendemos o controle não como um dispositivo que visa a produzir o mesmo, mas, ao contrário, que permite colocar em cena um inaudito, somos levados a distinguir dois tipos de análise: aquela que não conduz a se tornar analista e que pode ser esquecida e aquelas que levam a isso e que, nesse caso, não podem ser esquecidas. Mesmo que o método e a teoria subjacente sejam idênticos, esses dois tratamentos têm objetos e finalidades diferentes. No caso em que a análise não leve ao tornar-se analista, pode-se dizer que a análise é aquilo que pode – e talvez deva – ser esquecida. Passei por tal experiência há algumas semanas,

quando uma bela jovem me parou na rua e me perguntou animadamente: “Você me reconhece?” Não, eu não a reconheci, então tentei um tímido: “Talvez você seja uma de minhas alunas...”. Ela me disse seu nome e então vi, na jovem, a criança de oito anos que eu havia acompanhado por vários meses uma dezena de anos antes.

Ela me disse que se lembrava perfeitamente de mim, mas nada sobre o que levava à necessidade de um atendimento, nem sobre o que havia se passado. Uma nota acrescentada em 1922 por Freud ao relato do tratamento do Pequeno Hans, realizado muitos anos antes, já apontava esse estranho processo de amnésia. Aos 19 anos, Herbert Graf, o agora famoso menino conhecido como Hans, leu o relato que Freud havia feito de seu episódio fóbico ocorrido quando tinha cinco anos e de seu tratamento.

Quando leu a história de seu caso, disse que tudo lhe parecera estranho; não se reconhecia, não conseguia se lembrar de nada [...]. A análise, portanto, não preservara da amnésia o que havia acontecido, mas sucumbira também a ela.¹⁶

O que esse esquecimento nos indica é que a rememoração proposta pela psicanálise permite que o passado recupere seu status de ultrapassado, possibilitando, assim, esquecer o que preocupava o presente. Afinal, Freud não afirmara já em 1893: “o histérico sofre principalmente de reminiscências”¹⁷? Parafraseando o aforismo freudiano citado no início deste artigo, poderíamos dizer: “Ali onde o passado impossível de ser ultrapassado estava, o presente deve advir”. É apenas a restituição das reminiscências ao passado que as transforma em lembranças, permitindo que a memória recupere seu funcionamento e, assim, autorize finalmente o esquecimento. Por outro lado, no caso em que

14 C. Muller, *L'énigme, une passion freudienne*.

15 S. Freud, “Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora)”, in *Cinq psychanalyses*, trad. fr., p. 87.

16 S. Freud, “Post-scriptum à l'analyse de la phobie d'un garçon de cinq ans”, trad. fr., *Œuvres complètes*, tome 9, p. 29-130.

17 S. Freud, Communication préliminaire. Études sur l'hystérie, trad. fr., *Œuvres complètes*, tome 2, p. 28.

é apenas a restituição
das reminiscências ao passado
que as transforma em lembranças,
permitindo que a memória recupere
seu funcionamento e, assim, autorize
finalmente o esquecimento

a análise leva a tornar-se analista, a análise não pode ser esquecida, porque é na manutenção viva do saber custosamente adquirido no divã que o analista se sustenta. O enigma entrevisto por ocasião do tratamento do analista e o tipo de relação com o saber que ele implica devem permanecer, no melhor dos casos, ativos e não reduzidos a saberes pré-constituídos.

De fato, desde o início de sua vida, o homem é habitado por enigmas. A origem de cada um é um enigma em si, começa com um enigma: de onde vêm os bebês? O enigma do amor e do prazer dos pais moldou cada momento de nossa infância e colore todas as nossas pesquisas e questões fundamentais. Diante desses enigmas que a ela se apresentam, a criança inventa teorias e se esforça para dar certa coerência, certa compreensão ao que sente, vê e escuta. Fica feliz se os pais podem acompanhá-la, apoiá-la em seu desejo de conhecer e de saber, deixando o máximo de espaço para sua criatividade nas pesquisas que faz, naquilo que pode inventar. Assim poderia ser com o analisando. Quando damos uma interpretação excessivamente pedagógica, impomos nossa língua ao analisando, nós o colocamos no compasso de uma elaboração que não é a sua e o obrigamos a se fiar no pensamento de um outro. Exemplos dessa ameaça de alienação são evidentes em todas as abordagens teóricas. Ao pertencer “muito arraigadamente” a uma teoria, o analista muitas vezes cai num mimetismo intelectual que acaba por inibir seu próprio pensamento.





*o psicanalista em supervisão,
uma vez desidentificado daquilo
a que a censura institucional,
ou de outra natureza, tentava
reduzi-lo, deve poder ser
reconhecido no próprio processo
de significância [signifiance]*

Desenham-se assim duas maneiras de esquecer: o esquecer ligado ao trabalho do tratamento, que restitui seu material ao passado, diferente do esquecer ligado à censura e que pode levar o analista a ceder diante do saber adquirido durante o tratamento. Isso coloca um problema fascinante e uma questão preocupante. Como a inventividade de que um analisando deu provas desaparece tão amiúde quando, ao se tornar analista, é chamado a falar diante de uma plateia de analistas em sua escola? Em suma, como se explica que as palavras de quem se tornou analista deem a entender que o preço a pagar para poder falar como um “membro pertencente a” envolva frequentemente deixar de se autorizar a fazer uso da inventividade? O que Alain Didier-Weill se propõe a formular da seguinte forma:

Essa tentativa de anular o que pode ter sido dolorosamente conquistado no divã é tão frequente que não devemos afirmar rápido demais nossa certeza de ter abraçado a exigência ética do “autorizar-se a si mesmo”. Devemos, a esse respeito, distinguir, rigorosamente, o assentimento dado a essa sentença por ela tender a aliviar o analista da carga superegoica advinda da autoridade institucional, do assentimento dado, ao contrário, à assunção da nova carga que recai sobre quem quer que se encarregue, para assegurar sua transmissibilidade, do real posto em jogo no ato de autorizar-se a si mesmo.¹⁸

Se a supervisão, longe de ser o meio pelo qual o jovem analista é controlado, ou mesmo teleguiado,

passa a ser o espaço onde os enigmas continuam a manter seu poder de provocação, continuam a realizar seu trabalho de questionamento, entendemos então que ela pode ser uma modalidade de luta contra o esquecimento da censura, uma forma de continuar a interrogar o que foi “duramente conquistado no divã”, e isso, num dispositivo diferente que permite ao analista manter-se analista em seu estilo e pensamento. As questões de controle aparecem então menos como questões institucionais do que “insistucionais”, conforme o neologismo proposto por Alain Didier-Weill ao chamar nossa atenção para o fato de que, ali onde a instituição pode reforçar com bastante eficácia os poderes da censura, uma forma de encontro pode permitir que o sujeito insista – daí o “insistucional”. De fato, a experiência clínica nos ensina que embora o homem não seja homem da mesma maneira que um gato é um gato, que ele existe, em suma, ele pode igualmente renunciar à significação do que esse prefixo “ex” presentifica, remetendo não apenas à exterioridade, mas também à transcendência. Aqui a distinção entre o eu e o sujeito é essencial. O eu é, o sujeito existe, ele não pode em caso algum ser aprisionado. Um uso suturante da teoria pode, portanto, ser o equivalente a um aprisionamento egoico. A prática do controle nos lembra que, à prescrição freudiana “Wo es war, soll ich werden”, é possível responder “Não me tornarei, me submeterei!”. O trabalho de controle, assim como o trabalho analítico, consiste então em supor no outro a existência de um sujeito com possibilidade de responder, ao “Seja idêntico” da censura institucional, um “Eu me reconheço discípulo e, portanto, em dívida, mas igualmente com possibilidade de falar em nome da descoberta que me anima”, de essência eminentemente simbólica e “insistucional”. O psicanalista em supervisão, uma vez desidentificado daquilo a que a censura institucional, ou de outra natureza, tentava reduzi-lo, deve poder ser reconhecido não em um significante, o que mais uma vez o alienaria, mas no próprio processo de significância [signifiance].

No entanto, essa mudança de posição não se adquire de forma definitiva. Com efeito, o que

nos permite compreender a terrível eficácia da censura? É o fato de que existe no próprio sujeito uma instância mal-dizente em relação a ele mesmo, instância que se encontra no próprio interior da fortaleza e que pode se constituir, às vezes, em um aliado muito eficaz do Outro em sua dimensão persecutória. Essa instância, Freud, em 1923, chamou de supereu. Supereu que, longe de ser apenas herdeiro do complexo de Édipo, revela-se também, e sobretudo, tirânico, amoral e cruel. A partir daí, a meta que esse supereu selvagem nos designa é o próprio gozo. Essa face do supereu arcaico não se constituiu apenas pela introjeção das figuras parentais, mas pela invasão da interjeição, em que o sentido do interdito veiculado por toda fala se vê anulado pelo som penetrante da vociferação parental. Com esse supereu, somos confrontados a um sofrimento, suportado sem resposta possível, ao qual damos o nome de mortificação. A injunção superegoica designa ao eu, mediante seus uivos contraditórios, um lugar insustentável. É esta a fonte de certa dimensão forclusiva do supereu: em um colapso subjetivo. O supereu em certas condições reduz-se assim a esse outro em mim que não cessa de me mal-dizer e que é impossível calar, porque ele não fala, mas uiva, vocifera, implora, ordena, seduz...

A censura que o trabalho analítico terá conseguido minar pode retornar de várias formas no psicanalista: uma submissão a um pensamento único ou, ao contrário, o desejo de se destacar a todo custo e de recusar todo reconhecimento de dívida (lembremo-nos de Stekel e de alguns outros) nos lembra que embora o analista não se autorize senão de si mesmo, “alguns outros” lhe serão no entanto indispensáveis para navegar entre a Caríbdis do conformismo censurador e a Cila de uma pseudoinvenção sem fundamento. Esses elementos indicam a especificidade da lógica da psicanálise até mesmo na formação dos

18 A. Didier-Weill, *Pour un lieu d'insistance*.

19 J. Lacan, *Lettre de l'École* n. 25, *Bulletin intérieur de l'École freudienne de Paris*, volume II, juin.

20 Ver, por exemplo, a magnífica reconstrução da análise de Marilyn Monroe conduzida por Ralph Greenson, que Michel Schneider realizou em seu romance *Dernières séances*.

»
*a psicanálise, a partir daí,
tem de se precaver contra
a aridez de uma modelização
que gostaria de poder transmiti-la
sem restos, esquecendo que
nem tudo do real pode ser
abarcado pelo simbólico*

psicanalistas. Especificidade que é sua força, mas também sua fraqueza. Força, pelo fato de que a psicanálise jamais será o “prêt-à-porter” da psicoterapia: a transmissão da psicanálise não é a replicação de um modelo, mas a apropriação de um saber e de uma técnica que “condena” o analista, como lembrava Lacan, a ter que “reinventar a psicanálise”¹⁹ com cada uma das pessoas que encontra no âmbito de sua prática: analisando ou colega em controle. Posição impossível, claro, mas que dá uma indicação bastante precisa do que é a orientação freudiana: não a aplicação de um protocolo idêntico para todos, mas a criação de um espaço de encontro, que, ao integrar a subjetividade tanto do analisando como do analista, propõe um dispositivo “sob medida”. Fraqueza, à medida que a psicanálise, por não oferecer um protocolo que possa dar lugar à experimentação, dificilmente escapa aos críticos que fazem dela uma pseudociência. A psicanálise, a partir daí, tem de se precaver contra a aridez de uma modelização que gostaria de poder transmiti-la sem restos, esquecendo que nem tudo do real pode ser abarcado pelo simbólico, e contra os desvios da prática, que em nome da necessária “reinvenção” levaram alguns seguidores da obra de Freud a impasses nem sempre isentos de consequências deletérias para os pacientes sobre os quais essas novas formas foram testadas²⁰. É precisamente neste ponto que situamos a necessidade da análise de controle, da supervisão.

Referências bibliográficas

- De Mijolla A. (1989/1993). Quelques figures de la situation de “supervision en psychanalyse”, *Études Freudiennes*, n. 31, Paris, p. 117-130.
- Didier-Weill A. (1995). *Les trois temps de la loi*. Paris: Seuil.
- _____. (2018). Pour un lieu d’insistance, *Insistance*, 15, p. 19-31.
- Eitingon M. (1920/1977). Rapport de la policlinique de Berlin apud M. Moreau, Analyse quatrième, contrôle et formation, *Topique*, 18, p. 78-85.
- Freud S. (1893/2009). Communication préliminaire. Études sur l’hystérie. Trad. fr., *Œuvres complètes*, tome 2. Paris: PUF.
- _____. (1905/1981). Fragment d’une analyse d’hystérie (Dora). In *Cinq psychanalyses*, trad. fr. Paris: PUF.
- _____. (1922/1998). Post-scriptum à l’analyse de la phobie d’un garçon de cinq ans, trad. fr., *Œuvres complètes*. Paris: PUF, p. 29-130.
- _____. (1926/2006). La question de l’analyse profane, trad. fr. *Œuvres complètes*, tome XVIII. Paris: PUF, p. 1-92.
- _____. (1933/2004). Nouvelle suite des leçons d’introduction à la psychanalyse, trad. fr., *Œuvres complètes*, tome XIX. Paris: PUF, p. 83-268.
- Graf M. (1952/1996). Entretien du père du petit Hans (Max Graf) avec Kurt Eissler, trad. fr., *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, 14, p.123-159.
- Lacan J. (1955/1966). La chose freudienne ou sens du retour à Freud en psychanalyse, In *Écrits*. Paris: Seuil, p. 401-436.
- _____. (1959-1960/1986). *Le Séminaire, Livre VII, L’éthique de la psychanalyse*, Paris: Seuil.
- _____. (1968-1969/2006). *Le Séminaire, Livre XVI, D’un Autre à l’autre*. Paris: Seuil.
- _____. (1975/1976) Conférences et entretiens dans des Universités nordaméricaines Columbia University Auditorium School of International Affairs, *Scilicet*, 6/7. Paris: Seuil.
- _____. (1979). *Lettre de l’École* n. 25, Bulletin intérieur de l’École freudienne de Paris, vol. 11, juin.
- Les premiers psychanalystes – *Minutes de la Société psychanalytiques de Vienne*. V. 1 (1906-1908). Paris: Gallimard, Connaissance de l’inconscient, 1976. V. 2 (1908-1910). Paris: Gallimard, Connaissance de l’inconscient, 1978. V. 3 (1910-1911). Paris: Gallimard, Connaissance de l’inconscient, 1979, v. 4 (1912-1918). Paris: Gallimard, Connaissance de l’inconscient, 1983).
- Muller C. (2004). *L’énigme, une passion freudienne*. Toulouse: Eres.
- Schneider M. (2006). *Dernières séances*. Paris: Grasset.

What can we expect from a “control” analysis? Under scrutiny, the practice of supervision in analyst training

Abstract This article addresses one of the key stakes of control analysis. Control analysis is at least as important in elucidating the stakes of transference and counter-transference as it is in the possibility of maintaining alive the enigmatic question that the trainee analyst encountered during his/her own analysis and which has made of them an analyst. In the best scenario, this question enables the analyst who chooses to address it to position himself in relation to their group or school in a manner which is less ‘institutional’ (submission to the institutional superego) than ‘insistential’ (insisting, in the presence of a handful of others, on the desire which has authorised the passage from the position of analysand to that of analyst) and which allows them to remain an analyst session after session, time after time.

Keywords control analysis/supervision; enigma; ethics; forgetting; superego.

Texto recebido: 12/2021

Aprovado: 03/2022

Uma dobra barroca em 22

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Resumo Modernidade e modernismo, no contexto da segunda revolução industrial, trouxeram para o centro da cena crises e conflitos, à proporção de rupturas. Freud fala do mal-estar das fronteiras alteritárias. No Brasil, movimentos de pretensa unicidade ocorreram à custa de silenciamentos, de exclusão. Desde uma perspectiva barroca esse artigo procura pensar tais conflitos – que chegam a 2022 em sua face mais cruenta – bem como potencialidades de um país multivocal.

Palavras-chave Modernidade; modernismos; colonialismo; barroco; dobra; perspectivismo.

Maria de Lourdes Caleiro Costa é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF), membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF).

Em 2022 comemoramos cem anos da Semana de Arte Moderna e duzentos anos da Independência em margens nada plácidas. Artigos, exposições, conferências voltam a discutir questões que insistem e, à força de exclusões, se impõem. O que é ser brasileiro, o que se diz por brasileiro, o que se diz por Brasil, que país se quer, o que se tem feito com isso. Ora como tema, ora na conexão com outros, leituras múltiplas, por vezes díspares, dão a ver o interesse e a pregnância de tais questões.

1922, 1822. Os movimentos de Vanguarda do início do século xx aconteceram em meio a convulsões sócio-político-culturais, de um arco histórico que se inicia em 1789 com a Revolução Francesa e desemboca nas duas Grandes Guerras. Aquele início marca o fim da Monarquia Absolutista – da verticalidade dos poderes monárquicos –, a ascensão dos ideais iluministas, a instauração da República e os desafios de novas relações de poder que agora se querem horizontais. Esse também é o início do que se chamou Modernidade e que, após guerras expansionistas napoleônicas, movimentos nacionalistas tanto na Europa quanto nas Américas, chega ao final do século XIX, no contexto da segunda revolução industrial, em crise. Os ideais revolucionários de razão, liberdade – e seu corolário de consciência – encontram então outras fronteiras.

Outras razões se impõem.

Joel Birman, ao escrever sobre o lugar da psicanálise nesse processo, chama primeiramente a atenção para o que se produz enquanto efeito de alteridade nas relações horizontais de poder. A crítica da psicanálise à modernidade, na qual também se constitui, é a questão do mal-estar, axial a toda a obra freudiana. Destaca, já no final do



é preciso dizer que também deste lado, o das Américas, o século XIX não foi menos convulsionado. Na contraface americana desse processo, os países conquistam sucessivamente sua independência em meio a inúmeros conflitos

20

PERCURSO 68 : junho de 2022

XIX, a passagem do registro somático do inconsciente, tal qual discussões entre neurologistas da época, para o campo pulsional e sexual e as consequências de tal passagem nas questões acerca do descentramento do sujeito. Junto com Marx, Freud traz para o âmago dos debates a dimensão do conflito como marca inalienável do sujeito e da sociedade na modernidade, empreendendo com isso uma crítica modernista a essa modernidade. E Freud leva adiante essa sua crítica, enfatiza Joel, ao abraçar as discussões a propósito da verticalidade do poder, operando a passagem do dispositivo da hipnose, com sua dimensão de influência, “isto é, a ação decisiva que um sujeito poderia exercer sobre o outro”, para o dispositivo da transferência, “colocando em pauta os impasses dos sujeitos para sustentar seja o seu desejo, seja a sua liberdade”¹.

Freud marca decisiva, e diferentemente, todos os manifestos de vanguarda dos dois lados do Atlântico.

Mas, antes, é preciso dizer que também deste lado, o das Américas, o século XIX não foi menos convulsionado. Na contraface americana desse processo, os países conquistam sucessivamente sua independência em meio a inúmeros conflitos que de diferentes maneiras perduram.

No Brasil, esses conflitos se dão no contexto da vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Face ao jugo imperial, e à hipertrofia de seus poderes, lutas por liberdade, por independência se multiplicam pelos estados.

Ora em sua vertente da perda da hegemonia de oligarquias que se constituíram nos diversos ciclos econômicos, ora nas vertentes das revoltas populares e rebeliões de escravos que mais e mais se impõem. Às atrocidades vividas somam-se os desdobramentos do liberalismo econômico, a disseminação das discussões pautadas pelas divisas iluministas, bem como uma nova pactuação entre Corte e oligarquias regionais para a manutenção da escravidão e do tráfico de escravos mesmo após a proibição desse mesmo tráfico ter sido lavrada na Constituição em 1831².

Ao olharmos cada uma daquelas lutas mais de perto, descortinam-se miríades de conjunções originais; a diversidade do que continua a se produzir no jugo de forças sócio-político-culturais de cada região.

A título de exemplo e clareza, tomemos a Revolução Cabana na província do Grão-Pará, cujo ápice se estende de 1835 a 1840, e a revolta dos Malês em 1835 na cidade de Salvador.

Denise Simões Rodrigues, destacando as diferenças culturais dos povos que habitam a Amazônia há milênios bem como daqueles que chegaram desde o início do período colonial, analisa marcas de confrontos históricos violentos – desde a opressão exercida pelas ordens imperiais e clericais à “convulsão cabana” já no período da Regência – na constituição da “identidade amazônica”³. Em 1822 a província do Grão-Pará, que se estendia do Amazonas ao Rio Grande do Norte, recusa-se a reconhecer a Independência, preferindo manter a proximidade de seus laços com Portugal, tendo inclusive aderido em janeiro de 1820 à Revolução Constitucionalista do Porto. A questão “O que é ser brasileiro?” no Grão-Pará é visceral à ideia de liberdade – inclusive como região independente das outras províncias do Brasil – e toma vulto pelo amálgama entre escravização de indígenas (com toda a visceralidade de sua ligação com a floresta e os rios), escravidão de africanos, a proximidade das oligarquias com a Corte de além-mar. Nos movimentos da Independência, esses processos se acirram. Aquele reconhecimento só veio em 15 de agosto do ano seguinte, com o recuo

dos portugueses em relação à manutenção daqueles laços, após a Declaração da Independência do Brasil, e a ameaça de invasão pelas forças imperiais ordenadas agora desde a nova capital. Além disso, as discussões que aconteciam também em solo brasileiro em torno da necessidade de modernização do Estado, a partir de uma Constituição, trouxeram em um primeiro momento a esperança de maior participação política e de melhores condições de vida pela população “isolada também pela imensidão do vale”, mas isso se frustra ao longo da década seguinte. “A Cabanagem deve seu aspecto mais original – a maciça participação dos mestiços e escravos – justamente à divulgação e absorção dos princípios revolucionários liberais que caracterizam o panorama político do Brasil naquele momento”⁴. Denise Simões chama a atenção, em um tecido social levado ao limite, tanto para a violência da revolta quanto para a violência do exército imperial, cujos efeitos de esfacelamento daqueles movimentos perduraram.

[...] a inserção da Amazônia se fazia muito mais como anexação de um território hostil do que como membro em nível de igualdade daqueles que promoviam a transição ou a ‘transação’, como tão bem situou Oliveira Lima, em 1947, ao se referir a esse momento histórico.⁵

Em Salvador, a Revolta dos Malês evidencia a extensão da revolta contra a escravidão, bem como a diversidade das culturas das várias nações africanas escravizadas no Brasil.

Os Malês eram bilíngues. Liam o Alcorão e escreviam em árabe. Planejaram sua rebelião na língua que ninguém mais sabia – seja a falada nas reuniões, seja pelos bilhetes afixados pela cidade.

- 1 J. Birman, “Modernismo e Psicanálise: a problemática da influência na crítica freudiana do dispositivo da hipnose e na constituição do dispositivo da transferência”.
- 2 Luis Felipe de Alencastro chama a atenção para esse fato, bem como para o ensurdecimento em relação a suas implicações históricas.
- 3 D.S. Rodrigues, *A Revolução Cabana e a construção da identidade amazônica*.
- 4 D.S. Rodrigues, *op. cit.*, p. 137.
- 5 D.S. Rodrigues, *op. cit.*, p. 148.
- 6 J.L. Lima, *A expressão americana*, p. 105.

em Salvador, a Revolta dos Malês evidencia a extensão da revolta contra a escravidão, bem como a diversidade das culturas das várias nações africanas escravizadas no Brasil

Delatados, logo foram presos e executados. Mas a força de sua presença permanece.

Com o “esmagamento” dos rebelados, luta por liberdade, nacionalismo e independência chegam à literatura em sua face de idealização, exaltação de sentimentos e de uma nova ordem que marcava com clareza os lugares de seus personagens. Estamos no Romantismo. O índio ganha protagonismo – e exclusão – enquanto ser de pureza que miscigenado ao português constituirá o ser brasileiro. O negro continuará escravizado por décadas e, com malês e Haiti, quando na literatura surge, é estranho, ameaçador. Tintas de revolta, indignação surgirão só mais tarde em “Navio negreiro”, com a movimentação dos liberais, dos abolicionistas do Brasil, muito, muito tempo depois da proibição do tráfico de escravos no início desse tempo de Modernidade.

Vanguardas, duas Grandes Guerras e genocídios depois, Lezama Lima diz:

O Barroco como estilo conseguiu já na América do século XVIII o pacto de família do índio Kondori, e do triunfo prodigioso do Aleijadinho, que prepara já a rebelião do século seguinte e é a prova de que está maduro para uma ruptura. Eis aí a prova mais decisiva, quando um esforçado da forma recebe um estilo de grande tradição, e longe de diminuí-lo o devolve enriquecido, símbolo de que este país alcançou a sua forma na arte da cidade.⁶

Lembremos de uma talha barroca. Sua plasticidade, sua porosidade, sua possibilidade de abrigar





*o resgate do Barroco, ocorrido
já depois das Vanguardas
e das duas Grandes Guerras, e,
sem dúvida, também incitado
por esses movimentos, veio dar vazão
a processos de criação que ficaram
marginais na história*

e refletir a luz e o olhar que se lhe incidem (convergente e divergentemente). Suas formas côncavas e espiraladas, cavoucadas, convocadas sem cessar. Antes da ruptura, a dobra. A inclusão é sua causa final. Cisão que relança.

Às transformações do objeto correspondem as transformações do sujeito: Entr'expressão, dirá Deleuze.

Trata-se, portanto, de um objeto temporal e maneirista que convocará para sua apreensão um ponto de vista, um lugar de onde se possa acompanhar sua variação. Será sujeito aquele que vier a esse ponto de vista.

A perspectiva barroca desdobra-se ao abrigar o espectador que a perscruta e constitui. Infinita e reciprocamente; assim desenha-se a intimidade do foco.

“A poesia é a precipitação do caos”, dirá Haroldo de Campos.

Dobra do infinito que se desdobra na alma do poeta e ganha corpo nas letras do poema.

“Curvatura variável que virá destronar o círculo [...] com seu estatuto correspondente da potência de pensar e do poder político”⁷.

O resgate do Barroco, ocorrido já depois das Vanguardas e das duas Grandes Guerras, e, sem dúvida, também incitado por esses movimentos, veio dar vazão a processos de criação que ficaram marginais na história.

Assim o fez Haroldo de Campos em *O sequestro do Barroco*⁸ – reivindicando a polirritmia do século XVII, o experimental e o lúdico, enquanto momento inicial da produção de nossa modernidade – ao retomar a obra de Gregório de Mattos

e gritar diante do esforço de formatação de uma cultura multivocal em linearidade discursiva e finalista consubstanciada entre Romantismo, nacionalismo e modernidade. Esse seu texto é publicado antes de “As galáxias”, poema – no qual a proliferação barroca toma velocidades talvez antes inaudíveis – que testemunha a afinidade do neobarroco, como ele mesmo dirá, com as necessidades expressivas da arte contemporânea.

Foi o que fizeram, junto com Haroldo, também Augusto de Campos e Décio Pignatari – ao resgatarem Oswald de Andrade – que ficou de lado durante duas décadas. Acompanhemos Augusto em uma entrevista de 2014:

Houve um grande vácuo cultural – que foi criado no sentido de transformações culturais – possivelmente provocado pelas duas Grandes Guerras. Num prazo muito curto, duas conflagrações monumentais [...]”

Continuemos com o testemunho de Augusto de Campos, que em 1958 lançará com o irmão Haroldo e com Décio Pignatari o “Manifesto concreto”⁹: “Nossa ideia (em 1945) era tentar captar o fio da meada, os fios que tinham se perdido durante a primeira metade do século por força de intervenções políticas desagregadoras [...]”¹⁰ Nós brasileiros não somos culturalmente monolíngues”.

Momento único nesse ano de 2022 foi ouvir o poema “Pulsar”, de Augusto de Campos, protagonizar a cena na voz e no acento baiano de Caetano Veloso – ao som grave e compassado da percussão ao fundo – e de todos os silêncios necessários¹¹.

Andar entre ruínas, criar – “transcriar” – mundos a partir de outros tão heterogêneos, é disso que se trata o barroco, a vitalidade do traço barroco.

Potencialidade de uma cultura formada por povos de muitos países.

Aleijadinho, o índio Kondori, Mestre Valentim e tantos outros inscreveram seus gestos, seus traços, seus corpos na mesma pele, entranhas e talhas da vontade de cooptação da corte e da igreja na ordem imperial e clerical.

A esta arte da contrarreforma, do convencimento, Oswald de Andrade, com seu “Manifesto

antropófago”, responderá assim: “Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes, Jaci é a mãe dos vegetais”.

Mas já havia uma primeira carta¹², na qual Caminha escreve ao Rei: “[...] Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a semente principal que Vossa Alteza em ela deve alcançar”.

E Oswald, naquele seu Manifesto de maio de 1928, insiste: “O espírito recusa-se a receber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade de uma vacina antropofágica. Para o equilíbrio das religiões de meridiano. E as inquietações exteriores”¹³.

Muitos graus de diferença, em outro ponto de vista, em maio de 1929, os do Nhengaçu Verde Amarelo, afirmam:

Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma da nossa gente, através de todas as expressões históricas.

Os diversos Manifestos evidenciam suas diferenças em relação ao que é ser brasileiro, o que é Brasil, o que é brasilidade, e as obras de seus artistas tomarão rumos também diferentes. No ponto de partida há um certo consenso em relação à contestação de uma métrica e uma rima que não dão mais conta de expressar o mundo cuja face de

7 G. Deleuze, *op. cit.*, p. 63.

8 Mário de Andrade usava “sequestro” para recalque. Sua relação com o barroco é ambígua. Se de um lado ele admirava a obra de Aleijadinho por suas qualidades excepcionais, de outro ele procurava afastá-lo dessa tradição estética. À decoração barroca ele atribuía a função de “esconder o feio” quando o barroco parte de outra ideia de beleza. Além disso, sabemos que essa linha de decoração tornar-se-á independente e constituirá outras cenas.

9 Todos os Manifestos citados neste artigo estão no livro de Mendonça Teles, *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*.

10 Ferreira Gullar também estará presente nesse primeiro momento e em 1959, junto a outros artistas, lança o “Manifesto neoconcreto”.

11 O vídeo do registro desse momento, Augusto de Campos inclui em sua página no Instagram.

12 *Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei*. Domínio público.

13 A. Oswald, “Manifesto antropófago”.

14 N. Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, p. 31.

15 J.M. Wisnik, in G. Andrade (org.), *Modernismos 1922-2022*, p. 173.

com Sevcenko, podemos ter uma ideia mais próxima do que acontecia. “(São Paulo) ainda não era moderna mas já não tinha mais passado [...] era um enigma para seus próprios habitantes”

multiplicidade acelera-se na proporção das mudanças radicais ocorridas desde o final do século XIX.

A Semana de Arte de 22 aconteceu em São Paulo, cidade que passava por mudanças agigantadas em curto espaço de tempo. Do mundo rural, que até bem pouco tempo se estruturava em torno da mão de obra escrava, ao mundo industrial, que supunha outras relações de trabalho, bem como a vinda de muitos imigrantes. De uma sociedade muito provinciana a uma aristocracia que não só buscava que sua capital acompanhasse mais de perto os movimentos vanguardistas das capitais europeias, mas também se afirmasse no cenário brasileiro independente da capital federal, o Rio de Janeiro.

São Paulo, uma cidade que conhecia agora serviços de infraestrutura urbana tais como luz elétrica, água, esgoto, telefone, arruamentos e transporte público. Uma cidade cuja população aumentava exponencialmente e que recebia imigrantes italianos, espanhóis, libaneses, japoneses. Grandes contingentes chegavam; o destino de muitos eram as fazendas do interior e, de tantos outros, as indústrias recém-implantadas. Com Sevcenko, podemos ter uma ideia mais próxima do que acontecia.

(São Paulo) ainda não era moderna mas já não tinha mais passado [...] era um enigma para seus próprios habitantes perplexos tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados”¹⁴.

Wisnik¹⁵ chama a atenção para o poema com o qual Mario de Andrade encerra e abre *Pauliceia desvairada*. Toda a população é trazida para fora





Mário de Andrade trabalhou incansavelmente. Ao final de sua vida, dirá o quanto seu afã pelas pesquisas e o estudo do que pudesse constituir uma memória brasileira tomou espaço de sua poesia

do Teatro Municipal e ali no Vale do Anhangabaú vêm à cena as vozes de diversos grupos que compõem a cidade. Se em meio às múltiplas estrofes também podemos ver as ambiguidades do jovem artista em relação à leitura do que se passa (como ele mesmo o dirá duas décadas mais tarde), o autor destaca o grito calado da estrofe final. “[...] significante inarticulado de revolta, com tudo o que carrega de violência não simbolizada”. E adiante elucida: “antevisão sintomática” dos impasses modernistas,

um moderno que se anuncia mas não consegue se instaurar, batendo no muro conservador e morrendo na esperança de renascer da fratura assombrada da cidade... Algo que se concebe como eclosão, fracasso, semente.¹⁶

Thomé Saliba também se refere a tal moderno ao falar das “temporalidades renegadas” pela Semana e seus desdobramentos na “celebração de uns e silenciamento de outros”. E temporalidades renegadas pelo silêncio cúmplice “da cruenta insensibilidade das elites” em relação ao “terrível bombardeio da cidade em 1924, durante 23 dias, com centenas de mortos, milhares de feridos, um exército de famintos e todo um subsequente “processo de esquecimento dos trágicos eventos”¹⁷. Sua indexação encontramos como “A revolta esquecida”.

Longe de esgotar os legados da Semana, tais acontecimentos evidenciam as fraturas que nos alcançam e o moderno à conta-gotas de nosso tempo. Evidenciam também o jogo de forças que perpassa o que ali estava posto: o que é ser brasileiro, estética

brasileira, nacionalismo, direito à experimentação contínua.

Em sua última entrevista¹⁸, Oswald aponta para o caráter de rebeldia da Semana diferenciando-a de outros movimentos da América Latina nos quais a questão do nacionalismo imperava. Perguntado sobre sua fama de “um iconoclasta sem entranhas”, rebate: “Nunca fui nada disso. O que eu fiz, e os imbecis não compreenderam, foram pesquisas das mais sérias não só no terreno literário como no social e no estético...”.

Compreende-se a que veio quando lembramos que Monteiro Lobato criticou não com menos virulência a exposição de Anita Malfatti realizada em São Paulo em 1917. E Oswald continua:

[...] outros companheiros, como Di e o Mário, sabiam, como eu, por que lutávamos [...]. (Havia uma) inquietação na Europa que dominava o mundo das letras e das artes. Trouxe para cá essa vontade de renovação.

Mário de Andrade trabalhou incansavelmente. Ao final de sua vida, dirá o quanto seu afã pelas pesquisas e o estudo do que pudesse constituir uma memória brasileira tomou espaço de sua poesia. Fato é que seus poemas e pinturas são legados inalienáveis para a “São Paulo, comoção de minha vida.”

Ao longo de décadas fez muitas viagens pelo Brasil registrando músicas, danças, lendas, falas, enfim, as mais diversas manifestações da cultura das várias regiões do país. E desde sempre foi muito criticado por conta do que deixou de fora sobretudo quando atribuía aos dados coletados o estatuto do que pudesse vir a ser uma linguagem nacional.

De próprio punho ele assinalará mais tarde o quanto ali havia um começo – e muito a percorrer¹⁹.

Todo esse material – bem como o que ficou de fora – é fonte de muitos estudos.

Seja para melhor compreensão do que se quis como o Modernismo no Brasil, seja para reconhecer outros artistas, outros movimentos, outros modernismos – seus lugares incontestes. Seja para se chegar mais perto do que é o Brasil, bem como do que possa sê-lo.

É preciso assinalar que nas primeiras décadas do século xx artistas de diversas capitais também buscavam renovação, também se debatiam em torno do que pudesse vir a ser a arte, a cultura, a cidadania brasileira. Mas é preciso sobretudo salientar que o que se entendia por ser brasileiro guarda diferenças que só ganhamos em conhecê-las.

Chegamos às comemorações do centenário da Semana e dos 200 anos da Independência com a urgência de resgatar os fios perdidos.

A força do que estava em jogo na Semana e em seus desdobramentos se evidencia na quantidade de publicações, nos últimos anos, sobre os modernismos tanto em São Paulo quanto em outros estados.

Para citar um: o vídeo “Geração Peixe Frito”, produzido pela Universidade da Amazônia e a Universidade Federal do Pará, lançado em 2019 na Casa da Linguagem, em Belém. Modernidade literária e negritude no Norte do país pautavam as discussões desse grupo de jornalistas e escritores que se encontravam semanalmente no mercado Ver-o-peso.

Há algo de Cabanagem que se retoma.

16 J.M. Wisnik, *op. cit.*, p.177.

17 E.T. Saliba, *op. cit.*, p. 85.

18 Realizada pelo *Diário de São Paulo*, em 21 de novembro de 1954, e republicada na *Folha de S.Paulo*, em 18 de agosto de 1990, por ocasião do lançamento de suas obras completas pela editora Globo.

19 Aqui remeto ao belo artigo de Joel Birman “Tradição, memória e arquivo da brasilidade sobre o inconsciente de Mário de Andrade”, in *Cartografias do avesso*, no qual ele faz um estudo minucioso da presença dos textos de Freud na trajetória de Mário e toma o conceito de arquivo em Derrida para pensar o legado de sua obra e da Semana de Arte Moderna.

20 Refiro-me às chamadas pontuais feitas por Aracy Amaral em *Artes Plásticas na Semana de 22*, ao artigo “Cerâmica, arte nacional”, de Yone Soares de Lima, à inclusão dos cenários de Paim em *Aspectos da cenografia e do figurino paulista do início do século xx à década de 40* por Tânia Marcondes e a dois artigos – “Paim, um artista nacionalista” e “O isolamento de um pintor nacionalista” – bem como uma exposição de 1988, no Centro Cultural São Paulo, feitos por sua ex-aluna e historiadora de arte, Ruth Sprung Tarasantchi, com quem conversei em duas ocasiões. Na época da conclusão de minha pesquisa ela era curadora da Pinacoteca do Estado e tentou, com o trabalho que tínhamos, realizar ali uma exposição mais abrangente da obra de Paim – que foi vetada.

Por ocasião das comemorações dos 100 anos da Semana encontramos citações pontuais da obra de Paim, seja na exposição *Modernismos*, de 2021, no MAM, seja naquela de *Caricaturas de Mário de Andrade* de 2021, na USP, seja numa página da Wikipédia escrita recentemente.

Indo em outra direção, compartilho aqui um breve recorte da leitura que propus, desde uma perspectiva barroca, considerando a presença de sua obra a partir de suas linhas de força.

*polirritmia. Linhas curvas,
muitas curvas, sinuosas, espiraladas.*

*Deslocamento das figuras, dos
contornos, dos elementos da cena.*

*Profusão de mundos. Todos esses traços
barrocos. Inflexão; seria por ali que eu
iria continuar aquela pesquisa*

Paim Vieira

Aqui cabe uma nota pessoal para o que segue. A leitura de *A dobra, Leibniz e o barroco* levou-me à Pós-graduação de Comunicação e Semiótica. A estética barroca, o pensamento barroco, a atualidade desse jeito de ver o mundo abriram em mim o desejo de levar adiante tais pesquisas. De um primeiro estudo que já se adiantava em torno das diferenças entre o barroco português e o barroco brasileiro, a virtualidade de um encontro entre amigos na casa, que depois soube ser da família do artista Antônio Paim Vieira, levou-me para outra direção. Uma grande sala, pé-direito alto e muitos, muitos quadros coalhando as paredes do chão ao teto. Óleos, aquarelas, gravuras, nanquins, cerâmicas. Azuis, vermelhos, púrpuras, amarelos, marrons, verdes, dourados. Corpos alongados, arredondados atravessam papéis timbrados; carnaval, frevo, Pierrot-lunar, maxixe, gafieira. Palmeiras, jacarandá, maracujá, tatu, jacaré, araras. Livros, uma escrivainha, tinteiro, bico de pena e cinco cacos de cerâmica – diferentes tons-terra – vindos do Pacoval.

Polirritmia. Linhas curvas, muitas curvas, sinuosas, espiraladas. Deslocamento das figuras, dos contornos, dos elementos da cena. Profusão de mundos. Todos esses traços barrocos. Inflexão; seria por ali que eu iria continuar aquela pesquisa.

Se agora, por ocasião das comemorações de cem anos da Semana, algumas breves menções lhe foram feitas ao se falar de “Modernismos” e “Às margens da Semana”, ou em uma coletânea de caricaturas de Mário de Andrade, naquele começo





Paim também era nacionalista e estava à procura do que pudesse ser um “estilo brasileiro”. Mas, enquanto artista que era, nessa procura é lançado para outras margens. Aquelas que foram surgindo por sua própria exposição à multiplicidade das matérias em jogo

do ano 2000, as referências eram mais isoladas, sempre sobre aspectos pontuais de sua obra e com pouca repercussão mesmo nos meios artísticos²⁰.

Assim, logo de início soube que Paim tinha algumas posições polêmicas, mas isso não diminuía o interesse de sua obra. Ao contrário. Justamente o que foi surgindo era a oportunidade de discussão de aspectos ambíguos, conflitantes, que não só faziam parte daqueles movimentos, mas que também hoje se fazem presentes. Isso tudo, bem como seu contato com artistas da Semana, com outros artistas de São Paulo, com artistas do Rio de Janeiro, onde morou por longos períodos desde o começo de 1918, foi discutido no âmbito daquele outro trabalho.

Mas aqui o foco é outro. Aquela profusão de obras – nas paredes, estantes, caixas e caixas, pastas e pastas lotadas de papéis, pinturas, desenhos, artigos, àquela altura tudo meio misturado. O que fazer com isso? Como entrar nisso? Qual seria a leitura possível de sua obra? Uma curadora experiente me disse que era preciso catalogá-la. Mas meu interesse passava longe disso.

Quais seriam as linhas de força de sua obra? Linhas de força às quais eu pudesse me aliar, pensar conexões, fazer proliferar? Ver, ler – escutar – escrever.

Durante alguns meses, às 16 horas das sextas-feiras, junto à Merita, sua filha, e à Dona Rita, sua viúva, tudo aquilo foi aberto, visitado, conversado, pensado.

Dois séries, intituladas por Paim “Gafeira” e “Carnaval”, aguçaram meu olhar para o que,

naquele material disperso, foi se desenhando como um sucedâneo de séries. Ele também andava às voltas com o que pudesse ser brasileiro, uma estética brasileira, um estilo nacional.

A questão em Paim é que ele esteve *ad infinitum* “à cata dessas tendências”. E, a partir delas, lança-se em intermináveis pesquisas. A flora, a fauna, os tipos da cidade, o português, o negro, o índio, a luz elétrica, a luz do Rio, tudo isso fazia parte de uma paisagem extremamente diversa. A pesquisa dos materiais e a criação de formas que melhor expressassem cada um desses universos desenharam-lhe uma trajetória em que essas séries se desdobram, e a extrema plasticidade de sua obra se sobressai.

Sim, Paim também era nacionalista e estava à procura do que pudesse ser um “estilo brasileiro”. Mas, enquanto artista que era, nessa procura é lançado para outras margens. Aquelas que foram surgindo por sua própria exposição à multiplicidade das matérias em jogo. É ele quem alerta: “Não prefiro os temas brasileiros, mas eles sempre me aparecem e são a minha inspiração porque vivo aqui e assim me oriento. A terra brasileira é de um colorido violento [...]”²¹.

Para melhor explicitar essa questão, a da abertura para a materialidade do mundo, faço abaixo um breve recorte das séries de Paim.

Ilustração e Modernidade em Paim

A partir de 1918, morando no Rio de Janeiro, faz capas e desenhos diversos para *Fon-Fon* e *Para Todos*, desde sua primeira edição. Sobre esta, disse: “com J. Carlos e mais um amigo, formamos uma roda de desenhistas”²².

Sua amizade com vários artistas do Rio de Janeiro atravessará muitos anos, e a fluência desses encontros é patente em cartas, cartões, fotos, livro de presença das exposições que Paim fará em terras cariocas. Seu colorido esfuziante, das pessoas e da natureza, também não cessará de festejar no que se vai tornar, cada vez mais, uma das linhas de maior força de sua obra. Seu quadro

“Praia de Botafogo” é dessa época e testemunha um artista engajado nas propostas modernistas.

Colabora com as seguintes revistas: *Papel e Tinta*, *A Garoa*, *A Cigarra*, *A Vida Moderna*, *Novíssima*, entre outras, bem como duas de Lisboa, *Ilustração Portuguesa* e *Contemporânea*.

Essa intensa atividade e a influência de revistas portuguesas, francesas e italianas, colecionadas a vida inteira, incluíram-no nas discussões do que pudessem ser as relações entre elementos visuais, sonoros, táteis, face à velocidade que as novas técnicas do início do século xx vieram convocar. Nesse sentido, destacamos a ilustração de *Pathé Baby*, livro de Alcântara Machado.

A polifonia estrutural, mobilizada pelas relações acima citadas, e em sintonia com a linguagem nascente do cinema, realimentam o clima cosmopolita do texto. *Pathé Baby* é de 1926, e entre os anos de 1923 e 1924 Paim é o responsável pela criação e produção gráfica e visual da revista *Ariel*, a primeira dedicada exclusivamente à música, criada por ele, Mário de Andrade e Antônio de Sá Pereira.

Essas “coisas brasileiras”, flora, fauna, e as danças, seus diversos ritmos, Paim leva para suas xilogravuras. Destaca-se “Maxixe”, em verde claro, ocupando toda uma página. O ritmo das músicas, dos corpos, dos veios das gravuras em madeira, bem como o traço veloz dos desenhos em bico de pena, feitos durante os concertos, transbordam suas molduras.

A partir daqui sua obra é lançada em registros de complexidade muito maior: seu “nacionalismo” se mostrará mais e mais policrômico, e a pesquisa de “temas brasileiros” e dos materiais que melhor os expressassem se intensifica.

Cenários

Entre os anos 1920 e 1930, Paim faz cenários para várias companhias teatrais. Seu gosto pelas artes

21 Paim Vieira, *Depoimento*, 1974.

22 Paim Vieira, *op. cit.*

23 Além de algumas referências em jornais da época, contamos aqui com a valiosa pesquisa de Tânia Marcondes, que inclui uma longa entrevista com Paim Vieira, feita em 1974.

24 T. Marcondes, *op. cit.*

»
“Ele fazia coisas que só foram aparecendo muito mais tarde com Fukuda e mesmo Fujima... e tudo isso estava muito além das expectativas do público e do teatro de sua época”

[Tânia Marcondes]

decorativas, que nos anos 1920 também buscava novas concepções, o leva a um estágio como cenógrafo. E sua experiência como artista gráfico será decisiva para seus telões²³.

Além dos cenários, também faz figurinos. Em seu Depoimento, destacam-se as dobras e redobras que surgem, e sua emoção ao descrever processos que desenvolve no uso de cores, papéis, tecidos, tintas. Muitas dobras e desdobras, às raias da profusão.

“Ele fazia coisas que só foram aparecendo muito mais tarde com Fukuda e mesmo Fujima... e tudo isso estava muito além das expectativas do público e do teatro de sua época”, disse-me Tânia Marcondes ao telefone quando lhe perguntei por que, a seu ver, mesmo no âmbito do teatro Paim ainda era tão desconhecido²⁴.

Entre seus papéis encontrei inúmeros projetos de cenários, inclusive para bailados, não realizados, flores e animais brasileiros, coloridíssimos, alguns em luminosas aquarelas e outros em guaches marcantes. Maracujás, palmeira do Norte, palmeira do Sul. E um que me chamou muito a atenção: uma jiboia gigante, multicolorida e prateada, serpenteando todo o espaço.

Mais tarde, indignado com o teatro que se fazia e com a falta de peças para realizar os cenários que imaginava, nesse seu Depoimento, irrompe: “Quer saber de uma coisa, não há teatro da barriga para cima, sabe. Teatro é corpo inteiro”.



“em 1939 fui para o Rio de Janeiro. Quando voltei não pude continuar minha fábrica; pela malevolência de algumas pessoas, a dona do terreno onde ela estava instalada vendeu-o. Resolvi fazer a série das “Madonas Brasileiras”
[Paim Vieira]

Cerâmica

Entre os anos de 1924 e 1925, Paim Vieira morou mais uma vez no Rio de Janeiro e, outra vez, um divisor de águas.

Além de ir às favelas ver o samba, fomos também às macumbas. Impressionei-me com aquela vida popular, tomei apontamentos e, quando retornei a São Paulo, vim disposto a fazer um trabalho em torno daquelas ideias.²⁵

Serão três anos de pesquisas de barros, argilas, fornos, cozimentos. Mas era preciso encontrar também os traços índios, caipiras, cariocas, sertanejos, e aqueles das flores, das folhas, das árvores, dos rios, dos cipós, das danças, dos bichos.

Paim expõe inúmeras peças de cerâmica moldadas e desenhadas a partir de fragmentos de cerâmicas indígenas vindas do Pacoval.

E duzentos e dezesseis pratos de recortes de uma paisagem, também toda de curvas como a brasileira. Mário de Andrade diz com bom humor que lugar de prato não é na parede, mas ressaltamos o uso que Paim faz desse espaço redondo que, na maior parte das vezes, parece-nos extremamente interessante. O circular aqui faz parte de seu desenho, de suas composições, conferindo-lhes ainda maior força expressiva.

Ao olharmos, por exemplo, os pratos do “carnaval carioca”, chamam-nos a atenção os movimentos que os corpos podem fazer, justamente por estarem nessas circunferências. As danças,

as fantasias, os instrumentos musicais têm seu ritmo intensificado nessas superfícies circulares, que brincam entre o usual e o inusual.

Entre os artigos publicados em jornais, há cinco escritos por Mário de Andrade, à época da exposição em 1928. Destacamos dois escritos em abril. No dia 14, elogia “a solução de abasileiramento da cerâmica” empreendida por Paim e, três dias depois, proclama: “Paim não quer ser modernista (palavra horrorosa!). Mas passadista é que também não quer ser, não”.

Persistindo no estudo das várias linhas do que pudesse ser uma “estética brasileira”, ao voltar-se para o negro, Paim mergulha na arte e na cultura africanas. Isso atinge proporções extremamente contundentes na série de cerâmicas africanas, que farão parte da exposição de 1938.

Branco, preto, areia, terra, marrom, o brilho do esmalte, a sombra das nervuras; cada uma dessas peças é de uma beleza cada vez surpreendente. O artista molda, uma a uma, vasilhas, cuias, pratos de diversos formatos, texturas inusitadas, bordas com recortes diferentes, relevos. São indescritíveis.

A maneira pela qual se dobra expõe a força do que se expressa no limite do estiramento das matérias em jogo, e é aí que se dá o começo de uma nova dobra. Essas peças de cerâmica constituem um dos momentos inaugurais da obra de Paim. Ele sabia bem disso.

Madonas brasileiras, São Paulo 1830 e um contraponto para nossa discussão

Em 1939 fui para o Rio de Janeiro. Quando voltei não pude continuar minha fábrica; pela malevolência de algumas pessoas, a dona do terreno onde ela estava instalada vendeu-o.²⁶

Resolvi fazer a série das “Madonas Brasileiras” [...]²⁷

Paim dirige-se a vários lugares a fim de observar diferentes tipos físicos e pinta uma série de vinte e sete madonas, referentes a cada Estado do Brasil,

“inspiradas nos variadíssimos caracteres da etnografia brasileira”, como conta.

Chama a atenção a reunificação de todos os elementos plásticos em torno dos significados desses atributos, expressos em sentimentos que se naturalizam desde a paisagem, “o povo”, até o olhar da Virgem e de seu filho, em seu colo. Tudo isso reiterado nos textos anexos. A linearidade discursiva é um aspecto dessa série, igualmente presente naquela de “São Paulo 1830”, que também chama atenção.

“Refúgio frente às adversidades da vida” – diz ele em outro texto – e isolamento constituíram o caminho tomado por Paim nas duas ocasiões.

Mas o que nelas se destaca é certa descrença da possibilidade de ver. Descrença que se traduz na busca de uma unidade prévia produzindo tal circuito de significações – e que toma conta da cena.

Ver – traço forte do artista, e o sabemos por grande parte de sua obra – está agora esvaziado. E Paim mostra saber disso quando vincula a cada tela um texto explicativo com as características mencionadas.

José Gil, em seu livro *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*, estuda no poeta relações desses dois regimes de força. Diz ele:

A significação provém do fato de o pensamento ligar as coisas umas às outras, criando totalidades de sentidos. Ver as coisas na sua realidade implica assim a fragmentação dos conjuntos significantes; é esse o princípio primeiro da desconstrução da cultura, ou seja, da ciência do ver.²⁸

Sabemos, essa “ciência do ver” é fundamental à arte, e não suporta estar enfraquecida em sua face de pensamento, quando este não seja sensível.

Olhando a obra de Paim, localizo, em grandes cartolinas pintadas a guache, cenários feitos para a peça “São Paulo 1830” onde reconheço a força do cenarista Paim. As diferenças entre as

25 Paim Vieira, *Depoimento*, 1974.

26 “Distribuindo tudo o que ali tinha (inclusive numerosas peças daquela cerâmica africana!), não importando a quem”.

27 Paim Vieira, *Depoimento*, 1974. 4

28 J. Gil, *Diferença e negação na Poesia de Fernando Pessoa*, p. 23.

29 J. Gil, *op. cit.*



*o que nelas se destaca
nessas cenas é certa descrença
da possibilidade de ver.
Descrença que se traduz
na busca de uma unidade
prévia produzindo tal circuito
de significações*

cenas da peça de teatro, realizadas em 1925, e as pinturas a óleo, feitas em 1969, expõem o que segue.

Distantes do rumo do texto da peça, as cenas que Paim constrói são suas.

Há um tom evidentemente caricatural, presente também no cenário. Nesse momento é a feição mordaz e bem-humorada do cartunista que aparece; naquele outro, de 1969, por um curioso jogo de espelhos, ele passa para o outro lado da cena.

Em 1925, Paim se dedica a todo um jogo criado, em recortes de papel sobrepostos, que vai da gola do vestido da heroína, passa por um grande lenço que ocupa quase todo seu colo, e continua numa caixa de costura com outro tecido que dela extravasa, e se espalha pelo chão. Essa série abre outra perspectiva na cena. E o espectador é convidado a percorrer os movimentos que se estabelecem pelos vários elementos, inclusive o “dramalhão”, mas que agora perde sua imperiosidade fatídica. A essa cena é conferida imanência “da consciência à vida, do pensamento às sensações, da escrita à natureza”²⁹.

Aqui sua visão é sensível à multiplicidade do mundo, multiplicidade essencial à força estética em razão dos processos diferenciais que supõe. É isso que está em jogo.

Painéis de azulejos

Nas três próximas séries podemos ver a saída disso quando Paim é tomado pelas modulações da luz.



Rio de Janeiro, 1951, nas notas de uma viagem de avião o artista descreve o que vê pela janela. O ar luminoso, o azul transparente, diversos tons de rosa, amarelo e verde, o horizonte esfumado entre água e ar – novamente – tomam conta do artista

Na década de 1940 ele é convidado para fazer a decoração da igreja Nossa Senhora do Brasil, construída também em homenagem às igrejas de Ouro Preto. Nela está a maior parte dos azulejos feitos pelo artista³⁰.

É na arte de azulejos que encontramos as mais intensas correspondências de Paim com a cultura portuguesa. Em seus escritos há numerosos estudos sobre essa arte milenar com referências constantes aos processos de vitrificação, à sua capacidade de refletir luz em variações constantes.

As pesquisas em torno das massas, formas, esmaltes, tintas, cores se multiplicam. Ele mesmo fabricará peça por peça de toda a azulejaria.

* * *

Em 1951, Paim passa alguns meses em Portugal e sobretudo na Itália. Fica tomado pela atmosfera lacustre de Veneza; a variação esfumada entre ar e água – de cores e luzes ao longo do tempo.

Em 1953, começa a pintar a série “Carnaval”. Aquarelas em que atinge imensa liberdade.

Gafieiras e Carnaval

Na década de 1920, Paim havia registrado o frevo, a modinha, o maxixe e o samba em xilo e linóleo, gravuras, guaches, aquarelas sobre papel e cerâmicas. E agora ele retoma as danças brasileiras, seus movimentos, ritmos, vestimentas, cores,

personagens, na série “Carnaval” bem como na série “Gafieira”.

Nos anos 1970, vai a gafieiras de São Paulo, lápis e papel em punho e, sentado a uma mesa, desenha o que vê. Disso nascem alguns desenhos com carvão e uma série de vinte quadros a óleo.

Um ambiente todo fechado, raios de luz intensamente brancos refletidos de pequenos espelhos colados em um globo que gira, um conjunto musical e muita gente. Dançando ou esperando para dançar, descansando às mesas, cadeiras, ou simplesmente olhando. Chama a atenção o ritmo ora frenético ora mais lento. E inúmeros pares ocupam o salão. As linhas retas da luz desenhavam os corpos. Multiplicam-se as pernas, os pés, os quadris, os braços, os olhares, as bocas. Proliferam-se jogos de inúmeras combinações. Pela repetição de traços, criam-se zonas de adensamentos diferenciados: novas séries se abrem.

* * *

Rio de Janeiro, 1951, nas notas de uma viagem de avião o artista descreve o que vê pela janela. O ar luminoso, o azul transparente, diversos tons de rosa, amarelo e verde, o horizonte esfumado entre água e ar – novamente – tomam conta do artista.

Aquarelas. Não poderiam ter sido outras as tintas de sua série “Carnaval”, em quarenta folhas de papel timbrado com marcas d’água de seu fabricante.

* * *

Figuras multicoloridas atravessam o papel, fazendo suas circunvoluções. Nelas, as graduações de claro-escuro são produzidas por variações da aquarela (mais ou menos diluída, mais ou menos translúcida) e encontros de cores. O colorido é de tal forma variado que se intensificam a vibração e o ritmo dessas figuras, cujo movimento é cada vez mais sinuoso, excêntrico, excessivo.

A título de considerações finais

Viveiros de Castro, ao falar de perspectivismo indígena, torna clara a radicalidade das diferenças

que nos constituem enquanto Brasil. Mais do que multiculturalismo, trata-se de multinaturismo, tal a proporção que isso toma desde as questões mais primordiais como a relação humano-natureza. Interessa para Viveiros desconstruir relações coloniais e escavar as dimensões de alteridade produzidas no encontro de universos tão díspares.

“A alma é a parte do corpo que a gente não vê”, dizem os nhambiquaras. O lugar do sentido está no corpo, diz o autor, e o perspectivismo indígena é a forma de relacionamento do corpo e essa outra parte do corpo.

O caçador quando mata onça é gente e quando come gente é onça.

Antropofagia e perspectivismo são estratégias de uma interminável tomada para si do lugar do outro, diz Wisnik ao comentar Viveiros.³¹

Antropofagia, perspectivismo indígena e barroco, perspectivismo barroco, são formas de pensar o mundo a partir de sua materialidade, pela sustentação do que se produz nas fronteiras de diferentes mundos.

“O ponto de vista é uma condição pensante enquanto força corporal do existente”.³²

* * *

Perguntaram-me o que tudo isso tem a ver com psicanálise, e eu pergunto o que tudo isso não tem a ver com psicanálise.

O inconsciente é essa matéria pensante multivariada através da qual o desejo se afirma. Tudo o que existe é ser. Materialidade do mundo, materialidade da alma, a questão do corpo, o corpo – é primordial na psicanálise – desde Freud. Joel

»
*do silenciamento ao silêncio
conquistado, há, como sabemos,
todo um processo de escuta.
Escuta de si, escuta do outro,
do outro em si, do outro do outro.
Conquista de toda uma dimensão
de alteridade fundamental
aos vínculos.*

Birman lembra que os momentos de enfraquecimento da psicanálise deram-se quando se perdeu de vista o corpo. As clínicas contemporâneas resgatam essa questão; a materialidade, a heterogeneidade do mundo.

Na clínica de família, a multilateralidade geológica dos vínculos deixa isso claro – visível.

Do silenciamento ao silêncio conquistado, há, como sabemos, todo um processo de escuta. Escuta de si, escuta do outro, do outro em si, do outro do outro. Conquista de toda uma dimensão de alteridade fundamental aos vínculos.

De tal forma que a pergunta que se segue é: Depois do silêncio, qual é a conversa possível?

Outro dia num atendimento de família perguntei pensativamente: O que se calou? E ouvi: Eu não me calei. Essa resposta me chamou a atenção pois em minha pergunta não havia sujeito. Serão sujeitos todos aqueles que vierem dar voz ao que se calou e ao que a partir daí possa se criar.

30 Ruth Tarasantchi acompanhou de perto boa parte desse trabalho, e em artigo seu encontramos cuidadosa descrição de todo esse processo.

31 J. Wisnik, “Viveiros de Castro: Outras formas do humano”, in *Variações do Corpo Selvagem*.

32 J. Wisnik, *op. cit.*

Referências bibliográficas

- Amaral A. (1998). *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34.
- Andrade G. (org.) (2022). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Birman J. (2012). Modernismo e psicanálise: a problemática da influência na crítica freudiana do dispositivo da hipnose e na constituição do dispositivo da transferência, *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo.
- _____. (2019). *Cartografias do avesso: escrita, ficção e estéticas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos A. (2014). Entrevista para o c+ da Cultura, Rádio Metrôpolis, São Paulo.
- Campos H. (1989). *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira*. Salvador: Casa das Palavras/ Fundação Casa de Jorge Amado.
- Castro V. (2019). Um corpo feito de olhares (Amazônia), *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165236>>. Acesso em: 24 out. 2022. _____. (2014). Contra-antropologia, contra o Estado: Uma entrevista com Eduardo Viveiros de Castro, *Revista Habitus*, v. 12, Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ.
- _____. (2015). Conferência com Eduardo Viveiros de Castro, *Variações do Corpo Selvagem*, Sesc, SP. Disponível em: <sescsp.org.br>.
- Chiampi I. (1998). *Barroco e a modernidade*. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP.
- 32 Deleuze G. (1988). *A dobra, Leibniz e o barroco*. Campinas: Papyrus.
- _____. (1988). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- Gil J. (2000). *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Herkenhoff P. (2002). *Arte brasileira na coleção Fadel, da inquietação do moderno à autonomia da linguagem*. Rio de Janeiro: Estúdio Editorial.
- Lima L. (1988). *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense.
- Marcondes T. (1985). *Aspectos da cenografia e do figurino do teatro paulista do início do século XX à década de 40*. Arquivos do IDART, Pinacoteca Municipal, Centro Cultural de São Paulo (SP).
- Rodrigues D. (2009). *A Revolução Cabana e a construção da identidade amazônica*. Belém: EDUEPA.
- 22 Sarduy S. (1989). *Barroco*. Lisboa: Vega.
- Sevcenko N. (1992). *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tarasantchi R. (1988). O isolamento de um pintor nacionalista, *O Estado de São Paulo*.
- _____. (1988). Paim, um artista nacionalista. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 29, p. 101-110.
- Teles G. (1978). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- Wisnik J.M. (2015). Viveiros de Castro: outras formas do humano, *Variações do Corpo Selvagem*, Sesc SP. Disponível em: <sescsp.org.br>.
- Zuin J. (2001). A crise da modernidade no início do século XX. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.enesp.br>>.

A baroque fold in 22

Abstract Modernity and Modernism, in the context of the Second Industrial Revolution, brought crises and conflicts to the center of the scene, in proportion to ruptures. Freud speaks of the malaise of alteritarian borders. In Brazil movements of so-called unicity occurred at the cost of silencings, of exclusion. From a baroque perspective, this article seeks to think about such conflicts – which reach 2022 in its cruelest face – as well as potentialities of a multivocal country.

Keywords modernity; modernisms; colonialism; baroque; fold; perspectivism.

Texto recebido: 02/2022

Aprovado: 04/2022

Diálogos (im)pertinentes: Psicanálise, teorias *queer*, transgeneridades

Jô Gondar

Nota Artigo baseado na palestra apresentada no evento “Generidades: sexo, gênero, psicanálise”, promovido pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae em 09 nov. 2019.

Resumo Propõe-se um diálogo entre a psicanálise, os estudos de gênero e as teorias *queer*, destacando as contribuições destes últimos para a reatualização do pensamento psicanalítico sobre a sexualidade. Sua crítica principal reside no fato de a psicanálise abraçar a divisão masculino/feminino como as duas únicas formas possíveis de experienciar o sexo. Examinam-se as tentativas de superar esse binarismo em Lacan, Winnicott e Ferenczi para, finalmente, realçar o que a psicanálise tem a dizer sobre as questões de gênero de nossa atualidade.

Palavras-chave psicanálise; teorias *queer*; gênero; diferença sexual.

Jô Gondar é psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, membro do comitê executivo da International Sándor Ferenczi Network e da International Federation of Psychoanalytic Societies, vice-presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

1 Trata-se da intervenção de Preciado na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana em Paris.

2 E. Said, *Freud e os não europeus*.

No final de 2019, o filósofo Paul Preciado lançou um desafio aos psicanalistas: eles deveriam entrar em diálogo com o presente, considerando outras formas de experienciar o sexo não restritas ao dualismo masculino/feminino¹. É a essa multiplicidade de formas que os estudos de gênero e as teorias *queer* têm dado destaque, convocando a psicanálise a revisar suas perspectivas sobre a sexualidade. Todo diálogo, porém, supõe uma via de mão dupla. É possível se perguntar, por um lado: o que os estudos de gênero, as teorias *queer*, as transgeneridades têm a dizer à psicanálise? Que balizas teóricas sobre a sexualidade eles nos conduzem a rever? Mas, como a via possui dois sentidos, cabe também indagar: qual é nossa parte nessa discussão? Que contribuições a psicanálise pode trazer para o debate contemporâneo sobre gêneros e sexualidades?

Para que o diálogo seja justo, é preciso levar em conta que a psicanálise foi construída por Freud num certo momento cultural, a partir dos modos de subjetivação nele predominantes. Nenhum pensador está acima das circunstâncias históricas e do contexto do qual fez parte; mesmo assim, seria simples demais dizer que o pensamento freudiano não alcança as inquietações atuais. Como escreve Edward Said, o que faz um pensador ser grande é o fato de, mesmo inserido num contexto determinado, ele ser capaz de se colocar em contraponto a esse contexto, produzindo ideias que atravessam as fronteiras do tempo e do espaço ao qual pertenceu. Freud foi um homem de um tempo e de um espaço, mas também remapeou as geografias que eram aceitas e estabelecidas nesse espaço². O mesmo vale para Ferenczi, Winnicott, Lacan e alguns outros autores. Se ainda são lidos em contextos culturais tão diferentes dos deles, é porque o que



de fato, existe uma tensão
nos textos de Freud e
nas psicanálises, em geral

34

PERCURSO 68 : junho de 2022

pensaram é capaz de instigar pensamentos novos, iluminando situações que eles próprios não poderiam imaginar. Pode-se apontar na teoria psicanalítica algo que pertence a um contexto cultural, mas é possível também sublinhar aquilo que em Freud, Ferenczi, Winnicott, Lacan, entre outros, continua provocando a clínica e o pensamento.

De fato, existe uma tensão nos textos de Freud e nas psicanálises, em geral: por um lado, Freud afirma a condição patológica de toda sexualidade, a disposição perversa polimorfa presente em todos nós e, portanto, a multiplicidade de variações sexuais possíveis. Por outro, abraça sem muitos questionamentos a universalidade do falo e a existência de apenas duas formas de sexualidade, sem levar em conta as relações de poder aí imbricadas. É possível recortar nesses autores conceitos que são datados, mas também se pode escolher ficar com o gesto criador de Freud, marcando aquilo que “relampeja no momento de um perigo”, para usar uma expressão de Walter Benjamin³. Esse gesto não envelhece, desde que a psicanálise possa ser constantemente renovada. Winnicott dizia que é impossível ser original sem se apoiar na tradição. Cabe afirmar também o contrário: é impossível a permanência de uma tradição se ela não for reatualizada de maneira original.

De que maneira os estudos de gênero e as teorias *queer* convocam hoje essas reatualizações da teoria e da clínica psicanalíticas?

Uma ou muitas diferenças?

Os estudos de gênero estão ligados ao chamado feminismo da terceira onda. Esse feminismo contemporâneo aparece no final dos anos 1980, a partir de críticas à segunda onda. Não se trata apenas

de um feminismo que luta pela igualdade legal e social das mulheres, não é mais um feminismo que pretende valorizar a identidade feminina, mas um feminismo das diferenças, de um pluralismo de diferenças. Falar em pluralismo de diferenças significa não mais pensá-las enquanto diferenças relativas, que é o que se faz ao dar destaque à diferença sexual, marcando as distinções entre dois campos, masculino e feminino. Ao invés disso, pensa-se num formigar de diferenças, numa multiplicidade delas. Essa seria, a grosso modo, a proposta de Judith Butler, de Paul Preciado, das teorias *queer*. A frase de Preciado é bem clara a este respeito: “Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças”⁴.

Se a sexualidade pudesse ser vista como um tabuleiro, poderia se dizer que, na segunda onda, as feministas estariam procurando nesse tabuleiro posições melhores para as mulheres, enquanto a terceira onda questiona a própria lógica de construção do tabuleiro e de distribuição dos lugares. O que as feministas da terceira onda indicam agora é uma violência silenciosa, sobre a qual não se falava: a violência da (pseudo) universalidade. Tudo que parece neutro, universal ou natural é, na verdade, normativo e excludente. É normativa e excludente a ideia de uma identidade feminina, de uma essência feminina, ou mesmo de uma posição feminina. Tanto a ideia de identidade, como a de essência e mesmo a de posição são concebidas a partir de ordenadores que se pretendem universais. É nesse sentido que até mesmo uma bandeira universal feminista pode ser vista como excludente, pois muitas mulheres não se encaixam nesses parâmetros. Se a bandeira das mulheres for, por exemplo, o direito a trabalhar fora ou não ser vista como frágil, as mulheres negras não vão se reconhecer nessas reivindicações; elas sempre trabalharam e nunca foram tratadas como seres delicados. Não há mais como desvincular as questões das mulheres das questões referentes à raça e classe social – é o que chamamos de interseccionalidade. Nesse sentido, qualquer ordenador sexual universal é, para as feministas da terceira onda, normativo e opressivo – como o falo, por exemplo.

É para criticar essa universalidade que o feminismo da terceira onda amplia e fortalece os estudos de gênero. Esses estudos criticam qualquer possibilidade de sujeito abstrato, sem raça e sem gênero. O sujeito estaria sempre situado no tempo e no espaço, relacionado a um momento histórico, a uma certa sociedade, uma certa cultura. O que se acredita como universal não passa da extensão de um determinado modo de viver, que se torna naturalizado e acaba sendo imposto a todos. Assim, o sujeito concebido como abstrato, universal, racional, reflexivo estaria expressando um modo específico de ser sujeito, próprio ao sujeito branco, europeu, moderno/colonial e masculino. E esse sujeito universal é imposto às mulheres, aos sul-americanos, africanos, orientais e às culturas indígenas. Costuma-se dizer que a psicanálise não trabalha nem com sexo, que é biológico, nem com gênero, que é cultural, e sim com a sexualidade, que é subjetiva e referida à maneira como cada um experimenta o prazer, o gozo e cria modos de ser em torno disso. Mas essas coisas não são tão separadas como parecem.

Quem se mostra surpreendentemente afinado com a discussão atual sobre gênero é Jean Laplanche. Ele escreve que, antes da diferença de sexos, a psicanálise admite sem teorizar uma diferença de gêneros⁵. Uma criança recebe a oposição social entre masculino e feminino sem questioná-la. O problema é que a psicanálise, diz Laplanche, também retoma essa oposição sem questioná-la. Pensamos que construímos o gênero a partir do sexo, mas na verdade o gênero é anterior. Nesse ponto, Laplanche concorda com Judith Butler, e é surpreendente que tenha dito isso bem antes de qualquer movimento *queer*. O gênero, diz Laplanche, é prescrito pela cultura e vem antes, constituindo as fantasias que envolvem cada sexo, a partir do momento em que se diz, diante de

3 W. Benjamin, "Sobre o conceito de história", in *Walter Benjamin. Obras escolhidas*, v. 1, p. 224.

4 P.B. Preciado, "Multidões *queer*: notas para uma política dos anormais", *Estudos Feministas*, p. 18.

5 J. Laplanche. *La sexualité élargie au sens freudien*.

6 J. Laplanche, *op. cit.*

7 J. Derrida, *Positions*.

»
*Toda a discussão contemporânea
gira em torno da possibilidade
de reconhecer novas
formas de sexualidade*

uma criança que nasce: "É uma menina! É um menino!". Essas fantasias envolvem os pais, a família, o Estado, a escola, a sinagoga, o vestuário e até a forma de levar a criança no colo. Quanto a isso, Laplanche explica que enquanto o sexo em nossa cultura, fixado pelo gênero, é dual, a sexualidade é múltipla, é polimorfa⁶.

Toda a discussão contemporânea gira em torno da possibilidade de reconhecer novas formas de sexualidade que não se restrinjam ao binarismo que as normas de gênero colocam para nós. A sexualidade é múltipla e não caberia numa dualidade de gêneros nem na heteronormatividade que a cultura nos impõe. Nossa disposição polimorfa está, é claro, presente já em Freud, e a crítica das feministas à psicanálise não incide aí. Sua discordância principal é quanto ao fato de a psicanálise abraçar a divisão masculino/feminino como as duas únicas formas de sexualidade, estabelecendo características definidas para cada uma delas.

O filósofo Jacques Derrida vai mostrar que todas as vezes em que dividimos o mundo em duas partes, estabelecendo uma dualidade, fazemos isso de um modo a escamotear as relações de poder entre uma e outra parte⁷. Estabelecemos dualidades entre natureza/cultura, branco/negro, masculino/feminino, como se cada um desses polos fosse um universal em oposição a outro universal. Enquanto dois universais, eles parecem estar pareados. A questão é que em todos esses pares há uma hierarquia escondida. Há sempre um segmento que funciona como universal, enquanto o outro vai se definir relativamente a ele. O que Derrida propõe, e nesse ponto Butler e outras teóricas *queer* o seguem, é a desconstrução dessa hierarquia, desestabilizando as relações de



*Lacan quer transpor
a oposição simétrica
entre masculino e feminino*

poder que existem entre esses polos, um que se pretende universal e outro que se submete a ele.

Entre esses pretensos universais, existe um que se impõe como o universal dos universais. Toda a cultura ocidental, escreve Derrida, se estrutura em torno de um falocentrismo⁸: há sempre um logos fálico orientando o modo de se pensar as diferenças. No falocentrismo existe a ideia de que o geral, o neutro, o universal, é masculino; o feminino é a particularidade, o caso específico, o desvio da norma. Enquanto o masculino é a subjetividade universal e, portanto, o padrão, o feminino é o continente negro, o enigma, o excesso, o a menos (no caso da inveja do pênis) ou o a mais (no caso dos modos de gozo).

Contudo, a teoria psicanalítica é muito ampla; nem todos os autores encampam a ideia de um binarismo sexual e, mesmo quando o fazem, não necessariamente tornam a diferença sexual como matriz de todas as diferenças. Quem afirma a distinção entre os sexos como fundante do humano é o estruturalismo, atribuindo à distinção entre masculino e feminino a condição *sine qua non* da alteridade. Françoise Héritier, antropóloga que substituiu Lévi-Strauss no Collège de France, escreveu a esse respeito dois livros intitulados *Masculino/Feminino*, volumes 1 e 2. No primeiro, *O pensamento da diferença*, Héritier enxergava, tanto na diferença sexual como na hierarquia entre masculino e feminino, um “invariante antropológico”. Defendia a tese de que em todos os lugares e em todos os tempos o masculino é considerado superior ao feminino. Esse fatalismo lhe rendeu muitas críticas que a fizeram escrever um segundo volume, cujo subtítulo era *Dissolver a hierarquia*. Agora ela questionava a naturalização de uma hierarquia entre os sexos, mas não

a diferença sexual como base da ordem social. Essa se mantinha como condição necessária para a experiência de alteridade que, segundo Héritier, seria a experiência determinante do pensamento e da organização humana: a percepção das diferenças entre homens e mulheres fundaria a estrutura do pensamento. A partir dessa percepção, seria construído um sistema de oposições binárias que poderia ser encontrado em qualquer cultura: “Pensar é antes de tudo classificar, classificar é antes de tudo discriminar, e a discriminação fundamental é baseada na diferença de sexos”⁹. Coerente com essa ideia, Héritier se posicionou contrária ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, afirmando que essa diferença não estaria presente no casal homossexual.

Ultrapassando as oposições binárias: Lacan

Gostaria de marcar aqui duas tentativas que as psicanálises fazem para ultrapassar esse tipo de oposição binária, criticada por Derrida e pelas teóricas *queer*. Uma delas é feita por Lacan. Mesmo sofrendo a influência do estruturalismo, ele não deixa de questioná-lo quanto a seu modo de conceber a diferença. Lacan quer transpor a oposição simétrica entre masculino e feminino, pois esta lhe parece uma forma de domesticar a mulher. Para isso, ele abandona a ideia de uma complementaridade entre masculino e feminino e introduz, no campo da sexualidade, a lógica do suplemento. O feminino não é algo que complementa o masculino, como um dedo e uma luva. Ele se apresenta como um suplemento do masculino ou, em outros termos, situa-se para além dele, marcando o limite da ordem fálica, do simbólico, do todo.

É nesse sentido que Lacan propõe as fórmulas da sexuação¹⁰, num quadro dividido em duas partes: do lado do homem haveria o registro fálico, e do lado da mulher o registro do não todo: a mulher se inscreve na ordem fálica, mas não toda; algo nela escapa a essa ordem, o que lhe possibilita um gozo a mais. É importante ver

que os dois lados do quadro da sexuação não se relacionam um com o outro, mas com um ordenador universal – o falo. O feminino (para mulheres e homens) está para além do falo e indica o limite da ordem simbólica; não se submetendo inteiramente a ela, acede a um gozo a mais. Assim, o masculino, em sua submissão à ordem fálica, constitui um gênero, mas o feminino não; as mulheres não aderem inteiramente à lógica fálica e devem ser contadas uma a uma, cada uma se havendo com seu modo de relação com a lei.

Lacan cria uma correspondência entre o falo e o Um da metafísica, pretendendo desestabilizar ambos através de seu mais além, indicado pela posição feminina. O problema reside em manter, tanto as mulheres quanto os homens, submetidos a um ordenador universal – o falo. Assim, a mulher só é não toda na medida em que se define a partir do todo; só aponta um mais além do falo ao situar-se relativamente a ele; só goza a mais em relação a um gozo estabelecido como padrão. É nesse sentido que Monique Davi-Ménard considera que o que as fórmulas da sexuação exprimem, tanto de um lado como do outro, é uma fantasia masculina. “Será necessário para nós em breve chegar à consideração das fórmulas de sexuação como a formalização de um fantasma masculino”¹¹. Afirmção semelhante faz Michel Tort, que considera as fórmulas da sexuação como “a versão formal do assujeitamento das mulheres ao fantasma de castração dos homens”¹². Porém a crítica mais contundente me parece ser feita por Luce Irigaray: “O simbólico que vocês, senhores psicanalistas, impõem como universal, livre de qualquer contingência empírica ou histórica, é o imaginário de vocês, homens, transformados numa ordem, numa ordem social”¹³.

Mas talvez possamos ir mais longe nessa crítica. Não são apenas as mulheres que aparecem

»
*o problema reside em manter
mulheres e homens submetidos
a um ordenador universal – o falo*

assujeitadas nas fórmulas lacanianas, são também os homens. O problema principal não está do outro lado do quadro da sexuação, mas na própria lógica a partir da qual esse quadro foi construído. Ao relacionar homens e mulheres ao falo, Lacan também divide o universo da sexualidade em duas partes, terminando por reafirmar um binarismo que possui uma longa história em nossa cultura: o masculino é situado do lado do ser, da invariância, ao passo que ao feminino é atribuído o lugar do devir, da variação. Tudo o que move é feminino; tudo o que se imobiliza é masculino. Por que mulheres poderiam ser contadas uma a uma e os homens, não? Por que muitos modos de ser mulher e apenas um de ser homem? Indivíduos de qualquer sexo se tornam subjugados quando a diferença é tomada como relativa ao falo como ordenador universal. O feminino aparece no quadro de sexuação como uma imensa bainha do falo. Este continua a ser a referência, ainda que de forma mais aberta.

Essa referência não deixa de espelhar certas concepções sobre homem e mulher que foram naturalizadas. Assim, a condição da fecundidade e criação da vida foi colocada do lado feminino, enquanto ordem, regulamentação, imposição de limites e discriminação das esferas ficaram do lado masculino.

Freud naturaliza essas ideias quando supõe, em *Moisés e o monoteísmo*, que há um avanço em civilização ao passarmos de um registro da sensibilidade e da evidência corporal – registro materno – para um registro do intelecto e do raciocínio abstrato – registro paterno. Lacan concorda com essa ideia quando teoriza sobre a Lei do pai ou o nome do Pai, organizador necessário que instaura a cultura e a Lei, sem o qual ficamos relegados ao mundo perigoso, fusional e psicotizante da mãe. Para que uma criança se desenvolva

8 J. Derrida, *Marges de la philosophie*.

9 F. Héritier, *Masculin/Féminin*, v. 2, p. 106.

10 J. Lacan. *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda*.

11 M. David-Ménard, *Les constructions de l'universel. Psychanalyse, Philosophie*, p. 107.

12 M. Tort, *Fin du dogme paternel*, p. 165.

13 L. Irigaray. *Parler n'est jamais neutre*, p. 161.



“o limiar é uma zona.
Mais especificamente,
uma zona de transição”
[W. Benjamin]

a contento, o registro materno deve ser limitado pela entrada do pai, representante de uma ordem fálica que deve deter o privilégio na cultura. E nos ensinam que nisso consiste a entrada na ordem simbólica.

Não podemos reconhecer aqui um imaginário que sobrevive há muitos séculos na cultura ocidental? O feminino como esfera do mal, campo perigoso, fusional, enlouquecedor; o masculino como esfera do bem ou da luz, princípio purificador e separador, campo do razão, da ordem e da lei. Alguns psicanalistas mais nostálgicos se horrorizam diante do declínio da função paterna em nossa cultura¹⁴. Pensam que, sem a função paterna, só nos resta a dessubjetivação ou a perversão. Como se não pudesse haver nenhuma outra possibilidade de ordenamento subjetivo ou social.

Como ficamos diante disso? Os movimentos feministas e os estudos de gênero fazem parte hoje da paisagem epistemológica contemporânea. Eles nos mostram que os gêneros podem ser múltiplos e que muitas vezes confundimos sexualidade com normas de gênero. Vamos então continuar trabalhando com as mesmas categorias? Masculino separador, feminino sem limites, ordem simbólica imune às mudanças históricas, binarismo sexual constituído em torno do falo? Por qual das psicanálises devemos nos orientar para exercer uma clínica crítica?

Ultrapassando as oposições binárias:
Winnicott e Ferenczi

O desafio, nesse caso, não seria o de instituir a diferença como uma posição para além, mas o de admitir uma pluralidade de diferenças, tornando

pensável aquilo que ainda não se diferenciou. Como poderíamos conceber o domínio do informe, do que ainda não é classificável, do que não poderia estar em nenhum dos lados de um quadro da sexuação? Para pensar este inclassificável, a ideia de *mais, ainda* não seria suficiente. Teríamos que inserir uma outra ideia: a de limiar.

Limite e limiar são noções que põem em jogo concepções de mundo muito diferentes. O limite estabelece a possibilidade de um para além, de um *mais, ainda* que o suplementa, mantendo-o ainda como referência. Porém limiar é outra coisa. No livro inacabado das *Passagens*, Walter Benjamin explica que o limiar é uma zona de transição: “O limiar é uma zona. Mais especificamente, uma zona de transição. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwollen* (inchar, intumescer), e a etimologia não deve negligenciar esses significados”¹⁵. Em vez do corte e do limite que estabelecem estados e posições definidas, temos algo que se espalha, temos um *entre*. Esse *entre* não marca um meio-termo entre dois polos, mas indica o movimento, as *passagens*, as transições. Não se trata de um limite ou de uma posição para além, mas de um trânsito, de um movimento contínuo. Como exemplos arquitetônicos teríamos a rampa, o umbral, a soleira de porta, vestíbulo, corredor, escadaria, sala de espera num consultório, sala de recepção num palácio, pórtico, portão numa catedral gótica. Em suma, o que o limiar faz não é simplesmente separar dois territórios (como faz a fronteira), nem tampouco marcar o alcance de um território (como faz o limite): ele permite a transição, apontando para um lugar e um tempo intermediários e, nesse sentido, indeterminados.

Ora, temos na teoria psicanalítica uma noção que corresponde a uma zona de transição. Ela também implica o trânsito contínuo, a passagem do informe para a forma – mais exatamente, para uma forma sempre inacabada. É a noção de espaço potencial proposta por Winnicott. Trata-se do *locus* de um processo subjetivo e intersubjetivo que põe em jogo uma área intermediária entre a realidade externa e interna, um espaço de experimentação:

Existe uma terceira parte na vida do indivíduo, parte essa que não podemos ignorar, uma região intermediária da experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área não questionada, pois nenhuma reivindicação é feita em seu nome, salvo a de que ela possa existir como um lugar de descanso para o indivíduo permanentemente engajado na tarefa humana de manter realidades interna e externa separadas, e ao mesmo tempo inter-relacionadas.¹⁶

É verdade que Winnicott não pensou essa área intermediária com relação aos modos de transitar na sexualidade. Winnicott também foi um homem de seu tempo, abraçando, a seu modo, a divisão masculino e feminino, referindo o primeiro ao âmbito do fazer e o segundo à esfera do ser. Nada impede, no entanto, que num movimento de reatualização da psicanálise se possa estender essa área de experimentação a um campo mais vasto. Nesse caso, a terceira área seria um lugar de descanso das caracterizações sexuais normativas, tornando possível escapar delas pela indeterminação. Como afirma Rogério Luz, o espaço potencial é um “espaço de indeterminação, não orientado com vistas de um objeto ou de um objetivo, sem destino, sem sentido ou sem forma. Espaço de ultrapassagem entre não ser e ser, o mesmo e o outro, repouso e movimento”¹⁷.

Enquanto área de subjetivação, o espaço potencial poderia também ser entendido como possibilidade de trânsitos nas sexualidades sem coordenadas identificatórias definidas, sejam elas fechadas ou abertas. Em vez do *para além*, haveria um espaço para o *ainda não*. A sexualidade se mostraria como domínio permanentemente inacabado, não cabendo a ideia de uma posição sexual, e tampouco o propósito de uma situação “assumida” ou “fora do armário”.

14 Ehrenberg os denomina, ironicamente, declinologistas. Ver A. Ehrenberg, *La société du malaise*.

15 W. Benjamin, *Passagens*, p. 535.

16 D. W. Winnicott, “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, in *Da pediatria à psicanálise*, p. 318.

17 R. Luz, “O espaço potencial: Winnicott”, *Percurso* n. 3, p. 30-31.

18 T. Ayouch, “A diferença entre os sexos na teoria psicanalítica: aporias e desconstruções”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 48, n. 4, p. 58-72.

»
*Winnicott também foi um homem
de seu tempo, abraçando, a seu modo,
a divisão masculino e feminino*

Longe de ser apenas uma sofisticação conceitual, isso implica uma mudança de atitude clínica. Não intervir para colocar o paciente na parede: “afinal, qual é seu desejo?”. Não fazer o paciente se sentir *apanhado*. O analista não é um buscador de posições: não marcar nem cobrar a definição da posição sexual de seu analisando. Temos aprendido sobre a importância da indeterminação com os adolescentes e também com os chamados *transgêneros*; creio, todavia, que se trata de algo relevante em qualquer clínica e para qualquer sujeito: um espaço potencial, capaz de trazer mais respiro e liberdade ao campo subjetivo, é um lugar de resistência às determinações. Para o analista, sustentar esse espaço é dar lugar para o *trans* e para o trânsito. Resguardar sua indeterminação e o fato de que ela não esteja orientada para nenhum objetivo, para nenhuma forma ou posição. Como escreve Thamy Ayouch:

« Não se trata para o/a analista nem de conduzir para a normatividade social, nem de impulsionar sua contestação [...] O objetivo é mais acompanhar o/a analisando na des-intricação da forma com que ele negocia com as normas [...]. A abordagem analítica consiste em seguir o sujeito/não sujeito em análise num espaço potencial aberto a uma gama variada de posicionamentos de gênero, além dos regulamentos normativos.¹⁸ »

Nessa zona de experimentação, o paciente poderia descansar de ser si mesmo enquanto forma normatizada, abrindo-se para ele a possibilidade de negociação entre as normas de gênero e sua própria polimorfia.

Antes de Winnicott, outra perspectiva de ruptura com as oposições binárias já havia sido apresentada por Ferenczi. Não que ele não abraçasse,



porém sob outra perspectiva,
a psicanálise também tem algumas
contribuições importantes a fazer

como outros autores da psicanálise, coordenadas identificatórias para o masculino e o feminino; nesse ponto ele se mostra um homem de seu tempo, com todos os preconceitos de seu tempo. Não é quando escreve explicitamente a esse respeito que ele viabiliza uma reatualização da psicanálise, e sim quando propõe seu método de pesquisa e pensamento. É principalmente no plano do método que Ferenczi nos permite avançar diante de problemas atuais.

Desde seus primeiros textos, o psicanalista húngaro apresenta um modo de trabalhar que valoriza a mistura e a multiplicidade. Isso não quer dizer que ele não pense as diferenças; significa apenas que elas deixam de ser concebidas de maneira dual. Não se trata da diferença de uma coisa em relação a outra coisa. São diferenças múltiplas, plurais, como em *Thalassa*, um texto onde elas vão se desdobrando e se expandindo, em vez de se organizarem em dois blocos. Nesse livro, Ferenczi mescla dados que vêm de sua clínica com o comportamento sexual dos animais, com aforismos nietzscheanos, tudo isso misturado com mitos, hipóteses científicas antigas e modernas, conceitos da metapsicologia e da biologia. Atravessamentos desse tipo são próprios de sua metodologia, denominada *utraquista*.

O termo *utraquismo* significa uns e outros. Foi este o procedimento criado por Ferenczi para trabalhar as passagens, a transposição de fronteiras entre corpo e psiquê, natureza e cultura, psicanálise e biologia. Por meio dessa abordagem, o psicanalista húngaro se insurgiu contra a pureza dos dualismos, preferindo as misturas e os trânsitos entre diferentes espaços. Seu ponto de partida é a inseparabilidade natureza/cultura. E, de fato, essa é a dicotomia primeira, como escreve Bruno

Latour a respeito do pensamento moderno¹⁹: é a partir da separação entre natureza e cultura que todas as demais oposições se estabelecem. Ferenczi, contudo, não pensa por meio de divisões. Suas noções envolvem sempre uma transposição de fronteiras: *bioanálise*, *utraquismo*, *anfímixia*, *sentir com*, *símbolo orgânico*, *materializações histéricas*. Sob esse aspecto, ele se encontra próximo dos debates atuais sobre transdisciplinaridade, sobre gênero, e até mesmo sobre alterações climáticas.

A psicanálise tem a dizer...

Os modos sexuais que se produzem na atualidade apresentam variações inclassificáveis segundo o quadro binário disposto pela tradição psicanalítica, e indiferenciadas segundo o princípio que faz do falo o diferenciante da diferença. Impõe-se hoje uma multiplicidade de formas sexuais para as quais os estudos *queer* têm chamado a atenção e que a psicanálise não pode mais ignorar, ainda que ao preço, certamente, de rever suas balizas teóricas sobre a sexualidade.

Para os psicanalistas, o problema não se reduz a um debate sobre binarismo ou multiplicidade – e, naturalmente, sobre as implicações da afirmação de um e de outro. As teorias *queer* denunciam a contingência histórica da redução binária das sexualidades, e essa é uma contribuição importante para a cultura. Porém sob outra perspectiva, a psicanálise também tem algumas contribuições importantes a fazer.

Em primeiro lugar: binária ou múltipla, sexualidade é conturbação. Nesse campo não se formam identidades *prêt-à-porter* ou diversidades apaziguadas. O universo da sexualidade não é fácil nem apaziguado para ninguém, mesmo com toda a multiplicidade que ele possa ter. É importante marcar: um mundo múltiplo não é um mundo indiferenciado. A multiplicidade comporta uma grande variedade de diferenças. Aliás, mais diferenças, com mais tons e microtons do que a diferença e os valores que provêm do fato de se cortar o mundo em duas partes, masculino

e feminino. Assim, a multiplicidade não destrói a dimensão trágica presente em cada modo de sexuação, nem o fato de que eles são sempre um território de impasse e uma questão em aberto.

Sem o recurso às coordenadas identificatórias pré-estabelecidas, a sexualidade torna-se um problema da economia libidinal dos indivíduos. Em *O mal-estar na civilização*, Freud já havia alertado sobre a impossibilidade de se encontrar uma fórmula da felicidade ou, ao menos, de se estar perfeitamente situado na própria pele, no mundo e com os outros: “A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia libidinal do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo”²⁰. Essa afirmação poderia também ser formulada com relação à sexualidade: caberia a cada um encontrar os caminhos de seu desejo e seu modo próprio de situar-se quanto ao sexo.

Esse caminho passará sempre por uma negociação. Como afirma Judith Butler, não há como se escapar das normas de gênero²¹. Elas existem em qualquer sociedade, em qualquer cultura e em qualquer tempo. Porém elas podem se tornar menos coercitivas, e para isso precisam ser nomeadas e apontadas em sua contingência. Aqui entra a segunda contribuição da clínica psicanalítica aos estudos de gênero: uma psicanálise aberta à contingência das categorias sexuais poderia ajudar a desconstruir as hierarquias disseminadas nos discursos sociais sobre o sexo, mostrando o quanto está presente em homens e mulheres o sexual infantil, o polímorfo, e o quanto é importante, na sexualidade, a dimensão da fantasia. Ao valorizar a dimensão perversa polímorfa que constitui a todos, torna-se possível admitir novas formas de sexualidade sem vê-las como desvios de uma sexualidade original e universalmente esperada.

19 B. Latour, *Jamais fomos modernos*.

20 S. Freud. *O mal-estar na cultura*, p. 103.

21 J. Butler. *Corpos em aliança: notas para uma teoria performativa da assembleia*.

22 S. Freud, *O mal-estar na civilização*, p. 102-103.

»
“a felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia libidinal do indivíduo” [S. Freud]

Pode-se então reconhecer, sem condenar à patologia, multiplicidades femininas, masculinas, e também multiplicidades que não estão nem de um lado nem de outro, travestismo, *cross dressing*, transexualidade, *drag queens*..., multiplicidades que não correspondem a gêneros inteligíveis, como masculino e feminino.

Terceira contribuição da psicanálise, agora na esfera do tratamento: talvez a clínica psicanalítica seja o lugar onde os sujeitos possam se dar conta da contingência das normas de gênero, fazendo uma negociação entre elas e a sexualidade polímorfa presente em cada um. Isso implica valorizar a dimensão política da sexualidade e da clínica psicanalítica, não no sentido genérico de uma oposição público/privado, mas no sentido de uma negociação possível entre a polímorfa de cada um e as normas sociais.

Se a psicanálise ainda pode apostar na invariância, esta incide na impossibilidade de uma sexualidade acabada. “Nenhum dos caminhos leva a tudo o que desejamos”²², escreve Freud. De fato, no que diz respeito à sexualidade, todos os caminhos são *gauches*; daí o impraticável de qualquer regra de ouro a esse respeito. Ao serem abordados pela lógica dos limiares ou das misturas, os modos sexuais permanecem como questão em aberto. Há neles alguma coisa de inclassificável, passagens para uma forma que não chega a ser atingida, oscilações e transições. Em vez de uma diferença fundada na distinção entre os sexos, haveria um processo de diferenciação permanente que *ainda não* encontrou a sua forma final. Talvez resida justamente aí a produção das diferenças.

Referências bibliográficas

- Benjamin W. (1940/1985). Walter Benjamin, *Obras escolhidas*, vol. 1. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1927-1940/2006). *Passagens*. Org. ed. bras. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Ayouch T. (2014). A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n. 48.
- Butler J. (2019). *Corpos em aliança: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- David-Ménard M. (1997). *Les constructions de l'universel. Psychanalyse, Philosophie*. Paris: PUF.
- Derrida J. (1972). *Positions*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (1972). *Marges de la philosophie*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Ehrenberg A. (2010). *La société du malaise*. Paris: Odile Jacob.
- Ferenczi, S. (1924/1993). Thalassa. Ensaio sobre a genitalidade. In *Obras completas, Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud S. (1930[1929]-1976). O mal-estar na civilização. In *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 21.
- _____. (1939/1976). Moisés e o monoteísmo. In *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 23.
- Héritier F. (1996 e 2002). *Masculin/Féminin*, 2 vols. Paris: Odile Jacob.
- Hirata H. et al. (2009). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Lacan J. (1972/1985). *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche J. (2007). *La sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.
- Latour B. (1994). *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34.
- Preciado P.B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos anormais, *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.19.
- Said E. (2004). *Freud e os não europeus*. São Paulo: Boitempo.
- Tort M. (2005). *Fin du dogme paternel*. Paris: Aubier.
- Winnicott D.W. (1951/2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

(Im)pertinent dialogues: Psychoanalysis, queer theories, transgenderism

Abstract The paper proposes a dialogue between psychoanalysis, gender studies and queer theories, highlighting its contributions to the re-actualization of psychoanalytic perspectives on sexuality. Its main critique lies in the fact that psychoanalysis embraces the male/female division as the only two possible ways of experiencing sex. Attempts to overcome this binarism in Lacan, Winnicott, and Ferenczi are examined to finally highlight what psychoanalysis has to say about the gender troubles of our time.

Keywords psychoanalysis; queer theories; gender; sexual difference.

Texto recebido: 03/2022

Aprovado: 05/2022

O falo e a falta

Notas sobre redesignações sexuais, intervenções hormonais e dores sem sujeito

Leda Tenório da Motta

Resumo Na era das faloplastias, coquetéis de hormônios e próteses de silicone, torna-se atual a nota de Freud, numa de suas Contribuições à psicologia do amor, sobre a anatomia como destino. De fato, se a equação freudiana reconhece a força da natureza, que nos faz nascer homem, mulher ou, havendo erro genético, hermafrodita, para então sonhar uma personalidade psíquica, sem que o falo seja privilégio do masculino, nem a falta do feminino, cabe repensar a frase que os ativismos transsexuais passaram a formular, como inocentemente: “Eu nasci assim”. A fórmula reverte o construído em falsa naturalidade. Trata-se aqui de ressaltar que tais procedimentos, atravessados por tecnologias fármaco-médicas, alinham-se a certas filosofias pós, erguidas contra a metafísica da natureza, que ao mesmo tempo repelem o *tecnôgênero* mas integram o *farmacopoder*. Enquanto teorias de gênero, talvez mais sutis, assinalam que nascemos homem ou mulher e só então nos tornamos tais, ou não. “Nascemos mulher, mas eu me torno mulher”: assim, enquanto psicanalista, Julia Kristeva repõe a complicação beauvoiriana.

Palavras-chave transexualidade; diversidade sexual; sistema sexo-gênero; Kristeva.

Leda Tenório da Motta é professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, pesquisadora do CNPq 1 e do Reseau International de Recherche Roland Barthes, crítica literária e tradutora. Verteu para o português os livros de Julia Kristeva *No princípio era o amor, Psicanálise e fé* (Brasiliense, 1987) e *Histórias de amor* (Paz e Terra, 1988). Dedicou um capítulo à autora no livro *Lições de literatura francesa* (Imago, 1997) e assinou sua apresentação para a tradução brasileira de *Beauvoir presente* pelas Edições Sesc.

1 J. Kristeva, *Beauvoir Presente*, p. 77-78.

O homem, é certo, pode fazer tudo o que quer, mas não pode querer o que quer.
Albert Einstein, citando Schopenhauer em *Como vejo o mundo*

“Não se nasce mulher, se devém”, afirmava Simone de Beauvoir, em boa tradução vernácula, no capítulo “Infância” do segundo volume de *O segundo sexo*, subtítulo “A experiência vivida”. Até porque, em sua perseguição aos traços filosóficos ancestrais da cultura misógina – o livro abre com uma interpelação a Freud, que, tal como os filósofos gregos, teria tomado sistematicamente a mulher no negativo, neste caso pela falta fálica –, o *cogito* beauvoiriano parece entrar em tensão com a sentença freudiana segundo a qual “a anatomia é o destino”. Na verdade, como repara Julia Kristeva – hoje a guardiã do legado beauvoiriano no mundo –, nem a filósofa persiste na animosidade contra Freud, admitindo, no “Balanço Final” do livro, que seu ponto de vista sobre o sexo é aquele psicanalítico, conforme o qual “o sexo é o corpo vivido pelo sujeito”; nem o *tornar-se mulher* desmente a psicanálise. Pois que – sublinha a autora de *Beauvoir Presente*, citando a antecessora –, nesta tomada existencialista da questão do gênero, “não é a natureza que define a mulher, é ela que se define ao reencontrar a natureza em sua afetividade”. Daí esta reformulação de Beauvoir por uma Kristeva mais cisgênero que a companheira de Sartre e Nelson Algren, protagonista de amores lésbicos hoje bem sabidos: “Nascemos mulher, mas eu me torno mulher”¹. Nesse caso, ela está pensando no renascimento do sujeito capaz da “perlaboração”, para Freud a superação de suas resistências ao psicanalista que lhe acena com o inconsciente.



“trataremos de mostrar
como a realidade feminina
foi constituída, por que a mulher
é definida como o Outro”

44

PERCURSO 68 : junho de 2022

Se há algo que distingue esse feminismo francês, em sua expressão freudiana, é a parte que concede ao devir, ou “*devenir*”. Isto é, sua capacidade de abranger, ainda que por um minuto, a anterioridade de uma natureza sexual, tal como inclusa no “nascemos”, mesmo quando formulado no negativo “não se nasce”. De vez que não é da mulher mas daquilo que lhe é imposto de fora que Beauvoir está falando. “Trataremos de mostrar como a *realidade feminina* foi constituída, por que a mulher é definida como o Outro”, diz a introdução de *O segundo sexo*². De fato, se Kristeva reconhece com Beauvoir que, por si só, a fisiologia não explica a condição feminina, que não é “secretada pelos ovários” e não está fixada “no fundo de um céu platônico”, como também lemos na abertura do livro³, nem por isso deixa de se debruçar, notadamente em *Poderes do horror* (1980), sobre as marcas de uma realidade de que não se poderia dizer que é simbólica. Nem internas nem externas, dimensão extremamente limítrofe de um dentro e fora, essas marcas vêm assombrar o ser humano, como um horror indizível mas bem concreto, que irrompe como “abjeto” ou “abjeção”. O conceito refere-se a fatos deparados pelo sujeito que têm o poder de desencadear nele um estranho frêmito, uma convulsão, uma náusea, em face de certos acenos do abominável, do imundo, do cloacal, do repulsivo. São os “poderes do horror”, que o revolvem e ameaçam. Entra aí o efeito que certos alimentos, de resto algumas vezes proibidos pelas religiões, têm o poder de provocar em

nós. Por exemplo, a nata do leite, quando essa pele aparentemente inofensiva na superfície do líquido branco dispara uma repulsa que, no limite, é do corpo da mãe, enquanto objeto barrado⁴. Para Kristeva, o que isso desvela é que, em situações tais, se chegou muito perto de um resto de real.

Interessada numa releitura feminizante da psicanálise, que vai levá-la à afirmação de uma outra instância de linguagem, pré-verbal e pré-lógica, não ordenadora como o *logos* que introduz a proibição do incesto, e inseparavelmente o direito, o credo, a civilização, porém disfuncional e balbuciante, como é a comunicação no corpo a corpo da mãe com o bebê, Kristeva observa que Freud esbarrou em toda essa margem do não sentido, mas a evitou. Fazer avançar a Psicanálise, pondera, seria adentrar essas coisas revulsivas contra as quais nos chocamos, até o desfalecimento. É próprio desta e de outras recentes teorias *queer*, ao livrar-se das prevenções antipsicanálise das primeiras teorias de gênero, que reputaram Freud misógino, propor sua ressignificação. Contudo, sabe-se que, assim como considerou o mais cruamente o horror igualmente bem palpável dos fluxos de sangue da defloração e da menstruação da mulher, reencontrando-o nos ritos de casamento de certas tribos de aborígenes australianas, bem descritas nesta sua outra Contribuição à psicologia do amor que é *O tabu da virgindade*, onde o estende aos entraves de toda conjugalidade, Freud nos vê, como símios superiores que somos, presos num complexo histórico-biológico que nos faz, ao mesmo tempo, culturais e naturais. Para a ciência do inconsciente, somos uma variedade da vida na terra posta entre a construção civilizatória e as necessidades instintivas, já não mais suscetíveis de serem atendidas como tais, desde que linguagem há.

Assim, há sempre uma facticidade a considerar, no começo do começo da experiência da espécie humana, um fundo indiciário, que resiste. Eis por que, na arqueologia freudiana, mesmo que as instâncias culturais dominem as naturais, e os traços de comportamento da família biológica desapareçam debaixo da estrutura simbólica dos clãs,

para Freud, certa parte do corpo humano conserva um “caráter animal”. E não qualquer parte, porém aquela a que se liga o sexo e, se o sexo tiver a ver com isto, ao gênero e ao amor: os genitais. Assim, não por acaso, é ainda no conjunto de textos em torno do amor e do inconsciente do casal, o primeiro da trilogia, intitulado “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, que ele vem a campo sublinhá-lo, a propósito da conformação de nossos órgãos sexuais, notando, não somente, que “não participaram do desenvolvimento do corpo humano visando à beleza” mas, em sua essência, “permaneceram “animais”. Eis o que, no mesmo ensaio, é estendido ao próprio plano do encontro amoroso. Assim como a genitália humana – posicionada “*inter urinas et faecis*” – é não bela, escreve, acontece que “o amor permanece animal como sempre foi”. Ele associa a isso os desencontros amorosos de que tratam esses formidáveis escritos do decênio de 1910, vendo o homem sempre dividido entre o erótico e o incorpóreo, ou entre a sensualidade e a ternura, de vez que “os instintos do amor são difíceis de educar” e que “aquilo que a civilização pretende fazer deles é impossível”⁵. Claro que a histeria feminina tem parte com essa organização.

Há uma interessante confirmação dessa aliança entre *biós* e *sôma* no ensaio “O interesse biológico da psicanálise” lançado no volume XIII das Obras Completas da Standard Brasileira, o mesmo em que está *Totem e tabu*. Aí Freud escreveu que “Sob muitos aspectos, a psicanálise atua como intermediária entre a biologia e a psicologia”⁶. Por outro lado, em sua rigorosa revisão do vocabulário de Freud, observando que *Trieb* é o mais central dos termos psicanalíticos, Paulo Cesar Souza cita o mesmo Freud quando a admitir que “*Trieb* é um conceito-limite entre o somático

»

*de um lado, o macho,
que afirma sobre a fêmea
e os congêneres sua dominação
no coito. De outro, a fêmea,
dominada pelo macho e absorvida
pelo trabalho da reprodução.*

e o psíquico [...] o representante psíquico dos estímulos oriundos do corpo e que atingem a alma”. Por seu turno, ele corrige a tendência senso comum de se ver somente o pulsional no conceito, quando sua abrangência é maior, as acepções possíveis indo do “ímpeto” e do “impulso” ao que denominamos “broto” de “brotar” em botânica. Em face dessa maior complicação, põe em dúvida a ruptura absoluta que fazem entre pulsão e instinto, entre outros, os acatados Laplanche e Pontalis, desmerecendo a letra do texto freudiana, e aponta mais passagens de Freud que atestam um complexo imbricamento do que seria biológico e filogenético, de um lado, e psicológico e individual, de outro, ou o “humano-simbólico”, em que repousa toda a originalidade de Freud⁷. Ele o faz como quem pergunta: afinal, não é nisso que reside o mal-estar civilizatório?

O animal tampouco escapa a Beauvoir, que vê os dois sexos representando dois aspectos diversos da lei da procriação, inclusive hormonalmente. De um lado, o macho, que afirma sobre a fêmea e os congêneres sua dominação no coito. De outro, a fêmea, dominada pelo macho e absorvida pelo trabalho da reprodução. Nessas condições, o “*on ne naît pas femme*” é réplica à continuação cultural dessa maneira de ser dos corpos sexuais, em sua conexão inevitável com o fisiológico. É chamada à obra de cada mulher no sentido de fazer de si alguma coisa diferente daquela que lhe impõem a ovulação e a continuação da espécie. Kristeva lembra, a respeito, esta frase das

2 S. Beauvoir, *O segundo sexo*, p. 72.

3 S. Beauvoir, *op. cit.*, p. 13, 36.

4 J. Kristeva, *Poderes do horror*, p. 10.

5 S. Freud, “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, p. 195.

6 S. Freud, “O interesse biológico da psicanálise”, p. 181.

7 P.C. Souza, *As palavras de Freud. O vocabulário freudiano e suas versões*, p. 244.



Butler consagra o mais extenso capítulo de seu livro mais conhecido a uma contestação da matriz Beauvoir, entabulando um diálogo demolidor com Kristeva

46

PERCURSO 68 : junho de 2022

Memórias de uma moça bem comportada: “Eu mesma me criei de novo e justificarei minha existência”. E sublinha, juntamente com o peso da mudança de consciência implícita, e não obstante um certo olhar crítico para o sacrifício da feminidade e da maternidade nesse primeiro passo feminista, sua dívida para com Beauvoir: “Assumo plenamente a hipérbole de uma revolução antropológica para qualificar esse acontecimento único, Beauvoir presente, aqui e agora”. Pela primeira vez, admite ela, com Beauvoir, a percepção da questão da situação da mulher na cultura adquire caráter de asserção e convocação política⁸.

Não fossem homenagens do tipo à velha mestra da parte de uma *scholar* já bem instalada no topo da universidade francesa quando leva a peito reescrever *Os mandarins*, de Beauvoir, como faz neste seu romance de formação dos anos 1980 que é *Os samurais*, *O segundo sexo* não teria o lugar que tem, no presente, no cômputo das últimas ondas feministas, mas estaria esquecido. Já que, tirante a atenção que lhe vota Kristeva, é a Michel Foucault, cuja escola dita estruturalista primou por deslocar a ênfase sartriana na existência do Homem para uma lógica dos Signos, que se ligam epistemologicamente outras novas teorias de gênero, de influência no plano das viradas teóricas acadêmicas e dos ativismos políticos milenais. E se é certo que estas últimas inclinam-se igualmente às operações radicais de desarme do paradigma próprias da filosofia da *différance* ou *diferência* de Jacques Derrida – nomenclatura com

que neste domínio se estabelece uma equivalência entre *diferenciar* e *diferir* os sentidos totalizantes, que só poderia convir ao questionamento do masculino fundido ao universal e do feminino como figuração do Outro –, é à *História da sexualidade* foucaultiana que mais apelam as mais expressivas derradeiras defesas das práticas livres do desejo, sem aceção de sexo ou gênero. Convém-lhes particularmente o que Foucault pensa do corpo humano, como historiador da sexualidade, quando postula esta hipótese por excelência estruturalista, anotada por uma Judith Butler em *Problemas de gênero*: “nada no homem, nem mesmo seu corpo, é suficientemente estável para servir como base para o autorreconhecimento ou para a compreensão dos outros homens”. Fato de que o filósofo depreende a “constância da inscrição cultural a atuar sobre o corpo como drama único”⁹. Por sua vez, a semiótica psicanalítica de Kristeva é aí rejeitada, como essencialista ou substancialista, quando lhe acontece de ser tomada em conta.

Efetivamente, é o que ressalta na obra de Butler, que consagra o mais extenso capítulo de seu livro mais conhecido a uma contestação da matriz Beauvoir, entabulando, indiretamente através da mestra, e diretamente via exame do texto da discípula, um diálogo demolidor com Kristeva. São aí analisados, além de *Poderes do horror*, clássicos de Kristeva como *A revolução da linguagem poética* e *Sol negro*. *Depressão e melancolia*, o segundo já pertencente à fase psicanalítica kristeviana, que desaguaria, nos anos 2000, nas incursões à feminidade de Hanna Arendt, Melanie Klein e Colette, no longo estudo *O gênio feminino*. De fato, entre outras estocadas, adverte Butler que os resultados subversivos da teoria das pulsões primárias de Kristeva – baseada numa semiótica da significância que leva a supor uma semiótica negativa ou uma não linguagem, equiparável à linguagem poética e cifra de um retorno ao corpo materno – não lhe parecem ser mais que uma “ruptura temporária e fútil da hegemonia da lei paterna”, entendida como imposição das discriminações linguísticas. Ela considera que, ao conjecturar que a linguagem poética é a

oportunidade linguística de as pulsões rompem as leis da linguagem, revelando sua plurivalência, Kristeva estaria erodindo o sujeito, que é ser falante que participa do Simbólico. Ademais, estaria aduzindo uma homossexualidade pré-discursiva¹⁰.

Ora, se semelhante divergência não deixa de conferir autoridade à interlocutora visada, tampouco deixa de encaminhar uma briga com a “psiquiatria colonial”, segundo uma nomenclatura característica destas outras zonas *queer*, que não poupa a psicanálise, em sua economia da falta. Está-se falando de circuitos do saber que são, em derradeira instância, franceses, mesmo que em ação longe de Paris, dada sua insistência nas revisões políticas da vigilância institucional sobre os sujeitos, ensejadas por tudo aquilo que o tratado foucaultiano tira dos sistemas de pensamento. É o que se pode concluir da intervenção de Butler, representante proeminente dessas fileiras, formada junto aos desconstrucionistas de Yale e hoje professora em Berkley, mas que evoca preponderantemente a genealogia de Foucault para tomar a diferença sexual como contrapartida da construção da sexualidade de modo historicamente específico. Não sem frisar que devemos a Foucault a reversão da tese de que o corte sexual é “causa” do sistema dos gêneros, em proveito de um entendimento das categorias genéricas como efeito das opressões culturais, notadamente jurídicas. São elas, ilustrativamente, que presidem ao processo rumoroso de Adelaïde Herculine Barbin, hermafrodita feminil oitocentista de gênero assentado como masculino, sobre cujo caso Foucault se debruçou, trazendo-o às páginas de seu livro, para atestar a ação dos poderes sobre os corpos. Nota Butler que a introdução de Foucault aos diários de Herculine Barbin só faz mostrar quanto a naturalização do sexo é produto do discurso

8 J. Kristeva, *op. cit.*, p. 11.

9 J. Butler, *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*, p. 225.

10 J. Butler, *op. cit.*, p. 144, 149.

11 J. Butler, *op. cit.*, p. 54.

12 S. Beauvoir, *O segundo sexo*, p. 194.

13 S. Beauvoir, *op. cit.*, p. 260, nota 21.

»
*está-se falando de circuitos
do saber que são, em derradeira
instância, franceses, mesmo que
em ação longe de Paris, dada sua
insistência nas revisões políticas
da vigilância institucional
sobre os sujeitos*

médico-legal. Assim acrescenta: “Segundo Foucault, Herculine não é categorizável no gênero binário”¹¹. A sua maneira, Beauvoir não terá dito outra coisa do hermafroditismo, de que trata na parte do tomo dois de *O segundo sexo* consagrada às lésbicas. “A anatomia e os hormônios não definem nunca mais que uma situação e não decidem sobre o objeto ao qual essa situação deve tender”¹², escreve. Ela cita o caso de um legionário polonês ferido na primeira guerra, que era na verdade uma moça com caracteres *viris* pronunciados, a ponto de conseguir passar de enfermeira a soldado, e de apaixonar-se nas trincheiras por outro soldado.

Contudo, Beauvoir – ou a dupla Beauvoir & Kristeva – incomoda os teóricos da contrasexualidade. A razão disso, no limite, é a disjunção ontológica radical entre corpo e consciência formulada por Sartre, herança de um cartesianismo revisto pela dialética hegeliana do Senhor e do Escravo, em *O ser e o nada*. É essa dialética que Beauvoir repercute, quando situa a mulher como o Outro. É ainda ela que monta Butler contra Kristeva, quando esta opõe a mente ao corpo feminino¹³.

Efetivamente, há em Butler uma prevenção de ordem filosófica contra Beauvoir, que, em seu entender, soube distinguir posições de gênero e sexualidade, e teve o mérito de perceber que o sexo não causa o gênero, que é adquirido, porém fixou-se equivocadamente num sexo imutável, para ela, Beauvoir, qualidade do humano. De resto, se ao longo do capítulo intitulado “Atos



do ângulo de Butler, a saída
de Monique Wittig é tão velha
quanto o humanismo,
porque joga com a ideia
de que o feminino pertence
à mulher, que o internaliza
em seus termos

48

PERCURSO 68 : junho de 2022

corporais subversivos”, Butler começa por isentar dessa pecha a também escritora e pensadora Monique Wittig, que ecoa o “Não se nasce mulher...”, em sua defesa do lesbianismo, fato é que a cumplicidade com este outro marco do feminino francês só abarca a maneira de Wittig sustentar que a lésbica não é uma mulher, mas um terceiro gênero, já capaz de transcender a oposição binária. Butler aprecia que Wittig argumente em *The lesbian body* que a sexualidade feminina é engendrada discursivamente, sendo exatamente isso o que ela própria pensa das performances de gênero, entendendo-as, por sua vez, como atuadas teatralmente. Isso posto, a remissão à grande dama, objeto de homenagens de um Paul Preciado, no Manifesto ConTrassexual, objetiva apenas reforçar as distâncias que toma do lema beauvoiriano. A digressão em torno desta outra precursora é só a cláusula retórica preliminar a uma crítica da sexualidade definida como sendo da ordem da natureza e como estando a serviço dos propósitos reprodutores, como em Beauvoir. Toda a afinidade cai por terra diante do pressuposto da pensadora, que vai ao encontro da tese beauvoiriana, de acordo com o qual existe uma realidade menos violenta que aquela afirmada pela linguagem, uma realidade ontológica última, esta unitária e essencial.

A crítica incide sobre a dimensão do sujeito absoluto. Para Wittig, a lésbica é esse sujeito. Sua “arma de guerra” é a linguagem da ficção ou, como em Beauvoir, este instrumento

de autoconhecimento e declaração subjetiva que é o romance, capaz de assentar, contra os discursos da hierarquia e da exclusão, uma universalidade verdadeira e inclusiva dos sujeitos. Ora, do ângulo de Butler, a saída é tão velha quanto o humanismo, porque joga com a ideia de que o feminino pertence à mulher, que o internaliza em seus termos. O que, em seu entender, resulta numa separação radical entre héteros e homos, que desconhece as complicações da própria heterossexualidade, com suas muitas posições normativas impossíveis de se incorporar, e o que beira a pureza. Assim, no fim das contas, para Butler, a teoria da heterossexualidade de Wittig é normativa e idealizante. Como em Beauvoir, ela será vista como crença na “verdade interna” do sexo, essa mesma que Foucault tão bem desconstruiu¹⁴.

Mais ácido é o julgamento que Butler dedica a Kristeva, nesse mesmo ponto do texto, entendendo, sempre com Foucault, a construção de fronteiras entre o interior e o exterior do sujeito, tal como formulada em *Poderes do horror*, como a própria consolidação das identidades culturalmente hegemônicas. Ao designar abjeções a que repudiamos epidermicamente – alerta –, Kristeva estabelece uma substância original do ser, coloca e estabiliza seu primeiro contorno. Conceitualmente, o abjeto kristeviano adentra profundezas ocultas. Fixa um estranho ou uma estranheza que funciona como divisa tênue para os mesmos fins de diferenciação e regulação dos tabus. Dota o corpo de alma. Recai na mesma linguagem da interioridade que Foucault questionou, vendo a alma como a prisão do corpo, na contramão do platonismo e do cristianismo, e falando na morte do Homem. E, mais que isso, localizando na estratégia do “vigiar e punir” não a repressão do desejo, mas a maneira de obrigar os corpos a expressarem sua essência interdita. Ao pressupor que as pulsões têm objetivos anteriores a sua emergência na linguagem, Kristeva estaria subcrevendo, em suma, a função patriarcal¹⁵.

Em defesa de Kristeva, poder-se-ia retorquir que o que subjaz a toda essa crítica assacada contra a inteligência feminista francesa é a subscrição de

uma noção de “sistema sexo-gênero”, que simplesmente vai suprimir a noção de natureza, ou conjecturar o fim dela, no quadro de uma redefinição da sexualidade interessada em rasurar toda e qualquer distinção entre ambas as instâncias, para só admitir o gênero em sua performance, isto é, como de saída discursivo, histórico e aculturado. O que não é sem consequência. As performances de gênero passam assim a circunscrever toda a sexualidade e tornam-se uma questão de estilo. Escreve Butler, no capítulo “Atos corporais subversivos” de *Problemas de gênero*, que “a nomeação do sexo é um ato de coerção, um ato performativo institucionalizado, que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva”. E ainda que “o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo”. Antes disso, já havia escrito, no prefácio do livro, que a palavra “*trouble*”, de que lança mão, não precisa ter uma “valência negativa”¹⁶. É desse ângulo que se compreende o particular interesse da teórica pelas *drags*, que passam da “imitação de gênero” para a “dramatização” explícita. De modo que, se ela deplora as circunstâncias do homossexual miserável e performativamente caricato, de que se desprende uma “melancolia gay”, a política sexual pode ser “paródia”, palavra que entra no título e recorre na conclusão de *Gender trouble*, encabeçada pelo enunciado “Da paródia à política”. E de tal sorte que, finalmente, nada nesta resolução do “problema” genérico carrega a carga de um mal-estar mais arraigado que aquele radicado numa tomada de posição contra comportamentos ou performatividades instituídas que aparentam o gênero¹⁷.

É na contramão desse novo enquadramento – parece-nos – que se torna interessante tomar o “Eu nasci assim”. Hoje na boca de muitos LGBTQIA+, não é preciso que o enunciador dessa frase tornada uma espécie de mantra *queer* a pronuncie para que ela se deixe ouvir. Uma escuta atilada a verá insinuar-se sub-repticiamente, por exemplo,

14 J. Butler, *op. cit.*, p. 206-209.

15 J. Butler, *op. cit.*, p. 142-144.

16 J. Butler, *op. cit.*, p. 201.

17 J. Butler, *op. cit.*, p. 9-42.

»
e se o corpo todo protético,
nesse sentido maquinal
e desencantado pela ciência,
quer-se todo próprio?

na crônica da trajetória de um Paul Preciado, leitor de Foucault e de Butler. Afinal, como não a localizar na longa confidência de *Um apartamento em Urano*, se o relato que aí temos de tudo o que Beatriz sofreu na própria pele para transformar-se no rapaz que vemos agora é secundado pela sustentação do caráter voluntarioso e semântico da operação? Se a farmácia que viabiliza essa travessia, confessadamente hormonal, é ocultada sob o manto da revolta pessoal e de um novo discurso? E se o corpo todo protético, nesse sentido maquinal e desencantado pela ciência, quer-se todo próprio? É impossível não ver na produção da masculinidade viabilizada pelo tratamento a que esta lésbica espanhola se submeteu, para reaparecer como Beto, depois como Paul, a onipotência narcísica da criatura que quer coincidir com uma imagem adquirida do modelo do outro. Salta à vista, além do mais, que essa autogeração – que diríamos *farmacopornográfica*, citando o próprio Preciado, quando acusa a violência da medicina – só é levada a cabo para melhor se furtar. Dado o sujeito que fala de sua redesignação sexual no livro, como se não portasse gênero algum, nem destilasse a masculinidade artificiosa da sociedade “tecnopatriarcal” que é o primeiro a combater.

É na mesma linha que vai a hoje amiga de Preciado, no passado o par de Beatriz, e prefaciadora de *Um apartamento em Urano*, a romancista e cineasta francesa Virginie Despentes, outra voz do não binário, que é a primeira a pensar que a garota que se internou num hospital para mudar



*quis-se aqui voltar a Freud
para notar que, se a sexualidade
não se esgota na anatomia,
tampouco se esgota na palavra.
Se assim não fosse, o homem
freudiano não seria trágico*

50

PERCURSO 68 : junho de 2022

de sexo não se estabeleceu em situação alguma: “Você não muda, você se move, mas não muda, estabelecer-se não lhe interessa”, diz ela na apresentação do livro¹⁸. Ficam assim obliterados pela movência não somente as diligências clínicas mas a própria índole médico-legal da travessia, já que, além da redesignação fisiológica obtida com tratamento hormonal, a confiança desta viagem sexual levada a termo culmina com a narração das dificuldades de Beatriz para obter novos documentos em cartório, relatadas pelo cronista que supostamente já não é mais ela. Associe-se a tudo isso a evocação de Preciado, em *Testo Junkie*, de um “farmacopoder” libertador, aí oposto ao que o autor chama “tecnogênero”, em nome da ambiguidade do fármaco, que é ao mesmo tempo remédio e veneno, o que lhe permite continuar sonhando com uma inversão hormonal, de repente, não mais sob o controle da medicina pornográfica¹⁹.

O ponto de inflexão aqui é: deve haver algo mais nessa reconversão que unicamente a prerrogativa de liberdade de um trânsito do gênero vivendo em outro planeta. Dito de outro modo: os acontecimentos em tela não devem ser assim tão epistemológicos a ponto de rasurar a farmácia e a tecnologia que os cercam. Senão, vejam-se estes extratos do diário do autor, tomados livremente numa sequência da Introdução: “Diziam de mim que eu era lésbica”; “No meu caso, a travessia começou em 2004 quando comecei a tomar pequenas doses de testosterona”; “À medida que as doses de testosterona aumentavam as mudanças

ficavam mais intensas”; “Meu novo nome foi publicado, como exige a legislação espanhola”; “A partir de dezembro de 2016 é Paul B. quem assina”²⁰. Há algo de maroto nessa menção a exigências inescapáveis de ordem burocrática externa que acompanham a menção a injeções drogantes de testosterona capazes, por sua vez, de se entranhar na corrente sanguínea para proporcionar o sexo que se almeja.

A título de conclusão

Quis-se aqui voltar a Freud para notar que, se a sexualidade não se esgota na anatomia, tampouco se esgota na palavra. Se assim não fosse, o homem freudiano não seria trágico. Os artistas sempre souberam de alguma coisa sobre isso, como insiste Freud. Cumpre dizer que outras ondas feministas menos *enragées* e mais sensíveis à elegância da equação freudiana também souberam reencontrar nas artes algo da dupla natureza que aflora em nossos inconscientes. Em sua refinada leitura de *Os Pássaros* de Hitchcock – cineasta de que Ismail Xavier nos diz estar na passagem à psicanálise²¹ –, Camille Paglia elabora um instigante nexos entre hecatombe natural e erotismo. Em sua afiada leitura do filme, o casaco de pele animal da protagonista e os *love birds* que carrega até o litoral da Califórnia em que se passa a ação são vistos como continuação indicial de forças sexuais primitivas nunca completamente subjugadas, que são representadas pela mulher, também quando ela chega a Bodega Bay com a testa sangrando, porque foi bicada por uma gaiivota. O aceno é de sangue. Vindo da Londres que acolheu Freud fugido do nazismo e se tornou a sede da psicanálise exilada, Hitchcock sabia alguma coisa da parte do horror do sangue que dispara o corpo da mulher. Por outro lado, como percebe Paglia, ele também sabia algo da sedução feminina que se despreza de sua elegância performática da personagem sendo ela uma virago hitchcockiana dominadora típica. Uma dessas dominadoras de

que o próprio Hitchcock diz a François Truffaut, no *Hitchcock Truffaut*, que é um homem²². Digna dos requintes intelectuais do realizador que apaixonou os Cahiers du Cinéma e a Nouvelle Vague, corpo e alma se fundem nesta nota crítica de uma teórica de gênero, ela também sensível aos poderes do horror: “A mulher é o corvo, seus saltos agulha são as garras da natureza voraz. A carteira de couro preto de Melanie é extraordinariamente longa e estreita, como o estojo de uma carabina fállica”²³.

Os onipotentes da autodeterminação, que supostamente desejam o que querem e vice-versa, e autorizados pela biopolítica tudo põem na opressão das sociedades de controle, fazem *tabula rasa* do tempo que não passa. Isto é, de uma outra cronologia não datada, e de seus rastros. Dito de outro modo, de uma história sincrônica, ou história das ressurgências, que é a aquela que permite à psicanálise filogenética saltar das hordas primitivas para Édipo, e de Édipo para Hamlet, inscrevendo a morte no horizonte do amor. Já que, em última instância, para Freud, é

»
“a mulher é o corvo, seus saltos agulha são as garras da natureza voraz. A carteira de couro preto de Melanie é extraordinariamente longa e estreita, como o estojo de uma carabina fállica”

[F. Truffaut]

a morte que mais reina, extinguindo o desejo e suas eternas figurações. Ora, a morte está na Natureza. Assim como a vida. É do que fala Kristeva, na era da inseminação artificial e da família homoparental, evocando a paixão maternal para ousar tratá-la assim: “Se a maternidade é uma das paixões mais dramáticas e extraordinárias que existem, isso é exatamente por se situar nas fronteiras da biologia e do sentido, da origem e da alteridade, da matriz e da adoção”²⁴.

18 P. Preciado, *Um apartamento em Urano*, p. 15.

19 P. Preciado, *Testo Junkie sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*.

20 P. Preciado, *Um apartamento em Urano*, p. 23-26.

21 I. Xavier, *O olhar e a cena*, p. 83.

22 F. Truffaut, *Hitchcock Truffaut*, p. 18.

23 C. Paglia, *Os pássaros*, p. 27.

24 J. Kristeva, *Poderes do horror*, p. 56.

Referências bibliográficas

- Beauvoir S. (1976). *Le second sexe I, II*. Paris: Gallimard. Col. Folio Essais.
- Butler J. (2019). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Sup. Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Einstein A. (1981). *Como vejo o mundo*. Trad. Mein Weibild. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud S. (2016). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor 1). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* VL. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. O tabu da virgindade. (*Contribuições à psicologia do amor 3*).
- _____. Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Kristeva J. (1987). *No princípio era o amor. Psicanálise e Fé*. Trad. Leda Tenório da Motta. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1980). *Pouvoirs de l'horreur. Essai sur l'abjection*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____. (2019). *Beauvoir Presente*. Trad. Edgar Assis Carvalho. São Paulo: Ed. SESC.
- Paglia C. (1999). *Os pássaros*. Trad. Jussara Simões. Rio de Janeiro: Rocco.
- Preciado P.B. (2020). *Um apartamento em Urano. Crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2014). *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições.
- _____. (2018). *Testo Junkie, Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições.
- Souza P.C. (1999). *As palavras de Freud. O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática.
- Truffaut F. (1993). *Hitchcock Truffaut*. Paris: Gallimard.
- Xavier I. (2003). *O olhar e a cena*. São Paulo: Cosac & Naify.

The phallus and the lack: Notes on sexual reassignments, hormonal interventions and pain without a subject

Abstract In the era of phalloplasties, hormone cocktails and silicone prostheses, Freud's note, in one of his Contributions to the Psychology of Love, about anatomy as destiny becomes current. In fact, if the Freudian equation recognizes the force of nature, which makes us born male, female or, if there is a genetic error, a hermaphrodite, in order to dream of a psychic personality, without the phallus being a male privilege, or the lack of a female, it is worth rethinking the phrase that transsexual activism began to formulate, as if innocently: "I was born this way". The formula reverses the built into false naturalness. It is a matter of emphasizing here that such procedures, crossed by pharmaco-medical technologies, are aligned with the disarming of the pathological categorization of clinical-therapeutic devices by certain post philosophies, turned against the old topics of return to the Self and design of nature of Metaphysics. While perhaps more subtle gender theories point out that we are born male or female and only then do we become such, or not. "We are born a woman but I become a woman": thus, as a psychoanalyst, Julia Kristeva restores the Beauvoirian complication.

Keywords transsexuality; sexual diversity; sex-gender system; Kristeva.

Texto recebido: 04/2022

Aprovado: 05/2022

A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott

Marcia R. Bozon de Campos +
Leopoldo Fulgencio

Resumo A concepção de Winnicott de fantasia e sua relação com o trabalho de *elaboração imaginativa*, inicialmente das funções corporais e posteriormente de outras experiências encarnadas ao longo de toda a vida, nos auxilia na compreensão da constituição do psiquismo a partir da relação com o objeto subjetivo em direção às relações objetivas. Nesse contexto, a *elaboração imaginativa* das funções corporais é considerada um recurso da natureza humana responsável por esculpir a área do informe na qual a criança está imersa inaugurando o esboço de uma narratividade futura.

Palavras-chave fantasia; elaboração imaginativa; Winnicott; integração psicossomática; narratividade.

Marcia R. Bozon de Campos é psicóloga, psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde coordena o Grupo de Leitura: Estudos sobre a obra de Winnicott. Doutoranda no IPUSP, coordenadora e docente do curso de aperfeiçoamento “O corpo na clínica” no Instituto Sedes.

Leopoldo Fulgencio é professor Livre Docente do Departamento de Psicologia da Educação, do Desenvolvimento e da Personalidade do IPUSP.

Muitas das contribuições de Donald Winnicott à psicanálise evidenciam seu esforço em desenvolver a teoria a partir da experiência clínica, buscando construir através de uma linguagem própria um modo de expressão fiel à sua singularidade. Esse cuidado em ser fiel a si mesmo, bem como de dar nomes adequados ao que observava na sua clínica, o levou, muitas vezes, a fazer uso de novos termos que ainda não haviam tido lugar na tradição psicanalítica. Este é o caso do termo *elaboração imaginativa*, proposto para descrever o processo pelo qual o bebê inaugura uma série de experiências vividas a partir de sua corporeidade, incluindo o próprio funcionamento corpóreo e suas diversas sensações. A elaboração imaginativa como concebida por Winnicott seria uma função associada à fantasia, consistindo num recurso da criança para dar sentido, ainda que de forma rudimentar e pré-simbólica, às diversas experiências que envolvem suas funções corporais, sua vitalidade e posteriormente suas experiências existenciais de forma mais ampla. Em sua compreensão, este seria um recurso inerente ao bebê humano, embora dependesse de fatores biológicos, como um tecido cerebral minimamente organizado (o que não ocorreria numa criança acéfala).

Ao longo da vida, no processo de amadurecimento que se finda com a experiência da morte, tanto a elaboração imaginativa quanto a fantasia estarão relacionadas a toda atividade criativa e à capacidade de brincar, considerada por Winnicott como um dos componentes fundamentais na saúde. Para compreendermos essa trajetória que vai do corpo ao pensamento, da dependência absoluta rumo à independência relativa, é fundamental esclarecer o papel da fantasia nos processos de integração, que se inicia no momento do nascimento a



partindo do pressuposto de que o indivíduo cria seu próprio mundo, Winnicott considerava que a fantasia atravessará a experiência da criança desde o início da vida, ocupando um lugar fundamental no processo de apreensão da realidade

54

PERCURSO 68 : junho de 2022

partir do encontro entre bebê e o ambiente, aqui representado pela função maternante, responsável por prover a sustentação necessária para seu desenvolvimento.

A concepção de fantasia por Winnicott

Partindo do pressuposto de que o indivíduo cria seu próprio mundo, Winnicott considerava que a fantasia atravessará a experiência da criança desde o início da vida, ocupando um lugar fundamental no processo de apreensão da realidade. Ora, esse modo de compreender a fantasia se distanciava visivelmente do conceito psicanalítico desenvolvido por Freud, de modo que considero importante, para contextualizar a leitura de Winnicott, introduzir, apenas como ponto de partida, alguns aspectos desse conceito, sem, no entanto, pretender aqui abarcar sua complexidade.

Segundo Laplanche e Pontalis, para compor o conceito psicanalítico de fantasia, Freud retoma, num primeiro momento, os diferentes significados da palavra em língua alemã *Phantasie*, “[...] que designa a imaginação, o mundo imaginário e seus conteúdos, assim como a atividade criadora que os anima”¹.

Mais adiante, nos “Estudos sobre a histeria”, Freud estabelecerá uma equivalência entre a fantasia e aquilo que nomeou como sonhos diurnos,

que consiste numa atividade de criar, muitas vezes inconscientemente, cenas, romances ou ficções, produzidos em estados dissociados da consciência; no artigo “A interpretação dos sonhos”², Freud acrescenta às fantasias inconscientes a ideia de formação de compromisso, compreendendo que tais fantasias (ou sonhos diurnos) seriam utilizadas pela elaboração secundária, mais próxima do estado de vigília. Isso o leva a considerar a relação entre fantasia, desejo inconsciente e sexualidade infantil como bases da compreensão metapsicológica das formações oníricas. Além disso, concebe a existência de fantasias originárias universais referentes à vida intrauterina, à cena originária, à castração e à sedução, atribuindo a elas a organização da vida fantasmática.

Esta articulação com o desejo inconsciente conduz ao entendimento do caráter defensivo da fantasia, como um recurso para lidar com a frustração imposta pelo princípio da realidade.

Numa contextualização bem diferente, Winnicott introduzirá significados diversos ao conceito de fantasia em psicanálise, com base na ideia de que nesse momento inicial a criança tem a necessidade de experimentar a onipotência a partir da ilusão de que é responsável por criar o objeto capaz de satisfazê-la. Afirmo que essa experiência só poderá ocorrer num ambiente sensível e confiável, capaz de adaptar-se ativamente às suas necessidades, fornecendo os subsídios para que se estabeleça uma experiência de mutualidade entre mãe e bebê, na qual a ilusão não é oposta à apreensão da realidade mas o meio de se chegar a ela. É preciso considerar que, nesses primórdios, o universo do bebê se constitui de objetos subjetivos, ou seja, objetos concebidos a partir da experiência de ilusão. Nas palavras de Winnicott, “A fantasia é mais primária que a realidade e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão”³.

Adam Phillips auxilia na compreensão dessa afirmação ao dizer que “Winnicott sugere que o contato inicial do bebê com a realidade externa é possível através do que ele chama de *momentos de ilusão*”⁴, destacando que, no contexto do pen-

samento do autor, a palavra ilusão não se refere a algo enganoso, a serviço de tornar a realidade mais palatável, mas ao único meio de se chegar à realidade.

Na perspectiva do desenvolvimento emocional primitivo introduzida por Winnicott, o processo de integração a partir do qual torna-se possível a apreensão da realidade compartilhada tem início a partir da concepção subjetiva dos objetos criados-encontrados pelo bebê. Nesse contexto, compreendemos que a objetividade terá lugar a partir da experiência subjetiva atravessada pela fantasia, sem a qual não seria sequer possível o contato com aquilo que é externo a si mesmo.

O processo de integração envolve a perspectiva de apreensão das qualidades de tempo e espaço, que decorrem das experiências corporais, principalmente daquelas que envolvem os ritmos que acompanham o aumento de tensão e de relaxamento decorrentes dos estímulos internos e do contato da criança com o corpo materno. Essas experiências possuem as primeiras marcas da subjetividade oriundas da elaboração imaginativa das funções corporais. Nesse processo, os traços sensório-motores elaborados imaginativamente fornecerão as bases para o narcisismo primário, que em Winnicott se refere à unidade mãe-bebê:

deve-se supor os rudimentos de uma elaboração imaginativa emergindo do puro funcionamento corporal, se se quer estabelecer que esse novo bebê humano começou a existir e a acumular experiências que se possam designar de pessoais.⁵

1 J. Laplanche; J-B. Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*, p. 169.

2 S. Freud, *A interpretação dos sonhos*.

3 D.W. Winnicott. "Desenvolvimento emocional primitivo", in *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*, p. 228.

4 A. Phillips, *Winnicott*, p. 125.

5 D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*, p. 60.

6 Piera Aulagnier postula a existência de um processo originário de constituição psíquica, cuja atividade é coextensiva à experiência corporal. Mais precisamente, a atividade do processo originário decorre das excitações provenientes das superfícies sensoriais a partir do encontro com um objeto exterior, sendo que as marcas desse encontro resultam em uma inscrição, um pictograma.

7 D.W. Winnicott, "A criatividade e suas origens", in *O brincar e a realidade*, p. 96.

»
*Winnicott utiliza o termo
apercepção criativa para se referir
à capacidade de percepção
do mundo a partir de um
olhar próprio que se renova
a cada encontro*

Winnicott considera que a elaboração imaginativa das funções corporais é uma característica do "animal humano", responsável por conduzir à integração de experiências singulares, que envolvem as intensidades dos estímulos exógenos e endógenos e seus componentes emocionais, os quais desde o princípio compõem o processo psíquico originário⁶ característico de uma fase pré-verbal que antecede a simbolização.

No artigo "A criatividade e suas origens", Winnicott confere à apercepção criativa a atribuição de sentido ao viver, afirmando ser o que torna a vida digna de ser vivida. "Objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido"⁷. Winnicott utiliza o termo apercepção criativa para se referir à capacidade de percepção do mundo a partir de um olhar próprio que se renova a cada encontro, sem permitir que a submissão ao princípio da realidade conduza à perda da espontaneidade. É a partir dessa possibilidade de olhar o mundo como se fosse a primeira vez que a sensação de estar vivo se presentifica e o viver se colore de sentido. A ausência da apercepção criativa aprisiona o sujeito numa adaptabilidade à realidade na qual impera um estado de submissão que compromete a saúde.

Observamos que a fantasia ocupa um lugar fundamental na constituição do psiquismo infantil,



nessa perspectiva a fantasia se aproxima do funcionamento corpóreo, o que inclui a totalidade do psiquismo rudimentar da criança, em grande parte inconsciente e não estruturado simbolicamente

considerando que, desde a perspectiva do desenvolvimento emocional primitivo, a criatividade primária é desvinculada das satisfações pulsionais. Em minha leitura, embora Winnicott reconheça a importância das pulsões, ele não considera sua centralidade no psiquismo, pois em sua concepção encontrou a necessidade de tecer hipóteses que abrissem lugar para áreas da experiência primitiva e do desenvolvimento do ego que não estejam apenas associadas aos conflitos pulsionais, buscando um espaço para processos psíquicos que envolvam a criatividade e a experiência de self. Nesse sentido, a partir de seu pensamento singular, reconhece fazer um uso distinto da palavra “fantasia” no contexto da psicanálise, destacando que sua compreensão se afasta da ideia de uma fantasia que envolve a imaginação. Em seu entender, a fantasia inclui “aquilo que não é verbalizado, afigurado ou ouvido de maneira estruturada, por ser primitiva e próxima das raízes quase fisiológicas das quais brota”⁸.

Nessa perspectiva a fantasia se aproxima do funcionamento corpóreo, o que inclui a totalidade do psiquismo rudimentar da criança, em grande parte inconsciente e não estruturado simbolicamente. Torna-se nítida a relação com a elaboração imaginativa da função, ambas emergindo das sensações decorrentes da corporeidade num processo contínuo de constituição do psiquismo. Serão

experiências encarnadas – envolvendo a localização do corpo no espaço e a singular relação da criança com o ambiente – que fornecerão o substrato para a fantasia, tecendo a cada momento a trama da integração psicossomática.

Winnicott considera fundamental diferenciar a fantasia da atividade de fantasiar ou devanear, na qual o uso da imaginação tem a finalidade de aliviar a tensão provocada pela realidade frustrante. Ao contrário da fantasia, que é constitutiva do ser em sua descoberta do mundo, o fantasiar representa uma dissociação, uma repetição estéril, que não leva ao desenvolvimento do viver criativo. Como esclarece Phillips numa nota de rodapé em seu livro dedicado a Winnicott:

Para Freud o fantasiar é a consequência inevitável do princípio da realidade e oferece uma área interna compensatória de liberdade. Na obra de Winnicott, o fantasiar permanece um fenômeno isolado, absorvendo energia, mas não contribuindo nem para sonhar nem para viver. É uma solução stupidificante para uma falha precoce de mutualismo com o ambiente, uma atividade mental em que nada acontece.⁹

O fantasiar seria, portanto, uma atividade avessa à criatividade, que na saúde se imprime ao viver em todos os aspectos, permitindo que o indivíduo imprima sua marca pessoal na relação com o mundo, atribuindo sentido à vida.

Nesse contexto, a elaboração imaginativa permeada pela fantasia representa uma primeira expressão da capacidade humana de construção da realidade, nesse primeiro momento a partir de uma concepção subjetiva do objeto. Desde o ponto de vista do observador o bebê está lá, inserido na realidade compartilhada da qual fazem parte os objetos que o cercam, os cuidados que recebe, etc., mas, desde o ponto de vista do bebê, a realidade que o cerca está sendo criada a partir daquilo que ele encontra a seu redor: a sensação do toque do cobertor em sua pele, a temperatura da água de seu banho, a sensação do leite seguindo o caminho desde a boca até o interior de seu corpo, ou a sensação da fome sendo saciada

associada à diminuição de tensão que isso acarreta. Todas essas sensações serão elaboradas imaginativamente, num primeiro momento em termos de catalogação: quente, duro, áspero, etc.; e em seguida, permeadas pela fantasia, numa tentativa de atribuir sentido a cada uma dessas experiências. É importante destacar que, embora a capacidade de elaborar imaginativamente seja concebida por Winnicott como um potencial humano, seu desenvolvimento ocorrerá por meio do trabalho psíquico de um outro, concebido pelo autor como a mãe-ambiente, capaz de sustentar a experiência de ilusão de onipotência fundamental nesse momento inicial da vida que antecede a possibilidade de perceber o objeto como separado de si. Esse processo de criatividade, inaugurado pela ilusão da criação do objeto subjetivo, segue um percurso que levará à experiência do brincar, que por sua vez emerge da elaboração imaginativa em torno das sensações corporais decorrentes das ansiedades relacionadas à percepção da ausência do objeto.

A fantasia de destruição e a sobrevivência do objeto

Ao comentar seu próprio artigo “O uso de um objeto”¹⁰, Winnicott afirma que no início da vida a agressividade está relacionada ao erotismo muscular e não à raiva ou ao ódio, propondo uma revisão dessa questão pela psicanálise. Ressalta a importância da sobrevivência do objeto ante os impulsos destrutivos que a criança dirige a ele, dado que só assim o objeto poderá ser “usado”, o que permitirá a separação entre a fantasia e a colocação real do objeto fora da área das projeções. Mais uma vez podemos observar a relação com os processos corporais que compõem a vitalidade da criança. Nesse momento é a motilidade e suas correspondentes sensações que serão

8 D.W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*, p. 56.

9 A. Phillips, *Winnicott*, p. 95.

10 D.W. Winnicott, “Comentários sobre meu Artigo ‘O uso de um objeto’”, in *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*.

11 D.W. Winnicott, “O uso de um objeto e relacionamento através de identificações”, in *O brincar e a realidade*, p. 126.

»
“o sujeito diz ao objeto: Eu te destruí, e o objeto está ali para receber essa comunicação. Daí por diante o sujeito diz: Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim”
[D. W. Winnicott]

elaboradas imaginativamente, permitindo que essa etapa fundamental do processo de desenvolvimento seja experienciada.

Ao sobreviver, o objeto pode ser amado e passar a ter valor, de forma a continuar sendo destruído na fantasia inconsciente sem que isso se torne uma ameaça. A sobrevivência do objeto permite à criança distinguir entre a fantasia de destruição e sua destruição real, representando um marco no processo de integração. A partir dessa experiência, ela se torna capaz de perceber que existe um meio externo separado de seu mundo interno. Cito Winnicott:

O sujeito diz ao objeto: Eu te destruí, e o objeto está ali para receber essa comunicação. Daí por diante o sujeito diz: Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente). É apenas nesse momento que começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito agora pode usar o objeto que sobreviveu.¹¹

Essa passagem é fundamental para compreendermos a amplitude do conceito de fantasia em Winnicott, pois nela está contida a ideia, tanto da importância da fantasia para o processo de integração, quanto do estatuto da fantasia a partir da aquisição do “status unitário”, que se inicia com a experiência de se perceber integrado.



*a fantasia de destruição resulta,
portanto, da experiência de fracasso
na concepção do objeto subjetivo.
Nesse caso, se o objeto reagir
de modo a reestabelecer
o vínculo de confiança, significa
que ele sobreviveu e poderá,
então, ser amado*

A passagem do estado não integrado para a integração se dá a partir da fantasia de destruição do objeto que a ela sobrevive. Nesse momento, por assim dizer, que antecede à sobrevivência do objeto e à constatação de sua sobrevivência pela criança, estamos nos referindo à fantasia de destruição que surge a partir do desencontro entre o objeto subjetivo e a falha do objeto real que frustra a criança ao não atender sua demanda naquele determinado momento. A fantasia de destruição resulta, portanto, da experiência de fracasso na concepção do objeto subjetivo. Nesse caso, se o objeto reagir de modo a reestabelecer o vínculo de confiança, significa que ele sobreviveu e poderá, então, ser amado. Significa também que o objeto está fora da zona de onipotência da criança onde se situavam os objetos subjetivos, o que permite à criança fazer a passagem do objeto subjetivamente concebido para o objeto objetivamente percebido, que possui seu próprio modo de ser.

Winnicott afirma ser esse o momento em que tem início a fantasia propriamente dita, aqui compreendida como parte de um processo subjetivo no qual a criança pode experimentar a ambivalência de seus sentimentos em relação ao objeto percebido como um outro diferente de si. Este é um contexto diverso do papel mediador com a realidade compartilhada exercido pela fantasia nos primórdios, antes mesmo de o bebê ter a consciência da separação entre dentro e fora, entre eu e o outro. Neste

segundo momento, em que a criança conta com a percepção corporal de uma membrana limitadora representada pela pele, separando seu mundo interno daquilo que já pode ser percebido como externo a si, a fantasia torna-se pessoal, acompanhando a sensação de uma experiência de “ser” integrado como uma realidade interna subjetiva. Este momento do desenvolvimento emocional está relacionado à passagem do relacionamento com o objeto (subjetivo) e o “uso do objeto”, que permitirá à criança habitar o mundo dos objetos.

A compreensão da amplitude do conceito de fantasia em Winnicott nos leva a refletir sobre a questão das relações de objeto. Se por um determinado ângulo é possível conceber que a criança, ao se relacionar com o objeto subjetivo criado pela fantasia, não estaria de fato estabelecendo uma relação de objeto, já que não tem consciência do objeto enquanto alteridade, por outro compreendemos que o objeto subjetivo só pode ser criado na presença do objeto real, de modo que o objeto criado pela fantasia da criança só poderá ser encontrado através da experiência sensorial do encontro entre os corpos.

Nesse contexto, uma questão muito interessante e atual, referente à percepção sensorial do objeto versus a percepção do objeto enquanto alteridade, pode ser colocada. René Roussillon se refere às atuais pesquisas sobre neonatalidade e primeira infância, que apontam para o fato de haver uma percepção muito precoce da presença do outro pelo bebê, contrariando a ideia de que possa existir um estado pré-objetal que antecederia as relações de objeto. No entanto, estabelece uma distinção fundamental entre a experiência de perceber o objeto como separado de si e a de conceber o objeto como outro-sujeito, com desejos e movimentos próprios fora da área de onipotência.

A experiência nos permite descobrir que o objeto é externo, mas externo ao sujeito, aspecto este que pode ser destacado no que proponho chamar de outro-sujeito. Em outras palavras, considerando que, sem dúvida, ambos andam juntos e se produzem no mesmo movimento, conceber o objeto como outro-sujeito é também

conceber a questão do sujeito e, portanto, conceber a si mesmo como sujeito. Sujeito e outro-sujeito fundem-se no mesmo movimento; o que resulta então da experiência é a categoria *sujeito de*, que os neurocientistas chamam de “agente”.¹²

A diferenciação apontada por Roussillon torna-se fundamental para aprofundarmos a compreensão de Winnicott a respeito do relacionamento precoce da criança com o ambiente, pois coloca em destaque um aspecto de grande importância no pensamento do autor: a experiência.

Em sua trajetória partindo da pediatria rumo à psicanálise, Winnicott se valeu de observações clínicas, sempre priorizando o olhar e a escuta para os fenômenos envolvidos nas relações entre a criança e seus cuidadores, de modo que a experiência se constituiu como um balizador para suas hipóteses clínico-teóricas. Ao longo de sua obra, observamos a importância dada às diversas experiências que integram o processo de desenvolvimento emocional, iniciando pela experiência do nascimento; a experiência de self, através da qual o indivíduo experimenta a sensação de estar vivo; a experiência da integração, a partir da qual é possível experimentar o espaço interior separado do espaço exterior pelo envoltório da pele; a experiência do brincar, que permite o acesso ao próprio self, e por fim a experiência da análise, que possibilita, quando necessário, que falhas no desenvolvimento emocional possam ser elaboradas a partir de experiências vividas na transferência no setting analítico.

Como destaca Fulgencio, a noção de experiência está presente na maneira como Winnicott concebe o método psicanalítico. Indo além do propósito inicial de tornar consciente o inconsciente a partir da ressignificação de reminiscências, propõe que experimentar a relação humana sustentada pelo setting analítico e pelo vínculo de confiabilidade no analista possibilitará que o paciente encontre seu verdadeiro self¹³.

12 R. Roussillon, “A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana”, *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 27, n. 2, p. 307.

13 L. Fulgencio. “A importância da noção de experiência no pensamento de D.W. Winnicott”, in *Estudos de Psicologia* n. 28, p. 57-64.

em sua trajetória partindo
da pediatria rumo à psicanálise,
Winnicott se valeu de observações
clínicas, sempre priorizando o olhar
e a escuta para os fenômenos
envolvidos nas relações entre
a criança e seus cuidadores

Winnicott marca a importância da experiência no tempo presente para a evolução do processo analítico, no qual o analista representa uma presença na ausência, que permite ao paciente desbravar os caminhos que o levarão à sua própria construção de sentido. Numa profunda reflexão sobre a capacidade de estar só, refere-se à experiência primordial que ocorre na solidão, estabelecendo uma diferença entre ser isolado e ser solitário. Reflete sobre a existência de um núcleo isolado que compõe o self central (verdadeiro self), afirmando que, no centro de cada indivíduo, há um elemento não comunicável que assim deve ser preservado. A organização de defesas primitivas que comprometerão o desenvolvimento emocional decorre de ameaças a esse núcleo isolado do self, que por sua vez estão relacionadas a experiências traumáticas causadas por falhas ambientais graves, as quais impossibilitam justamente que a criança desfrute da experiência fundamental de criar e encontrar o objeto que atende às suas necessidades.

Na concepção de Winnicott, fantasia, experiência e criatividade constituem três aspectos fundamentais para o desenvolvimento emocional saudável, sendo a elaboração imaginativa o trabalho decorrente das diversas vivências que compõem esse processo e que imprimem no corpo da criança as marcas de tudo o que é experienciado, marcas que acompanharão o indivíduo por toda a vida até o momento de sua morte.





*Bernard Golse elucidada
sobre a construção da narratividade,
argumentando que os processos
precoces de simbolização
estão apoiados numa
dupla ancoragem,
corporal e interativa*

Imaginação, fantasia e construção da narratividade

60

PERCURSO 68 : junho de 2022

Esmiuçar a complexidade dessas experiências iniciais é fundamental para compreender a elaboração imaginativa que emerge da tentativa primordial de, a partir das múltiplas nuances de sensações corporais, esculpir a área do informe na qual a criança está imersa, inaugurando o esboço de uma narratividade futura.

Bernard Golse elucidada sobre a construção da narratividade, argumentando que os processos precoces de simbolização estão apoiados numa dupla ancoragem, corporal e interativa, o que significa que será na imprescindível presença de um outro que as sensações corporais da criança poderão vir a ganhar forma e sentido para se tornarem percepções, acedendo posteriormente ao estatuto do psiquismo. Golse nomeia esses primeiríssimos fragmentos de significação de significantes primordiais, deixando claro que sua origem está aquém “dos cenários fantasmáticos, (processos primários) e das representações de palavras (processos secundários)”¹⁴. Explicita que essa narratividade inicial permite a construção de pares sensoriais contrastantes, por exemplo, o quente como oposição ao frio, o áspero em oposição ao liso, mas isso só poderá ocorrer na presença de um outro, embora nesse momento o objeto ainda não seja percebido pelo bebê.

Nesse sentido, Ogden esclarece que “a habilidade do bebê estar vivo sensorialmente e de fazer discriminações complexas não é a mesma consciência do self ou do outro”¹⁵, pois é justamente a maternagem discreta o suficiente para nem sequer ser notada que proporcionará ao bebê a possibilidade de elaborar imaginativamente suas sensações corporais. Lembremos que, como afirmou Winnicott, no início não existe um bebê isolado, mas uma unidade maternante, formada pelo bebê e pelo ambiente, sendo que inicialmente o processo de desenvolvimento se refere a essa unidade.

Bullinger¹⁶ contribui para o aprofundamento dessas questões, dedicando-se ao estudo do desenvolvimento sensório-motor a partir dos padrões produzidos na interação da criança com seus primeiros objetos. Destaca que, num primeiro momento, no qual ainda não há distinção entre dentro e fora, entre eu e o outro, a própria interação constitui o objeto de conhecimento por parte do bebê. Segundo o autor, os gestos estimulam o surgimento das primeiras “elaborações representativas”, através de representações sensório-motoras do próprio movimento. Estas “representações em ação” são compostas por fragmentos que incluem representações do corpo relacionadas ao funcionamento sensório-motor; representações do objeto envolvido na interação (qualidades sensoriais do objeto); e representações rudimentares do espaço. Bullinger destaca a importância dos componentes sensório-tônicos referentes às variações no tônus muscular, resultantes da modulação de um fluxo que contém componentes afetivos intrinsecamente ligados a essas variações.

Neste momento inicial, no qual a consciência de um envoltório cutâneo ainda não foi constituída, as variações de sensação de consistência do corpo são ligadas a variações emocionais, podendo ser consideradas o início daquilo que se tornará a face interna do envelope do corpo. No processo de amadurecimento, essas variações de consistência serão delimitadas e contidas pela face externa deste envelope, formado através de um diálogo polissensorial, tecido pelas palavras do adulto que nomeiam tais modulações tônicas,

conferindo-lhes sentido. À medida que a criança avança no processo de desenvolvimento, a regulação tônica passa a ser do tipo representativo e permite à criança antecipar o estado do meio ambiente e suas prováveis variações. Essa capacidade de antecipação é responsável, em grande parte, pela estabilização tônico-emocional do indivíduo, desenvolvendo-se gradualmente na primeira infância e permanecendo presente na vida adulta. Bullinger considera que o equilíbrio sensorio-tônico é a condição para o desenvolvimento da atividade psíquica.

A partir dessas considerações podemos indagar sobre o lugar da *elaboração imaginativa* e da fantasia na construção do universo simbólico da criança desde a perspectiva de Winnicott. Considerando que, desde sua concepção, a fantasia antecede a realidade, e a capacidade de elaborar imaginativamente as sensações corporais está presente, ainda que de forma incipiente, desde os primeiros momentos de vida, podemos inferir que a *elaboração imaginativa* antecede a capacidade futura de representar e de simbolizar, constituindo um movimento primordial nessa direção. Nesse sentido, embora a consideração da importância dos gestos como disparador de um trabalho psíquico feita por Bullinger seja interessante para compreendermos o surgimento da psique a partir dos acontecimentos corporais, nos termos de Winnicott caberia chamar esse movimento de *elaboração imaginativa* e não de elaboração representativa como coloca o autor. É importante esclarecer que não se trata apenas de uma questão semântica, mas de um posicionamento em relação à ordem do surgimento da fantasia, da imaginação e da narratividade no desenvolvimento da criança.

Para Winnicott, o surgimento da capacidade simbólica (que pressupõe a capacidade representativa) implica a distinção entre a criatividade primária e a percepção. A ideia de objeto transicional

14 B. Golse, *Du corps à la pensée*, p. 105.

15 T. Ogden, *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico*, p. 179.

16 A. Bullinger, *Le développement sensori-moteur de l'enfant et ses avatars*.

17 J. Laplanche e J.-B. Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*.

»
*a fantasia e a capacidade
imaginativa são compreendidas
praticamente em simultaneidade
uma à outra, sendo a elaboração
imaginativa sinônimo
de fantasia*

vem, justamente, preencher a dimensão espacial/temporal que compõe a travessia feita pelo bebê desde a criação do objeto subjetivo (criatividade primária) e a experiência de percepção do objeto enquanto externo ao self. Nesse contexto, a fantasia e a capacidade imaginativa são compreendidas praticamente em simultaneidade uma à outra, sendo a elaboração imaginativa sinônimo de fantasia. Vemos aqui uma clara distinção em relação ao uso do termo imaginário por Lacan que influenciou e segue influenciando os psicanalistas ligados à escola francesa de psicanálise. Como esclarecem Laplanche e Pontalis¹⁷, a noção de imaginário em Lacan evidencia a ideia de que a prematuridade biológica do bebê humano traz como consequência uma constituição egoica a partir de uma relação especular com seu semelhante, que acarreta, do ponto de vista intersubjetivo, numa relação dual baseada na imagem de um outro. Considerando que, no início da vida, a criança ainda não é capaz de representar seu corpo como uma unidade diferenciada, distinguindo o interno do externo, será só entre o sexto e o décimo oitavo mês, a partir do reconhecimento de sua imagem no espelho, que se dará a apreensão da imagem do corpo próprio. Essa perspectiva introduz a ideia de que a imagem visual é uma condição fundamental para o desenvolvimento psíquico do bebê humano, de modo que as imagens constituem um elemento fundamental e



nesse processo de passagem
da unicidade à trindade,
a capacidade de elaborar
imaginativamente as sensações
corporais fornecerá os sentidos
rudimentares que posteriormente
constituirão camadas
de significados

determinante da realidade psíquica, sendo a partir delas que se dará o nascimento da fantasia. O imaginário será, portanto, o lugar de acolhimento das representações ilusórias que aplacarão, em certa medida, a angústia proveniente das experiências vividas no campo do real.

Aprofundar nessa concepção complexa demandaria maior desenvolvimento, não sendo nosso objetivo neste momento, mas é importante frisar a diferença conceitual e temporal do uso do adjetivo “imaginativa”, relativo à imagem, imaginação, imaginária, etc., que compõem a noção de *elaboração imaginativa*. Em termos conceituais, fica claro que, em Winnicott, a elaboração imaginativa e a fantasia constituem a inauguração do psiquismo, representando partes de um mesmo movimento interno que antecede a percepção do objeto como externo a si, sendo anterior ao momento do reconhecimento da própria imagem no espelho.

Nos primórdios, a presença do outro é sem dúvida fundamental, pois será o ambiente materno suficientemente bom quem fornecerá os subsídios para a “ilusão de unicidade invisível”¹⁸, que proporcionará ao bebê a vivência de um estado imperturbável de ser em progressão, no qual ainda não há necessidade de símbolos (mesmo os mais primitivos), pois ainda não se pode falar em termos de desejo.

Ogden aponta que a passagem da unicidade à trindade é simultânea à transformação da unidade

mãe-bebê em mãe e bebê enquanto objetos. Nessa passagem, o bebê torna-se sujeito e observador da mãe e de si próprio, passando a criador e intérprete de seus símbolos. Esse movimento corresponde à entrada na transicionalidade, marcada pela capacidade da criança de manter um processo psíquico dialético na sua relação com o objeto, que será experimentado simultaneamente como extensão de si mesmo, resultado de sua criação onipotente, e como um objeto externo à sua zona de onipotência. Será a capacidade de manter uma dialética psíquica que conduzirá à transformação da unidade, na qual não havia símbolos, em trindade, numa dinâmica envolvendo o símbolo, o simbolizado e o sujeito intérprete. O espaço potencial proposto por Winnicott corresponde ao “espaço entre símbolo e simbolizado, mediado por um self intérprete, é o espaço no qual a criatividade se torna possível e no qual nós estamos vivos enquanto seres humanos, em oposição a sermos simplesmente reflexamente reativos”¹⁹.

Nesse processo de passagem da unicidade à trindade, a capacidade de elaborar imaginativamente as sensações corporais fornecerá os sentidos rudimentares que posteriormente constituirão camadas de significados, permitindo que a experiência se complete. Esta experiência será atravessada por uma qualidade que já poderá ser considerada como subjetividade. A *elaboração imaginativa* é, portanto, o meio através do qual a criança atribui sentidos e significados às experiências, sentimentos, fatos do mundo interno e do mundo externo, podendo ser associada às representações e ao universo simbólico, tanto na saúde como na patologia. Sem o trabalho de *elaboração imaginativa*, a experiência perderia seu significado humano, no qual uma coisa vivida dá suporte a outra, embora não seja a outra, de modo que a criança estaria aprisionada na concretude de suas sensações.

Bernard Golse situa a construção da narrativa em relação à descoberta do objeto, na passagem do objeto subjetivamente concebido com o objeto objetivamente percebido, considerado que a identificação das sensações corporais por parte do bebê (cuja inscrição psíquica dará

origem às percepções) não tem nenhuma ligação com o registro do imaginário, preferindo utilizar a expressão “elaboração fantasmática” e não “imaginativa” para pensar as raízes da narratividade. A “elaboração fantasmática” consiste num esboço da narratividade sobre a presença e a ausência do objeto e, sobretudo, sobre a distinção que está surgindo entre o objeto subjetivo e o objeto objetivo. Golse parece atribuir à palavra imaginativa um sentido contíguo ao conceito de imaginário como proposto por Lacan. Esse sentido diverge da compreensão de Winnicott, que retoma a relação entre a atividade imaginativa e a fantasia como desenvolvida inicialmente por Freud a partir do significado da palavra *Phantasie* na língua alemã, muito embora, como já apontado anteriormente, tenha redescrito o conceito de fantasia em psicanálise, repensando o lugar e a função da fantasia no funcionamento psíquico desde uma perspectiva própria.

A fantasia em sua relação com o trabalho de *elaboração imaginativa*, inicialmente das funções corporais, ampliando-se para outras experiências encarnadas ao longo de toda a vida, nos auxilia na compreensão da constituição do psiquismo a partir da relação com o objeto subjetivo em direção às relações objetais, possibilitando a atribuição de sentido aos acontecimentos corporais, favorecendo a integração psicossomática.

Esse aprofundamento contribui para a clínica psicanalítica contemporânea, constantemente desafiada pela incapacidade de tantos pacientes, sejam eles somatizadores, adictos, depressivos ou borderline, de encontrarem palavras para comunicar seu sofrimento, aprisionados no deserto da precariedade de representações que impede a livre associação e as equações simbólicas.

Winnicott se refere à integridade psicossomática do analista, que ao interpretar deve ser

»
*a fantasia em sua relação
com o trabalho de elaboração
imaginativa nos auxilia
na compreensão da constituição
do psiquismo a partir da relação
com o objeto subjetivo
em direção às relações objetais*

capaz de mobilizar seu pensamento sem dissociá-lo de seu funcionamento psicossomático, apontando para a necessidade de o analista ser capaz de acompanhar os ritmos que envolvem a comunicação e a não comunicação por parte do paciente durante a sessão, sustentando o aspecto não comunicante do paciente sem interpretá-lo como resistência. Esse manejo clínico propicia que o paciente vivencie a sessão como um encontro de corpos no espaço, sustentado pela presença do analista, que envolve, além da escuta flutuante, a atenção dirigida aos sinais emitidos pela corporeidade (do paciente e às suas próprias), como a respiração, as alterações do tônus muscular e as variações rítmicas que embalam o encontro.

A transferência é expandida a partir da inclusão do campo sensorial no encontro analítico e o analista é convocado a elaborar imaginativamente suas próprias sensações corporais advindas em parte do acesso ao material fornecido pelo paciente. Nessas condições, o caminho que conduz das sensações ao pensamento ainda está por ser construído no interjogo entre analista e paciente, ampliando-o para além das palavras.

18 T. Ogden, *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico*.

19 T. Ogden, *op. cit.*, p. 201.

Referências bibliográficas

- Bullinger A. (2015). *Le développement sensori-moteur de l'enfant et ses avatars. Tome 2 – L'espace de la pesanteur, le bébé prématuré et l'enfant avec TED* (Èrès Ed.). Toulouse, France: Èrès.
- Freud S. (1895d). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, p. 13-328). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1900a). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 4-5, p. 11-647). Rio de Janeiro: Imago.
- Fulgencio L. (2011). A importância da noção de experiência no pensamento de D. W. Winnicott. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 28, p. 57-64.
- Golse B. (1999). *Du corps à la pensée*. Paris: PUF.
- Laplanche J. (2016). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche J.; Pontalis J-B. (1986). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ogden T.H. (1986). *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico*. São Paulo: Blucher & Karnac.
- Phillips A. (2006). *Winnicott*. São Paulo: Ideias & letras.
- Roussillon R. (2020). A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 27, n. 2, p. 291-311.
- Winnicott D.W. (1945d/2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (p. 218-232). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1965b). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth.
- _____. (1965j/1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação* (p. 163-174). Porto Alegre: Artmed.
- _____. (1969i/1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade* (p. 121-131). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971h/1975). Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In *O brincar e a realidade* (p. 45-58). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1989a/1994). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Trad. J.O.A. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1989vi/1994). Psicose na Infância. In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (p. 53-58). Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1989vu/1994). Comentários sobre meu Artigo "O uso de um objeto" (Parte VI do cap. 34). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (p. 185-186). Porto Alegre: Artes Médicas.

The notion of imaginative elaboration and the conception of fantasy in the work of Winnicott

Abstract Winnicott's concept of fantasy and its relation to the work of imaginative elaboration, initially of bodily functions and later of other experiences embodied throughout life, helps us to understand the constitution of the psyche from the relation with the subjective object towards the objective relations. In this context, the imaginative elaboration of bodily functions is considered a resource of human nature responsible for sculpting the area of the report in which the child is immersed inaugurating the sketch of a future narrativity.

Keywords fantasy; imaginative elaboration; Winnicott; psychosomatic integration; narrativity.

Texto recebido: 03/2022

Aprovado: 05/2022

Elaboração imaginativa: Protolinguagem e protopensamento

Uma interlocução com Marcia Bozon – “A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott”

Renata Udler Cromberg

Querida Marcia,

Antes da segunda leitura de seu texto deparei com um artigo científico¹ surpreendente. Começava com a história de um homem que havia sentido dor na perna esquerda, e seus médicos descobriram através de exames neurológicos e de imagem que sua caixa craniana estava lotada de líquido espinal, mas continha muito pouco tecido cerebral. Ora, esse homem era um servidor civil que tinha uma família de dois filhos e funcionava perfeitamente bem na vida. Na anamnese médica descobriu-se que ele havia tido na infância um problema de líquido espinal na caixa craniana, que aos 7 anos recebera um implante regulador do líquido e aos 14, não sendo mais necessário, o mesmo fora retirado. Vinte anos depois fez-se a constatação de que sua caixa craniana estava ocupada por líquido, que o tecido cerebral era mínimo e, no entanto, ele funcionava perfeitamente bem. O artigo segue reconstruindo experimentos com platelmintos, com secção e reconstituição de cabeças ao longo da segunda década do séc. XXI, para chegar à conclusão de que a memória não está localizada no cérebro, mas disseminada pelo corpo: a memória é corporal. Não haveria perda de memória desde o nascimento, ela estaria sempre no corpo. O artigo afirma ainda que processos animais em hibernação reduzem até quase zero a memória e a capacidade cerebral, mas a saída da hibernação reaviva toda a memória. No caso do homem em questão, todos os traços de memória do comportamento aprendido foram retidos fora do cérebro e chegou-se à conclusão nestas pesquisas de que todos os principais mecanismos pelos quais os nervos funcionam, dos neurotransmissores às sinapses elétricas, existem através das células e tecidos do corpo e não só no cérebro.

Resumo Este artigo é resultado do comentário ao artigo de Marcia Bozon, “A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott”. Aborda a questão da memória corporal e a ideia de que a mente é fluida e adaptável, encorpada mas não encapsulada no cérebro. A memória que se constitui a partir do nascimento envolve a elaboração imaginativa do corpo e a constituição da fantasia que nos acompanha a vida toda. O artigo faz uma ponte entre o conceito de destrutividade em Winnicott e em Sabina Spielrein, em ambos a serviço da transformação, como qualidade do vivo e do vital. Porque a ordem vital é assim, o amor é um valor acompanhado da função destrutiva inconsciente sem ser ameaça. Após expor as teorias de Spielrein sobre o surgimento da linguagem proponho que a elaboração imaginativa é uma proto linguagem e um proto pensamento. Argumento com os achados de Spielrein sobre o nascimento do pensamento que antecede o pensamento inovador winnicotiano sobre a mente e o psicossoma. Para Winnicott e para Sabina a criatividade é primária. Teço considerações sobre a atualidade do trabalho de Winnicott e de Sabina Spielrein sobre a importância da elaboração imaginativa do corpo e do cinestésico-visual e da função de ensinar as crianças a ver.

Palavras-chave fantasia; elaboração imaginativa; Winnicott; integração psicossomática; proto pensamento, proto linguagem; memória corporal; destrutividade e criatividade.

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é membro articulador do Grupo de Leitura: Estudos sobre a obra de Winnicott. Doutora e pós-doutora em Psicologia Social pelo IPUSP. Professora convidada do curso de Teoria Psicanalítica do COGAE/PUC. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi e da International Association for Spielrein Studies. Autora dos livros *Paranoia, Cena Incestuosa: Abuso e violência sexual* (ambos pela Ed. Artesã) e *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise – Obras completas*, volumes 1 e 2 (Ed. Blucher).

1 J. Cepelewicz; Quanta Magazine, “Brain Maps are a trap”, *The Atlantic*.



*no começo da pandemia,
utilizei muito para mim, para a família
e para os analisandos a palavra
hibernação. Autorizei a vontade
de dormir de pacientes graves,
o meu adiamento de qualquer
esforço intelectual por seis meses e
os processos regressivos lentificados
e lentificadores*

66

PERCURSO 68 : junho de 2022

No começo da pandemia, utilizei muito para mim, para a família e para os analisandos a palavra hibernação. Autorizei a vontade de dormir de pacientes graves, o meu adiamento de qualquer esforço intelectual por seis meses e os processos regressivos lentificados e lentificadores que tinham por objetivo preservar a vida e o vivo da vida através da alimentação, da conexão com o corpo e seus processos de cuidado e autocuidado diante do risco da morte biológica e psíquica pelo impacto de um mundo externo que de repente se tornou tão hostil. Li nesse artigo que a hibernação é um período de grande reorganização para o cérebro, um estado de inatividade e de depressão metabólica em animais de sangue quente. Há um encolhimento do sistema nervoso central que se recupera na saída da hibernação, deixando as memórias intactas. Sobretudo as memórias sociais. Durante a hibernação há uma autofagia e se destrói o que não é necessário à manutenção. Todas as nossas experiências, da concepção em diante, apesar de não serem sempre acessíveis, persistem ancoradas em nossa mente corporal e nas mudanças que nossos corpos sofrem com o envelhecimento. As memórias das metamorfoses e neogêneses persistem, bem como as memórias dos estágios precoces da existência, nossos gostos, nosso conhecimento de vida, o que se deve às células e tecidos corporais e persistem ancorados

nessa mente corporal. O artigo conclui que, conforme evidências sugerem, aspectos da inteligência e da consciência tradicionalmente atribuídos ao cérebro usam os mesmos mecanismos moleculares para a memória corporal usados pelo cérebro. Podemos dizer que a mente é fluida e adaptável, encorpada mas não encapsulada no cérebro.

Desde o susto do começo da pandemia, a morte e o respirar passaram a ser os significantes diretores do planeta. E o contato, um recontato com as necessidades básicas de sobrevivência e aquilo que era necessário para isso, passou a vigorar acima de qualquer coisa. Compreendemos como foram grandes, para a preservação da vida, as aquisições de higiene que o homem fez há não mais de trezentos anos. Descobrimos com horror a extensão da desigualdade social, o abismo que sempre existiu (mas que imaginávamos muito menor) e todos os males da desinformação e da ignorância que privam a maioria da população de boas condições de vida, do que costumamos chamar de “boas condições de temperatura e pressão”.

Começo por aí, pinçando um elemento que você traz em seu texto: a elaboração imaginativa e a fantasia inauguram o psiquismo humano como partes de um mesmo movimento interno inerente ao bebê humano desde que exista um cérebro saudável e um ambiente de sustentação. Winnicott faz essa observação sobre o cérebro saudável no começo de *Natureza humana*², e você sabe que me encanta este livro por seu nome e por seu conteúdo, uma bíblia de seu pensamento clínico e paradoxalmente uma bíblia não reificadora inconclusa e em aberto.

Então agora sabemos que todas as incríveis descobertas winnicottianas valem também para cérebros não saudáveis, e até para além de qualquer cérebro.

Já há muito tempo acho que a psicanálise é o eixo central, ou melhor, o furo, a espiral central dos saberes e celeiro das descobertas – eu a reencontro nas mais autênticas descobertas científicas de outros campos.

Divagando reflexivamente e criativamente pelo impacto profundo que a leitura de seu texto propiciou em mim, elaborei uma nova posição

sobre o saber psicanalítico. Eu antes gostava de valorizar o lado da singularidade e da subjetivação, e dizia do ofício de psicanalista, da arte do psicanalista problematizando o aspecto de ciência ou o lado epistemológico da psicanálise como secundário, porque o que contava era a experiência sempre em aberto, singular e surpreendente que a escuta clínica do sofrimento humano propiciava.

Ontem, alguma coisa mudou: a psicanálise é para além da arte do singular também uma ciência do universal e das mais importantes. Ela tem vocação de eixo porque mergulha nos primórdios do psiquismo animal e humano e sua constituição, refinando cada vez mais seu conhecimento. Ciência universal, mas um universal complexo e diverso que se constitui sempre na fluidez e maleabilidade da transicionalidade. Então, se seu trabalho teórico-clínico visa à compreensão de sintomatologias contemporâneas, sugiro pensar que ele vai além. Pensar a constituição do psiquismo nos primórdios com o detalhe que sua reflexão propõe aponta para uma psicanálise trans-humana e transdisciplinar na compreensão da relação homem-máquina. A biotecnologia impõe avanços paradigmáticos que os conceitos winnicottianos (sobretudo os de experiência, paradoxo e transicionalidade) talvez esteiem, de modo especial em um mundo pautado pelo funcionamento de sistemas complexos de interação. Winnicott é o genial inventor dos novos tempos junto com outros cientistas físicos e bioquímicos, em devir com Freud, Ferenczi e Sabina Spielrein.

Seu texto fala justamente da memória corporal a que o artigo sobre hibernação alude. A memória que se constitui a partir do nascimento envolve a elaboração imaginativa do corpo e a constituição da fantasia que nos acompanha a vida toda. O que é o envelhecimento senão a possibilidade de elaborar imaginativamente um corpo que se transforma, mas que paradoxalmente sempre

»
*o que é o envelhecimento
senão a possibilidade de elaborar
imaginativamente um corpo
que se transforma, mas que
paradoxalmente sempre renasce
se bem cuidado pelo ambiente?
O idoso, pode-se dizer,
é um jovem que deu certo*

renasce se bem cuidado pelo ambiente? O idoso, pode-se dizer, é um jovem que deu certo. É genial quando Winnicott diz que envelhecer é crescer para baixo, para caber no buraco da morte. Porque a morte é retorno, desvanecimento para haver renascimento na continuidade das gerações. Não existe morte inorgânica como queria Freud. Enquanto houver fungos e vento, os organismos mortos se transformam imediatamente em matéria viva recompostos por um outro. Mesmo a pedra é um organismo em constante transformação em seu ciclo geológico; não é inorgânica e ponto final.

O lugar da destrutividade para Winnicott, como você coloca, demorou a ganhar forma. E só o conseguiu a partir da reflexão sobre o uso do objeto que você traz tão bem: no início da vida, a agressividade está relacionada ao erotismo muscular e não à raiva e ao ódio. A qualidade nova destrutiva está ligada ao fogo e ao ar do indivíduo e é simplesmente um sintoma de estar vivo, que nada tem a ver com a raiva desse indivíduo e com as frustrações que pertencem ao encontro do princípio de realidade. A premência destrutiva muito inicial tem uma função vital. Ela faz parte da eterna transformação a que os organismos estão sujeitos por viver e manter a vida viva.

Aqui Winnicott segue Sabina Spielrein em *A destruição como causa do devir*³. E você vai me

2 D.W. Winnicott, "O psicossoma e a mente", in *Natureza humana*, p. 29-32.

3 S. Spielrein, "A destruição como causa do devir", in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise, obras completas v.1*, p. 255-310.



*o preço de viver uma vida
no mundo dos objetos
é a aceitação da destruição
continuada na fantasia inconsciente
relativa ao relacionamento
com os objetos, diferença
entre destruição real do objeto
e fantasia de destruição*

68

PERCURSO 68 : junho de 2022

ouvir muitas vezes falar de Sabina Spielrein, porque no devir a ponte entre os dois é inevitável para mim. Porque agradou-me imensamente a forma com que você trabalhou a bibliografia que é uma posição intelectual e de compreensão de Winnicott na história da psicanálise. Winnicott é seu eixo, mas você o coloca desde início em relação com Freud. Ou seja, não existe Winnicott sem Freud, e foi por causa da aproximação com o pensamento freudiano que Winnicott se tornou Winnicott. E Winnicott fertilizou muitos pensadores entre os quais você traz Roussillon, Ogden, Golse e Sullivan, que ampliaram a compreensão das realidades observadas por Winnicott em proveito do conhecimento clínico teórico.

Para Spielrein, a destrutividade é um componente da pulsão de conservação das espécies porque, para surgir o novo, há que destruir o antigo, por mais horror que isso cause ao aspecto autoconservador da existência. A transformação assim o exige. Ela parte do eternamente sendo da mãe/mar primordial que nos habita, incognoscível mas para o qual retornamos e nos desvanecemos para então nos diferenciar criativamente em obra de arte, sonho, encontro sexual e palavra. Vemos em Spielrein o mesmo papel da ambivalência constitutiva que você aponta em Winnicott. Pois, a partir da destrutividade vital inicial, é necessário um outro que acolha, segure junto ao peito

contendo a crueldade destrutiva fragmentadora e vitalmente explosiva para que ela se organize em vida humana na terra. O outro materno é antes de mais nada aquele que sobrevive. Em primeiro lugar fisicamente. E sabemos que a mãe é a mais frágil durante as incríveis transformações que a gravidez traz em seu corpo. A alta mortandade materna até o século XIX trouxe tantos contos de fada de madrastas cruéis que correspondiam às novas esposas dos viúvos de mulheres mortas no parto. Não há catástrofe maior e marca mais dolorosa do que uma mãe que morreu no parto, por melhores que tenham sido seus substitutos. Assim como um filho natimorto é uma marca inapagável no corpo de uma mulher. O amor é, portanto, um trabalho sobre a crueldade inicial, mas desde o início, como você aponta, em Winnicott não existe eu te amo sem que o eu te destruo habite o inconsciente. Porque a ordem vital é assim, o amor é um valor acompanhado da função destrutiva inconsciente sem ser ameaça. Eu te amo = Eu te destruo. O preço de viver uma vida no mundo dos objetos é a aceitação da destruição continuada na fantasia inconsciente relativa ao relacionamento com os objetos, diferença entre destruição real do objeto e fantasia de destruição, você nos alerta. É isso que vai proporcionar um marco no processo de integração da criança, onde um mundo interno vai se diferenciar do mundo externo. E você coloca aí nesse momento o início da fantasia para o indivíduo. O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu. Portanto podemos dizer, com você, que o primeiro tempo do sujeito é o sujeito da fantasia de destruição. Movimento que tende a colocar o outro fora e, portanto, libertar-nos do outro e de ser sujeito da fantasia do outro. Movimento de separação eu – outro que tende à não submissão ao outro. Movimento que tende à integração criadora de um si mesmo vital inicial que procura a liberdade de se transformar criativamente. Há um longo percurso até poder enxergar na presença do outro, no outro, um sujeito diferente de mim.

Portanto, agora podemos entender o escopo de seu trabalho: a importância da fantasia para o

processo de integração a partir da aquisição do status inteiro pela experiência de se perceber integrado. Foi a partir de Winnicott que comecei a achar agora o mundo conceitual kleiniano, com seus objetos parciais, mais divertido, brincalhão. Assim as fantasias sádicas em relação ao corpo materno têm essa função libertadora do corpo materno fundamental para a integração de um si mesmo separado da mãe, zona secreta ao outro, pura força cósmica e vital com as marcas da elaboração imaginativa do próprio corpo a partir do magma do outro materno, marca misteriosa original.

Tive um momento epifânico através da fala de um analisando há algumas semanas. Ele nos trouxe a palavra japonesa Umami, que é o quinto gosto. Se o salgado, o doce, o azedo e o amargo ocupam parcialidades diferentes da língua, diferentes papilas gustativas, o umami ocupa a língua toda e determinadas comidas produzem este paladar excepcional. Umami, ur-mami, mãe originária. O gosto originário que envolve toda a língua é o bico do seio materno que envolve a língua do bebê, o gosto leite/seio. Começamos na terra com Umami e, quando ele não existe, começamos quase colapsando. Já o desmame é uma forma dolorosa de necessariamente matar a mãe ao se separar de seu corpo e morrer um pouco, embora seja também a forma de correr o risco de viver a própria vida e não viver a vida na mãe e pela mãe, conquista gradual de todos os seres animais, sendo a do animal humano a de ritmo mais lento.

A elaboração imaginativa do próprio corpo, como você tão bem colocou, começa pelos contrastes de sensações que o corpo traz, calor/frio, molhado/seco, o gosto do leite e a boca sem gosto e também o registro do que vem do corpo do outro. A malemolência de sensações que vem de algum lugar do corpo do outro e que produz as sensações agradáveis que se busca repetir. O holding

4 S. Spielrein, "A origem das palavras infantis 'papai' e 'mamãe'; algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem", in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise, obras completas v. 2*, p. 267-296.

»
*assim que o bebê é acolhido
está presente a voz da mãe.*

*A língua materna é antes de tudo
som, ritmo, tom, ato de fala.*

Antes de ser significado.

*Fonema, poema, antes de ser
linguagem comunicável*

materno é o prolongamento das sensações uterinas de continuidade, e no início a mãe é o bebê. Não existe bebê sem mãe, como Winnicott e Sabina Spielrein apontaram. A comunicação entre o bebê e sua mãe ainda no útero vai a tal ponto que o bebê emite uma substância sinal para que o útero consiga emitir a substância que desencadeará a destrutividade vital expulsiva do parto.

Mas assim que ele é acolhido está presente a voz da mãe. A língua materna é antes de tudo som, ritmo, tom, ato de fala. Antes de ser significado. Fonema, poema, antes de ser linguagem comunicável. Mágica dos afetos antes de ser sentido abstrato. Convocadora da fala do outro, do bebê, o mistério da língua materna vem das profundezas do inconsciente e da alteridade, mistério da força humanizante que nos constitui, essa língua amorosa materna de presença corporal fundamental. É sobre isso que escreveu Sabina Spielrein em seu texto *A origem das palavras infantis papai e mamãe – Alguns estágios da linguagem infantil*⁴. Ali, entre outras coisas ela dirá que a linguagem surge com a ajuda do outro, do adulto por meio do apelo da criança. A língua nasce da interrelação entre o bebê e a mãe. O "mamama" e o "papapa" vêm do mamar. Mas antes mesmo dos fonemas *ma* e *pa* a linguagem se apresenta em suas formas não verbais, como melodia, ritmo, intervalos de silêncio, mímica, gestos, linguagem



*para Sabina Spielrein,
o pensamento lógico abstrato
não é um estágio superior
do pensamento que elimina
os estágios anteriores,
mas é acompanhado em paralelo
por um pensamento orgânico,
imagético, cinestésico-visual*

70

PERCURSO 68 : junho de 2022

visual. A linguagem verbal se instala na criança através do outro. E posteriormente se torna predominante, mas traz em si sua origem não verbal. Se ela for apenas linguagem verbal será descorticada, ou seja, cindida de sua fonte cinestésica nos movimentos corporais e das imagens desses movimentos e do prazer que eles dão à criança. Mas se a linguagem permanecer apenas em seus primórdios como linguagem autoerótica destinada a si mesmo, ela permanece autista, o estado inicial da linguagem. A partir da articulação da linguagem com a abertura ao outro, ao mundo, momento em que a linguagem se torna heteroerótica, na percepção desse outro e do mundo por meio do princípio do prazer e do princípio de realidade, ela pode conceituar os três tipos de linguagem: a linguagem autista destinada a si mesma, a linguagem mágica destinada ao outro, mas onírica, carregada de interpretação fantasística, de desejo do mundo, na qual a palavra recebe um superssignificado que conjura a realidade, e a linguagem social, destinada à comunicação com o outro, de quem se percebe a dependência e capaz de suportar adiamento e frustração, levando em conta o mundo por meio do princípio de realidade. Somente com o advento da linguagem verbal o homem se torna um ser social. No início do verbo há uma ação específica: o mamar, origem do pensamento e da linguagem. Não é o acaso que

determina a linguagem incipiente, mas a vida afetiva e psíquica, a vida corporal, e não a biológica e epistemológica.

Antes de continuar com o pensamento de Spielrein para em seguida retornar ao seu, gostaria de propor uma coisa: a elaboração imaginativa é uma proto linguagem e um proto pensamento.

Para isso vou evocar o último texto de Sabina Spielrein conhecido até agora, de 1931, *Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. Estudos sobre as representações cinestésicas subliminares*⁵. Para ela o pensamento lógico abstrato não é um estágio superior do pensamento que elimina os estágios anteriores, mas é acompanhado em paralelo por um pensamento orgânico, imagético, cinestésico-visual, enraizado no corpo e em sua percepção por meio da psique que impede a desconexão corpo/mente, mundo interno/mundo externo. Aquilo que ela diferencia entre pensamento corticado e pensamento descorticado, tomando emprestado termos que evidenciam sua vocação transdisciplinar para integrar a psicanálise com alguns conhecimentos disponíveis então. O pensamento corticado une o córtex, sede do pensamento consciente lógico-racional, pensamento direto que lida com a realidade exterior ao subcórtex, sede do pensamento não consciente, subliminar, cinestésico-visual, ligado às sensações e afetos e ao inconsciente. A partir da pergunta – como pensamos –, ela mostra a importância fundamental do pensamento cinestésico visual e da imagética no papel do pensamento. Ela traz exemplos de cooperação do ato de pensar verbal e imagético e fala da importância do desenho de olhos abertos e fechados para diagnóstico, prevenção de sofrimento psíquico, bem como o uso pedagógico.

Em 1949, será Winnicott quem formulará, em *A mente e sua relação com a psique-soma*⁶, que a mente não é uma entidade desde os primórdios da existência psicossomática, ela é uma especialização da parte psíquica; ele define a psique como uma elaboração imaginativa de partes, sentimentos e funções somáticas, isto é, da vivência física. Já em 1945, em *Desenvolvimento emocional primitivo*⁷, ele tinha colocado a interrelação entre a

psique e o soma constituindo a fase inicial do desenvolvimento do indivíduo. Mas é o corpo vivo que é o cerne do self imaginativo.

E é isso que você traz como o solo inicial e final de sua reflexão: a elaboração imaginativa como recurso da natureza humana que propicia a atribuição de sentido aos acontecimentos corporais, favorecendo a integração psicossomática. A elaboração imaginativa é o fenômeno pelo qual o bebê dá sentido a uma série de experiências vividas a partir de sua corporeidade, incluindo o próprio funcionamento corpóreo e suas funções. Será que não podemos pensar que até mesmo as fantasias originárias freudianas têm uma origem corporal e não meramente um caráter defensivo representativo estruturador do psiquismo? O útero, a concepção, o corte com e do objeto e a sedução pelo outro sendo experiências corporais que carregamos desde a formação do ovo? Assim estaríamos indo ao encontro do que você frisa como a concepção winnicottiana da fantasia: a fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão. Desde os primórdios, a ilusão é o único modo de chegar à realidade. E eu acrescentaria: porque ela é que permite a experiência de continuidade do eternamente sendo do self verdadeiro que é o núcleo do vivo da vida. É disso que estamos tendo que cuidar o tempo todo na pandemia de forma a prevenir – e cuidar de – melancolizações. E aqui você me proporcionou outro encontro entre Winnicott e Spielrein, quando afirma que a elaboração imaginativa e a fantasia dão o sentido ao vivido e a confiança em si mesmo necessária para a integração psicossomática, e assim fazendo permitem o sonho e a atividade criativa capazes de transitar entre o presente, o passado e o futuro,

- 5 S. Spielrein, “Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. Estudos sobre as representações cinestésicas subliminares”, in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise, obras completas* v. 2, p. 407-454.
- 6 D.W. Winnicott, “A mente e sua relação com o psique-soma”, in *Da pediatria à psicanálise*, p. 409-426.
- 7 D.W. Winnicott, “Desenvolvimento emocional primitivo”, in *Da pediatria à psicanálise*, p. 269-286.

»
*desde os primórdios, a ilusão
é o único modo de chegar
à realidade. E eu acrescentaria:
porque ela é que permite
a experiência de continuidade
do eternamente sendo
do self verdadeiro*

propiciando o devir, que é movimento, transição, transformação, trabalho através da imagem fantasiada/criada.

Para Winnicott, bem como para Sabina, a criatividade é primária. Aqui sugiro que você inclua a nota sobre apercepção criativa no texto porque é central e não secundária. Pois ela é a capacidade de percepção do mundo a partir de um olhar próprio que se renova a cada encontro sem permitir que a submissão ao princípio de realidade conduza à perda da espontaneidade. A ilusão aí constituída é simplesmente olhar o mundo como se fosse a primeira vez, olhar que a sensação de estar vivo presentifica e, então, o criativo viver se cobre de sentido. Não sei se a criatividade primária é desvinculada dos conflitos institucionais e das satisfações pulsionais. Temos que avançar nessa discussão. Mas entendo a diferença que você estabelece entre a fantasia que é constitutiva do ser em sua descoberta do mundo e o fantasiar que é uma dissociação, uma repetição estéril que não leva ao desenvolvimento do viver criativo. E assim a fantasia pode ser área de liberdade ou prisão mental.

Para Winnicott, assim como para Deleuze, o sentido é anterior à significação. O sentido parte da sensação para a integração psicossomática e um viver intensivo no corpo. É anti-idealista e corpóreo. A significação é idealista e mental e pode



*digamos que a transicionalidade
é o lugar terceiro do olhar
que desencontra o espelho
e se desencontra do olhar da mãe
para criar o transe, um olhar
em transe que permitirá
a separação sem se separar*

72

PERCURSO 68 : junho de 2022

fechar circuitos simbolizantes ao invés de abrir as cadeias associativas de significantes enraizados na memória corporal e não apenas mentais.

Seria interessante trabalhar também Ferenczi e Winnicott quanto à diferença de concepção dos diversos estágios de acesso à realidade de Ferenczi, que elimina a onipotência primária e a ilusão de onipotência sustentada pela mãe ambiente que antecede a possibilidade de perceber o objeto como separado de si. E que, em Winnicott, deve perdurar a vida inteira para que o viver não seja submissão estéril à realidade, mas criação de um estar no mundo com uma marca pessoal.

Enfim, muitas outras pequenas observações eu poderia fazer dessa leitura tão estimulante, mas prefiro finalizar sugerindo a você um aprofundamento numa questão do final de seu texto: gostaria que você complexizasse mais a discussão entre a capacidade imaginativa em Winnicott e a concepção de imaginário em Lacan, sobretudo entre o rosto da mãe como espelho e a fase do espelho. Você diz que a capacidade imaginativa data de um momento que antecede a percepção do objeto como externo a si e que é anterior ao momento do reconhecimento da própria imagem no espelho. Penso que você poderia dialetizar mais em proveito de um avanço na psicanálise. Seria interessante retomar o artigo de Roussillon sobre narcisismo primário da *Percurso* para trabalhar o

narcisismo primário e avançar nesta questão do espelho que reúne as perspectivas winnicottianas e lacanianas. O rosto da mãe como espelho conversa com o estágio do espelho e traz, como será explorado mais tarde por Green, a questão da ausência no olhar materno que torna sua presença morta e mortífera, invocando defesas arcaicas de submissão. Pois, segundo você traz de Ogden, só na transicionalidade o sujeito é criador e intérprete de seus símbolos como observador de si próprio e da mãe. Digamos que a transicionalidade é o lugar terceiro do olhar que desencontra o espelho e se desencontra do olhar da mãe para criar o transe, um olhar em transe que permitirá a separação sem se separar, o nham nham de um seio que não está mais ali, mas ainda está recriado na ponta da fralda como fonte interna de conforto e manutenção do vivo da vida enquanto se vivencia a unicidade se constituindo em novas criações de si longe do corpo da mãe que reassegurem a sobrevivência de si.

Creio que um caminho é desenvolver, entre a unicidade que remete à subjetividade como você traz de Ogden e a trindade que inaugura a pertença ao simbólico, a área da dualidade: a noção de imaginário enquanto desencontro constitutivo e a área do paradoxo da transicionalidade. Em todo caso, o objeto objetivo é sempre provisório. Há em Winnicott a positividade da ilusão constitutiva como criação singular do mundo e acesso ao que está fora da área de onipotência, a área da falta a ser a partir do eternamente sendo que move paradoxalmente a esfera desejante.

E é assim que você conclui afirmando o lugar da elaboração imaginativa e da fantasia na construção do universo simbólico na criança desde a perspectiva de Winnicott. Sua inferência é que a elaboração imaginativa precede a capacidade futura de representar e simbolizar. A narratividade corporal cinestésica, a narratividade corporal imagética, a narratividade corporal do som e do tom precedem a narratividade representativa – e são incorporadas a ela – em sua ação simbolizante.

A atualidade do trabalho de Winnicott e Sabina Spielrein sobre a importância da elaboração

imaginativa do corpo e do cinestésico-visual e da função de ensinar as crianças a ver se sobressai quando pensamos no contexto atual, em que há uma revolução tecnológica devida ao surgimento da internet em computadores e celulares que trouxe a questão da imagem virtual e os riscos de desconexão com a visão do mundo externo e da diminuição da interação com o outro não virtual – ao primeiro plano, trazendo à tona a discussão da mudança do modo de pensar, do pensamento por imagens e a discussão do quão regressivo ou progressivo seria esse fenômeno e suas consequências, quando o visual se sobrepõe às interações em presença, em que se sente a presença corporal do outro.

»
a atualidade do trabalho de Winnicott e Sabina Spielrein sobre a importância da elaboração imaginativa do corpo e do cinestésico-visual e da função de ensinar as crianças a ver se sobressai quando pensamos no contexto atual, em que há uma revolução tecnológica devida ao surgimento da internet

Referências bibliográficas

- Cepelewicz J.; *Quanta Magazine* (2021). Brain Maps are a trap, *The Atlantic*, August 28.
- Spielrein S. (2021). A destruição como causa do devir. In R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise, obras completas v. 1*. São Paulo: Blucher, p. 255-310.
- _____. (2021). A origem das palavras infantis “papai” e “mamãe”; algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem. In R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise, obras completas v. 2*. São Paulo: Blucher, p. 267-296.
- _____. (2021). Desenhos infantis de olhos abertos e fechados. Estudos sobre as representações cinestésicas subliminares. In R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise, obras completas v.2*. São Paulo: Blucher, p. 407-454.
- Winnicott D.W. (1988). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 269-286.
- _____. (1988). A mente e sua relação com o psique-soma. In *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 409-426.
- _____. (1990). O psicossoma e a mente. In *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, p. 29-32.

Imaginative elaboration: proto-language and proto-thinking

Abstract This article is the result of a comment on Marcia Bozon’s article “The notion of imaginative elaboration and the conception of fantasy in Winnicott’s work”. It addresses the issue of body memory and the idea that the mind is fluid and adaptable, is full-bodied but not encapsulated in the brain. The memory that is constituted from birth involves the imaginative elaboration of the body and the constitution of the fantasy that accompanies us throughout our lives. The article makes a bridge between the concept of destructiveness in Winnicott and in Sabina Spielrein, both in the service of transformation, as the quality of the living and the vital. Because the vital order has this nature, love is a value accompanied by the unconscious destructive function without being a threat. After exposing Spielrein’s theories on the emergence of language, I propose that imaginative elaboration is a proto-language and a proto-thought. I argue with Spielrein’s findings on the birth of thought that predate Winnicott’s innovative thinking on the mind and psychosoma. For Winnicott and for Sabina, creativity is primary. I make considerations about the actuality of the work of Winnicott and Sabina Spielrein on the importance of the imaginative elaboration of the body and the kinesthetic-visual and on the function of teaching children to see.

Keywords fantasy; imaginative elaboration; Winnicott; psychosomatic integration; proto-thought, proto-language; body memory; destructiveness and creativity.

Texto recebido: 04/2022

Aprovado: 05/2022

Reflexões sobre o rompimento do pacto social e a expansão evangélica: Das periferias ao cenário político nacional

Ana Carolina de Camargo Cortes

Nota A maior parte deste texto foi desenvolvida e apresentada em 2019 como conclusão do segundo ano do curso “A clínica psicanalítica: Conflito & Sintoma” do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Deixo meu agradecimento especial às mestras Soraia Bento e Paula Francisquetti, pelo incentivo à escrita e publicação, e pela generosidade em dialogar nesse longo e eterno percurso de formação.

Resumo As reflexões aqui apresentadas têm como objetivo examinar, a partir dos textos sociais de Freud e de outros psicanalistas e pensadores da cultura, o lugar que as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais ocuparam na ascensão da extrema direita no cenário político nacional, e como esse projeto de poder impõe desafios sociais e para a atividade psicanalítica no Brasil.

Palavras-chave rompimento do pacto social; religião; ausência do Estado; ameaça ao Estado laico; rebanho dos excluídos.

Ana Carolina de Camargo Cortes é psicóloga e psicanalista em formação, membro aspirante do Departamento de Psicanálise e membro do Grupo “A cor do mal-estar”.

[...] *A Lua Cheia clareia as ruas do Capão
Acima de nós só Deus, humilde, né, não?
Nas ruas da Sul eles me chamam Brown
Maldito, vagabundo, mente criminal [...]
Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar
Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu? [...]*

*Filosofia de fumaça, análise
Cada favelado é um universo em crise
Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém [...]*

*Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
O mundo é diferente da ponte pra cá*

[...] *Sofrer pra que mais, se o mundo jaz do maligno?
Morrer como homem e ter um velório digno
Eu nunca tive bicicleta ou vídeo game
Agora eu quero o mundo igual Cidadão Kane
Da ponte pra cá, antes de tudo é uma escola
Minha meta é dez, nove e meio nem rola
Meio ponto a ver, hum e morre um
Ser humano perfeito, não tem mesmo não
Procurada viva ou morta a perfeição [...]*

*Errare humano est, grego ou troiano?
Latim, tanto faz pra mim: “Fi” de baiano [...]*

[“Da ponte pra cá”. Nada como um dia após o outro dia
Racionais MC’s – 2002]

75

PERCURSO 68 : p. 75-84 : junho de 2022

No princípio era o Verbo (ou o Ato?)¹

¹ Referência que o personagem Fausto da obra de Goethe faz ao evangelho segundo apóstolo João 1:1, onde sugere que no início era o ato e não o verbo. Essa passagem foi resgatada por Freud em sua obra “Totem e tabu”.

No ensaio “Totem e tabu”, de 1913, Freud dialogou com diversas teorias antropológicas sobre o processo de manutenção da vida social e sobre a origem da cultura. A partir da percepção de que o horror



*se o Estado, responsável
por garantir e zelar pelos direitos
humanos, trai o pacto social,
isso pode resultar na ruptura
inconsciente do pacto edípico*

ao incesto era uma constante em vários contextos etnográficos, ele articulou seu “mito científico” sobre o ato fundador da civilização patriarcal baseado no princípio da exogamia e da religião. Sendo assim, imaginou uma horda primitiva, onde o líder retinha para si todo o poder e o domínio sexual das mulheres do grupo, impondo sua autoridade com severidade. Os membros excluídos se uniram para colocar um basta em sua tirania, assassinando o chefe do bando e comendo sua carne. Ao perceberem que o vazio da autoridade colocava em risco suas próprias vidas, eles estabeleceram um pacto, em que os integrantes do grupo deveriam, a partir desse marco, relacionar-se com mulheres de outros clãs, evitando um novo parricídio ou fratricídio. A Lei alicerçada nesse pacto primordial seria o início da cultura. Com a culpa derivada da ambivalência de sentimentos, uma vez que o líder morto, mesmo odiado e temido, também era amado e respeitado, criaram o “Totem” como substituto do pai da horda, inaugurando a primeira formação simbólica do representante paterno, a quem legaram obediência a fim de acalmar seus sentimentos e apaziguar o líder ofendido. É essa proibição do assassinato do substituto do líder da horda que teria instituído a primeira religião. Para Freud, o assassinato original deixou uma marca indelével na humanidade, atribuindo ao complexo de Édipo um status universal como herança desse evento:

Concluindo esta pesquisa extremamente abreviada, seu resultado seria que no complexo de Édipo reúnem-se os começos da religião, moralidade, sociedade e arte, em

plena concordância com a verificação psicanalítica de que esse complexo forma o núcleo de todas as neuroses até onde elas foram acessíveis ao nosso entendimento.²

Apesar de críticas suscitadas por antropólogos, já logo após sua publicação, Freud nunca alterou ou reviu nenhum ponto dessa obra, estabelecendo o parricídio enquanto origem do patriarcado, e o pacto edípico como promotor do pacto social, elaborando “um fundamento histórico ao mito de Édipo e a proibição do incesto, mostrando que a história individual nada mais é do que a repetição da história da própria humanidade”³.

A lei do desejo e o desejo da lei

No período em que o Brasil ainda encarava o final da ditadura militar, e o movimento de redemocratização ganhava força, o psicanalista mineiro Hélio Pellegrino publicou o artigo “Pacto edípico e pacto social: da gramática do desejo à sem-vergonhice brasílica”⁴. No texto, ele retoma os argumentos apresentados por Freud em “O mal-estar na civilização” e argumenta que se o Estado, responsável por garantir e zelar pelos direitos humanos, trai o pacto social, isso pode resultar na ruptura inconsciente do pacto edípico. Quando isso acontece, é possível que as pulsões reprimidas para que este acordo seja cumprido retornem sob a forma de condutas delinquentes e antissociais. Ele relembra o mito do Édipo Rei e do Complexo, para ressaltar o aspecto positivo das interdições, e argumenta que uma lei imposta apenas pelo temor seria perversa.

Segundo Pellegrino, a lei deve ser tomada como produto de Eros: “à Lei do desejo”, e que ela “pode – e deve – corresponder um desejo da Lei”. O temor deve estar subordinado ao amor, e “a solução do complexo de Édipo implica um pacto social – uma aliança”. Sendo assim, a concentração de renda e o descaso governamental retiraram partes importantes do pacto civilizatório, dos

direitos e benesses que compensam as renúncias necessárias para estar e viver em grupo. Para Pellegrino, o abandono do Estado provocou fissuras no pacto social, e o acirramento da desigualdade rompeu as pulsões agressivas recalçadas por meio da violência urbana.

Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia⁵

Para contextualizar o artigo de Pellegrino, cabe aqui uma breve explicação a respeito da inversão demográfica e sua relação com a intensificação das favelas e das periferias brasileiras. A formação das favelas no país foi consequência direta das desigualdades econômicas e históricas, relacionadas principalmente aos vestígios da escravidão, sendo o Brasil o último dos grandes países das Américas a abolir a escravidão em 1888. A abolição obrigou os negros “libertos” a se organizarem marginalmente dentro das cidades. Como o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro escreveu, “encheu-se as cidades do Rio e da Bahia de núcleos chamados africanos, que se desdobraram nas favelas de hoje”⁶.

O êxodo rural também teve papel fundamental na composição das periferias urbanas. Foi um fenômeno da história recente do país e teve seu início no começo da década de 1940, tendo o intenso fluxo migratório seu auge entre os anos 1960 e 1980, quando 27 milhões de pessoas se dirigiram às zonas urbanas, configurando-se como um dos maiores do mundo nesse período, tanto em números relativos como em absolutos⁷.

A partir dos anos 1950, com os incentivos à industrialização do governo de Juscelino Kubitschek, somados ao crescente monopólio da terra

»
o êxodo rural também teve papel fundamental na composição das periferias urbanas. Foi um fenômeno da história recente do país e teve seu início no começo da década de 1940

subjacente à da monocultura, a população que vivia em pequenas propriedades foi pressionada a abandonar o campo. Pouco antes do golpe militar, a reforma agrária estava no centro dos debates no Senado. No dia 4 de março de 1964 (27 dias antes do golpe), o então senador Arthur Virgílio (AM), líder do PTB, partido do Presidente Jango, tranquilizava os fazendeiros que estivessem trabalhando e produzindo, porém, declarou:

Mas uma atitude que não encontrará meios de recuar é a de alcançar essas terras que não merecem respeito, que são esse latifúndio nocivo ao país, que é motivo de atraso à nação. O latifúndio antissocial, o latifúndio anti-humano.⁸

Nos 21 anos seguintes, o regime ditatorial silenciou a questão, reforçou o latifúndio, provocando o esgarçamento do pacto social que Pellegrino denunciou em seu artigo de 1983. Fugindo da fome e da seca, o movimento migratório maciço da região norte e nordeste lançou uma população rural e analfabeta no meio do concreto das grandes cidades, principalmente as do sudoeste do país. Atraídos pela oferta de empregos nas indústrias, não atendiam ao perfil profissional exigido e, mais uma vez marginalizados, passaram a ocupar espaços periféricos e irregulares, a exercer trabalhos informais e precarizados, intensificando a chamada favelização.

Graciliano Ramos, em sua obra-prima *Vidas secas*, de 1938, retrata a vida de uma família de retirantes convivendo com a miséria e a seca no sertão nordestino. Ele propôs um tempo psicológico em detrimento ao cronológico, dividindo

2 S. Freud, *Totem e tabu*, p. 238.

3 E. Roudinesco e M. Plon, *Dicionário de psicanálise*, p. 757.

4 *Folha de S. Paulo*, 11 set. 1983.

5 G. Ramos, *Vidas secas*, p. 27.

6 D. Ribeiro, *O povo brasileiro: a formação de sentido do Brasil*, p. 177.

7 A. Camarano e R. Abramovay, *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil*, p. 3.

8 Cf. Agência Senado, 26 mar. 2014.



as lideranças das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, ao exercerem funções do Estado, buscaram validar esta atuação avançando no campo político e midiático ainda na década de 1980

o livro em treze capítulos que podem ser lidos de forma independente. Apesar da não linearidade, é notável que a primeira parte, “Mudança”, e a última, “Fuga”, indicam uma ciclicidade, na qual o êxodo que abre o livro se repete ao final da história, assim como, também na formação das favelas urbanas, a ontogênese (história individual) repete a filogênese (história de várias gerações).

Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei⁹

Seguindo as formulações propostas por Pellegrino em 1983 e considerando que “a dimensão política é inseparável da religiosa em toda obra freudiana uma vez que a questão do poder vem associada à interrogação das fontes das crenças”¹⁰, é possível compreender que as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, ao ocuparem o vácuo deixado pelo Estado e pela Igreja Católica nos centros urbanos, ofereceram aos periféricos a possibilidade de reinserção no tecido social através de educação da ética e da moral cristã, bem como da inserção em redes de apoio capazes de suprir as necessidades mais imediatas (cestas básicas, empregos informais e outras formas de acolhimento)¹¹.

Os números divulgados em 2017 do Censo de 2010 (IBGE)¹² sobre a acentuada redução de poder da Igreja Católica no país nas últimas décadas e a expansão dos evangélicos apontam que, nesse ritmo de crescimento, os números de fiéis das duas religiões estarão empatados em 30 anos. Segundo o cientista político Cesar Romero:

A Igreja Católica é como um transatlântico, que demora muito para mudar um pouquinho a rota, devido ao tamanho de sua estrutura burocrática. Já os evangélicos são como pequenas embarcações. A analogia [...] se aplica com perfeição à comparação entre o tempo e o custo para se ordenar um padre e o período de formação de um pastor, algo que ocorre em menos de três meses. Não existe espaço vazio.¹³

Porém, diversos outros levantamentos de institutos de pesquisa nacionais e internacionais, apresentados pelo professor e sociólogo José Eustáquio Alves no seminário “Religião e Política: um olhar sobre o campo religioso brasileiro”, ocorrido na PUC-SP em maio de 2019, indicam uma transição religiosa mais intensa. Projetando os dados anteriores com a nova tendência de crescimento levantada, em menos de três anos os católicos passarão para menos de 50% da população, e em até treze anos os evangélicos os superarão; por se tratar de um crescimento exponencial, esse cenário pode ser alcançado ainda mais rápido¹⁴.

As lideranças das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, ao exercerem funções do Estado, buscaram validar esta atuação avançando no campo político e midiático ainda na década de 1980. Como consequência, produziram uma adaptação urbana do voto de cabresto que retroalimenta seu crescimento por células, valendo-se da tríade: tempo de rádio e tv, dízimo e templo. Com mais templos e fiéis, mais dízimo e mais tempo de rádio e tv, tornando assim a fé a engrenagem principal de uma máquina eleitoral poderosa. Importante ressaltar que não se trata só do crescimento do número de fiéis em si, e sim da relação com o aumento de seus representantes políticos e midiáticos¹⁵.

A dinâmica estatal, tomada como instrumento da expansão religiosa, recrudescer o autoritarismo. O deus comercializado pelas lideranças das igrejas pentecostais e neopentecostais é o deus do velho testamento cristão, o qual Freud descreveu em “Moisés e monoteísmo”, de 1939, como um deus primitivo, cujo representante terreno é, ao mesmo tempo, o líder político, o legislador e o

- 9 Evangelho de Mateus 11:28-30: “[...]. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.
- 10 C. Koltai, *Totem e tabu: Um mito freudiano*, p. 100.
- 11 Do denominado protestantismo histórico derivam as Igrejas: Luterana, Anglicana, Presbiteriana, Batista, Metodista e Adventista. No Brasil essas igrejas se estabeleceram a partir do século 19, através de ações de missionários europeus e americanos. No século 20, surgem nos EUA duas novas dissidências: 1) Pentecostalismo, cujas principais denominações no Brasil são: Assembleia de Deus, Igreja Brasil para Cristo, Igreja Evangélica Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor; 2) Neopentecostalismo, cujas principais denominações no Brasil são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Universal da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Cristã Renascer em Cristo.
- 12 O último censo foi realizado em 2010 e o próximo está previsto para 2022 (com dois anos de atraso em decorrência da pandemia de COVID-19 e do corte de verbas para a operação).
- 13 R. Azevedo, “O IBGE e a religião”, *Blog Reinaldo Azevedo*.
- 14 O antropólogo Juliano Spyer lançou em 2020 o livro *Povo de Deus – Quem são os evangélicos e por que eles importam*. Com dados atuais (incluindo uma breve reflexão sobre a pandemia de COVID-19), Spyer descreve como as igrejas evangélicas atuam nas periferias brasileiras como uma espécie de “Estado do Bem-Estar Social informal”. Destaca que a transição religiosa do catolicismo para evangelismo acontecerá ainda na década de 2020. Um dos maiores fenômenos de massas da história recente do país ainda é tratado como se não estivesse acontecendo, nomeado como o “Elefante na sala”. O desconhecimento e falta de atenção estariam, segundo ele, relacionados: ao estigma de que todo evangélico é um fanático; ao preconceito racial (é a religião com maior número de negros no país); e ao preconceito de classe (quase um terço dos pentecostais, o maior grupo entre os evangélicos, vive em situação de pobreza aguda, com renda familiar per capita igual ou inferior a meio salário mínimo).
- 15 A “Teologia da Prosperidade” é uma doutrina cristã que teve início no século 20 nos EUA com lideranças pentecostais e neopentecostais, utilizando o televangelismo como ferramenta. Trata-se de um entendimento bíblico (diferente da ética protestante clássica) em que os fiéis são estimulados a atuar de maneira empreendedora. Respaldados pela ideia de que a salvação é individual e não coletiva, a desigualdade social seria fruto do pecado original, e, portanto, um problema espiritual. Nessa lógica os problemas não são ocasionados pela estrutura social, mas advêm da falta de esforço individual e da falta de fé. Essa teologia corrobora com a política neoliberal, pois entende que o Estado não deveria ter papel de destaque no enfrentamento das desigualdades socioeconômicas, sendo usado somente na defesa e manutenção dos valores tradicionais “cristãos”.
- 16 Evangelho de Mateus 5:38. É o primeiro livro no novo testamento cristão, sendo essa passagem parte do sermão do monte, onde Jesus, após ser tentado por satanás, jejuando e orando no deserto por 40 dias, retorna para anunciar as novas leis divinas, assim como Moisés o fez no velho testamento com os 10 mandamentos ao descer do Monte Sinai. O sermão do monte marca o começo da divisão entre Estado e Igreja: “dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21), bem como a da justiça divina e a justiça dos homens. Na antiga aliança (velho testamento), existia um mandamento que dizia “olho por olho e dente por dente” (Êxodo 21:24), mas neste versículo Jesus apresenta uma orientação oposta à lei de Moisés, a da não resistência: “mas a qualquer que te dá na face direita, volta-lhe também a outra” (Mateus 5:39).

»

*o sistema prisional
é mais um exemplo onde
as igrejas evangélicas pentecostais
e neopentecostais ocuparam
o espaço de privação
e absentismo do Estado*

educador. Nesse contexto, não há separação entre Estado e Igreja. Ao prover amparo psíquico e servir de ponte de inclusão social, as igrejas solicitam em troca a submissão à autoridade espiritual do líder terreno (renúncias agressivas) e a delimitação das formas de vivenciar “os prazeres da carne” (renúncias eróticas).

Em “O futuro de uma ilusão”, de 1927, Freud descreveu a função da religião como uma resposta frente ao desamparo e voltou a situar sua origem junto à culpa pelo assassinato do líder da horda. Nesse texto, a religião oferece a ilusão do amor partilhado, a necessidade mais primária, a de pertencer a um grupo onde todos os membros amam e são amados da mesma maneira. Por impedir que os indivíduos do grupo entrem em contato com a desilusão e com o vazio, ela também carrega o risco de impedir a discriminação entre o prazer e o desprazer, tão necessária para o ato de pensar. Assim a religião pode virar um ato de submissão e, portanto, de interdição do pensamento; um mecanismo de rigidez e intolerância; uma arma poderosa no discurso político perverso, alienando e manipulando aqueles que vivem em vulnerabilidade social.

Olho por olho, dente por dente¹⁶

O sistema prisional é mais um exemplo onde as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais ocuparam o espaço de privação e absentismo do Estado. Além da precariedade do sistema carcerário, as políticas de encarceramento e aumento de pena se voltam, geralmente, contra a população negra e



o rapper Marcos Fernandes de Omena, conhecido pelo nome artístico Dexter, é um retrato de um caminho alternativo ao do crime ou o da religião. Jovem negro e pobre, nasceu na periferia violenta da grande São Paulo

periférica. O abandono das políticas governamentais abriu brechas preenchidas pelas facções criminosas, que atuam como Estado paralelo, e também pelas igrejas pentecostais e neopentecostais.

Mesmo fora do presídio, a religião é um mecanismo eficiente de sobrevivência e reabilitação. Em uma sociedade onde cada vez mais pessoas acreditam que “bandido bom é bandido morto”, o detento nunca pagará sua dívida perante a sociedade, restando a religião como um lugar de redenção e o tribunal divino como o único capaz de absolver a culpa. Em julho de 2019, durante o massacre no presídio de Altamira (Pará)¹⁷, em meio ao horror, foi a Igreja Universal que assumiu o lugar de sociedade civil organizada e montou uma tenda na entrada do presídio com água, café, comida e apoio espiritual para atender as famílias que fizeram vigília em busca de informações e acolhimento. A Igreja Universal não traiu assim a missão de ir ao mundo e pregar o evangelho a toda criatura, sem distinções de classe, cor ou pecado cometido.

Conhecereis... e a ARTE vos libertará

O rapper Marcos Fernandes de Omena, conhecido pelo nome artístico Dexter, é um retrato de um caminho alternativo ao do crime ou o da religião. Jovem negro e pobre, filho de uma mãe alagoana e nascido na periferia violenta da grande São Paulo. Estudou até a quinta série e em 1998 passou a cumprir 13 anos de pena na penitenciária do Carandiru por assalto a mão armada. Adotou o nome artístico ao ler a autobiografia de Martin

Luther King Jr., quando descobriu que um de seus filhos se chamava Dexter. “Me apaixonei pelo nome [...] Fui procurar a tradução e significa destre, mas também significa [...] correto, honesto, e passa por esperto, sagaz, ligeiro. [...] todo cara de periferia tem que ser um Dexter”¹⁸, contou em uma entrevista em 2019. Foi na penitenciária do Carandiru que conheceu o “Projeto Talentos Aprisionados”, por meio do qual pôde ser reconhecido por seu trabalho musical, iniciando uma carreira bem-sucedida. A identificação com o pastor ativista dos direitos civis dos negros americanos e com o movimento cultural do *Hip-Hop* permitiu que ele se tornasse o porta-voz dos que vivem nas mesmas condições que a sua.

Suas letras são repletas de referências cristãs e igualmente marcadas pelo combate à violência do Estado e policial, retratando a dura realidade vivida nas cadeias e nas periferias dos grandes centros urbanos. Ressaltam a ausência de projetos de inclusão e reinserção da população estigmatizada como ex-detenta no mundo do trabalho: “como ressocializar quem nem socializado foi?”¹⁹.

A experiência vivida por Dexter aponta para o papel da educação, da arte e da cultura como forma de elaboração psíquica, de questionamentos, de construção de pensamento próprio, de conscientização e reinserção social, cabendo ao Estado o dever de prover a democratização do conhecimento, de oportunidades sociais e de fruição cultural. Em um solo árido e carente de segurança, educação, arte e cultura, onde a única esperança que brota é a religiosa, o terreno é fértil para que os embusteiros da fé se multipliquem.

O espírito de nosso tempo

Os avanços tecnológicos nas últimas décadas ajudaram a precarizar parte do mercado de trabalho em todo o mundo, aumentando a concentração de renda e abrindo espaço para o renascimento do obscurantismo e o fundamentalismo religioso.

No Brasil nos últimos anos, os sucessivos escândalos de corrupção e os excessos judiciais

e policiais exercidos em nome desse combate, apoiados pelas elites econômicas e mídias tradicionais, ajudaram a descredibilizar a prática política e o poder judiciário. Possibilitaram que antigos párias do cenário político nacional (também conhecidos como o “baixo clero”) seduzissem a população com um discurso demagógico anti-establishment.

Nesses discursos, foram demonizados não somente os partidos políticos em geral e os da esquerda em particular, mas também os defensores da educação, do meio ambiente, da arte, da ciência, dos direitos humanos e da distribuição de renda. Desgastaram-se assim, as regras do regime democrático. Em meio ao caos da crise política e econômica, os novos líderes, apoiados no discurso da defesa da moralidade cristã, da família e dos bons costumes, se consolidaram no poder pela defesa de um pseudoneoliberalismo nefasto e pela proposta de uma suposta renovação. O “novo”, porém, não seria diferente, na prática, da forma mais arcaica pela qual a política era exercida no país, porém agora acrescida de um sectarismo religioso e autoritário.

17 F. Maisonnave e D. Verpa, “Em Altamira, mau cheiro atrai urubus e embrulha estômago de parentes (máscaras cirúrgicas foram distribuídas; odor fez pessoas passarem mal na frente do local)”, São Paulo, *Jornal Folha de S.Paulo*.

18 D. Vieira, “Quem achou estava errado”, *Site Revista Trip FM*.

19 A. Potaschef, “Especial Trip Transformadores: O advogado Iberê de Castro Dias e o rapper Dexter refletem sobre jovens da periferia, oportunidades, crime, cadeia e PCC”, *Site Revista Trip FM*.

20 Termo criado em 2015 pela deputada federal Érika Kokay (Partido dos Trabalhadores) para se referir conjuntamente às frentes parlamentares da Segurança Pública (Bala), Ruralista (Boi) e a Evangélica (Bíblia). O conglomerado compartilha agendas ligadas às políticas de extrema direita e tiveram papel decisivo em importantes retrocessos no Brasil nos últimos anos, tais como: Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff; *Bala*: flexibilização do Estatuto do Desarmamento e tentativa de redução da maioria penal, além do aumento da letalidade nas ações policiais; *Boi*: desmonte nos órgãos de fiscalização e combate ao desmatamento, tentativa de revogação de demarcação de terras indígenas, aprovação de novos agrotóxicos e outros produtos que a legislação antes proibia; *Bíblia*: ataques às políticas identitárias, aumento de poder e recursos para as comunidades terapêuticas (usuários de drogas), inserção das igrejas na Lei Rouanet, anistia de dívidas bilionárias das igrejas com a União, tentativas de criminalização do aborto previsto atualmente na constituição e mudanças nas políticas públicas na área da educação.

21 R. Almeida, “Democracia em risco? – 22 ensaios sobre o Brasil de hoje”, in *Deus acima de todos*, p. 38.

nas eleições de 2018, parte significativa da população foi cooptada pela narrativa do ódio e do medo, disseminados por um exército digital de robôs nos campos sem lei das mídias sociais

Nas eleições de 2018, parte significativa da população foi cooptada pela narrativa do ódio e do medo, disseminados por um exército digital de robôs nos campos sem lei das mídias sociais. Como resultado, o conglomerado “BBB – Bala, Boi e Bíblia” se avolumou ainda mais no poder legislativo e executivo em todos os estados brasileiros²⁰. O chamado “voto evangélico” foi determinante para a ascensão da extrema direita ao poder, como descreve o antropólogo Ronaldo Almeida, pesquisador da Antropologia da Religião, Antropologia Urbana e Pentecostalismo, em seu texto “Deus acima de todos” de dezembro de 2018:

O catolicismo ainda é, apesar do declínio, o grande mediador cultural do país. Entretanto, quem fez a diferença a favor de Bolsonaro em números absolutos foram os evangélicos. Mobilizados por pautas de costumes, pelo medo da “ameaça comunista”, e pelo apelo à honestidade das “pessoas de bem”, muitos evangélicos votaram no candidato.²¹

A psicanalista e socióloga Caterina Koltai, em seu livro de 2010, *Totem e tabu: Um mito freudiano*, entre muitas questões levantadas, ressalta que o regime democrático foi o único capaz de permitir o nascimento da psicanálise. O lema: “Conservador nos costumes e liberal na economia”, repetido exaustivamente pelos candidatos de extrema direita, corrobora a hipótese levantada por Koltai, que sinaliza uma união entre a religião e a tecnociência:

É a essa aliança, do real da ciência com o religioso, que devemos a volta das forças obscuras em sua forma mais





*os sacerdotes assimilam,
reinterpretam e incorporam apenas
a parte que lhes cabe da psicanálise
em seus discursos, fazendo recortes
da teoria que não possam pôr
em risco a fé cristã*

terrível, a do fanatismo fundamentalista que se caracteriza, grosso modo, por um tradicionalismo em questões morais acompanhado de uma aceitação da modernidade em seu aspecto técnico e econômico.²²

Ao final do seu texto, Caterina Koltai questiona se a humanidade não estaria caminhando para uma civilização que instaurará uma nova organização social, a da horda sem pai (ausência do Estado democrático de direito), a do clã totêmico sem tabu (o líder incestuoso não interditado) e a do ódio sem ambivalência (aniquilação da alteridade, da capacidade de simbolização e as massas unidas apenas pelo desejo de matar).

Novas Cruzadas

Seguindo o mesmo movimento descrito sobre a expansão evangélica no cenário político e midiático, a procura dos pastores evangélicos por cursos de formação de psicanálise também cresceu significativamente nas últimas décadas. Os sacerdotes assimilam, reinterpretam e incorporam apenas a parte que lhes cabe da psicanálise em seus discursos, fazendo recortes da teoria que não possam pôr em risco a fé cristã, buscando assim oferecer algum alívio aos seus fiéis. Dessa forma, incluem mais uma função ao líder além da espiritual, política e legisladora: a de curandeiro psíquico. Novamente, como na disputa entre a formação de anos de padres católicos versus de poucos meses dos pastores pentecostais e neopentecostais, a longa e cara formação psicanalítica

versus a curta formação dos cursos de “psicanálise para cristãos” tem tornado o avanço difícil de ser acompanhado ou contido.

Os dois últimos Projetos de Lei a respeito, PL 174/2017 e PL 101/2018, em trâmite no Senado Federal, são resultado de mais uma cruzada evangélica para regulamentar a profissão de psicanalista. Conforme carta das entidades psicanalíticas brasileiras para o Conselho Federal de Psicologia em 2017:

Essa não é a primeira tentativa da Bancada Evangélica no Senado Federal buscar uma regulamentação da psicoterapia e da psicanálise para que os membros dessas comunidades se apropriem de uma prática, um saber e uma clínica que, há mais de um século, exige uma formação fundamentalmente laica, que imprime uma necessária neutralidade no exercício da profissão.²³

Amanhã há de ser outro dia

O Instituto Sedes Sapientiae (fundado por Madre Cristina, religiosa culta e engajada na defesa da democracia e dos direitos humanos) inaugurou em 1940 a Clínica Psicológica, e:

[...] vem se afirmando, desde então, como referência no campo da formação de profissionais em saúde mental e no campo da atenção à população, através de uma práxis singular, implicada eticamente com as questões de seu tempo, tendo como principais objetivos: A construção permanente de um modo de fazer clínica que valorize e potencialize a singularidade, e a diferença frente à lógica dominante do individualismo, da massificação e da desigualdade.²⁴

Apesar da excelência e do reconhecimento social dos serviços prestados a todas as regiões da cidade, os dados²⁵ (período de janeiro a maio de 2019) indicam que a população de pacientes que mais se beneficiou do atendimento gratuito da Clínica foram os moradores dos bairros no entorno. A localização geográfica onde o Instituto está inserido (Bairro de Perdizes, São Paulo, SP) dificulta o acesso daqueles que vivem nas regiões periféricas extremas, bem como também a



divulgação dos serviços oferecidos. A proporção de terapeutas, professores, supervisores e alunos brancos atuando na clínica versus a população atendida de pacientes, de funcionários e de estudantes negros e periféricos no Instituto também sinaliza essa exclusão. As clínicas psicanalíticas públicas e outros movimentos de escuta aberta têm ajudado na desafiadora tarefa de fazer com que a psicanálise saia de um círculo elitista e intelectualizado para ganhar as ruas e exercer a função social a qual Freud idealizou, mas ainda estão concentrados nas regiões centrais da cidade.

A luta de Madre Cristina e seus frutos revelam que a principal questão a ser combatida não é a religião em si, mas o fundamentalismo religioso, que é consequência da ignorância, do abandono do Estado e da sociedade, do poder exercido de forma violenta. Porém, enquanto as igrejas fundamentalistas ocuparem tais funções sociais aos desassistidos, e se políticas estatais eficazes permanecerem ausentes, haverá cada vez mais ferramentas para se consolidarem nessa perigosa arquitetura de poder.

Freud construiu uma longa amizade com o religioso e pastor suíço Oskar Pfister que perdurou até o fim de sua vida em 1939 e pode ser acompanhada nas correspondências trocadas no decorrer de três décadas. No livro Hélio Pellegrino A-Deus,

“a psicanálise em si não é nem religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se [...] a serviço da libertação dos sofredores”

[Freud a Pfister]

lançado em 1988 como homenagem póstuma ao psicanalista mineiro, diversos psicanalistas foram convidados para escreverem livremente sobre Psicanálise e Religião; no ensaio “Desejo e promessa, encontro impossível: o discurso freudiano sobre a religião”, o psicanalista Joel Birman comentou sobre a amizade entre Freud e Pfister:

A correspondência estabelecida de forma sistemática [...] constitui talvez o arquivo discursivo mais importante para balizarmos a relação entre o discurso psicanalítico e religião, considerando que algumas das teses fundamentais deste debate foram assumidas na vivacidade de um diálogo amigo e cordial, em que os interlocutores assumiram posições discordantes face a esta problemática.²⁶

Em uma dessas cartas, Freud esclarece a Pfister:

A psicanálise em si não é nem religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores.²⁷

As lideranças que acumulam funções religiosas e políticas das igrejas pentecostais e neopentecostais, ao ocuparem o vácuo do Estado nas periferias brasileiras, formaram um audacioso projeto de poder, e, portanto, utilizam a psicanálise com o mesmo propósito com que usam a religião. Contudo, Freud, ao afirmar que a psicanálise é tampouco antirreligiosa, nos faz questionar sobre como a prática da psicanálise poderá continuar a caminhar cada vez mais em direção a “atravessar a ponte para o lado de lá” e alcançar o rebanho dos excluídos.

22 C. Koltai, *op. cit.*, p.77.

23 A. Sigal, “Contra Regulamentação da Psicanálise, movimento articulação luta para diferenciá-la das terapias naturalistas”, *Boletim Online Departamento de Psicanálise Instituto Sedes Sapientiae*, nov. 2017.

24 Cf. www.sedes.org.br/site/clinica-psicologica/.

25 *Dados sobre o perfil dos pacientes:*

Renda familiar – 39,4% dos pacientes têm renda familiar acima de R\$ 2.000,00, 16,9% dos pacientes têm renda familiar entre R\$ 900,00 e R\$ 2.000,00 e 43,6% vivem com menos de R\$ 900,00.

Tipo de residência – 65,8% moram em casas ou apartamentos próprios, financiados, herdados ou cedidos, enquanto 30,2 % moram de aluguel e apenas 3,95% em abrigos ou casas de acolhida.

28 bairros onde residem de maior ocorrência – 24 deles são de regiões centrais da cidade.

Grau de instrução – 56,1% possuem curso superior, cursando ou incompleto e somente 0,4% são analfabetos.

Pacientes pagantes – 21% do total atendido.

Dados atuais e informações sobre perfil racial não foram divulgados
Fonte: Secretaria da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

26 J. Birman, “Hélio Pellegrino A-Deus”, in J. Moura (org.), *Desejo e promessa, encontro impossível: o discurso freudiano sobre a religião*, p.123.

27 K. Wondracek e D. Junge (orgs.), *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939)*, p. 25.

Referências bibliográficas

- Almeida R. (2018). *Democracia em risco? – 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Azevedo R. (2017). O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. *Blog Reinaldo Azevedo*, 18 fev.
- Becker C. (2010). A cura pela palavra (O que fazem, pensam e pregam os pastores evangélicos psicanalistas). *Revista Piauí* n. 50, nov. 2010. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-cura-pela-palavra/>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- Camarano A.; Abravonay R. (1999). *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos*. Rio de Janeiro: IPEA (Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada), p.3. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2651>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- Campos Mello P. (2019). Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp (Com contratos de R\$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada). São Paulo: *Folha de S.Paulo*, 18 out.
- Carlotti T. (2019). O fenômeno evangélico em números (José Eustáquio Alves apresenta os números da transição religiosa no Brasil). *Site Carta Maior*. 22 maio.
- Delfim Neto A. (2019). Organização Disfuncional (O maior problema de Bolsonaro é a incapacidade de arrumar seu gabinete civil). São Paulo: *Folha de S.Paulo*, 26 jun.
- Folha de S.Paulo (2018). Editorial: Eleições 2018. Folha pede que Polícia Federal investigue ameaças a profissionais (O jornal considera haver indícios de uma ação orquestrada com tentativa de constranger a liberdade de imprensa). São Paulo, 23 out.
- Freud S. (1912-1914/2012). *Totem e tabu. Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1920-1923/2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1926-1929/2014). *Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1930-1936/2010). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1937-1939/2018). *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Koltai C. (2018). *Totem e tabu. Um mito freudiano*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Maisonave F.; Verpa D. (2019). Em Altamira, mau cheiro atrai urubus e embrulha estômago de parentes (máscaras cirúrgicas foram distribuídas; odor fez pessoas passarem mal na frente do local). São Paulo: *Folha de S.Paulo*, 30 jul.
- Massuela A. (2019). Pastores brasileiros usam psicanálise para cativar fiéis evangélicos (Por meio do estudo das teorias de Freud, religiosos tentam aumentar o rebanho e o dízimo). *Site Revista Cult*, 5 set.
- Mezan R. (1985). *Freud pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Miranda A. (2013). Urbanização do Brasil. Consequências e características das cidades. *Site Educação Uol*, 14 maio.
- Moura J.C. (org.) (1988). *Hélio Pellegrino A-Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Pellegrino H. (1983). Pacto edípico e pacto social (da gramática do desejo à sem vergonhice brasileira). São Paulo: *Folha de S.Paulo*, 11 set.
- Potascheff A. (2019). Especial Trip Transformadores: O advogado Iberê de Castro Dias e o rapper Dexter refletem sobre jovens da periferia, oportunidades, crime, cadeia e PCC. *Site Revista Trip FM*, 11 out.
- Ramos G. (1969). *Vidas secas*. São Paulo: Martins.
- Ribeiro D. (2006). *O povo brasileiro: a formação de sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rivera T. (2019). Pelo uso do humor – e da poesia – como estratégia política (ou: não é reproduzindo com indignação as ameaças da ultradireita em nossas redes sociais que construiremos uma verdadeira resistência). *Site Psicanalistas pela democracia*, 3 nov.
- Roudinesco E.; Plon M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sigal A. (2017). Contra regulamentação da psicanálise, movimento articulação luta para diferenciá-la das terapias naturalistas. São Paulo: *Boletim Online Departamento de Psicanálise Instituto Sedes Sapientiae*, nov.
- Spyer J. (2020). *Povo de Deus – Quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração.
- Vieira D. (2019). Quem achou estava errado (Nem os 13 anos de cadeia seguraram a vocação de Dexter: se expressar através do rap. Hoje, ele divide o que aprendeu). *Site Revista Trip FM*, 11 jul.
- Wondracek K.; Junge D. (orgs.) (2009). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato.

Reflections on the rupture of the social contract and the evangelical expansion: from the outskirts to the national political stage

Abstract The thoughts contained herein aim to examine, on Freud's publications on Social Psychology, as well as on contributions from other psychoanalysts' and cultural thinkers', the role that Pentecostal and neo-pentecostal evangelical churches have played in the rise of extreme right political parties in the Brazilian political scenario, and how its vision of power sets social challenges and defies psychoanalytic activities in Brazil.

Keywords disruption of the social pact; religion; absence of the State; threat to the secular State; herd of the excluded.

Texto Recebido: 04/2022.

Aprovado: 05/2022

El dialogo Freud-Ferenczi tras la formulación de la segunda topica

Luis J. Martín Cabré

Nota da Edição Este texto foi apresentado na 13ª International Sándor Ferenczi Conference, realizada em Florença, Itália, entre 3 e 6 de maio de 2018. Uma versão em inglês foi publicada em 2022: "The Freud-Ferenczi dialogue after the formulation of the Second Topic". *Am J Psychoanal* 82, 222-233 (2022). <https://doi.org/10.1057/s11231-022-09353-y>

Resumen El autor se propone examinar el diálogo científico que tuvieron Freud y Ferenczi entre 1920 y 1933, después de la formulación de la segunda tópica. Es esclarecedor explorar la proximidad de algunas de las formulaciones de Freud con importantes intuiciones clínicas y metapsicológicas de Ferenczi. El papel de la repetición, el valor de los afectos, la segunda teoría de la angustia, la elasticidad de la técnica psicoanalítica y el problema del traumatismo son algunos de los aspectos discutidos en el artículo.

Palabras-clave Freud; Ferenczi; segunda tópica; repetición; angustia; traumatismo.

Luis J. Martín Cabré PhD., é analista didata da Associação Psicoanalítica de Madrid (IPA). Analista de crianças e membro da Sociedad Española de Psiquiatría y Psicoterapia del niño y adolescente. Foi membro do Board of Delegates da International Sándor Ferenczi Network (ISFN). É membro pleno da Madrid Psychoanalytic Association (APM) e da Italian Psychoanalytic Society (SPI).

La tradición y la innovación son dos referentes incuestionables del método, de la técnica y de la práctica psicoanalíticas. Y el diálogo científico que se estableció entre Freud y Ferenczi desde 1920 a 1933 es un ejemplo elocuente de cómo se articulaba en la producción teórica y clínica de ambos un puente y una conexión constante entre el mantenimiento de los pilares básicos del psicoanálisis y la apertura constante a la innovación y a la creatividad más incisiva.

Ciertamente, los primeros años de existencia del psicoanálisis aportaron las hipótesis que confirmaban la existencia del inconsciente y los fenómenos psíquicos relacionados, a saber, la primera teoría de las pulsiones estructurada en torno a la primera tópica, el lugar y la función de la transferencia y una concepción de la cura basada en desvelar un pasado olvidado, y en hacer resurgir el deseo oculto en las profundidades del psiquismo a través del levantamiento de la represión y las resistencias. El paradigma del modelo del tratamiento analítico era, desde esta perspectiva, el trabajo de rememoración.

Y, sin embargo, este conjunto de principios que confirieron al psicoanálisis una identidad sólida y bien diferenciada, desde 1895 hasta 1920, fue sometido, desde entonces, a una constante tarea de reflexión, de modificaciones técnicas, de revisiones teóricas y de avances clínicos que no han dejado jamás de enriquecer y hacer progresar nuestra disciplina.

Fue el propio Freud quien puso los primeros eslabones de una profunda revisión de su propia teoría y de su propia técnica. El denominado "giro" de los años veinte, consecuencia inevitable de las dificultades que la práctica analítica imponía no solo por sus propios límites en el tratamiento de nuevos pacientes, sino sobre todo por

85

PERCURSO 68 : p. 85-92 : junho de 2022



con la publicación de *Mas allá del principio del placer, la formulación de la segunda tópica y la introducción del concepto de pulsión de muerte*, Freud acometió ya una transformación inaudita de su propia creación teórica

la distancia creciente entre la teoría y la clínica supuso una serie de innovaciones a través de las cuales Freud ponía en discusión los cimientos de la propia estructura teórica del psicoanálisis.

Con la publicación de *Mas allá del principio del placer*¹ y la formulación de la segunda tópica y la introducción del concepto de pulsión de muerte, Freud acometió ya una transformación inaudita de su propia creación teórica. Pero especialmente después, con la publicación de “Psicología de la masas y análisis del yo”², dió forma a su *teoría de la identificación* (Caps. VII y VIII), al introducir los conceptos de *identificación primaria* y *secundaria*, y al establecer una dialéctica entre el ser y el tener, a través de la que se desplegaba el campo de la constitución del deseo y su patología. Si antes la patología se asentaba sobre el conflicto pulsión-defensa, a partir de ese momento, la constitución del psiquismo y su patología se orientaría sobre los procesos identificatorios. Todo ello equivalía a decir que, si bien el destino de la pulsión es psíquico, está determinado por el objeto. O lo que es lo mismo: el destino pulsional se realiza en un campo intersíquico.

Además, Freud añadía una nueva concepción de la estructuración del psiquismo con “El yo y el ello”³ y una nueva formulación del concepto del masoquismo con la consiguiente nueva lectura sobre la reacción terapéutica negativa en su texto magistral “El problema económico del masoquismo”⁴.

Tal era la distancia entre las nuevas hipótesis teóricas y la práctica clínica de los analistas que en el Congreso de Berlín de 1922, Freud animó a la comunidad analítica, instituyendo un premio

que jamás se confirió, a responder a la cuestión de la relación entre la teoría y la técnica psicoanalíticas y en modo más específico en qué medida la técnica influye en la teoría y hasta qué punto ambas se estimulan o por el contrario se neutralizan.

Como respuesta al desafío de Freud, Ferenczi publicó en colaboración con Rank uno de los libros más audaces y brillantes de su producción y posiblemente el punto de partida de muchas concepciones psicoanalíticas actuales: *Perspectivas de desarrollo del psicoanálisis*⁵.

En este texto, especialmente innovador, Ferenczi y Rank, partiendo del texto de Freud de 1914 “Recuerdo, repetición y elaboración”, consideraban que el objeto esencial de la elaboración analítica y por tanto de la interpretación del analista no era la rememoración sino la compulsión a la repetición que era la verdadera expresión manifiesta de la transferencia. Es decir, más que el “allí y entonces”, se trataba de privilegiar el “aquí y ahora” de la situación analítica. Además, ambos preconizaban la necesidad de analizar las “experiencias vividas”, las vivencias (*Erlebnis*), los afectos antes que las fantasías reprimidas, la evocación de los recuerdos o las representaciones. El afecto debía ponerse al servicio del sentido.

Pero la importancia fundamental que tanto Ferenczi como Rank concedían a la interpretación transferencial y al proceso analítico implicaba además una modificación del concepto de contratransferencia y por tanto un ulterior viraje en la misma concepción del análisis. Entre otras muchas cosas, por ejemplo, hacían notar como muchas veces lo que está realmente en juego en las dificultades de un tratamiento analítico es el narcisismo del propio analista (“contratransferencia narcisística”), que corre el riesgo de influir sobre los pacientes para que aporten el material que a él le resulte más agradable o eliminan los argumentos que por el contrario pudieran incomodarle. Los pacientes intentarían evitar sentimientos hostiles reforzando su sentimiento de culpa inconsciente e impidiendo el progreso de la cura. A partir de esta idea, Ferenczi desarrolló su concepción de la interacción

transferencia-contratransferencia entendida no solo como instrumento terapéutico sino como el núcleo central del trabajo analítico. Esta idea quedó magistralmente recogida bastantes años después en la idea de Willy y Madelaine Baranger⁶ de “baluarte” y sobre todo en la necesidad de que el analista lleve a cabo una “segunda mirada” que le permita detectar las interferencias al proceso analítico y la dinámica contraresistencial que emanan de sus propias exigencias narcisistas.

La firme convicción de Ferenczi en considerar que todo lo que emerge en el “aquí y ahora” de la situación analítica deriva del encuentro entre la transferencia del paciente y la contratransferencia del analista abrió las puertas a una exploración sin límites de los estratos más profundos de la vida psíquica, justificaba la exigencia de favorecer la regresión del paciente hasta los niveles necesarios y confería a la contratransferencia el valor de un instrumento indispensable para reconocer e interpretar en la transferencia del paciente los aspectos emergentes y significativos.

Las aportaciones teóricas de Ferenczi tuvieron una cierta repercusión en la producción analítica del momento. Uno de los textos que suele pasar inobservado es por ejemplo el trabajo de H. Deutsch de 1926 sobre los procesos ocultos

es interesante subrayar como algunas ideas de Helen Deutsch son la antesala de la elaboración de los conceptos de contratransferencia concordante y complementaria propuestos por Racker

en el análisis, en el que la autora señala como la identificación del analista con las pulsiones infantiles del paciente y su elaboración autoanalítica no solo no constituyen un obstáculo para el tratamiento, sino que son realmente la base de un fructuoso desarrollo de la intuición y la empatía del analista⁷. Es interesante subrayar como algunas de estas ideas son la antesala de la elaboración de los conceptos de contratransferencia concordante y complementaria propuestos por Racker⁸ y que Grinberg⁹ desarrolló ulteriormente con su noción de contraidentificación proyectiva que los Baranger tuvieron muy en consideración en el desarrollo de su teoría del campo¹⁰.

La angustia de separación

En los mismos años de la publicación de *Perspectivas*, y de la polémica obra de Rank *El trauma del nacimiento*¹¹ que destaca el papel de la figura materna en la relación analítica y configura el momento del parto como el prototipo de todos los traumas posteriores y de la génesis de la angustia del individuo, Ferenczi escribió además otra obra imponente, “Thalassa”¹², uno de sus escritos más extensos, que había empezado a redactar muchos años antes, en sintonía con la especulación metapsicológica de Freud sobre la fantasía filogenética. En ella encontramos los tres temas que recorren como un hilo conductor todo su pensamiento: la regresión, la figura materna y el traumatismo.

En esta obra, la amenaza de castración se convierte en el transcurrir de los tiempos en el

1 S. Freud, *Más allá del principio del placer*, in *Obras completas*, vol. XVIII.

2 S. Freud, “Psicología de la masas y análisis del yo”, in *Obras completas*, vol. XVIII.

3 S. Freud, “El yo y el ello”, in *Obras completas*, vol. XIX.

4 S. Freud, “El problema económico del masoquismo”, in *Obras completas*, vol. XIX.

5 S. Ferenczi y O. Rank, *Perspectivas del psicoanálisis* [incompleto], *Psicoanálisis*, tomo III, p. 267-285.

6 W. Baranger y M. Baranger, *La situazione psicoanalitica come campo bipersonale*.

7 H. Deutsch, H. (1926), “Occult processes occurring during psychoanalysis”, in G. Devereux (Ed.), *Psychoanalysis and the occult*, p. 133-146.

8 H. Racker, *Los significados y usos de la contratransferencia; Estudios sobre técnica psicoanalítica*.

9 L. Grinberg, “Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la identificación y contraidentificación proyectivas”, *Revista de Psicoanálisis*, v. 13, p. 507-511, y “Psicopatología de la identificación y contraidentificación proyectivas y de la contratransferencia”, *Revista de Psicoanálisis*, v. 20, p. 113-123.

10 W. Baranger y M. Baranger, *op. cit.*

11 O. Rank, *El trauma del nacimiento*.

12 S. Ferenczi, S. “Thalassa, ensayo sobre la teoría de la genitalidad”, *Psicoanálisis*, tomo III, p. 303-383.





*“Inhibición, síntoma y angustia”
representa un giro teórico extraordinario
en relación a su concepción de la
angustia y de los afectos en general.
La tesis de Freud se articula en torno a
la distinción de tres tipos de angustia*

mayor trauma posible, pero paulatinamente, la teoría de Ferenczi sobre la angustia de castración se iría alejando del conflicto edípico y poniendo el acento en una organización del yo más arcaica, estructurándose en torno a un eje narcisista. Contrariamente a Freud, para quien la muerte constituía un representante psíquico de la castración¹³, Ferenczi hacía de la castración un representante psíquico del aniquilamiento o de la pérdida del yo, de la identidad corporal, de la libido objetal y del Ideal del yo. En todo caso, las reflexiones de Ferenczi preparaban una gran respuesta teórica de Freud.

La respuesta de Freud a todas estas consideraciones teóricas de Ferenczi, de Rank y también de Abraham, que antes de su prematura muerte había sentado las bases teóricas de manera impecable sobre el enfoque analítico de las psicosis maniaco-depresivas¹⁴, aparece en el imponente texto “Inhibición, síntoma y angustia”¹⁵, que representa un giro teórico extraordinario en relación a su concepción de la angustia y de los afectos en general. La tesis de Freud se articula en torno a la distinción de tres tipos de angustia: la angustia ante un peligro real, la angustia automática que se activa ante una situación traumática que desborda al yo impotente y la angustia señal que se produce ante una situación de peligro cuya inminencia el yo del sujeto es capaz de percibir. Freud se refiere, claramente, a un peligro de carácter pulsional, que, accediendo a la conciencia, se transforma en un peligro real. Sin embargo, la intensidad de la angustia pone en evidencia otro concepto fundamental, el de la angustia traumática.

Además, Freud hace otra importante aportación. Mientras antes pensaba que era la represión la que producía la angustia (primera teoría de la angustia), ahora sostiene inversamente que es la angustia la que produce la represión. O, lo que es lo mismo, el axioma de la primera teoría “tengo angustia porque estoy en peligro” es sustituido por el de “estoy en peligro porque tengo angustia”. Así pues, el yo produce síntomas y levanta sus defensas para evitar la percepción de la angustia que significa, en total consonancia con Ferenczi, un peligro vinculado al miedo a la separación y a la pérdida del objeto. Esta segunda teoría de la angustia de Freud, elaborada en total sintonía con la segunda tónica, hace del yo la sede de la angustia e incluso la posible causa de la angustia, como si pudiera reproducirla por su cuenta, al menos como señal.

En cualquier caso, Freud, que se lamentaba de no disponer de un solo análisis de neurosis traumática, introduciendo el origen traumático de la angustia, ponía en evidencia una de las primeras contradicciones sobre si este era interno o externo y sobre las dificultades que había siempre encontrado al tratar de establecer diferencias netas entre las neuropsicosis de defensa y las neurosis actuales. Cuando en 1894 Freud se refería a orígenes externos, hablaba de aspectos concretos de la vida sexual (coitus interruptus, abstinencia, etc.), mientras que ahora en 1926 se refería a la castración, al abandono o a la separación. En la formulación de la angustia traumática tomaban cuerpo, por un lado, el gradual descubrimiento del desarrollo de los procesos psíquicos infantiles y por otra la permanente interacción entre mundo interno y mundo externo. ¿No resultan evidentes los efectos del diálogo entre ambos autores?

Esta segunda teoría de la angustia, si bien es más abierta a una concepción más simbólica, más funcional y más histórica de la angustia, es también una teoría que se abre a una lectura más exterior de la angustia, es decir hace de la angustia la reproducción de un peligro objetivo (externo), olvidando, de este modo, el aspecto esencial de la

primera teoría que era la íntima conexión entre la angustia y el deseo.

Además, hay un punto en el que Freud establece una conexión sumamente interesante entre su vieja concepción de la neurosis de angustia y el traumatismo. Para Freud, el trauma es una cantidad de excitación que el aparato psíquico no puede ligar con ninguna representación, pero, a partir de ahora, queda planteada una cuestión extraordinariamente interesante. En la insuficiente conexión entre la excitación somática y la representación, ¿se trata de una perturbación en la construcción de representaciones por traumas primitivos, inconsistentes cuidados maternos, etc. o es la consecuencia de un desmentido de la representación ante un dolor psíquico intolerable?

En cualquier caso, la nueva concepción sobre la angustia de Freud, junto a la inclusión el año después del concepto de *Verleugnung*, abre una importante reflexión sobre una serie de patologías hasta ese momento alejadas de la terapia psicoanalítica, como los trastornos narcisistas, la psicosis, la patología *borderline*, el traumatismo y naturalmente la medicina psicosomática. La vieja noción de neurosis de angustia quedaba definitivamente ampliada, el cuerpo era re-significado en otros términos y el dolor, o si se prefiere el dolor psíquico, adquiriría una carta de naturaleza esencial para todo el desarrollo psicoanalítico posterior.

13 “Me atengo a la conjetura de que la angustia de muerte debe concebirse como un análogo de la angustia de castración [...]”, S. Freud, “Inhibición, síntoma y angustia”, in *Obras completas*, vol. XX, p. 123.

14 K. Abraham, “Un breve estudio de la evolución de la libido considerada a la luz de los trastornos mentales”, in *Psicoanálisis clínico*, p. 319-381.

15 S. Freud, *op. cit.*

16 S. Ferenczi, “El problema de la afirmación del displacer (Progresos en el conocimiento del sentido de realidad)”, *Psicoanálisis*, tomo III, p. 457-469.

17 S. Ferenczi, “Elasticidad de la técnica psicoanalítica”, *Psicoanálisis*, tomo IV, p. 59-72.

18 Cronológicamente, en los tomos de la edición de S. Ferenczi, *Psicoanálisis*: “La adaptación de la familia al niño”, Tomo IV, p. 33-47; “El problema del fin del análisis”, tomo IV, p. 49-58; “El niño mal recibido y su pulsión de muerte”, tomo IV, p. 85-90; “Principio de relajación y neocatarsis”, tomo IV, p. 91-108; “Análisis de niños con los adultos”, tomo IV, p. 109-124; (“Sobre la revisión de la interpretación de los sueños” [Apartado II de: “Reflexiones sobre el traumatismo” (p. 153-163)], p. 156-160; “Confusión de lengua entre los adultos y el niño”, tomo IV, p. 139-149.

»

Ferenczi defendía la idea de que una buena parte de los fracasos terapéuticos se sustentan en que el analista no tiene suficientemente en cuenta la realidad de ciertos traumatismos vividos con anterioridad por los pacientes

Ultimos trabajos de Freud: su diálogo final con Ferenczi

En “El problema de la afirmación del displacer”¹⁶, escrito pocos meses después de “Inhibición, síntoma y angustia”, Ferenczi continua su dialogo con Freud introduciendo algunos de los conceptos sobre el trauma que desarrollará ulteriormente.

A partir de 1928, tras la publicación de su excelente trabajo sobre las “Elasticidad de la técnica psicoanalítica”¹⁷, donde radicaliza su concepción sobre la transferencia, Ferenczi empezó a constatar la necesidad de modificar la técnica psicoanalítica a la luz de las experiencias clínicas que realizaba con sus pacientes. Algunas de sus hipótesis conciernen las consecuencias psíquicas del traumatismo. Defendía la idea de que una buena parte de los fracasos terapéuticos se sustentan en que el analista no tiene suficientemente en cuenta la realidad de ciertos traumatismos vividos con anterioridad por los pacientes y que se reactivan en la transferencia.

Todos conocemos como en este periodo Ferenczi desarrolló sus ideas más innovadoras. En 1928 escribe “La adaptación de la familia al niño” y “El problema del fin del análisis”, en 1929 “El niño mal recibido y su pulsión de muerte”, en 1930 “Principios de relajación y neocatarsis”, en 1931 “Análisis de niños con los adultos” y “Sobre la revisión de la interpretación de los sueños” y en 1932 su conocidísimo y polémico trabajo “Confusión de lenguas entre los adultos y el niño” que leyó en el conflictivo Congreso de Wiesbaden, pocos meses antes de su muerte¹⁸.



para una disciplina como el psicoanálisis, el diálogo científico y humano que se estableció entre Freud y Ferenczi es un referente ejemplar de la combinación y la dialéctica entre la tradición y la innovación

Aunque aparentemente se fue forjando, a partir de entonces un alejamiento entre Freud y Ferenczi, la realidad es que el diálogo se siguió manteniendo. Incluso años después de la muerte de Ferenczi, Freud mantuvo vivo este diálogo en sus últimos trabajos “Moisés y la religión mono-teísta”, “Análisis terminable e interminable”, “Construcciones en análisis” y “La escisión del yo en el proceso defensivo”¹⁹.

Como prueba de ello, en un reciente trabajo²⁰ he intentado demostrar cómo, en 1931, Ferenczi escribió un ensayo titulado “Revisión de la interpretación de los sueños”, en el que proponía dos cuestiones interesantes. La primera era si se podría atribuir al sueño una segunda función relacionada con las vivencias traumáticas y la segunda una ampliación metapsicológica que incluyera los mecanismos que subyacen a la patología psicótica y al traumatismo, especialmente la fragmentación y atomización de la personalidad, anticipando sus conocidas hipótesis sobre la “confusión de lenguas”.

En este sentido, Ferenczi planteaba que una definición más completa de la función del sueño incluiría una segunda función, la función traumatológica, que sería la de disolver y deshacer las experiencias y vivencias traumáticas. En su opinión, muchos sueños, desprovistos de representaciones inconscientes, producirían exclusivamente “sensaciones dolorosas o experiencias de sufrimiento corporal o psíquico”²¹. El sueño, desde su perspectiva, por tanto, además de su función de realización de deseos inconscientes, tendría el papel de recuperar, a través de estas vivencias sensoriales y corporales, las huellas mnémicas de un

lenguaje enmudecido. Esta posibilidad de elaboración era lo que Ferenczi denominó la función traumatológica del sueño, que anticipaba en algunos años algunas concepciones de Garma²² sobre los sueños traumáticos, el concepto de “sueños curativos” acuñado por Winnicott en su conocido texto sobre “El odio en la contratransferencia”²³ e incluso la hipótesis sobre “los sueños que pasan página” de Quinodoz²⁴.

Lo realmente sorprendente es que Freud había ya anticipado en parte las intuiciones de su fiel discípulo en “Sobre los recuerdos encubridores” (1899), “Recordar, repetir y reelaborar”²⁵ y, sobre todo, en *Más allá del principio del placer*²⁶. Se mantuvo entre ambos un intenso intercambio epistolar, y posteriormente incluso encontraron eco en algunos de los últimos escritos de Freud, como en la conferencia 29ª “Revisión de la doctrina de los sueños” de las *Nuevas conferencias de Introducción al Psicoanálisis* y especialmente en “Construcciones en análisis”²⁷.

Deseo terminar afirmando que para una disciplina como el psicoanálisis, el diálogo científico y humano que se estableció entre Freud y Ferenczi es un referente ejemplar de la combinación y la dialéctica entre la tradición y la innovación. Es cierto que la versión “oficial” de Jones²⁸ que ha prevalecido durante mucho tiempo en el mundo psicoanalítico, y que caracterizaba a Ferenczi, en sus últimos años, no sólo como un disidente de la ortodoxia psicoanalítica, sino también como un hombre enfermo y deteriorado mentalmente, víctima del influjo maligno de una paciente diabólica, a la que se habría entregado sin reservas en el trabajo analítico, hizo que el nombre de Ferenczi – colaborador e interlocutor privilegiado de Freud, fundador de la I.P.A. (en 1910), del *International Journal* (en 1920), el primer profesor que ocupó una cátedra de psicoanálisis (en 1919), el autor de innumerables obras fundamentales de la teoría psicoanalítica, el clínico admirado por todos y sobre todo aquel que, según Freud, todo psicoanalista debería considerar como su maestro²⁹ – desapareció en el olvido durante muchos años. Y así mismo desaparecieron de las discusiones entre

analistas, los argumentos en los que Ferenczi había intentado profundizar en sus últimos trabajos, especialmente la regresión, el traumatismo y la contratransferencia.

Sin embargo, hoy en día asistimos a un interés cada vez más frecuente por intentar una lectura más profunda de lo que se dilucidaba en aquellos años no sólo entre ambos hombres sino en la teoría y en la técnica psicoanalítica. No sólo. Nos podemos preguntar si la evolución de las distintas polémicas que se han ido produciendo en el psicoanálisis, a lo largo de los últimos 80 años, no arranquen precisamente de esta controversia, insuficientemente estudiada con atención y profundidad. Mantener viva la reflexión, la discrepancia teórica y el diálogo científico permitirá mantener vivo el espíritu que creó el psicoanálisis que se forjó en torno a la búsqueda de la verdad y a la libertad de pensar y no para mantener a toda costa una ideología.

Deseo concluir, para avalar lo dicho anteriormente, señalando que el 6 de mayo de 1931, en una conferencia celebrada en Viena en la sede

»
“Freud ha añadido que el futuro podría darme la razón en algunos aspectos, y ni él ni yo hemos pensado en interrumpir nuestra colaboración a causa de estas diferencias relativas al método y a la teoría” [S. Ferenczi]

de la Sociedad Psicoanalítica en ocasión del 75º cumpleaños de Freud, Ferenczi afirmaba:

No puedo pretender ni siquiera que el propio Freud esté de acuerdo con todo lo que publico. No ha evitado sus críticas cuando le he pedido su parecer. Pero enseguida ha añadido que el futuro podría darme la razón en algunos aspectos, y ni él ni yo hemos pensado en interrumpir nuestra colaboración a causa de estas diferencias relativas al método y a la teoría; pero en lo que concierne a los principios básicos más importantes del psicoanálisis, estamos totalmente de acuerdo [...]»³⁰

19 En la edición S. Freud, *Obras completas*, “Moisés y la religión monoteísta”, vol. XXIII; “Análisis terminable e interminable”, vol. XXIII; “Construcciones en análisis”, vol. XXIII; “La escisión del yo en el proceso defensivo”, vol. XXIII.

20 L.J. Martín Cabré, “La función traumatológica del sueño”.

21 S. Ferenczi, “Sobre la revisión de la interpretación de los sueños” [Apartado II de: “Reflexiones sobre el traumatismo” (p. 153-163)], p. 156-160.

22 A. Garma, *Nuevas aportaciones al psicoanálisis de los sueños*.

23 D.W. Winnicott, “El odio en la contratransferencia”, in *Escritos de pediatría y psicoanálisis*.

24 J.M. Quinodoz, *Les rêves qui tournent une page*.

25 S. Freud, “Recordar, repetir y reelaborar”, in *Obras completas*, vol. XII.

26 S. Freud, *Más allá del principio del placer*, op. cit.

27 S. Freud, “Revisión de la doctrina de los sueños”, in *Obras completas*, vol. XXII, y “Construcciones en análisis”, *Obras completas*, vol. XXIII.

28 E. Jones, *Vida y obra de Sigmund Freud*, tomo III: *La etapa final, 1919-1939*.

29 S. Freud, “Sandor Ferenczi”, in *Obras completas*, vol. XXII.

30 S. Ferenczi, “Análisis de niños con los adultos”, in *Psicoanálisis*, tomo IV, p. 110.

Referencias

- Abraham K. (1924/1994). Un breve estudio de la evolución de la libido considerada a la luz de los trastornos mentales. In *Psicoanálisis clínico*. Buenos Aires: Lumen-Hormé, p. 319-381.
- Baranger W.; Baranger M. (2011). *La situazione psicoanalitica come campo bipersonale*. Milano: Raffaello Cortina.
- Deutsch H. (1926/1953). Occult processes occurring during psychoanalysis. In G. Devereux (Ed.), *Psychoanalysis and the occult*. New York: International University Press, p. 133-146.
- Ferenczi S. (1924/1981). Thalassa, ensayo sobre la teoría de la genitalidad. In *Psicoanálisis*, tomo III. Madrid: Espasa-Calpe, p. 303-383.
- _____. (1926/1981). El problema de la afirmación del displacer (Progresos en el conocimiento del sentido de realidad). In *Psicoanálisis*, Tomo III. Madrid: Espasa-Calpe, p. 457-469.
- _____. (1928a/1984). La adaptación de la familia al niño. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 33-47.
- _____. (1928b/1984). El problema del fin del análisis. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 49-58.
- _____. (1928c/1984). Elasticidad de la técnica psicoanalítica. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 59-72.
- _____. (1929/1984). El niño mal recibido y su pulsión de muerte. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 85-90.
- _____. (1930/1984). Principio de relajación y neocatarsis. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 91-108.
- _____. (1930-32post./1984). Notas y fragmentos. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 300-353.
- _____. (1931a/1984). Análisis de niños con los adultos. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 109-124.
- _____. (1931b/1984). Sobre la revisión de la interpretación de los sueños [Apartado II de: Reflexiones sobre el traumatismo (1934: 153-163)]. In *Psicoanálisis*, Tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 156-160.
- _____. (1933b/1984). Confusión de lengua entre los adultos y el niño. In *Psicoanálisis*, tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe, p. 139-149.
- Ferenczi S.; Rank O. (1924/1981). Perspectivas del psicoanálisis [incompleto]; *Psicoanálisis*, tomo III. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 267-285 [completo en: Ferenczi, S.; Rank, O. (2005). *Metas para el desarrollo del psicoanálisis. De la correlación entre teoría y práctica*. México: pee].
- Freud S. (1899/1976). Sobre los recuerdos encubridores. In *Obras completas*, vol. III. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1914g/1976). Recordar, repetir y reelaborar. In *Obras completas*, vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1920g/1976). Más allá del principio del placer. In *Obras completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1921c/1976). Psicología de la masas y análisis del yo. In *Obras completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1923/1976). El yo y el ello. In *Obras completas*, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1924/1976). El problema económico del masoquismo. In *Obras completas*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1926d/1976). Inhibición, síntoma y angustia. In *Obras completas*, vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1933a/1976). "Revisión de la doctrina de los sueños [29ª de Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis]". In *Obras completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1933b/1976). Sandor Ferenczi. *Obras completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1937a/1976). Análisis terminable e interminable. In *Obras completas*, vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1937b/1976). Construcciones en análisis. In *Obras completas*, vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1938 [1940e]/1976). La escisión del yo en el proceso defensivo. In *Obras completas*, vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1939a/1976). Moisés y la religión monoteísta. In *Obras completas*, vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Garma A. (1970). *Nuevas aportaciones al psicoanálisis de los sueños*. Buenos Aires: Paidós.
- Grinberg L. (1956). Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la identificación y contraidentificación proyectivas. *Revista de Psicoanálisis*, v. 13, p. 507-511.
- _____. (1963). Psicopatología de la identificación y contraidentificación proyectivas y de la contratransferencia. *Revista de Psicoanálisis*, v. 20, p. 113-123.
- Jones E. (1957/1997). *Vida y obra de Sigmund Freud*. Tomo III: La etapa final, 1919-1939. Lumen-Hormé.
- Martín Cabré, L.J. (2012). La función traumatológica del sueño. Trabajo presentado en el 47 Congreso de la IPA, México 2011.
- Quinodoz J.M. (2001). *Les rêves qui tournent une page*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Racker H. (1953/1960). *Los significados y usos de la contratransferencia*. In *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Rank O. (1924/1991). *El trauma del nacimiento*. Barcelona: Paidós.
- Winnicott D.W. (1947/1999). El odio en la contratransferencia. In *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Barcelona: Paidós.

The Freud-Ferenczi dialogue after the formulation of the Second Topic

Abstract The author proposes to examine the scientific dialogue established by Freud and Ferenczi between 1920 and 1933 after Freud's formulation of the Second Topic. It is very informative to explore the closeness of some formulations of Freud with the more important clinical and metapsychological intuitions of Ferenczi. The role of repetition, the value of affects, the second theory of anxiety, the elasticity of the psychoanalytical technique and the problem of traumatism are some of aspects developed in this paper.

Keywords Freud; Ferenczi; second topic; repetition; anxiety; traumatism.

Texto recibido: 03/2022

Aprovado: 05/2022

Paulo Endo

Violência e delicadeza

Realização Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

Paulo Endo é psicanalista, professor doutor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e da Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP). Militante e profundamente engajado na luta pelos Direitos Humanos, é atualmente membro do GT de Direitos Humanos, da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP); em 2015 trabalhou como professor visitante na Universidade de Gdansk (Polônia), no contexto dos estudos e pesquisas sobre a memória política e social. Atuou também como membro do Grupo Interdisciplinar Independente de Combate à Tortura e à Violência Institucional, da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), e foi membro da Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância, do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA). É autor de vasta obra que estuda, discute e propõe caminhos para o desenvolvimento do pensamento e da prática psicanalítica. Entre elas, está seu livro *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico* (2005), que recebeu o Prêmio Jabuti. Foi um dos organizadores do Movimento Psicanalistas pela Democracia, reunido em abril de 2016, à época do golpe de estado perpetrado contra o governo de Dilma Rousseff.

Endo nos conta, nesta entrevista, sua trajetória política iniciada nos trabalhos ligados à Teologia da Libertação, ainda na época da ditadura civil-militar que, ao impor um regime de terror, impregnava todas as esferas de nossa vida social. Relata, de forma comovente, seu encontro com o pensamento psicanalítico ao realizar uma residência de psicologia em uma instituição total, um hospital psiquiátrico, onde os grupos mais vulneráveis eram

abandonados, violentados e explorados. Seu protesto e os desdobramentos deste contra a decisão dos médicos de submeter uma paciente ao eletrochoque inauguram sua relação com a psicanálise. Os autores que o acompanharam nessa inauguração foram Piera Aulagnier, Cornelius Castoriadis e Pichon Rivière. Era um momento da história da psicanálise em que a discussão sobre os grupos, as instituições e o social tomava destaque e fertilizava o campo.

Dessa forma, nosso entrevistado debruçou-se sobre as relações entre a Psicanálise e a Política elegendo um vasto campo de pesquisa, estudo e intervenção. Para ele, “ser psicanalista já é uma posição política”. Temas como a violência urbana, a tortura, as catástrofes e os genocídios tornaram-se centrais em sua produção que revela um apreço pelo desenvolvimento da metapsicologia psicanalítica. Endo dedica-se a pensar o esquecimento, a memória, as várias formas do lembrar e os mecanismos psíquicos que nos fazem transformar a realidade a ponto de não enxergarmos o submetimento e a dor da violência. Pensa sobre como as instituições não castradas podem ser produtoras do adoecimento do tecido social e por consequência das individualidades.

O encontro com Paulo foi especialmente tocante em um aspecto que merece ser destacado, e que para o grupo de entrevistas da Percurso ficou como uníssono ao final da realização da entrevista: ao depararmos com realidades marcadas por violências levadas a seus extremos, faz-se necessário um pensamento e uma prática que tenham a delicadeza como elemento central. Para nos aproximarmos das

PERCURSO Gostaríamos que nos contasse de seu percurso de estudo e formação e como se interessou pela psicanálise, especialmente pela articulação entre psicanálise e política, e pelos temas da violência e do traumático.



o encontro com Paulo
foi especialmente tocante
em um aspecto que merece
ser destacado: ter a delicadeza
como elemento central

marcas das torturas que atravessam gerações, para identificarmos as permanências da escravidão nos tempos atuais, para olharmos para os campos de extermínio nazistas ou para as bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki é necessária uma dose de delicadeza que faça frente a tantas barbáries.

Dessa forma, os trabalhos com os sonhos de perseguidos pelos regimes de extermínio e pelas ditaduras, os estudos sobre os memoriais e sobre os testemunhos, a análise dos monumentos nas cidades são algumas das reflexões que somos convidados a conhecer na leitura desta entrevista.

Nesse momento, em que vivemos tempos tenebrosos de nossa vida social, conhecer o pensamento de Endo é um convite ao sonho como desalienação e criatividade. Nas palavras dele: “Para que os sonhos nos sirvam, na escuta, para elidir formas repetitivas e com certo caráter de urgência, da narratividade dos discursos, de um saber sobre o que está acontecendo conosco”. E assim, sonhar com a Democracia e com a Justiça desde um lugar transformado que permita a ação e não a apatia.

Cristina Parada Franch e Silvio Hotimsky

PAULO ENDO O tema da política, para mim, é muito anterior à minha chegada na psicanálise. Ela remonta a trabalhos que fiz em educação popular quando era adolescente e depois atravessou minha vida universitária. Quando entrei na



em minha trajetória também foi importante uma experiência que vivi em uma instituição total, no interior de São Paulo: uma residência em psicologia e psicopatologia

universidade, na PUC-SP – estamos falando da década de 1980, quando a ditadura civil-militar estava em seus estertores –, criamos um grupo de educação popular que trabalhou vários anos na periferia sul da cidade de São Paulo. Foi um grupo extraordinário! Muitos jovens, de várias universidades, que queriam atuar politicamente com mais liberdade. Durante cinco anos trabalhamos junto à população pobre e miserável do extremo sul. Fiz grandes amigas e amigos, tive aprendizados inesquecíveis. Foram experiências que marcaram profundamente minha formação pessoal e intelectual, e o que eu viria a fazer depois.

PERCURSO Como esse grupo se juntou?

ENDO Eu tinha uma relação com alguns trabalhos feitos em torno da Teologia da Libertação, que realizava muitas ações nas periferias. Uma das pessoas ligadas à Teologia da Libertação era um professor da PUC, Padre Alberto Abib Andery. Alberto nos colocou em contato com uma congregação de irmãs Carmelitas, que eram muito ativistas. Criamos um grupo de jovens vindos da PUC, da USP, da UNIP, de várias universidades diferentes. Estudantes de arquitetura, artes plásticas, música, psicologia... Partimos de um diagnóstico que fizemos, junto com a população local, de problemas e necessidades que existiam ali. Iniciamos esse trabalho e passamos a entender também a presença da ditadura nas periferias. Começamos a formar um clube de mães, algo que ficou muito conhecido nas periferias da cidade. Clube de mães, um nome singelo, para algo que era um pouco como as “Mães da Praça de Maio”, de um potencial político extraordinário. Aquilo que parecia uma reunião de mães para fazer costura,

bazar, coisas muito ingênuas e politicamente inofensivas, também servia para esconder e proteger perseguidos políticos. Ao longo do trabalho fomos mapeando o quanto as periferias são predadas por todas as formas de interesses social, político e econômico. Desde interesses de partidos e igrejas, até interesses de políticos que têm cadeira cativa ali nos currais eleitorais. Queríamos apoiar as populações locais para fazer frente a isso. Vimos que havia lá um diagrama muito complicado. Aprendi a entender um pouco mais sobre ele, sobre os cuidados que precisam ser tomados e as condições necessárias para se avançar num trabalho como aquele. Então, diria que parte de minha formação intelectual e ativista também se plantou muito ali. Ficamos cinco anos inteiros indo todo final de semana, sábado e domingo. Uma molecada cheia de vida e alegria. E depois fazíamos uma farra nossa. O livro *A violência no coração da cidade* retoma um pouco dessa experiência. No doutorado, fiz uma pesquisa no Jardim Ângela, zona sul, definido pela ONU, alguns anos antes, como o lugar mais violento do mundo. Várias iniciativas populares existiam ali. Fui pesquisar uma específica, o Fórum em Defesa da Vida.

Em minha trajetória também foi importante uma experiência que vivi em uma instituição total, no interior de São Paulo, durante um ano. Havia, nesse hospital psiquiátrico, uma residência em psicologia e psicopatologia. Hoje não existe mais isso. Eu tinha muita vontade de fazer essa formação. Era um ano inteiro dentro do hospital, com uma promessa de aulas e estágio direto com os pacientes. Logo que me formei, prestei esse concurso e entrei. Eu era psicólogo residente com um contrato de 12 meses. É o momento em que a psicanálise entra em minha vida de maneira radical. Era uma instituição total e replicava, como muitos hospitais, o desenho do Brasil. Havia uma população extremamente pobre que não tinha nem INSS; vamos dizer assim, eram os indigentes do hospital. E havia uma população rica que tinha os almoços acompanhados de música tocada ao piano de cauda. Era uma instituição toda segmentada, oito alas diferentes,



*por intermédio de Piera tomei contato
com a obra de Cornelius Castoriadis,
que fazia articulações brilhantes
em muitos aspectos*

obviamente com preços diferentes, com cuidados e qualidade técnica diferentes. Escolhi a ala mais miserável e das mulheres, que não tinha absolutamente nada. As enfermeiras eram de péssima qualidade e não havia clínica. Foi um choque para mim! Não sei como eles tiveram coragem de colocar um residente ali. O que mais me surpreendia era os pacientes serem utilizados como mão de obra barata. Por exemplo, eles escolhiam arroz e feijão para o restaurante do hospital inteiro e chamavam isso de atividade laboral de escolha. Cheguei a ver uma paciente catatônica nessa atividade. Ela não escolhia nada, ficava sentada durante oito horas por dia. Enquanto, nas alas mais ricas, havia grupos operativos, psicoterapia individual, atendimento psiquiátrico semanal, shows, cursos e oficinas com artistas plásticos. Aquilo foi me fritando, criando uma coisa muito forte em mim. Era um hospital conhecido, famoso. Constatar a ausência da clínica era uma decrepitude violenta para mim.

PERCURSO Você era o único residente nessa ala?
ENDO Na feminina era só eu. E o que aconteceu? Pensei que precisava criar um projeto clínico para essa ala, fiquei meses nisso. Tive apoio de alguns psiquiatras que estavam por ali pela cidade, que estudavam psicanálise e faziam inclusive formação na Sociedade. Em nossas conversas, eles falaram: “toma cuidado. Você é um residente e esse hospital existe assim há séculos, você não tem muito o que fazer. Termina a sua residência, aproveita e vai embora”. Montei um projeto clínico que envolvia grupos operativos e atendimentos individuais. A coisa eclodiu mesmo quando uma paciente catatônica iria receber aplicação de eletrochoques. Houve uma reunião clínica gigantesca com 40 médicos psiquiatras e eu estava muito revoltado com aquilo. Disse que o fato merecia uma denúncia, como pensar em um tratamento condenado em muitos países, antes de oferecer alguma clínica para esses pacientes?! Eles olharam aquele moleque metido a besta e falaram: “Está bem. Então faz aí o projeto. Vê lá o que você consegue”. Fizeram a linha do impedimento:

“Deixa esse babaca, vamos ver o que acontece”. E o que eu tinha? Muito incipientemente, eu tinha a psicanálise. Eu levei muito a sério.

PERCURSO Que autores eram referência para você nesse momento?

ENDO Piera Aulagnier foi fundamental para mim no trabalho com a psicose. E por intermédio de Piera tomei contato com a obra de Cornelius Castoriadis, que fazia articulações brilhantes em muitos aspectos. No livro *Instituição imaginária da sociedade* ele vai abandonando o marxismo e se convertendo à psicanálise. Castoriadis é o primeiro autor que vejo fazendo uma boa metapsicologia sobre essas questões de natureza psíquica, subjetiva, política e social. Foi o autor que me ajudou a alavancar esse projeto e implementá-lo. Tratava-se basicamente de um tratamento clínico para uma paciente catatônica como projeto piloto, em psicanálise. Há vários detalhes nesse projeto, mas o que acontece é que eles já estavam dando de barato que isso ia dar em nada. Em três meses, essa paciente saiu da catatonia, e a psiquiatra, que depois também se tornou uma parceira, suspendeu totalmente a medicação dela. Ela ficou 30 dias sem medicação no hospital e recebeu alta.

Durante um mês eu a atendi duas vezes por dia. Depois, uma vez. Minha equipe permitiu isso. Tínhamos outras atribuições, mas fizemos um bem bolado. Também criamos dispositivos. Coloquei, por exemplo, como acompanhante terapêutico nas horas em que eu não estava, uma paciente muito comunicativa e solidária. A partir desse projeto piloto, defendi o argumento de que tínhamos que ampliar a clínica e precisávamos de



*minha adesão à psicanálise
foi visceral, até porque
me aproximo dela pela filosofia
fenomenológica*

recursos. Isso criou um pampeiro, um confronto enorme com a diretoria clínica e administrativa do hospital. Tudo isso aconteceu em 10 meses. Então fui chamado e minha residência foi interrompida.

PERCURSO Essa bagagem psicanalítica com a qual você chega ao hospital, você tinha a partir de onde?

ENDO Durante a graduação, fiz vários grupos de estudos de psicanálise. Também tinha feito vários estágios sobre a psicose, que me interessava particularmente, e iniciei minha análise e supervisão, com pessoas ligadas à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Estava começando tudo, mas era o que eu tinha. Também estudava sobre grupos operativos e, no hospital, havia uma pessoa que trabalhava com isso. Ingressei na obra de Pichon-Rivière para saber como poderia utilizar isso como instrumental. Com esse pouco fragmentado que juntei, fiz um projeto clínico com resultados extraordinários, para mim pelo menos, um jovem recém-formado. E eclodiu com essa ruptura.

No hospital, o louco não pode ser louco. Essa é a grande questão. O que Nise da Silveira cria na Casa das Palmeiras é justamente esta permissão: que a loucura possa ser loucura e possa aparecer enquanto tal. No hospital psiquiátrico, o que vemos é o oposto. A coação. A violência na tentativa de impedir que a loucura possa ser loucura.

PERCURSO É impressionante a força institucional que vai acontecendo para expelir a loucura. São muitos os exemplos da resistência aos trabalhos grupais nos hospitais psiquiátricos.

ENDO Minha adesão à psicanálise foi visceral, até porque me aproximo dela pela filosofia fenomenológica, a partir de fenomenólogos que começavam a ler a psicanálise com interesse e com extraordinária criatividade. Caso de Merleau-Ponty, por exemplo, e Binswanger, um amigo de Freud até o final. O único amigo que tinha posição diferente e nunca brigou com Freud. E depois, temos Fédida, que propõe uma psicanálise que incorpora a fenomenologia em uma leitura muito original e criativa. Autor que também foi importante em meu percurso na psicanálise. Mas minha aproximação com a psicanálise parte de uma postura que é, sobretudo, crítica, epistemologicamente.

PERCURSO A experiência no hospital foi fundante como experiência clínica?

ENDO É quando a psicanálise, para mim, sai completamente da abstração. Eu tinha alguma noção do que era a psicanálise e ali recorro a ela para dar uma resposta que só podia ser clínica. E teve um resultado extraordinário. A dimensão política da psicanálise começa a aparecer aí também.

PERCURSO Como se articula essa experiência no hospital com os estudos sobre a violência na cidade que geraram seu livro?

ENDO O que eu constatava ali no hospital? Existe alguma coisa que se opõe à violência, sem ser antípoda dela, que é a delicadeza. Um trabalho que vim a fazer muitos anos depois, e até hoje não concluí, é sobre violência e delicadeza. A delicadeza é, na verdade, até indiferente à violência. A delicadeza não aparece para mitigar ou se opor à violência. E, talvez, justamente por isso é delicadeza. Ela pode ser destruída pela violência. O contrário nunca pode acontecer. Naquela estrutura corrompida, violenta, a clínica aparecia como um vértice delicado. Eu pensava que era preciso um modo de pensamento, de trabalho, delicado, no meio daquele solapamento, da violência de todos os lados que envolvia também interesses econômicos. Os pacientes que entravam em camisa de força, por exemplo, eram os pobres. Nunca um paciente das alas mais ricas. E a gente tinha que ir



*tem um lado de provocar
a psicanálise com assuntos
que, a princípio, não seriam
de sua seara*

lá e brigar com o auxiliar de enfermagem e fazer todo um trabalho quase de corpo a corpo. Mas isso não seria suficiente. O que eu achava que poderia mudar as balizas do hospital era a apresentação, execução e consolidação de um trabalho clínico. Foi ali que compreendi boa parte de como funcionam os hospitais e os interesses em jogo. Violências muito profundas são praticadas contra a população psicótica, e eu diria quase sem exceção. Uma instituição total tem esse desenho. Ela é feita para produzir, tanto quanto possível, lucro sobre essas pessoas que estão padecendo psiquicamente.

PERCURSO Dessa violência institucional, você foi para a questão da violência na cidade, nas relações sociais...

ENDO Na verdade, meu trabalho, em minha vida inteira, acabou sendo esse. Tem um lado de provocar a psicanálise com assuntos que, a princípio, não seriam de sua seara. Um trecho desse trabalho vivi junto de Dodora [Maria Auxiliadora Arantes]. Fui do comitê nacional do combate à tortura, na época da gestão de Dodora na secretaria especial de direitos humanos, depois fui do grupo interdisciplinar de combate à tortura. Mas, antes disso, em *A violência no coração da cidade*, eu estava muito envolvido com o trabalho que fiz na periferia, do qual falo muito no livro.

Naquela época, década de 1980, víamos a preocupação das mães e dos pais com os filhos nas ruas, tanto que uma parte de nosso trabalho foi fazer atividades no período em que as crianças não estavam na escola. As mães ficavam muito aflitas, pois se as crianças ficassem na rua meio período, elas seriam aliciadas pelo tráfico. Já estavam antecipando visionariamente esse problema, como, em geral, muitas vezes as mães fazem. Elas sabiam que, se isso continuasse a acontecer, iria gerar um grave problema social nas periferias, que já eram coalhadas de problemas sociais. E foi o que aconteceu: o domínio do tráfico em todas as grandes regiões periféricas do Brasil, e o aliciamento de jovens e crianças. Uma coisa que lamentamos é que não conseguimos criar indicadores

para alçar esse trabalho à política pública. No doutorado, decidi pensar nessa experiência. Fiz uma pesquisa longa, colhi vários depoimentos pelo Brasil, de mães pobres que tinham perdido seus filhos em ataque letal da polícia. A Argentina, naquela época, foi minha grande inspiradora. Eu já tinha pistas de como tentar abordar esse trabalho, a partir das *madres*, depois das *abuelas*, dos *hijos* e agora dos *nietos*.

Mas, aconteceu uma coisa interessante em relação à psicanálise. Naquele momento de gestão do livro, fui dar uma pesquisada se existia alguém que havia estudado a violência no pensamento de Freud. Fiquei meses procurando. Autores franceses, ingleses, brasileiros e não achava nada. Havia algumas pessoas falando algumas coisas, mas não como um exame cabal do pensamento freudiano em relação à violência. O que poderia ser aproximativo entre os conceitos de Freud de pulsão morte, de sadomasoquismo, da própria neurose relativamente a um conceito de violência que partiria do senso comum, mas também do campo das ciências sociais, da antropologia urbana. Não achei nada! Estava no meio da tese e, então, me propus a fazer essa pesquisa. A segunda parte do livro, dedicada ao tema da violência no pensamento de Freud, na verdade tenta fazer a filtragem de tudo aquilo que falo na primeira parte. Todas as questões colocadas pela antropologia urbana, pelos estudiosos de segurança pública receberão acolhida da psicanálise. Não há outra possibilidade de avançar senão pensar com a psicanálise.

PERCURSO Quais conceitos na metapsicologia psicanalítica são fundamentais para pensar a questão da violência?



no trabalho que fiz no meu livro sobre a violência na cidade, procurei ampliar a noção de violência. Uma questão é sobre seu alcance

ENDO No trabalho que fiz naquele livro sobre a violência na cidade, procurei ampliar a noção de violência. Uma questão é sobre seu alcance, questão muito presente na experiência da tortura. No entanto, ela não é suficientemente nomeada nos lugares onde é discutida, como no campo dos direitos humanos. Quem pode fazer isso é a psicanálise. Por exemplo, não teríamos condição nenhuma de saber que a tortura atravessa gerações se não fosse uma escuta psicanalítica. A análise da tortura, mesmo nos tribunais internacionais, ficaria retida nos danos físicos, que são detectáveis e precisariam ser imediatamente investigados. Isso porque muitas das consequências físicas da tortura desaparecem. Os hematomas, as lacerações, às vezes até os ossos quebrados... tudo isso desaparece em meses. E aí não se alcança mais a tortura. Esse é um impasse que tenho levado nas discussões sobre o alcance da violência. A tortura, em algum momento, se torna sem fim na medida em que ela vai atravessar gerações, vai chegar aos filhos, aos netos e assim por diante... Existem mil histórias sobre isso e é preciso uma escuta que dê guarida e que, de alguma maneira, alcance a possibilidade dessa transmissão e da perpetuação de uma experiência que se dá no campo psíquico. Quando você conversa com uma pessoa que passou pela tortura, ela vai narrar o que viveu como se fosse ontem.

Quando trabalhei a questão da tortura, tentando pensar com a psicanálise, retomei algumas reflexões que havia feito em meu livro, sobretudo sobre a pulsão de morte. Esse conceito teve desdobramentos extraordinários como, por exemplo, na obra de Melanie Klein; e também teve recusas extraordinárias, como na obra de Winnicott. Mas,

em especial, naquele momento, o que me encantou foi uma reflexão que Derrida faz no *Mal de arquivo*. São provocações que ele faz à psicanálise para que ela saia de um certo conservadorismo epistêmico e institucional e encare aquilo que está à sua porta. Derrida é um maravilhoso provocador da psicanálise. E ele diz que a pulsão de morte pode e deve ser entendida como uma pulsão radical, porque, ao fim e ao cabo, é pelo processo de desligamento que ela se dá... Ele aponta que Freud cansou de dizer que o efeito, social e político, da pulsão de morte é o mais absoluto apagamento. Sua função é apagar as pegadas para que não haja registros ou vestígios. E o que a psicanálise faz ao escutar alguém que foi torturado e não pôde provar isso nos tribunais é sobretudo restituir essas pistas.

PERCURSO É aí, especialmente no que diz respeito à violência, que você faz a crítica da leitura que se dá pela chave do recalque e vai trabalhar a questão do traumático.

ENDO Enfrentei essa questão... Lembram em 2006, quando houve o ataque do PCC à cidade de São Paulo e a cidade inteira ficou paralisada, com um trânsito nunca visto?!

Alguns psicanalistas foram chamados a falar, também participei de debates em diversos lugares, e ouvi coisas escabrosas... Vou falar um pouco das consequências clínicas, metapsicológicas e políticas disso. Eu via nos jornais, por exemplo, alguns psicanalistas afirmando que “a sociedade está traumatizada”. Definiam São Paulo como uma cidade violenta. Os ataques do PCC já vinham acontecendo nas periferias, mas depois do ataque à bomba na frente de uma delegacia em Higienópolis, os jornalistas ficaram apavorados, porque eles são moradores dessa região, na zona oeste. E de maneira totalmente desarvorada e mesmo irresponsável, eles começaram a falar para as pessoas irem para suas casas, o que as colocou num risco muito maior do que se ficassem onde estavam. Todo mundo ficou maluco, pegou o carro no meio do dia tentando ir para casa. São Paulo parou completamente. Nunca se viu uma situação



em que a população esteve mais vulnerável a qualquer tipo de ataque senão dentro do carro, parada no congestionamento.

Naquele momento começou uma discussão muito grande com a ideia de a cidade estar traumatizada. Percebi que era preciso produzir algum tipo de fenda nessa utilização do trauma e comecei a fazer um debate muito simples. A sociedade não está traumatizada. A sociedade está amedrontada. E o medo tem um objeto. O medo se realiza em sua ligação com o objeto. O que o Estado deveria fazer era esclarecer qual é esse objeto para que as pessoas pudessem saber do que deveriam ter medo. No entanto, o Estado capitalizou o conceito de trauma – essa era a crítica que eu fazia –, e o secretário da segurança pública, Saulo de Abreu de Castro, começou a falar: “a sociedade paulistana está traumatizada, realmente não dá mais!... nós vamos proteger a sociedade!”. E o que aconteceu? O maior massacre de jovens já realizado no estado de São Paulo!

As pessoas não sabiam muito bem o que temer, não tinham a discriminação mais singela de saber se estavam mais seguros saindo de carro e parando num congestionamento ou ficando onde estavam. O Estado não conseguiu fazer seu trabalho. O que vimos, depois das análises que fizemos sobre os índices de homicídios na cidade, é que, sim, São Paulo é uma cidade violenta, mas em algumas regiões, em alguns lugares, em alguns horários, onde obviamente tem que haver políticas decentes de segurança pública. Em outras regiões, zona oeste, por exemplo, região em que a gente mora, há índices similares à Dinamarca! A Vila Mariana tem índices próximos à Suécia. Pinheiros tem índices próximos à Itália. Então, são várias cidades numa cidade só! Qual teria sido a informação útil sobre a violência? Saber onde efetivamente corremos riscos e onde não. Essa é uma informação que dialoga positivamente com o medo das pessoas e entrega uma informação sobre o objeto que elas devem temer. O quê? Como? Onde? Isso é política de Estado! Agora, o que é dizer que a sociedade está traumatizada? É uma desistência de realizar políticas públicas

hoje, na Argentina, no momento em que alguém aparecesse defendendo a tortura, ia ser imediatamente processado

de segurança eficazes. Então... matança. Isso não é responsabilidade dos psicanalistas que falaram sobre trauma, claro, mas eu achava que essa indistinação havia contribuído para aquele tipo de discurso. Um uso indevido da psicanálise que teve consequências importantes. E os psicanalistas precisavam saber disso.

Em relação ao recalque, a ideia que eu tinha é que, se pensamos como recalque várias dessas questões envolvendo a invisibilidade, a incapacidade ou impossibilidade de pensar em certas coisas... seria como se não houvesse o problema. E, então, não haveria necessidade de criar políticas públicas no Brasil. É como se dissessem que não existe tortura no Brasil, por exemplo, porque aqui não tem um único torturador que foi julgado e punido.

Acabei de voltar de uma viagem à Argentina, onde pesquisei os memoriais de Buenos Aires, e lá existem mais de mil processos contra generais, presidentes... com prisões perpétuas. Hoje, na Argentina, conceitualmente falando, seria impossível existir um Bolsonaro. No momento em que alguém aparecesse defendendo a tortura, ia ser imediatamente processado, talvez fosse preso. Então, eu achava muito importante conseguir discriminar onde os mecanismos de recalque atuavam do ponto de vista das instituições, sem violentar muito a metapsicologia. Quer dizer, se existiriam instâncias recaladoras institucionalmente falando. E, se existissem, como seriam interpretadas. Essa era uma questão que eu tinha, na tentativa de trazer a psicanálise para pensar a abrangência das políticas públicas.

PERCURSO Naquele momento do impeachment de Dilma, quando Brilhante Ustra é trazido como



*essa ausência de castração
institucional potencializa
a criação de ambientes
traumatogênicos*

herói por Bolsonaro, uma instituição recalcadora teria punido uma fala como aquela? Ali havia uma exaltação da crueldade, da tortura. O que aconteceu no tecido social brasileiro? Um tempo atrás, existia um pudor em falar da tortura daquele jeito. Nos anos 1980, aquela fala teria certo tipo de impacto. Em 2016, parece que o pudor se perdeu.

ENDO Uma coisa particular, nesse sentido, é um papel que a instituição tem, inequivocamente, e que tem efeitos sociais, políticos e subjetivos: a castração. O que a gente vê, hoje, no Brasil? Uma ausência quase absoluta de castração: pode fazer o que quiser, falar o que quiser... pode dizer que não vai respeitar as eleições.... pode dizer o que for... Hoje, há mais de um milhão de armas no Brasil, um dos países que mais mata por homicídio! É surreal. A pergunta que vocês fizeram é interessante porque, genericamente falando, essa é a vocação das instituições brasileiras. Uma hesitação e uma pusilanidade em relação a seu papel castrador.

PERCURSO E isso perpassa toda nossa história?

ENDO Sem dúvida. Por isso ficamos envergonhados, nesse aspecto específico, quando vamos para a Argentina, por exemplo. Porque ali a instituição exerce um papel castrador. Situações daquele tipo não podem acontecer, e vamos criar os mecanismos institucionais de transmissão, de barramento e de educação para que não voltem a acontecer no futuro. Simples e complexo assim. Aqui nunca houve isso, e qual o resultado? Temos um presidente da República, como vocês lembraram, que é um franco apoiador não só da tortura como dos torturadores. E aí podemos estabelecer uma conexão com o que tentei fazer

em *A violência no coração da cidade*. Essa ausência de castração institucional potencializa a criação de ambientes traumatogênicos. Não só por personagens não castrados que ocuparão vários espaços, como vemos hoje, mas também, vamos dizer, subjetivamente, por certa autorização pessoal dada à população para que faça o mesmo. Vemos o aumento de todos os índices de violações dos direitos humanos no Brasil nos últimos quatro anos. Isso acontece aos milhares, todos os dias. Em qualquer lugar a que vocês forem, em qualquer cidade, vilarejo, aldeias, lugares de população caçara, a polícia age já há muito tempo de modo miliciano e extorsivo. Por isso o apoio policial a esse presidente é incontestável. Ele sugere que se faça isso e que se continue fazendo. Como disse [Marcelo] Freixo, outro dia: “O Brasil está às vésperas da total milicialização... se tivermos mais quatro anos de Bolsonaro esse ciclo vai se fechar”.

PERCURSO Você acha que o conceito de recusa, de cisão – tão presente nas análises hoje em dia – poderia ajudar a entender esse fenômeno ou se trata de algo de outra ordem?

ENDO Eu não saberia dizer. A gente fica tentando pensar até que ponto seria denegação, forclusão, recusa... Em alguns casos, é apenas repressão mesmo. É um trabalho consciente, deliberado, de não entrar no assunto. Acho que os psicanalistas são importantes para pensar esses processos que têm matizes muito variados. Isso está acontecendo assim no Brasil ou numa corporação policial? Ou assado numa prefeitura ou num grupo da polícia municipal? O psicanalista, com esse vértice da escuta do singular, é importante para produzir discriminações, como disse Hannah Arendt. A metapsicologia fica ali chamando a atenção para nossos arroubos de generalização. Nós, que trabalhamos nessa zona de fronteira, tentando contribuir para compreender as questões graves, sociais e políticas, estamos sempre vigilantes. Na verdade, nossa grande contribuição é produzir as discriminações necessárias para que esclarecimentos possam advir daí. Não



é tudo igual, os processos não são iguais. E eles precisam ser examinados, cada um a seu tempo e a seu caso.

PERCURSO Você é um grande conhecedor dos memoriais espalhados pelo mundo e tem uma crítica àqueles mais monumentais. Gostaríamos que nos falasse como você pensa a diferença entre memorial e monumento e da importância dessas inscrições nas cidades e na História.

ENDO Isso é um grande exemplo de intervenção que tangencia o pensamento psicanalítico. Tenho me dedicado à discussão dos estudos sobre memória social e política. É uma discussão que não vem dos psicanalistas, embora a psicanálise tenha um campo fértil de trabalho nessa área. Pois quem pensou a memória nesse raio de complexidade tão fascinante, senão a psicanálise? A psicanálise inclui o mal lembrar, o deslembrar, o ilembrar, o lembrar esquecendo. Ela traz essa discussão de maneira maravilhosa para os estudos da memória social e política. Edson de Sousa, por exemplo, faz a leitura nesse pareamento da psicanálise com as intervenções artísticas em várias situações e lugares.

Quando começam as discussões sobre antimonumentos na Alemanha, imediatamente reconhecemos a psicanálise ali. Há construções antimonumentais em vários lugares, inclusive no Brasil. Os artistas são predominantemente alemães e vêm da discussão sobre a produção memorial da Shoah, que James Young nomeou como contramonumentais ou formas negativas. São intervenções institucionais na Alemanha, em que o artista precisa ganhar um edital público, seu projeto é julgado por uma banca pública e aí ele é autorizado a fazer sua obra. E as obras criam, a princípio, a sensação do absurdo, como no trabalho de Horst Hoheisel, em Kassel.

Antes da ascensão de Hitler, um comerciante judeu doou um chafariz para ser instalado numa praça da cidade. Quando Hitler assumiu o poder, ele mandou destruir o chafariz, pura e simplesmente. Recentemente, Kassel abriu um edital para ocupação daquele espaço, e o projeto de Hoheisel

uma discussão que não vem dos psicanalistas, embora a psicanálise tenha um campo fértil de trabalho nessa área, é a da memória social e política

foi vencedor. Tratava-se de reconstruir o chafariz inteiro, tal como ele fora, inclusive a parte hidráulica, abrir um buraco no chão e com um guindaste enterrá-lo totalmente de cabeça para baixo. Uma obra caríssima. Uma única coisa é deixada como efeito dessa obra: o barulho da água do chafariz. Quando se passa por lá, se ouve uma água escorrendo e não se vê nada. Uma coisa estranha. A pessoa começa a procurar de onde vem o som da água. Agacha no chão, vê um buraco transparente e o chafariz funcionando de cabeça para baixo, com água vertendo para baixo. É uma coisa muito impressionante, porque, de repente, se está numa situação com mil camadas de possibilidades interpretativas, sobretudo sensitivas, em que se abandona o espetáculo das águas triunfantes para cima, para colocar águas em pranto para baixo. E produz uma espécie de efeito de recalque artificial, de ruídos, de indícios. Viver isso nessa obra é muito impressionante, mobiliza seu corpo inteiro.

Há uma outra obra desse artista, em Dachau, instalada no final da visita ao memorial. Ela também não é visível, é uma placa de metal no chão, acho que tem um metro quadrado, com o nome de todas as nacionalidades das pessoas que foram mortas nos campos. E quando você se agacha e toca na placa, percebe que ela tem a temperatura do corpo humano. Depois da visita a Dachau, esse é o momento em que é atribuído algum sentido a ela. As pessoas choram. Elas sentem a experiência da temperatura do corpo humano, sobretudo quando está muito frio naquela região. Essas são obras que namoram a invisibilidade.

PERCURSO A delicadeza de que você falava no início.



outro exemplo que temos visto: o Open Dialogue, trabalho extraordinário com a psicose, sobretudo no primeiro surto

ENDO Exatamente. Esses grandes artistas vêm trabalhando com as questões da memória. Eu e outras pessoas aqui do Brasil, também. Os artistas pensaram essa questão antes da psicanálise, mas com a psicanálise. Não foram os psicanalistas que produziram esses processos. E vejam como é fácil pensar e dialogar com essas pessoas, a partir da psicanálise.

PERCURSO Mas a arte sempre está à frente, não é?
ENDO Mas tenho certeza de que poderíamos estar à frente em algumas coisas. Acho a psicanálise e os psicanalistas, em geral, extraordinariamente inventivos e criativos. E profundos, do ponto de vista do conteúdo. Mas são extremamente conservadores do ponto de vista da forma. Claro, estamos falando da arte, o psicanalista não é um artista, mas não precisam ser intervenções artísticas propriamente ditas.

A psicanálise nos ajuda a pensar outros formatos, que também não surgiram dela. A justiça restaurativa, por exemplo, é um modelo no judiciário. Sabemos o quanto os psicanalistas que trabalham na fronteira com o judiciário sofrem, pois são discursos que se opõem absolutamente. Aconteceu um primeiro boom de aproximação dos psicanalistas com a justiça restaurativa no Brasil e em outros lugares, mas não houve uma contribuição fundamental dos psicanalistas.

A justiça restaurativa é o lugar onde as pessoas vão se implicar no próprio sintoma. Os papas da justiça restaurativa dizem: “nós não queremos melhorar o direito penal, queremos acabar com o direito penal”. Pode ser que nunca aconteça, mas é essa a proposta. A psicanálise tem muito a contribuir nesse campo e já houve experiências em

que os psicanalistas foram mediadores. São reunidas as pessoas envolvidas no conflito – que é de natureza subjetiva, social e política – com seus familiares e os amigos que quiser indicar. Todos participam do círculo restaurativo para discutir uma coisa que, no direito penal, é fácil de ser resolvida. Nesse processo é retomada a complexidade da situação criminosa.

Estou dizendo que poderíamos ter inventado isso sozinhos? Não, mas poderíamos ter pensado junto, poderíamos ter sugerido expedientes no Judiciário para apoiar e trabalhar junto com iniciativas como essa. E acho que hoje eles nem querem muito a participação dos psicanalistas.

Outro exemplo que temos visto: o *Open Dialogue*, trabalho extraordinário com a psicose, sobretudo no primeiro surto, que surgiu na Finlândia. É um trabalho de muitos detalhes, não vou me alongar, mas eles entendem que, ao invés de produzir o que faz o sistema tradicional, ortodoxo e hegemônico das internações, ou seja, produzir fraturas, distanciamentos e, principalmente, a solidão da pessoa que surta, ela é imediatamente lançada para dentro de suas relações. Há todo um sistema de mediação para que todas as pessoas envolvidas se aproximem num projeto de acompanhamento desse primeiro surto. A primeira indicação é jamais medicar no primeiro surto. A partir daí, começa um trabalho com mil complexidades, estamos estudando-o agora, e não tem nenhuma participação de psicanalistas, mas ele é tão psicanalítico! E 84% dos pacientes do *Open Dialogue* não experimentaram o segundo surto. Paulo Amarante tem trazido esse pessoal que trabalha dessa maneira para o Brasil. Participei, recentemente, de uma experiência, que adaptamos para nosso país. Acho que eles pensam no primeiro surto porque depois, na sucessão de surtos e, eventualmente, de internações, as redes de associação da pessoa vão sendo quebradas, e é muito difícil remontá-las. A indicação é que essa rede precisa ser montada, se possível, no mesmo dia, atendendo à urgência. E há mil possibilidades de se pensar psicanaliticamente, mas eles não o fazem. Digo isso um pouco invejoso



pois a psicanálise tem metapsicologia, teoria e clínica que poderia ajudar a pensar.

PERCURSO Lá pelos anos 1980 era tão viçosa essa criação de dispositivos, de poder pensar em outras formas de inserção nas instituições. E depois esse movimento declinou.

ENDO Por isso, acho que o Departamento de Psicanálise tem um papel muito importante, agora a gente percebe que tem coisas que estão sendo antecipadas ali. Por exemplo, a discussão de cotas é fundamental. Os psicanalistas vão falar sobre discriminação, racismo, vão discutir os operadores que estão funcionando socialmente para criticar, para adotar, ou não, não importa... É uma atitude corajosa.

Há um tempo, fui convidado pelo Departamento para participar de uma mesa – acho que era sobre tortura – junto com a Maria Rita Kehl. E a gente comentava: qual instituição de psicanálise vai fazer uma coisa assim, senão essa? O Departamento vem exercendo um papel importante como instituição, os números especiais da *Percurso*, a criação de ambientes como usinas, vamos dizer assim, coisas muito marcantes na história da psicanálise.

Vocês se lembram de que em 2016 a gente organizou o ato Psicanalistas pela Democracia, que foi muito difícil. Na época, eu tinha dado um semestre de aula sobre o livro *Não conte a ninguém*, de Helena Vianna, da perseguição que ela sofreu depois que denunciou Amílcar Lobo, analista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. E ali, vimos o que significa a neutralidade ou o apoliticismo do psicanalista. A consequência de afirmar uma neutralidade, além da perseguição a Helena, é que a SBP do Rio de Janeiro se tornou uma esponja para o modus operandi da ditadura: perseguindo, exilando, punindo, impedindo de ocupar espaços. As expulsões de Hélio Pellegrino, Wilson Chebabi e Eduardo Mascarenhas são exemplos disso. Exatamente o que a ditadura fazia. Vejam o risco dessa postura que alguns psicanalistas e instituições psicanalíticas ainda têm. Hoje, quando ouço, me dá vergonha. Para eles

o psicanalista como psicanalista

já é uma posição política.

Você não pode trabalhar com a psicanálise sem posição política clara

o psicanalista é político como cidadão, mas não como psicanalista.

PERCURSO E como você entende a atuação política do psicanalista?

ENDO O psicanalista como psicanalista já é uma posição política. Você não pode trabalhar com a psicanálise sem posição política clara. Lembro que Hélio Pellegrino relatou que durante a ditadura ele estava sendo perseguido, queriam prendê-lo e torturá-lo e, por conta disso, atendia seus pacientes no orelhão, marcava com eles a cada semana num lugar, num orelhão diferente. Continuava clinicando. Por quê? Porque ele considerava que era uma posição política. Precisava continuar exercendo a psicanálise. Abrindo essa escuta. E essa escuta tem uma consequência política sempre. Para a própria pessoa, evidentemente, que está sendo atendida, o analisando, mas também como um marco social e político.

Mas voltando ao evento sobre Democracia e Psicanálise. O que me apavorava, naquele momento, era ficarmos falando e dando aula sobre o livro de Helena, fazendo a *mea culpa* do que passou. Mas pensava: não vamos interpretar esse momento histórico!? No entanto, a organização desse evento foi muito difícil, quase desisti. Fiquei muito sozinho, sem parceiros para organizá-lo.

PERCURSO Quais foram as forças contrárias a esse evento que quase não saiu? Articulando também com aquilo que você falava da posição da psicanálise em relação à ditadura, para poder pensar, hoje, a situação absolutamente dramática que estamos vivendo.



*tínhamos um cuidado,
quando pensamos em organizar
esse ato pela democracia, de ser
um ato aberto*

ENDO O que se opôs? Essa é uma pergunta muito interessante. Nada se opôs! Aconteceu que as pessoas que, a princípio, estavam disponíveis, não mantiveram o *elá*. É uma coisa impressionante. Num momento tão crítico, tão decisivo. Eu tinha certeza de que as pessoas com quem estava conversando iriam entrar no barco e iríamos navegar por esses mares. E o que aconteceu, com raríssimas exceções, é que não houve *tônus* para fazê-lo. Seria a maior piada do mundo se eu organizasse sozinho um evento pela democracia! Se não fosse um evento coletivo e mobilizador não teria o menor sentido. Nesse clima de quase desistência, liguei para Janete Frochtengarten chorando as pitangas, falando que não ia rolar, que estava muito difícil e que sozinho eu não ia conseguir. E Janete, imediatamente, falou para fazer e que ela ia me ajudar. E foi isso que aconteceu. Ela foi fundamental em todos os sentidos, principalmente nessa solidariedade amiga, com a discrição extraordinária que faz parte de quem é a Janete. Tenho um enorme agradecimento. Grande parte daquele auditório era de pessoas do Departamento. Foi histórico na psicanálise!

Tínhamos um cuidado, quando pensamos em organizar esse ato pela democracia, de ser um ato aberto. Quem quer que fosse – independentemente da escola a que pertencia, de que linha seguisse – seria bem-vindo, desde que se propusesse a pensar psicanálise e democracia, com todas as possibilidades que existem, e operasse um esforço de fazer uma boa metapsicologia. Não se pode dispensá-la, é nossa obrigação ética sermos fiéis a essa herança. Nós não temos nada. Não temos conselho, não temos garantias de que vamos existir daqui a dez anos. Em muitos países,

a psicanálise nem existe mais. Depois do Ato, montamos uma plataforma, Psicanalistas pela Democracia.

PERCURSO O que você acha que é isso? Frente a tanta destruição, o que acontece que nos paralisa? O *elá* não vem por quê? Essa pergunta permanece: por que, em determinado momento, todo mundo se junta, caras pintadas etc. e acontece um movimento; e tem horas que fica um cansaço, uma sensação de dificuldade de juntar?

ENDO Como se nós, *a posteriori*, ficássemos falando de nossas vergonhas. Foi exatamente o que senti: Eu vou ficar dando aulas sobre o livro de Helena, um livro que me envergonha profundamente na psicanálise, em vez de produzir um ato interpretativo sobre o que está acontecendo agora, a partir, exatamente, dos acontecimentos da década de 1970. É isso que vamos fazer? Ficar fazendo a *mea culpa* e batendo no lombo? Nossa história não pode ser feita de falar sobre nossas vergonhas. Existe um ponto que deve ser interpretado. E em minha opinião só pode ser interpretado coletivamente, como foi o caso do Ato Psicanalistas pela Democracia. É uma interpretação que precisa ser feita associativamente.

Essa questão me faz pensar no que aconteceu no primeiro Congresso de Psicanálise, em Zurique, depois da Segunda Guerra, em 1949. Ernest Jones, na ocasião presidente da IPA, dizia aos psicanalistas para não se envolverem em nada que pudesse parecer subversivo e suplicava para não se envolverem em nada que fosse politicamente orientado. São instruções que para alguns foram ordens, para outros, inscrições inconscientes. Stephen Frosh apresentou, numa conferência na USP, depoimentos que recolheu de pessoas presentes nesse Congresso e que diziam que o silêncio dos psicanalistas sobre os acontecimentos da Segunda Guerra teve um efeito traumático em quem estava lá. Como se pode não falar do que acabou de acontecer? O Congresso foi em 1949 e a Guerra terminou em 1945. Como não falar, não tematizar, não discutir uma das atrocidades mais monumentais que aconteceu no planeta?



*Muita coisa importante
aconteceu nesses últimos
30 anos. Várias publicações e
discussões foram feitas*

Por que não devemos nos envolver em nada que seja politicamente orientado e nem subversivo?

Essa é uma crítica que faço publicamente, pois ainda temos alguns psicanalistas e instituições psicanalíticas obedecendo a essa orientação de Jones. Algo que vemos com muita alegria é que o Brasil hoje é, certamente, um dos lugares que mais pensa a psicanálise no mundo. Há muitos psicanalistas desobedientes. Psicanalistas que dão um passo adiante e desobedecem a Jones. Nessa mesma linha está a crítica que faço sobre essa ideia de “textos sociais” de Freud. Acho uma bobagem esse título, porque ele tem um endereçamento. Tanto quando é falado por não psicanalistas como por psicanalistas, carrega a ideia de que isso que o Freud faz ali não é clínico, não é psicanálise.

Psicanálise e sociedade, psicanálise e política? Não, isso não é psicanálise! Essa era a tradição de Jones. Hoje existem dezenas de grupos, dezenas de psicanalistas pensando esses temas. Acho que o Psicanalistas pela Democracia também faz esse convite, essa provocação. E a gente tem visto coisas similares acontecendo no Brasil. Psicanalistas pela Democracia como uma proposta que se tornou um certo paradigma que temos tentado manter justamente por isso, pela plataforma. Não é uma escola, não é uma associação. É um coletivo de psicanalistas que faz certas provocações e convites.

PERCURSO Como você tem visto a pesquisa em psicanálise?

ENDO No aniversário de quatro anos do Psicanalistas pela Democracia, fizemos duas comemorações, uma em São Paulo e outra em Porto Alegre, e convidamos psicanalistas e também artistas que faziam intervenções heterodoxas na cidade. Muitos deles são desses coletivos, existentes hoje no Brasil, que trabalham na rua, na praia, que trabalham à noite, no boteco, e que estão proliferando. Eles inclusive fazem um encontro anual. Em São Paulo existem vários grupos assim. Tem o Net, que trabalha na região da Luz com as prostitutas. Tem a Fala das Pretas, que faz trabalho em psicoterapia a partir da discussão sobre o racismo. E são psicoterapeutas, psicanalistas pretas. Tem o coletivo da Praça Roosevelt. Tem o da Vila Itororó. São vários. Sabemos o que eles estão fazendo, mas fico interessado em saber como estão pensando a psicanálise. Acredito que é isso que faz a psicanálise progredir, os efeitos de transmissão que se geram a partir do momento que se consegue pensar no que se está fazendo.

PERCURSO Faz uma cisão na teoria, como se ela não estivesse completamente interligada.

ENDO Exatamente, e como se tudo que Freud fez ali não fosse clínico. Como se os seus textos sociais tivessem sido escritos quando ele tirou umas férias, estava se divertindo e então escreveu *O futuro de uma ilusão, Totem e tabu, Mal-estar e Moisés...* Ernesto Laclau, no livro *A razão populista*, faz uma crítica muito bem-feita, e aponta o momento em que Freud deu esse passo adiante, de tensionar e afirmar que a psicanálise tem algo a dizer sobre política, num comentário sobre *Psicologia das massas*.

PERCURSO Nesse momento atual, você pensa que é o caso de se fazer um novo ato pela democracia ou algo assim?

ENDO Acho que algumas coisas vêm acontecendo com a psicanálise, os psicanalistas e várias associações. Muita coisa importante aconteceu nesses últimos 30 anos. Várias publicações e discussões foram feitas. Eu me lembro quando a gente propôs, no CNPq, o grupo chamado Psicanálise e Sociedade. No início da década de 1990, não existia um único grupo de pesquisa no CNPq que trouxesse a questão da sociedade ao lado da psicanálise, porque ela sempre foi muito condenada.



Minha ideia era fazer um parecer sobre as consequências psíquicas do desaparecimento forçado. E, dali, chegaram vários sonhos incríveis

Fiquei bem impressionado com a boa metapsicologia que eles praticam. Advinda de várias linhas, do lacanismo, de Winnicott, um pouco de Bollas. Muito Freud, eventualmente uma Melanie Klein, mas sempre tentando cuidar da metapsicologia. Não vi um descuido, do tipo soltar a psicanálise na rua e dizer: “vamos ver o que vai acontecer”. Mas um trabalho muito criativo com a tentativa de pensar metapsicologicamente essa prática, os novos enquadramentos e dispositivos que estão sendo propostos. Acho que, muito em breve, vai sair um primeiro livro deles.

Vejo com muito entusiasmo essas iniciativas que estão acontecendo no Brasil. De vez em quando participo e contribuo com algumas delas. É muito salutar. E está acontecendo nas instituições também. Há aspectos de minha produção muito enfáticos nessa direção. Quando Foucault começou a falar da microfísica do poder e a apresentar os livros dele, disse: “Bom, tenho falado sobre isso, outros também, e nunca alguém se levantou na plateia para dizer que era contra, que não funcionava, que estava errado, então estou supondo que estamos certos e vamos continuar fazendo”. Depois, claro, ele recebeu muitas críticas de outras maneiras. Respeitadas as devidas proporções, sinto isso também. Nunca ninguém se levantou para falar que era contra essas proposições, esses temas, essa metapsicologia que estamos fazendo. Então, por enquanto, foi o que eu falei para Caterina Koltai outro dia: “acho que estou fazendo certo e vou continuar fazendo”. Porque já são quase 30 anos.

PERCURSO Você poderia nos contar como tem sido a experiência do inventário de sonhos? Essa

coleta dos sonhos, que já aconteceu em três momentos da história recente.

ENDO Essa é uma história maravilhosa e estamos realmente superfelizes com o resultado. É na mesma linha de um trabalho pessoal em que colhi sonhos da ditadura. Fui da Comissão Interamericana de Direitos Humanos no caso Araguaia, e uma das perguntas que coloquei no questionário era se a pessoa sonhava sobre isso. Minha ideia era fazer um parecer sobre as consequências psíquicas do desaparecimento forçado. E, dali, chegaram vários sonhos incríveis. Mas é um acervo muito pequeno. Acho que tem 20 sonhos. Depois, em 2016, conheci na África do Sul um parceiro, o psicanalista Garth Stevens, sul-africano, que colheu testemunhos recentes do Apartheid. Porque você tem os testemunhos colhidos durante as Comissões de Reconciliação e Verdade que são testemunhos tendencialmente de natureza mais traumática, em que as pessoas falam dos crimes, do que perderam e das torturas sofridas, com uma confissão posterior, ou não, do perpetrador. E Garth, depois de anos desse momento do Apartheid, na década de 1980, criou com outras pessoas o Apartheid Project, uma coleta *on-line* de testemunhos de pessoas que viveram o Apartheid quando jovens, quando adultos, quando pequenos e que gostariam de fazer uma narrativa sobre o papel do Apartheid na vida delas hoje, quando ‘teoricamente’ não existe mais o Apartheid. Ele colheu 5.000 testemunhos extraordinários. Tudo *on-line*. Se vocês quiserem, podem acessar. É incrível. Muitos dos testemunhos têm uma narrativa onírica, justaposições de fatos e de lembranças do absurdo que era, mas não é mais. Li quase como sonhos essas lembranças. E ele veio para cá, eu fui para lá, a gente conversou, e ele me explicou como criar a plataforma para coletar os depoimentos. Fiquei com isso na cabeça, pensei muito nos sonhos. Quando Bolsonaro estava ascendendo e tudo parecia que ia dar ruim, as pessoas estavam muito aflitas, muitas voltaram para análise em sofrimento, e tivemos essa ideia de coletar sonhos desse período pré-eleição, pré-volta da ditadura, vamos dizer assim.



PERCURSO Famílias brigando, amigos brigando. Muitas rupturas.

ENDO Impressionante, rupturas que nunca mais puderam ser restauradas. Criamos esse arquivo e vieram poucos sonhos. Era uma coleta meio amadora, por e-mail, que não garantia o anonimato. Recolhemos 12 sonhos incríveis. Até já apresentei isso em conferência. Quando começou a pandemia, Denise Mamede, que havia sido minha aluna, e com quem havia feito esse inventário do 'retorno da ditadura', propôs abrir uma coleta. Ela descobriu que já existiam mais plataformas disponíveis, e passamos a usar o SurveyMonkey, em que você monta um formulário muito simples. Quando a gente abriu esse formulário, no dia da divulgação, já tínhamos 100 sonhos. Impressionante. As pessoas queriam falar.

PERCURSO Isso foi na pandemia?

ENDO Comecinho da pandemia. A gente sabia que iam aparecer coisas relativas à tempestade perfeita, a pandemia e o Bolsonaro. E apareceu muito. Dei uma entrevista na Rádio USP sobre isso, e as mídias ficaram enlouquecidas. Foi muito bom, porque tivemos oportunidade de divulgar e passar o link. Também se engajou Edson de Sousa, lá em Porto Alegre, e todo mundo divulgando, chegamos a 1.250 sonhos. Soubemos depois de iniciativas de outros psicanalistas que também estavam coletando bastante sonhos. Até propus que juntássemos isso num acervo só, mas o pessoal não conseguiu preparar o material. Isoladamente, temos o maior acervo do Brasil de sonhos da pandemia. Em 2019, trabalhei na Polônia com o acervo de Wojciech Owczarski, um querido amigo. Trabalhávamos com sonhos, e ele falou que ia tentar descobrir se existia algum acervo de sonhos de Auschwitz. Falei que seria um presente, mas "acho que não existe isso". De repente ele me manda um e-mail falando que tinha encontrado! Contou que tinha ido a Auschwitz, foi conversando e, num determinado momento, eles falaram que tinham um acervo de sonhos. Esse acervo foi proposto por um sobrevivente de Auschwitz

tínhamos a certeza de que a narrativa onírica desarruma as narrativas que estávamos ouvindo o tempo todo, ordenadas por uma lógica racional

que havia sido médico pneumologista. Ele já era médico, esteve preso e sobreviveu. Anos depois, ele começou a trabalhar com as consequências dos danos vividos nos campos. Consequências, em geral, físicas, somáticas. Ele cria então a Revista Stanislaus Vlodglodinsky e propõe para o museu lançar uma convocatória para as pessoas narrarem os sonhos que tiveram antes, durante ou depois de Auschwitz. Bom, chegaram para eles 500 páginas de sonhos, um material que continuo pesquisando. Infelizmente, ele não pode ser divulgado, coisas do museu Auschwitz. Queríamos fazer uma publicação traduzindo do polonês, chegamos a fazer a tradução para o inglês, e seria incrível traduzir para o português. Imagina, lançar isso no Brasil? Mas não dão o direito, dizem que podemos fazer uso picado do material nas pesquisas. Infelizmente, existe essa restrição. Acho que eles querem publicizar através do memorial do museu Auschwitz.

PERCURSO Qual a proposta desse inventário? O que fundamenta essa pesquisa?

ENDO A primeira coisa é que, como psicanalistas, tínhamos a certeza de que a narrativa onírica desarruma as narrativas que estávamos ouvindo o tempo todo, ordenadas por uma lógica racional. Nessa coisa da obsessão da vacina, se vai ter vacina, se não vai ter vacina, quantas pessoas morreram... Isso criou uma imbecilidade do pensamento. Ficávamos presos, esperando essas notícias. Quando tocamos nesse material, vemos um pensamento completamente novidadeiro. Completamente criativo. Totalmente pautado na experiência íntima e, ao mesmo tempo, na invenção de novas formas de pensar essa experiência. Então,



Elias aponta onde podemos ter alguma notícia do inconsciente e de suas formações, como, por exemplo, hábitos e costumes

a primeira coisa que fizemos foi um projeto pelo Psicanalistas pela Democracia, o “sonhando alto”, em que colocamos algumas pessoas narrando esses sonhos. Muitas vezes, as pessoas perguntavam se íamos interpretar esses sonhos. E a gente dizia: “ao contrário, vamos nos colocar para sermos interpretados por eles”. Para que os sonhos nos sirvam, na escuta, para elidir formas repetitivas e com certo caráter de urgência, da narratividade dos discursos de um saber sobre o que está acontecendo conosco. Os sonhos são essa vocação da autonomização da experiência. Dentro de todas as discursividades, sobre tudo o que está acontecendo conosco, o sonhador diz, como no testemunho, “eu tenho algo a dizer sobre isso”.

PERCURSO Você está apostando numa fertilização, como um retorno ao lugar fundante dos sonhos para psicanálise. Faz pensar no que você traz de Norbert Elias, falando que o sonho estaria para a psicanálise como a longa duração na História estaria para a Sociologia. É isso que Norbert Elias está querendo dizer, o sonho evidencia algo que a longa duração vai evidenciar na História? **ENDO** Norbert Elias é um grande estudioso da psicanálise, embora não seja lido pelos psicanalistas. Ele apresentou alguns caminhos de como fazer a interpretação do inconsciente, das formas ou dos formatos inconscientes das instituições. Elias aponta onde podemos ter alguma notícia do inconsciente e de suas formações, como, por exemplo, hábitos e costumes: pegar o garfo e a faca assim, comer com dois talheres, comer de determinada maneira... Onde está o inconsciente nisso? Ele vai investigar na longa duração e vai ver que esses atos, que replicamos todos os dias e não

prestamos a menor atenção a seu fundacionismo, são o inconsciente social e político. Pois isso nasce para discriminar o rico do pobre, o aristocrata do burguês. No final da Idade Média, os burgueses estavam começando a comprar títulos de nobreza. Sendo assim, a diferença entre a aristocracia e a burguesia será notada imediatamente pelos hábitos. Todos nós, que somos burgueses de formação e replicamos esses atos, estamos, na verdade, consolidando formas de repressão e recalque de natureza social e política que se preservam há séculos. Não perguntamos por que fazemos isso e aquilo, comemos desse jeito ou não. Fato é que vamos ao restaurante e comemos de certo jeito. Se entrar alguém que come com as mãos, imediatamente vamos atribuir a essa pessoa uma assimetria de classe. A longa duração do jeito que ele faz é como se conduzisse a história a sonhar novamente, a suspender suas categorias e suas certezas, a colocá-las numa planilha equívoca que é o que o sonho faz. Temos falado muito nisso. Diferentemente de todos os discursos doutos e científicos, ou mesmo usuais e corriqueiros, nos quais a pessoa fala do que sabe, na narrativa do sonho as pessoas falam porque não sabem. E elas avisam isso: “nem sei bem se era meu pai ou minha mãe...”. É uma narrativa cheia de equívocos, aberta e plural, que convida o escutador a se inscrever naquele material, a partir, obviamente, de seu próprio inconsciente, de sua própria experiência.

Eu tinha visto uma coisa que me tocou demais sobre a travessia do luto no Museu Memorial de Hiroshima. Depois de muitos anos de existência, eles queriam pensar uma maneira de trazer de novo as pessoas para o Memorial da Paz, pois elas tinham se distanciado. Fizeram um convite às pessoas que tivessem algum objeto de quando a bomba caiu em Hiroshima, para que deixassem esses objetos como parte do acervo. Estavam dispostos a ver o que aconteceria. Na semana seguinte, milhares de objetos chegaram ao museu. Foi uma coisa impressionante. As pessoas doavam um objeto e eram convidadas a dar um testemunho, pois estavam se despedindo de



*Acho que o testemunho
até pode ser terapêutico,
mas não analítico*

uma coisa que ficara com elas durante décadas. Há vários desses testemunhos, mas um me chamou mais a atenção, era de uma senhora bem velha. A pequena história era que, quando a bomba caiu, o corpo de seu marido foi esfaqueado, e os médicos japoneses tentaram fazer autópsia do que restava. Ela estava presente nessa autópsia. Eles acharam um estilhaço de ferro no corpo dele. Tiraram. Era uma peça de metal pequena. Lhe disseram: “é o que sobrou de seu marido. Você quer?”. Ela pegou a peça e a deixou em seu oratório durante todas essas décadas. “Com o convite do museu, sinto que é o momento de eu entregar isso para uma coleção pública, para que não seja somente meu e possa compor um acervo que é para todos, que é para o coletivo, para a humanidade”. Poucas vezes verei uma descrição de elaboração do luto tão perfeita. Então, eu achava que a gente deveria fazer o convite nessa direção, dizendo para as pessoas que seu sonho comporia o inventário dos sonhos. Se as pessoas se sentissem bem com isso, narravam seus sonhos, senão, não.

PERCURSO Sabemos que os testemunhos têm uma função elaborativa, ou até terapêutica, para aqueles que o fazem. Você tem notícias se a narrativa dos sonhos tem, de alguma maneira, essa função?

ENDO Tenho dúvidas sobre isso. Vários estudos de memórias falam que o testemunho é terapêutico. Acho que ele até pode ser terapêutico, mas não analítico. Ele pode ser terapêutico no sentido de que a pessoa pode, eventualmente, se sentir um pouco melhor pelo fato de ter uma escuta. O testemunho só se executa a partir de uma escuta que lhe dá guarida, que lhe permite nomear, frequentemente pela primeira vez, uma atrocidade sofrida, e isso pode ser terapêutico, pois tem um efeito interpretativo, mas não necessariamente uma vocação analítica. A gente viu isso nas Comissões da Verdade. Mas também acho que o testemunho, em si, não existe para isso.

PERCURSO Mas você acha que essa senhora japonesa só poderia fazer o fechamento do processo

de luto se fosse público como foi? Porque tem essa questão da força do testemunho público como a forma possível para falar dos crimes de Estado. **ENDO** Acho que não. O que iria acontecer se o museu não tivesse feito esse convite? Ela ia falecer e o oratório seria passado para algum filho, se ela tivesse. Isso é o que acontece com os oratórios budistas. Agora, esse convite faz uma interpretação sobre a natureza de transmissão da experiência do outro. A pergunta é: “você gostaria de converter essa experiência em algo transmissível? Ele cria uma coisa que não existia. Ela não poderia fazer isso se o museu não convidasse, seria feito algo apenas no âmbito familiar, privado, íntimo. Ela passaria, certamente, porque o oratório você tem que passar para um descendente. Alguém tem que ficar com o oratório e o objeto ficaria ali como uma peça. A entrega da peça para o museu refaz o itinerário dessa experiência, refaz seu próprio sentido: que ela mesma poderia ter uma experiência coletiva. Muitos desses episódios que acontecem nas catástrofes funcionam ao contrário. Na grande maioria, as pessoas vão se recolhendo ao íntimo. Em algum momento, elas emitem até certa ordem: “Não quero mais saber disso. Ninguém fala mais disso, vamos seguir nossa vida”. A grande maioria das experiências recalçadas é pautada em decisões como essa. Então, essa senhora, na verdade, é uma raridade, alguém que faz esse caminho e faz uma indicação, de fato, de que outro destino pode ser dado: continua sendo íntimo, mas que não seja íntimo e privado, pode ser íntimo e coletivo.

Nesse sentido, lembro um rapaz que defendeu uma dissertação sobre a Shoah. Ele tinha dois avós vivos que moravam nos Estados Unidos. Ele



*tem os testemunhos,
mas tem tantas outras franjas e
diferenças nisso... é um trabalho
a ser feito, ainda*

é um ávido pesquisador e decidiu ir visitar os avós, a quem nunca tinha ido visitar depois do fim da guerra, pois estava interessado em colher seus depoimentos e saber o que tinha acontecido lá. Os avós estavam felizes em receber o neto, receber a extensão do sentido de terem sobrevivido, mas eles não estavam interessados em falar sobre o que tinha se passado. Quando o neto chegou foi aquela alegria momentânea, até que ele emitiu seu objetivo de estar ali. Os avós se fecharam completamente. Virou uma coisa horrível: “Nós não queremos falar sobre isso. Não achávamos que você viria aqui para isso!”. Foi quase hostil, mas ele tinha ido para isso e ficou insistindo. Contudo era uma decisão já tomada por esses avós. Disseram que se ele queria tanto saber, entregariam uma fita com os depoimentos. Em seguida, saíram da casa. Ele pegou o material e viu os depoimentos que os avós deram, numa primeira e única vez, para os arquivos Fortunoff da Universidade de Yale, os maiores arquivos em vídeos do mundo. Deram o assunto por encerrado e nunca mais falaram sobre isso. Ele pegou esse vídeo, assistiu e anotou tudo que pôde, além de ter tirado algumas fotos do vídeo. O neto ficou satisfeito, mas triste com o que aconteceu entre ele e os avós. Alguns dias depois, veio embora para o Brasil e, na defesa do doutorado, trouxe todo esse material e contou o episódio. E contou mais duas coisas: as fotografias que tirou dos vídeos não saíram, ficaram todas pretas. Na defesa dele não havia um único familiar, nem os pais, nem os irmãos, muito menos os avós. Tomando o exemplo para falar disso, a maioria das pessoas envolvidas nessas experiências decide, de algum modo – não sei bem se a palavra é decide – silenciar, não querem

mais falar a respeito. A gente trabalha com muitos testemunhos, e é uma porção pequena de pessoas que decide testemunhar.

PERCURSO Mas tem o trabalho de Spielberg, que recolheu memórias de sobreviventes do Holocausto, que não foram tão poucas.

ENDO Não são poucos, mas não são a maioria. No caso da ditadura brasileira, uma minoria se dispôs a falar o que aconteceu. Recentemente estive na Argentina em um lugar de extermínio que se chama Clube Atlético, localizado no meio de Buenos Aires. Conversei com o sobrevivente Miguel Agostino, que dizia que muitas pessoas decidem não abrir um processo, pois teriam que testemunhar, e argumentava: “o que não admito é minha mãe ter que testemunhar, porque minha mãe já padeceru tudo que ela podia padecer e eu me recuso a colocá-la nessa situação”. Ele diz que muitas pessoas e muitos sobreviventes que eram ativistas naquela época se recusam – terminantemente, às vezes – a prestar um testemunho no processo contra um perpetrador. É uma região bem complexa, tem os testemunhos, mas tem tantas outras franjas e diferenças nisso... é um trabalho a ser feito, ainda. É o mesmo input dos sonhos. O testemunho é isso. Os historiadores falaram sobre a Segunda Guerra, daí aparece uma senhorinha de 80 anos que perdeu toda a família na Segunda Guerra. Ela fala que tem algo a dizer sobre isso e, nesse momento singular, fende completamente as categorias do coletivo, do plural, do arrazoado, das historiografias feitas e o pensamento racional sobre aquela questão. Walter Benjamin já tinha dito muito sobre isso. Depois da Primeira Guerra, historiadores falaram sobre ela, mas de todos os que voltaram da guerra quase ninguém quis falar. Então, é uma história falseada que se chama história tampão. É todo um debate, hoje, entre história e memória.

PERCURSO Você já pensou em fazer inventários de sonhos da população negra diante de toda a violência que ela sofreu e sofre? Como você tem pensado a questão do racismo?

ENDO O livro que estou publicando e que pode ser baixado em PDF, *Psicanálise: Confins – memória, política e sujeitos sem direitos* tem em sua capa a Igreja dos Afritos, no bairro da Liberdade, que depois viria a ser o bairro japonês e hoje está virando o bairro oriental. É uma superposição trágica, porque, na verdade, a Igreja dos Afritos, onde fica o metrô Liberdade, em frente à Igreja Santa Cruz, é onde a população negra aguardava para ser açoitada e morta. E aconteceu uma justaposição muito interessante.

Estou começando a pensar sobre isso e fiz questão que ficasse na capa do livro. Porque a imigração japonesa, por exemplo, é uma mancha no processo migratório brasileiro. O ideário do governo era embranquecer a população. Na dificuldade de os europeus continuarem vindo, os asiáticos e depois os japoneses e chineses também foram importados como uma nódoa que cai precisamente na ideia do amarelo. Amarelo é essa mancha. Não era para ser amarelo, era para ser branco. E há toda uma história, Jeffrey Lesser é um dos pesquisadores incríveis que falam sobre a amarelidade, um debate muito recente que bebe na fonte dos movimentos negros. A gente conversa muito em casa sobre isso e digo para meus

filhos: “nossa geração sofria dessas coisas jocosas com os orientais e não entendia bem, mas vocês sabem, isso tem nome: racismo! E deve ser nomeado assim”. Eles já são a quarta geração e isso perdura. Hoje é praticamente impossível no Brasil estar numa peça de teatro e alguém fazer alguma piada com o negro. Não só a plateia viria abaixo, como haveria severas consequências, mas ainda é possível fazer uma piada com japoneses, por exemplo. Então, essa ideia do racismo que frequenta outras regiões tem tido efeitos de debate entre alguns grupos de orientais. Algumas mulheres estão fazendo essa discussão, e isso precisa ser nomeado. E precisa alcançar o estatuto de lei, como alcançou, depois de muita luta e muito trabalho, a população negra: crime de racismo. Isso precisa adquirir um estatuto de castração como estávamos dizendo. Para que isso não fique como uma responsabilidade dos indivíduos, mas seja tomado como responsabilidade castradora do Estado. O Estado tem muitas funções e uma delas é essa, no sentido de castração comum, no sentido do desenvolvimento. Como diz Françoise Dolto: a castração como uma organizadora que possibilita um atravessamento, mais ou menos, bem-sucedido.

Ana Gebrim
 Edson Luiz André de Sousa
 Jean-Pierre Pinel
 Luciana Lafraia

Vamos falar de fascismo?

Realização Camila Junqueira, Cristiane Abud Curi, Gisela Haddad, Ivy Semiguem, Thiago Majolo e Vera Zimmermann

Ana Gebrim é psicanalista e docente do curso “Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae”. É doutora em Psicologia Clínica pela USP e Inalco e autora do livro: *Psicanálise no front: A posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes* (Juruá, 2020).

Edson Luiz André de Sousa é psicanalista, analista membro da APPOA e professor titular do Instituto de Psicologia da UFRGS. É doutor e pós-doutor pela Universidade de Paris VII, professor visitante em Deakin University (Melbourne), Instituto de Estudos Críticos (Mexico), De Paul University (Chicago) e University of Limerick (Irlanda). É autor entre outros de *Furos no futuro: Psicanálise e utopia* (Porto Alegre, Artes & Ecos) e *Imaginar o amanhã*, em coautoria com Abrão Slavutzky (Porto Alegre, Diadorim), *Uma invenção da utopia* (São Paulo, Lumme) e *Freud – ciência, arte e política*, em coautoria com Paulo Endo (Porto Alegre, L&PM).

Jean-Pierre Pinel é psicanalista, analista de grupos e de instituições e professor emérito de Psicopatologia Social Clínica na Universidade Sorbonne Paris Nord – UTRPP, UR 4403. É presidente da Association Européenne Transition.

Luciana Lafraia é psicanalista, doutoranda no Laboratório de Psicologia da Universidade Franche-Comté e no Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP. Membro do LiPSiC (Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea, IPUSP/PUC-SP) e do Cligiap (Grupo de Trabalho Clínica Psicanalítica de Grupos e Instituições, CNPq/LiPSiC).

A invasão bélica de Putin sobre o território soberano da Ucrânia, aventado como um movimento legítimo de restauração de uma antiga identidade russa há muito perdida, reanimou fantasmas que, de fato, jamais nos deixaram. As identidades nacionais e o sentimento nacionalista, corporificados com horror no nazifascismo do século XX, retornam agora sob novas bandeiras de regimes autoritários, totalitários, autocratas e de ditaduras farsescas. Já o alvo não é novo. Atacada, à esquerda e à direita, por destruir culturas locais, a globalização e suas questões mundiais são o centro da mira de governantes que tentam, à força e desespero, recuperar prestígio e ideários moribundos.

As guerras ocidentais que eclodiram no século XX e as que voltam ou continuam no século XXI são em sua maioria emolduradas por uma espécie de linguagem comum, que podemos chamar, de modo genérico, de cultura fascista. Se os Estados Modernos que se estabeleceram nos séculos anteriores geraram nacionalismos e totalitarismos em nome de raças e identidades unívocas, quase sem margem para as alteridades, as trocas entre Estados e instituições mundiais no pós-Segunda Guerra produziram um movimento de globalização que abalou esses Estados-Nações. Assistimos a um mundo que vai se abrindo globalmente, suas populações mudando de configuração, ameaçando os contornos identitários nacionais e trazendo, com isso, um retorno dos nacionalismos fascistas.

A população da Europa, dentre a de outros países, vem envelhecendo irremediavelmente. Cálculos demográficos apontam que certos países não teriam como regenerar sua população a



não ser com a presença de jovens imigrantes. Com isso, sua cultura começa a ser abalada pela presença desses estrangeiros, que possivelmente a dominarão ao longo desse século. Como contraponto a esse movimento, o modo fascista de ser – uma farsa identitária espalhafatosa e retrógrada – tende a reaparecer, talvez motivado por medos infundados, seja pelas transformações das culturas e identidades ou pelo receio, inerente a todos e a toda cultura, em desaparecer ou se modificar. Mas o que é o fascismo atual, como ele tem se reproduzido em nossos hábitos individuais e costumes comuns?

*depois de três meses
nas ruas de Paris, Camará só
havia podido passar
três dias no centro – ou
seria no Campo?*

A seção Debate da Revista Percurso convida nossos autores a pensar sobre essa cultura fascista, em como ela se alimenta da atual conjuntura e reintrojeta suas ideologias num modo de ser, pensar e estar no mundo.

Ana Gebrim

Fragments de um diário ou notas sobre as políticas de inviabilização da vida em solo europeu

Paris, em um final de outono. Hoje conheci Camará, um jovem vindo da Guiné que permaneceu por três dias no Centro de acolhida para migrantes recém-chegados, no norte de Paris. Conversamos no contexto de um traslado¹ para outra cidade, bem cedo em uma manhã muito fria já de quase inverno. Camará estava há três meses em Paris e em todo esse tempo ele havia ficado na rua, nos acampamentos improvisados e permanentemente desmobilizados nas calçadas parisienses. Na Guiné, seu apelido era Rivaldo, como o jogador de futebol brasileiro dos anos 1990; achando graça de eu ser brasileira, ele se aproximou para contar mais de si. Camará só tinha uma jaqueta e uma pequena mochila com todos seus pertences e, nas mãos, uma pasta com todos seus papéis. Sempre os sem-papéis com suas pilhas de papéis. Ali, de onde falávamos, ele estava esperando um ônibus junto a outras dezenas de pessoas sem ter a menor ideia de para qual lugar da França estava sendo levado. Até subir no ônibus, depois de ter seu nome chamado, Camará não sabia para onde iria. Recebia as orientações humanitárias como ordens. Seguia as instruções, essas mesmas que

tendem a tornar o provisório, permanente. Depois que o ônibus saiu, perguntei a um funcionário local e descobri que o ônibus levava Camará para Marseille. Ele está sendo levado em direção de onde veio, pensei. Provavelmente nunca mais terei nenhuma notícia dele. Penso também no périplo de ida, e depois a volta para o mesmo lugar, um Sísifo exausto. A razão humanitária exaure as vidas em esperas intermináveis, filas, recusas, contêineres e, assim, as inviabiliza convertendo a exceção em regra.

Depois de três meses nas ruas de Paris, Camará só havia podido passar três dias no centro – ou seria no Campo? Antes de viver na rua – onde conta ter sido agredido por moradores de rua que tentavam roubá-lo – ele esteve um ano no Marrocos, lugar em que viveu condições de trabalho análogas à escravidão até conseguir juntar algum dinheiro para pagar a travessia. Desde uma praia do Marrocos, às 4h da manhã, Camará embarcou em um pequeno bote com capacidade para cinquenta pessoas, mas onde viajaram mais de noventa. Superlotado e sem um piloto que conhecesse de navegação, o barco se perdeu no



os telefones parecem ser tanto o meio de registro, compartilhamento e testemunho da experiência, como a possibilidade de fazer contato com os que ficaram

Mediterrâneo e ficou mais de dois dias perdido e à deriva em alto mar. Camará conta que algumas pessoas se desesperaram e pensaram em se jogar, até que uma grande embarcação de alguma organização humanitária os encontrou e foram todos resgatados. Foi daí que ele chegou à Espanha e, de lá, veio de ônibus até Paris. Como essa história tenho ouvido muitas outras. Relatos de solidão e desamparo. Figuras do trauma e desespero. Relatos das travessias nos mares e no deserto, relatos dos abusos e explorações na Líbia e no Marrocos, na Hungria, na Itália, na Grécia, na França. Percursos de muita violência.

Em Paris, vejo centenas, ou seriam milhares, dessas pessoas que chegam com suas mochilas nas costas, também os sacos de dormir (objeto de valor nesse contexto) e seus smartphones – os telefones parecem ser tanto o meio de registro, compartilhamento e testemunho da experiência, como a possibilidade de fazer contato com os que ficaram e se referenciar nos novos espaços, item indispensável, e que, no entanto, causam certa confusão às populações locais insatisfeitas com as presenças que julgam indesejáveis, e vem aí um objeto de luxo que não deveria pertencer àqueles reduzidos só à condição de necessidade. Smartphones nesse contexto parecem figurar na complexa confluência entre objeto de necessidade e de desejo que incide como os próprios deslocamentos.

Em uma noite fria, também nas calçadas parisienses, desta vez em uma fila para receber uma

bebida quente de alguma organização humanitária, uma jovem eritreia me disse algo como: “não consigo nem contar o que se passou comigo na Líbia tamanho o absurdo que se passa por lá, depois disso nunca mais voltarei a ser a mesma”. Os sudaneses e eritreus relatam com frequência seu percurso de deslocamento passando por esse trajeto. É extremamente árduo e muito longo. De seus países, as pessoas contam viajar em caminhões superlotados que atravessam todo o deserto do Saara. Hoje o deserto é considerado o maior cemitério a céu aberto, mais até que o Mediterrâneo. No cálculo do transporte de caminhão já se estima quantos morrerão. Os que sobrevivem – por sorte ou pelo quê? (pergunta que sempre vai insistir, como culpa e como enigma) – veem seus companheiros morrendo, de sede, de fome, e sendo deixados no deserto.

Após a travessia de semanas, chega-se principalmente à Líbia. Um novo capítulo. Pessoas escravizadas, violadas, extirpadas, gente convertida em coisa. Dos que conseguem sobreviver e insistir com seu projeto revolucionário da pulsão anarquista, uma nova travessia: a de barco pelo Mediterrâneo. Pequenas embarcações precárias, o mesmo cálculo dos que devem ficar pelo caminho. Há que se contar com a sorte? Contar com o resgate humanitário incerto? Na melhor das hipóteses, aporta-se em uma praia grega ou italiana. De lá, encarceramento, controle, digitais tomadas, violência policial.

Com sorte, mais uma vez, alguns saem depois de dias ou semanas ou meses. Uma nova travessia: as fronteiras físicas. Leste europeu. Violência policial, frio, fome, barreiras, muros, cercas elétricas, interdições de circulação. Alguns logram chegar a Paris, depois de muito caminhar. Algumas vezes, o destino sonhado, o grande El Dorado: Londres. Nova travessia: Calais e o Canal da Mancha. Nas grandes capitais europeias, os recém-chegados encontram um novo tipo de violência: a da ostentação da riqueza, das noites passadas nas barracas em acampamentos urbanos, da polícia que rouba seus pertences a cada noite, os jatos de água no inverno, a hostilização dos residentes europeus,

1 Translado é o nome dos deslocamentos diários de migrantes que o centro promove para outros abrigos no interior do país. Deslocamentos, esses, sim, forçados em uma política de gestão migratória, administração dos indesejáveis.



*a situação catastrófica
dos exilados nas ruas de Paris parece
funcionar como uma fotografia
do fenômeno pós-colonial*

o frio, a instrumentalização humanitária, a espera sem fim, a impossibilidade de voltar. E Camará, recém-chegado a Paris, depois de três dias dormindo sob um teto, é forçado a voltar pelo trajeto de onde veio, e sem saber, parte rumo a Marseille. Essas, sim, me parecem ser as migrações forçadas.

A natureza com que essas políticas migratórias europeias estão se constituindo tem marcado profundamente toda a trajetória dos exilados que conseguem se deslocar. Tudo isso me faz pensar nos exilados como sujeitos que, através de seus corpos, e reduzidos a seus corpos, desafiam sua própria sorte, e que diante da solidão e do desamparo se arriscam no limite da morte para não morrer no destino que lhes foi previamente oferecido. Insistem com suas presenças furando uma lógica que sistematicamente emprega recursos para que desapareçam. Insistem tal como um sintoma. Insistem com seus corpos que se fazem notar pelas lógicas invisibilizantes, com suas mochilas nas costas e seus smartphones. Nesse sentido, os percursos de deslocamento e a chegada aos países de acolhimento vêm marcar um segundo tempo de violência no significado de ser exilado na Europa: de um lado os fatores que impeliram à migração de seus países de origem, de outro os longos percursos e a chegada aos países europeus.

Discursos marcados pelo intrincamento das políticas do muro, da indiferença e da necropolítica, os relatos e encontros com os exilados nas ruas de Paris trazem rostos, nomes e histórias das

trajetórias vividas amplamente pelas populações que tentam chegar aos países mais ricos do globo. A miséria humana cruzou as fronteiras marítimas e veio desvelar nas capitais ricas e desenvolvidas o avesso de seu próprio funcionamento. A situação catastrófica dos exilados nas ruas de Paris parece funcionar como uma fotografia do fenômeno pós-colonial, da exploração dos países mais pobres e do racismo. A partir do relato de profundo desamparo e desespero dos exilados recém-chegados, vemos a política sobre os corpos que não têm valor e são tratados não só na lógica do deixar morrer, mas deliberadamente – através das externalizações das fronteiras, das barreiras que não findam e de outras políticas de exceção – do fazer morrer desses mesmos corpos-restos. No entanto, na mesma medida em que essa presença tem efeito de denúncia de um funcionamento político da Europa com os outros países, também é prova da insistência e resistência de vidas que se fazem existir para além da exploração e das políticas de aniquilamento.

Edson Luiz André de Sousa
Quebrar os espelhos do fascismo

A identidade é um constructo psicopolítico que em geral mantém coeso um corpo social que perdeu seu senso de solidariedade. A identidade afirma a si mesma pela exclusão e agressão.
[Franco Berardi]

Serhiy Zhadan é um poeta e tradutor ucraniano e anota em alguns poemas imagens das feridas de uma guerra cruel que abala, mais uma vez,

os princípios mais elementares do direito de comunidades poderem viver pacificamente com suas diferenças. Escreve ele em um de seus poemas:

A bomba caiu entre eles –
naquela margem do rio
mais perto de casa.
A lua apareceu entre nuvens,



*nunca foi tão crucial
começar a quebrar espelhos
e assim restaurar outros
olhares para o mundo*

ouviu a melodia dos insetos.
Um médico calmo e sonolento
carregou os corpos em um caminhão militar.

Vemos nestas guerras o regurgitar de discursos nacionalistas e identitários que buscam afirmar um lugar de existência na eliminação dos diferentes, na intolerância e no ódio. Nesta lógica do *um* como marca de um traço compartilhado à força, a vida parece estar congelada em formas estáticas muitas vezes nostálgicas de um lugar ideal que já não existe mais. Vivem, portanto, de uma imagem de “bafo do porão”, como nomeou Ernst Bloch. São esses nacionalismos extremos que deram lugar ao fascismo, construído sempre dentro do espectro de uma necropolítica. Penso aqui em necropolítica pois esta mantém como princípio eliminar todo o desigual, um desprezo pela democracia, elogio à violência e adesão inflamada ao conservadorismo e a paralisia do mundo congelado em formas estáticas. É evidente que dentro desse espectro os bacilos do racismo proliferam de forma assustadora.

Sabemos bem que vida é movimento, e é essa metamorfose infinita que redesenha espaços, tempos, memórias, passados e futuros. Lembro-me de um trabalho da Bienal de São Paulo de 2015 que trazia uma imagem preciosa para esta reflexão. O artista e arquiteto japonês Yukinori Yanagi concebeu a “Bandeira Mundial da Fazenda das Formigas”, um trabalho composto de inúmeras bandeiras nacionais construídas com grãos

coloridos e ligadas por um circuito de tubos plásticos que abriam caminho para um movimento incessante de formigas. As formigas iam, pouco a pouco, transportando esses grãos de um lado para outro, diluindo a forma das bandeiras e assim redesenhando metaforicamente as identidades nacionais. O que aparentemente poderia parecer só uma destruição, na verdade, era a força de vida das migrações e o lugar do estrangeiro como alimento fundamental no espírito de determinada comunidade. As políticas de identidade tendem a se afirmar pela exclusão de tudo aquilo que venha fazer sombra a sua imagem. É por essa razão que confrontar os fascismos implica abrir espaços para uma política de desidentificação. A psicanalista eslovena Jelica Sumic desenvolve amplamente esse tema em um ensaio propondo que “uma política de ‘desidentificação’ só pode encontrar seu lugar a partir de uma falha, de uma incompletude do para todos”². Franco Berardi desenvolve seu pensamento nessa mesma via lembrando que “somente pela desidentificação é que uma comunidade não agressiva poderá surgir. Uma sociedade não autoritária não pode ter como sustentação uma comunidade do ser, apenas uma comunidade do vir a ser...”³.

Nunca foi tão crucial começar a quebrar espelhos e assim restaurar outros olhares para o mundo que não sejam mera reprodução da imagem dos iguais. Esse desafio é crucial nas micropolíticas, pois é nelas que vemos surgir algumas possibilidades de rompimento com as lógicas de poder que buscam o ar das totalidades e dos absolutos. Michelangelo Pistoletto, artista da *arte povera*, quebrava em suas performances grandes espelhos, mostrando que as opacidades criadas nos buracos dos vidros quebrados podiam abrir espaços de novas imagens. São essas opacidades que podem possibilitar novas respirações nos monólitos identitários, os quais vociferam sempre o mesmo slogan celebrando servilmente seus mitos.

Os fascismos, como sabemos, se alimentam de uma paralisia da linguagem que perde sua função de equívocidade quando a comunicação se institui na repetição vazia de clichês e slogans. Vemos ali uma lógica de poder que ao enunciar algo

2 J. Sumic, *Política e a psicanálise – do não todo ao para todos*, São Paulo, Lumme, 2019, p. 11.

3 F. Berardi, *Asfíxia – capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*, São Paulo, Ubu, 2020, p. 214.



*o conceito de negativo
tem conhecido um
considerável desenvolvimento
na teoria psicanalítica
contemporânea*

determina exatamente o que deve ser entendido em seu enunciado. Abole assim a função da leitura e sua liberdade de interpretação. O combate ao fascismo se inicia sempre no plano da linguagem, pois é desmontando os circuitos dos absolutos e das totalidades que abriremos espaços para novos significantes. Como lembrou Glauber Rocha, sem linguagem nova, não há realidade nova.

Jean-Pierre Pinel e Luciana Lafraia

*Fascismo: a realização coletiva de um fantasma
unário ou a tentação da exclusão do negativo*

Umberto Eco (2017) definiu o que ele designou como fascismo eterno ou Ur-Fascismo identificando quatorze critérios que regem a organização desse sistema ideológico. Atemo-nos a sete deles, que constituem seus atributos essenciais:

- ✦ culto à tradição e rejeição do progresso proveniente do espírito das Luzes e da ciência;
- ✦ culto da ação pela ação e rejeição da cultura e do espírito crítico;
- ✦ culto do consenso e rejeição da diversidade e da diferença;
- ✦ culto à massa e rejeição das elites, tidas como corrompidas e ilegítimas (de acordo com a região e o momento histórico, as elites variam: elite intelectual, classe política etc.);
- ✦ culto à unidade nacional e rejeição dos estrangeiros, das minorias, dos vulneráveis, sempre suspeitos de complôs ou parasitismos, inimigos da população, dos “cidadãos”;
- ✦ culto à potência em seus variados registros, em especial no sexual, e desprezo pelas mulheres e pelas condutas não heterossexuais;
- ✦ enfim, edificação de uma Novilíngua (Orwell, 1949), caracterizada por pobreza sintática e lexical, e direcionada à rejeição da complexidade e de todo pensamento crítico.

Tal conjunto forma uma ideologia radical (Kaës, 2016)⁴, com aparente lógica interna e organizada

pelo extremismo, pelo sistematismo e pela recusa absoluta da alteridade e da nuance. Cada atributo do Ur-fascismo é associado a um negativo, totalmente recusado, que justifica mentiras, manipulações, violência e aterrorização dos indivíduos, grupos e instituições.

O conceito de negativo tem conhecido um considerável desenvolvimento na teoria psicanalítica contemporânea. Já em 1989, J. Guillaumin identificou três de seus aspectos: a ausência de representação ou de representabilidade; o destino infeliz ou nocivo do funcionamento psíquico (como as depressões ou as destrutividades); e enfim a falha e a falta, em seus sentidos ontológico e lógico. Embora esses três aspectos sejam pertinentes para pensarmos o fascismo, esperamos abordar aqui o negativo que tende a ser eliminado pelo fascismo: o negativo em sua condição de avesso silencioso necessariamente presente na constituição e na sustentação de todo tipo de vínculo e de conjunto plurissubjetivo, como também do pensamento.

Assim, são atacadas pelo fascismo as formações de fundo, silenciosas, invisíveis (os espaços deixados vagos pelos andaimes não mais necessários), como os pactos denegativos (alianças inconscientes descritas por Kaës, 2014) e o que podemos pensar como estruturas enquadrantes (Green, 1974) dos diferentes espaços psíquicos (dos sujeitos, dos vínculos e dos conjuntos). Parece-nos objeto de um ódio feroz tudo o que



*a retórica fascista resulta
de uma atadura entre
os três registros da subjetividade
(do sujeito singular, intersubjetivo
e sociocultural)*

sustenta a brecha, o silêncio e o intermediário, tudo o que permite a circulação dos afetos e do pensamento, tudo o que autoriza a mobilidade e os espaços de repouso, as zonas de sombra e de segredo. Tudo aquilo, enfim, que possibilita a criatividade e permite sonhar⁵.

Outros tipos de alianças inconscientes, produtoras de outras modalidades de negativo, apoiam a cultura fascista. Longe de sustentarem espaços de brecha, elas produzem uma recusa em comum [*un déni en commune*], pactos narcísicos, alianças inconscientes alienantes (Kaës, 2014) que operam com a clivagem, a recusa [*déni*], a fetichização, a idealização, a repetição e o encerramento. Nessas configurações, trata-se, ao contrário, de apagar toda brecha, todo espaço livre, de produzir uma

- 4 René Kaës distingue dois tipos de ideologia: de um lado, aquelas que têm uma função organizadora necessária à formação dos conjuntos intersubjetivos; de outro, as ideologias radicais que não deixam nenhum resto, nenhum espaço a outra concepção de mundo, e que podem utilizar o terror para estender seu domínio sobre as pessoas, os grupos e a cultura. Para Kaës a ideologia é um falso saber que impede a elaboração do real pelo sujeito, impondo um pré-não-pensado do real.
- 5 Deve-se mencionar aqui o papel essencial desse negativo, de presença ausente, na obra de Winnicott (como bem registrado por André Green em seu artigo “A intuição do negativo” em *O Brincar e a Realidade*, 2003) e em suas contribuições sobre a importância dos lugares de segredo e de não intrusão do self. Igualmente, lembremos aqui a importância do trabalho de Piera Aulagnier sobre a questão do segredo como condição do pensar (Aulagnier, 2009).
- 6 A nostalgia melancólica foi definida por J.-P. Pinel como uma posição grupal que petrifica um conjunto humano em um luto impossível. O conjunto edificou um monumento no qual se encontra isolado e embalsamado um passado glorioso e idealizado, ligado às figuras fundadoras e emblemáticas de sua história. A idealização massiva é acompanhada do escanteio dos elementos negativos da história, se apoiando sobre uma recusa em comum. Essa patologia da nostalgia se diferencia da nostalgia “ordinária”, que se associa sempre a uma experiência de prazer e que pode se revelar estimulante para o imaginário. Ela também vai além das saudades de casa [*mal du pays*], do sofrimento associado ao exílio, da distância da terra natal, que se situa entre luto e depressão.

sutura cerrada. A Novilíngua e o terror são destinados a suturar cada um ao conjunto, a destituir o terceiro interno que constitui a linguagem, a destruir a alteridade inerente à possibilidade de “nos falarmos”. A montagem fascista visa a interditar toda intimidade, todo espaço interno privado, isto é, a destruir o espaço do negativo. Nesses mundos, nenhum espaço, nenhum segredo: reinam a sutura e a transparência total. Nada do silêncio disponível ao novo, ao desconhecido, ao informe, ao que vier (ou não). Em seu lugar, um silêncio que cala, satura, encerra. Percebemos aqui a afinidade entre o fascismo e aquilo que um de nós designou como ideologia da transparência (Pinel, 2008), cujo Ideal é a extinção do que constitui a substância do sujeito: sua capacidade de preservar um espaço para o íntimo e o secreto de sua verdade.

Mas... e os aspectos subjetivos mobilizados por essa ideologia? Como podemos compreender as fontes de sua difusão e seu domínio sobre os sujeitos e os conjuntos intersubjetivos (famílias, coletivos, instituições...)?

Sugerimos a hipótese de que a retórica fascista resulta de uma atadura entre os três registros da subjetividade (do sujeito singular, intersubjetivo e sociocultural) constituída a partir de um fantasma unário e onipotente, que opera sobre os três umbigos do inconsciente: o corpo, o grupo e a linguagem. Fantasma que porta a promessa de restabelecer uma continuidade narcísica perdida, de garantir uma coerência total entre o sujeito, o grupo e a cultura, de preencher todas as lacunas entre eles.

Simultaneamente, ele permite projetar as angústias esquizoparanoides e depressivas, designando o outro, o estrangeiro, o diferente como causa dos conflitos de cada um, das perturbações do mundo e das crises institucionais, políticas e culturais. A atadura entre os diferentes registros permite ainda inverter a nostalgia melancólica (Pinel, 2015)⁶, acenando com o retorno às origens míticas, com o reencontro de uma Idade de Ouro que o líder fascista se encarregará de reconstituir. Enfim, o fantasma unário veicula um Ideal arcaico de pureza que une de forma cerrada

os três registros mencionados acima: o eu-prazer purificado, os ideais coletivos de pureza do povo e, enfim, a produção de um revisionismo que desembaraça a história de todo traço negativo, suscetível de mobilizar culpa ou vergonha pessoais, institucionais ou culturais.

Embora essa montagem possa seduzir cada um de nós, e especialmente os sujeitos e conjuntos confrontados cronicamente à ausência de respondedor (Kaës, 2012) institucional ou social, ela tende a capturar os sujeitos cuja economia psíquica é regida pelo tudo-junto-agora [*le tout tout de suite, tout le temps, tous ensemble*], de sujeitos dotados de um Supereu arcaico que, longe de conter e de transformar as pulsões, ao contrário, os impele ao ato, à ação, ao agir.

A conjunção desses diferentes elementos forma agrupamentos que se assemelham a clãs, bandos, quicá gangues. Os coletivos assim constituídos se formam a partir de um tipo de vínculo que pode ser qualificado de incestuoso mafioso [*incestuel mafieux*] (Pinel, 2014). Cada membro é diretamente ligado e identificado ao líder, à sua potência, a seu gozo e à sua ausência de limites. O líder encarna a promessa de onipotência e de continuidade narcísica, e conforta assim os fantasmas inconscientes que mobilizaram cada um à crença e à adesão ao fascismo. Uma tripla adesividade pessoal – ao chefe, ao grupo e à ideologia – permite que cada adepto possa ser conduzido a cometer o pior sem experimentar responsabilidade, culpa ou vergonha.

Caso Dario

Marilsa Tafarel

Comentado por
Noemi Moritz Kon

Nota dos editores Imprevistos fizeram com que esta edição de Debate Clínico contasse com apenas um comentador do caso apresentado. Retomaremos o formato habitual com dois comentadores no próximo número.

Marilsa Tafarel é psiquiatra e Psicanalista, doutora em Psicanálise pela PUC-SP, membro efetivo e docente da SBPSP. Coautora do livro *Isaías Melsohn – A psicanálise e a vida, setenta anos de histórias paulistanas*.

Noemi Moritz Kon é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora pelo Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP e autora de *Freud e seu duplo* (Edusp/Fapesp, 1996), *A viagem: da literatura à psicanálise* (Companhia das Letras, 2006), organizadora de *125 contos de Guy de Maupassant* (Companhia das Letras, 2009) e coorganizadora de *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise* (Perspectiva, 2017). Professora do curso de pós-graduação: “Conflito e sintoma: clínica psicanalítica” do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Notas iniciais: tratarei neste relato clínico de um analisando com pouco mais de 30 anos que vive em outra cidade com os pais. A análise começa logo após sua mudança para essa cidade. Antes disso, tivemos algumas entrevistas que foram por ele interrompidas. Suas três sessões semanais se dão através de uma plataforma da internet. Dario faz uso de medicamentos prescritos por um psiquiatra.

A entrada de Dario neste mundo não se deu nas melhores condições: sofreu por excesso e por falta. É o que posso entender a partir do que ele me conta sobre a família paterna, a família materna e sobre seus pais. Eles deixaram marcas que determinam seu presente, ou, melhor, figuram sua precária estrutura psíquica, e a partir deles dirige-se a busca do sentido, da causa de seu padecimento. Reúno o que foi surgindo em sessões ao longo desses dois anos de análise – cenas, frases, também lembranças pessoais privilegiadas. Um passado que faz sombra para o presente e sobre o futuro. O relato visa evidenciar as causas de seu padecimento cujo início se perde na infância remota.

Uma avó materna muito exigente e intrusiva, bem-sucedida no reinado doméstico. Um pai ansioso, demasiadamente centrado em suas preocupações com o desempenho, constantemente com a cabeça em outro lugar, mesmo quando procura se aproximar e que vaga pela casa num “spin solitário”, como diz Dario.

Quanto à mãe: ouço o relato de longas conversas que soam intelectualizadas e parecem se passar na superfície aparentemente calma de um lago turbulento.

Dario, quando não está abduzido pelo seu próprio discurso melancólico, reproduz comigo esse estilo de conversação “de salão culto”.

121

PERCURSO 68 : p. 121-132 : junho de 2022

Uma lembrança de infância

Dario já teria uns oito anos – um carro estaciona em frente à escola na rua tranquila da cidade do interior onde vive. Uma pessoa desce e entrega a ele um livrinho com gravuras. “Um presente, você é muito lindo.”

Dario conta que ficou imóvel e perturbado. Elogios sempre o perturbam. A mãe incapaz de aconchego e o pai ausente, mesmo quando presente, certamente instalaram nele o que se poderia chamar um “vazio de infância”, utilizando a expressão de Daniel Mundukuru que me ocorreu ao ouvir suas lembranças. Em “A Arte Milenar de Educar dos Povos Indígenas”, Mundukuru escreve:

[...] A criança indígena é, então, provocada para ser radicalmente criança. Não se pergunta nunca a ela o que pretende ser quando crescer. Ela sabe que nada será se não viver plenamente seu ser infantil. Nada será porque já é. Não precisará crescer para ser alguém. Para ela é apresentado o desafio de viver plenamente seu ser infantil para que depois, quando estiver vivendo outra fase da vida, não se sinta vazia de infância.¹

Dario, quando a família vinha para a capital, nunca escolheu um brinquedo na grande loja de brinquedos, onde entrava cauteloso, com os bracinhos cruzados. “Minhas tias sempre comentavam isso.”

Conta que na adolescência, quando começa a entrar no mundo maior, a dificuldade de expressar o desejo se acentua. Um convite feito a um colega para dormir na fazenda dos pais ou o contrário, coisas simples, coisas corriqueiras eram fonte de tormentos, de um pânico que se estendia por horas.

Defendeu-se, desde muito cedo, de comprovar uma brutal rejeição escondida pelo que via como benevolência. Dario tinha uma certeza, a certeza de não poder ser e de não poder ter. Ele não conseguirá, ao longo de sua vida, fazer demandas. O desejo se esconde.

Sabe-se que a melancolia é uma doença do ser e do ter. “Não tenho nada a perder” é uma frase de Dario que ouço algumas vezes.



os pais nunca repreenderam Dario mesmo num período de sua vida em que se endividou.

A aceitação, depois do primeiro alívio, era sentida como uma forma de não reconhecimento

A família paterna era grande e receptiva, sobretudo as tias, solteiras e dedicadas. “Para elas qualquer erro meu seria desculpado. Se eu dissesse que fiz um sequestro, elas não criticariam.” Asseguravam que compreenderiam qualquer atitude sua.

A eficácia do amor terá sido temporã?

Dario insiste que também os pais o “acolheram demais”. Nunca o repreenderam mesmo num período de sua vida em que se endividou. A aceitação, depois do primeiro alívio, era sentida como uma forma de não reconhecimento. Uma medida prática para que tudo voltasse ao normal rapidamente. Dario não pode aceitar um investimento que duvida ser autêntico. No entanto, qualquer crítica, se aparecesse, o abalaria.

Durante um bom tempo resolveu seguir o caminho do pai. Com isso haveria uma aprovação inegável. O pai em versão perfeita. Excelentes notas, bom comportamento, primeiros lugares. A insegurança na escola com os olhares atravessados para seu gosto, talvez um tanto fora dos padrões, o pânico na hora de revelar para os pais uma decisão que denunciava um desejo ficavam compensados pelo que seria no futuro.

A entrada na universidade de renome em um curso ambicionado por muitos, com aprovação superior à de seu pai, aproximou Dario de seu projeto: tornar-se um grande neurocirurgião e, quem sabe, sair da identificação com um pai falho.

Ele deixa a cidadezinha próxima à fazenda dos pais e passa a morar sozinho, perto da universidade. Junto a essa aparente e desejada liberdade, chega o amor com seu inevitável séquito:



Dario desapareceu sem despedidas, sem uma palavra, sem atender telefonemas. Perguntei-me então: teria ele sido movido pela dúvida sobre minha abertura para ouvir seus “crimes”?

insegurança radical quanto à sua aparência, à sua performance, ciúme, rejeição, separação. Tudo o que evitou anteriormente. Dario conta que ficou anos aderido ao entorno da pessoa que o rejeitou. “Sempre fui o deixado, nunca deixei alguém.”

Instala-se então o desmoronamento narcísico, o desmonte desse herói assujeitado ao que supõe torná-lo aceito². Dario começa a escorregar, cair, tropeçar, se humilhar, implorar um olhar. A certeza do desamor, que fora uma realidade compensada pelo sucesso escolar, e que o guiara até então, dá lugar a uma busca desesperada que o leva à depressão e a uma tentativa de suicídio.

Entrar na melhor universidade, a de sua escolha, foi uma vitória e Dario a saboreou. Várias vezes, destaca para mim essa conquista como verdadeiramente sua. Paralelamente ao desastre na vida amorosa, o curso o decepciona – e ele se decepciona consigo mesmo. Não tem boas notas, mais ausências que presenças, muitas reprovações. Desiste já quase formado e acede a uma verdade: “Vi que não era meu desejo mesmo. Cheguei à conclusão de que nunca foi de fato o que eu queria”. Essa constatação entra no ciclo da cultura de

“sua verdade”, do qual não sai mais. “Não estou à altura do que planejei para minha vida. Tenho ainda em mim o olhar do adolescente, a convicção de que tudo daria certo na minha vida.”

Em seu tempo de acédia³, que se prolonga por dois anos, tendo desistido do curso e ainda morando longe dos pais, bebeu demais, esbanjou dinheiro que não lhe pertencia, mentiu. Entregou-se à lassidão.

Cinco anos atrás quis reverter esse estado e me procurei pela primeira vez. Poucas entrevistas se sucederam, é numa delas que me fala da irrestrita aceitação que tinha por parte da família do pai.

Desapareceu depois de uma conversa em que confessou a volta do interesse por leitura de poesia. Menciona vários livros que quer devorar. A inércia, no entanto, venceu a parada e sufocou o desejo. Dario desapareceu sem despedidas, sem uma palavra, sem atender telefonemas. Perguntei-me então: teria ele sido movido pela dúvida sobre minha abertura para ouvir seus “crimes”? Além disso, o aparecimento do desejo voraz o teria assustado? Mais tarde confirmo que essa foi a primeira aparição da agitação psíquica, da ansia por colar-se ao objeto que o desejar provoca em Dario.

Quando da retomada de nosso contato e início da análise, Dario teve dois sonhos. Costuma-se chamar esses sonhos de inaugurais, observação com a qual concordo, sobretudo nesse caso. No primeiro, uma mãe carrega nas mãos um objeto totalmente desmontado. A mãe como que entregava para alguém o que tinha nas mãos. No outro sonho, ele está em um espaço que lembra a Grécia antiga. Participa de uma travessia. As pessoas se assustam com uma fera e fogem. Ele continua. No final, vê que a fera era plastificada. As associações se dão com o segundo sonho. Sua admiração, na infância, pelos feitos de semideuses. Os trabalhos fantásticos de Hércules.

Digo-lhe que Hércules foi condenado a esses trabalhos. Ele ouve, concorda e acrescenta, com um tom amargo, que Hércules foi vitorioso⁴.

Como escrevi acima, o primeiro sonho não suscita associações. Contudo, Dario acrescenta

1 D. Munduruku, A arte milenar de educar dos povos indígenas, in *Entre-visões, sobre-visões, cosmo-visões*, Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2018, p. 81.

2 O tema do herói aparece em um sonho que marca o início da análise.

3 Acédia ou acídia: é definida de muitas maneiras, e seu uso tem uma longa história. Aqui a utilizo no sentido de um estado de apatia e desmedida no qual o sujeito não se importa com sua própria posição ou condição no mundo.

4 Hércules ou Héraclès é considerado um herói civilizador. Livra a Terra de monstros ameaçadores. Na versão de Eurípedes, é tomado pela *hybris*, porque ultrapassa seus limites. Sua demasiada grandeza o leva à loucura.



*os primeiros tempos da análise
são totalmente ocupados
pela memória dolorosa e humilhante
de sua busca infrutífera, sente desprezo
por si mesmo. Tem a clareza da falta
de sentido de sua vida*

um dado, a meu ver, decisivo para a compreensão. Quem carregava o objeto desmontado era a mãe de seu namorado, aquele que o tinha abandonado cujo nome é quase um anagrama de seu próprio nome. Considerando os dois sonhos eu lembraria M. Klein, quando em “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” escreve que a ideia de perfeição é tão importante porque opõe-se à desintegração. A idealização seria uma tentativa fundamental, para a autora, nas depressões dos quadros maníaco-depressivos, para o trabalho de juntar os pedaços do objeto amado, um objeto considerado perfeito⁵. Temos nos sonhos um recipiente com fragmentos de algum objeto e no outro uma figura idealizada. Temos o importante detalhe de o herói vencer um monstro plastificado que figura, a meu ver, um eu ideal falho.

Os primeiros tempos da análise são totalmente ocupados pela memória dolorosa e humilhante de sua busca infrutífera, sente desprezo por si mesmo. Tem a clareza da falta de sentido de sua vida.

E é a “sua verdade” sem retoques que ouço sessões e sessões. Um discurso do qual a vida está extraída. O esmero formal nas frases se repete incessantemente: incapacidade, insuficiência, erros cometidos. Frases bem-feitas que transmitem um vazio difícil de suportar. Um discurso que o coloca como quem já sabe de seus problemas, de seu padrão de comportamento e coloca a mim, sua analista, como ouvinte. Não uma mera ouvinte, mas uma “tia” que, talvez, o aceite sem restrições. Mesmo quando o negativismo não está presente o discurso soa sem vida.

Às vezes interrompo o fruir da “lucidez”, a satisfação no autodesnudamento com alguma pergunta, alguma observação. Diferir o curso do seu discurso. Trazer as coisas para as palavras: *essa figura estampada na camiseta que está usando será sua cachorra?* Por um tempo temos Dario em presença, fala com interesse genuíno no animal. Logo volta o discurso melancólico que satura o ar.

A retomada de outra graduação em artes visuais liga-se ao que lhe restou de mínima satisfação, mas ele a tem como uma fachada necessária para não voltar ao tempo da acédia, quando

mergulhou de corpo inteiro no vazio, na ausência de qualquer resquício de atividade e no descomodimento. Para não voltar a esse estado tem agora seus truques. O principal consiste em manter a rede de dormir que comprou na Bahia enrolada para não ser atraído por ela. Depois vem a organização do quarto e o cuidado com as plantas. Estas foram seu sustentáculo nos primeiros tempos de retorno ao convívio com os pais e nos primeiros tempos da análise. Um esforço tocante, um investimento que lhe dava retorno: os brotos que despontavam, as folhinhas novas que apareciam. Buscava assim, a meu ver, uma ruptura com a atração pelo nada.

O discurso melancólico abre pequenas brechas por onde entra o relato desse esforço. Ocupa-se também da casa montando objetos, o que poderia ser auspicioso não fossem objetos para a mãe. Sua destreza faz um contraste com a do pai, sempre descrito como ausente e atrapalhado.

Dario ocupa-se também com a cadela adotada. Essa cadela ficou os três primeiros meses após a adoção sem emitir nenhum latido. Com o primeiro esboço de emissão de voz foi assumindo espontaneamente a função de guardiã da casa.

“Ela está conseguindo reescrever sua história anterior?” – Pergunto a Dario, que responde: “Se alguém tocar em certos pontos de seu corpo, ela ataca. Marcas dos maus tratos”. A resposta de Dario não deixa de me provocar admiração pela clareza e lucidez que a melancolia traz para os sujeitos atingidos por ela.



já devia ter se graduado, já devia estar trabalhando. Vive à custa de seus pais e tem mais de 30 anos. Nunca recuperará o atraso de vida

Depois de alguns meses, recebe a visita de uma amiga dos velhos tempos. Dario treme. Ela o colocará no lugar do desamado? Sim, com certeza. Não quer vê-la.

Mas ela chega. Quer caminhar; comer pratos locais, ver o rio junto com ele.

Suas expectativas não se cumpriram. A amiga não fala do passado, como ele temia. Ela o acha bem; ambos estão bem. “Veio só para me ver!” – diz. O olhar de Dario terá visto um olhar de reconhecimento?

Aponto que suas fantasias de humilhação não se realizaram.

“Sempre fico nesse pânico antes de encontrar alguém. Imagino o pior, tenho medo de enfiar, de morrer.”

Depois da visita da amiga, Dario sente-se um pouco animado e quer visitar os lugares por onde andaram. Quer sair à noite. Mas, pensa “lucidamente” que ao encontrar alguém terá que se defrontar com perguntas sobre sua vida. Já devia ter se graduado, já devia estar trabalhando. Vive à custa de seus pais e tem mais de 30 anos. Nunca recuperará o atraso de vida.

“Posso mentir se me perguntarem o que faço, mas então não estaria sendo eu. Posso desconversar ou dar explicações atenuantes e então me sentir covarde. Minha verdade é o que tenho, e ela é insuportável.”

“Você tem suas verdades e também suas fantasias.” – lhe digo.

5 Encontrei, em Marie-Claude Lambotte, esta indicação que me remeteu à releitura do texto de M. Klein. M.C. Lambotte, *O discurso melancólico*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1997.

“É sempre assim, nunca vou recuperar o tempo perdido.” – arremata com uma observação que tem sabor factual.

Aos poucos, começa uma fase de recuperação de suas postergações. Seus trabalhos são aceitos, apesar dos atrasos, e a morosidade em que havia tropeçado desaparece por um tempo.

Depois da visita da amiga, encontrou colegas dos quais fugia que são, como ele, estrangeiros nessa cidade. Calorosos, o convidam para sair, para comer, para estudar. Sem perguntas, sem inquirições.

Quando aceita o primeiro convite, ele está leve e com olhar alegre.

Lembro a Dario de uma situação que me contara em que o mesmo ocorreu. Fazia uma espécie de intercâmbio, quando adolescente. Sentiu-se muito bem por estar entre adolescentes também estrangeiros. Ele havia dito então “gosto de ser mais um na multidão”.

Agora, quando lhe relembro esse episódio, Dario diz: “Quero ser só mais um e também não quero ser só mais um”.

Conta-me, então, que dias atrás, voltando para casa após ter um encontro amoroso, sua cabeça foi tomada por cenários em que se via morando na casa dessa pessoa que mal conhece. “Me imaginei fora da casa dos meus pais. Resolvendo todos os problemas que me travam a vida.”

Nesse período, aparece a possibilidade de uma entrevista para trabalhar em um estúdio fotográfico, entrevista individual como queria. Entra em pânico. Não vai aguentar um não. O mundo irá aparecer como muito ruim ou ele como não suficiente.

“Melhor não ir. Assim pelo menos o desejo continua existindo.”

Faço apenas uma observação: ofereceram uma entrevista como e onde você queria. Suas fantasias podem estar em ação.

Dario lembra uma situação bem anterior na qual se saiu mal nos grupos de apresentação, mas foi aprovado pelo desempenho na entrevista individual. Como sempre acontece, conclui amargamente que lhe favoreceram.

Na sessão seguinte está animado e assustado.



*o que posso compreender
desse sonho? Dario não suporta
a frustração causada pelo
afastamento deliberado do Outro.
A mãe é uma garantia.*

“Eu estou fazendo cenários. Me vejo no estúdio, um espaço do qual gostei muito. Minha cabeça viaja. Tento dominar e quando vejo ela já foi. Perco muito de mim na idealização, como se algo ficasse ali nos cenários.”

A mãe viaja a trabalho logo após esta sessão. Dario conta como, na ausência dela, está sendo tomado em vários momentos pelos “quadros/cenários” que emergem: se vê saindo à noite, tendo encontros. Fala de um modo um tanto evasivo. Ainda não tem segurança de que pode ser ouvido sem recriminações. O que me chama a atenção sobre os quadros/cenários é a realização neles de um apoderamento do objeto que remete ao devorar livros e a um sonho muito breve, o terceiro sonho dessa análise. Trata-se de uma única cena que se passa num corredor. Nela estão ele e o colega por quem se apaixonou tão perdidamente. Ele está ao telefone e o outro está se queixando: jamais Dario reserva um espaço para o encontro dos dois. Não há em Dario lugar para os dois.

Parece oportuno relatar nesse momento o quarto sonho, o mais recente. Dario está em um lugar um tanto escuro. Ali estão várias pessoas, entre elas sua mãe. Ela se retira, vai embora. Dario tenta desconectar o carregador do telefone da tomada e não consegue. Na pressa arranca a tomada e sai correndo em direção à mãe. Uma criança o recrimina. As associações se dão com a angústia que sentia quando a mãe se atrasava para buscá-lo em algum lugar. A criança que reclama do gesto violento de Dario não dá lugar a nenhuma associação. O que posso compreender desse sonho? Dario não suporta a frustração causada pelo afastamento deliberado do Outro. A mãe é uma garantia. Ele se defende da castração sendo o complemento da mãe, mas um complemento plastificado, como a fera do sonho.

Passo agora a um trecho de uma sessão mais recente.

“O que vou falar não sei se é um desdobramento do que falamos na sessão anterior.”

Dario então descreve o trabalho que devia fazer para uma professora de sua atual graduação em artes.

“Tenho toda a liberdade para criar, sei o que quero fazer, mas não sinto que consiga, não sei se faço bem-feito. Fiz o ensaio na última hora, sob pressão do tempo. Na aula seguinte teríamos uma conversa presencial sobre os trabalhos. Não seria uma avaliação com notas. Nada disso. Fiquei inseguro e não compareci.”

Ele insiste na benevolência da professora e na simpática classe e insiste no pânico de ser avaliado. Vai à aula que se segue à sua falta e tem a surpresa de entrar na classe com seu trabalho em foco. Suas mãos estão tremendo depois que aceita falar. A professora o elogia e tem sugestões sobre alguns pontos. Dario, para sua própria surpresa, pede para sentar-se na primeira fileira. Quer acompanhar melhor.

“Penso que não tenho nada a perder.”

Digo que essa ideia parecia fundamental para ele: nada a perder.

“Essa ideia me move, extrai o meu melhor. Tirei nota máxima, mesmo assim foi difícil. Se meu trabalho fosse criticado, ouvir do outro o que eu já sabia iria me esmagar.”

“E nessa situação?”

“Teve um momento que foi muito legal, depois só um alívio. Não registro a conquista. Fico na incredulidade.”

“É preciso cuidar desse momento muito legal.”

“Sim, claro. Já disse para você que quero ser só mais um na multidão e também não quero ser só mais um. Quando levantei tive uma satisfação. Ela existe, mas só no meu universo íntimo. Assim me dá base. Se saísse para fora viraria pó. Ninguém iria achar que tem importância. Não



será possível construir com ele algum contorno das excitações, contorno que lhe faltou nos primeiros tempos de vida? Um espaço mínimo de recuo e de espera

quero nada que me frustrate. A frustração é um lugar sem saída. Eu não aguentaria. Já parei minha vida por vários anos.”

Estamos no que se pode considerar o início de uma análise com um analisando melancólico: a melancolia marcada pelo discurso negativista que dá contorno para o vazio e se alterna com o perigo de queda no puro vazio. O perigo do descomedimento que começa a aparecer nos quadros/cenários. Criações imagéticas que começam a ganhar espaço na análise.

A articulação da fala que busca uma lógica e o caráter desafetado desta são típicos da melancolia. Configuram uma espécie de contraautoidealização que é mantida pelas suas instâncias ideais e superegoicas avassaladoras. Precisa da presença física dos pais, sobretudo da mãe, para se proteger do desejo impaciente, voraz. O apelo da realização instantânea. Precisa da mãe para não cair na inércia para ter com ela longas conversas pseudointelectualizadas que sustentam e limitam seu vazio. O que tenta reproduzir nas sessões comigo.

Comentário de Noemi Moritz Kon *Fiat lux*

Desde bem nova fui tomada por uma curiosidade inquieta sobre o surgimento da vida; uma curiosidade como a que movimenta o cientista natural, uma curiosidade reconhecível naquela expressão

Estamos também diante de um esboço, de um ensaio de valorização pessoal que pode escalar, mas que ele tenta administrar.

É difícil experimentar através dele, na transferência, o vazio do discurso, o temor da inércia mortal e mais recentemente o temor em relação às consequências da turbulência do desejo que emerge e não quer saber da separação, não quer falta. Excesso que a análise precisa permitir que seja nomeado se ele puder ceder um espaço maior para mim e permitir à criança nele descruzar os bracinhos.

A presença viva da criança em seu “spin solitário”, a criança que não houve me ajuda a ficar no espaço exíguo, tendente ao zero, que ele destina ao objeto. Ensaio alguma mobilidade sem ser tomada pelo *furor curandis*.

No primeiro sonho relatado temos a mãe querendo entregar o objeto desmantelado para a analista cuidar. Cuidar como? Talvez a resposta a essa pergunta esteja no segundo sonho. Uma espécie de sinalização da “montagem” que foi feita em curto-circuito, instalando um eu excessivamente frágil, um ideal do eu inatingível – o herói grego –, opressivo, e um superego feroz, arcaico, sempre contrastando seu desempenho com o ideal. À falta do olhar e da troca libidinizada com a mãe, que podemos supor em seus primeiros tempos de vida, há em Dario uma constante ameaça da fragmentação autoerótica.

Será possível construir com ele algum contorno das excitações, contorno que lhe faltou nos primeiros tempos de vida? Um espaço mínimo de recuo e de espera diante do desejo que não seja aquele que o fez um menino diminuído que guardava para si sua ânsia?

perplexa, de alegria e de espanto, que surge na brincadeira do “Cadê? Achou!”, com a qual nós bebês nos divertimos tanto. Eu me surpreendia ainda uma vez mais com o aparecimento e o



Noite estrelada, Vincent Van Gogh, 1889.



A origem do mundo, Gustave Courbet, 1886.

desaparecimento das coisas, me encantava com seus mecanismos internos⁶, com o nascimento, desenvolvimento e morte das plantas e dos animais, e me interessava profundamente pelas histórias que me contavam sobre o funcionamento do mundo, sobre o funcionamento dos humanos em sua diversidade e em sua finitude. Certamente uma curiosidade nada incomum e que falava também do temor que sentia diante de minha morte, uma tentativa de, talvez, evitá-la, uma curiosidade que me permitiria, quem sabe, criar também algum consolo quando imaginava que, se o que vive morre, deveria ser também verdadeiro que aquilo que morre pode, uma vez mais, viver.

De todo modo, o mistério maior parecia ser mesmo o da origem, o da origem da própria vida e de sua finitude.

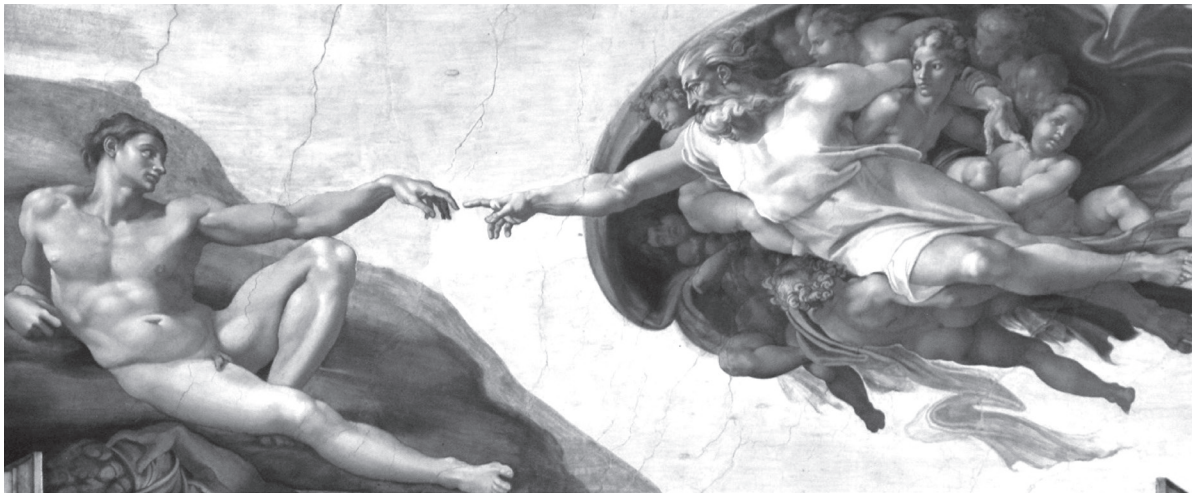
Fiat lux. Que se faça a luz.

Foi também lá atrás, ainda no ensino médio, que ouvi pela primeira vez sobre a “teoria do caldo primordial”⁷ de moléculas orgânicas, uma sugestiva e saborosa sopa de aminoácidos aquecida por descargas elétricas, de onde a vida teria surgido. Nos debates também acalorados em classe buscávamos compreender algo da magia que possibilitaria que do material inorgânico surgisse o material orgânico, esta matéria-prima matriz da existência de todo ser vivo que passou a existir em nosso planeta Terra.

No movimento para a compreensão daquele mistério era também o nosso vocabulário que ganhava novos elementos que enriqueciam nosso pensar: coacervados, procariontes, biogênese..., palavras novas e estranhíssimas, que nunca mais pude esquecer e que passaram a orbitar em minha mente, expandindo significativamente meu universo, ampliando as dimensões que tinha tanto do tempo como do espaço, introduzindo as ideias de origem e de processo, dando alguma forma, ainda que incipiente, à minha busca por algum entendimento para o que poderia denominar de saltos vitais e, sua contraparte, de saltos mortais.

De onde viemos, onde estamos, para onde vamos... como surge a vida, como ela se desfaz... como, quem sabe, ela se reapresenta...

Essa alegria curiosa e agitada é a mesma que encontramos em bebês e crianças pequenas que avançam suficientemente bem em seu desenvolvimento. Reconhecemos os olhares atentos, as bocas receptivas, as expressões de surpresa frente aos diferentes ruídos e cheiros, texturas e temperaturas. Percebemos o prazer e, também, a apreensão na experiência do tocar, de se tocar e de ser tocado pelo outro e pelo mundo, e isso também no momento da experiência ativa da movimentação de mãos, de pés, de todo um corpo que vai ao encontro ou se evade, quando pode, daquilo que o estimula, numa pesquisa atenta que busca a



Criação de Adão, Michelangelo Bonarotti, por volta de 1511.

decifração e a construção de seu estar no mundo, de seu estar vivo.

Que imenso trabalho – também um salto mágico – a passagem não mais do inorgânico para o orgânico, não mais da matéria inorgânica para os coacervados, não mais destes para os seres vivos multicelulares, mas, agora, um salto, uma transformação do puro estímulo sensorial para o simbólico, do barulho, digamos, para a palavra! Como se daria a mágica que nos permite (quando temos sucesso) transformar a profusão ruidosa de estímulos sensoriais em significação, em comunicação linguageira, que carrega sentido e significação,

- 6 Lembrei-me de um brinquedo com o qual me divertia muito em criança, uma lousinha mágica, Magic Etch-a-Sketch em seu nome original. Buscava compreender o funcionamento de seu mecanismo interno, mecanismo que permitia que a superfície prateada da lousa recebesse inscrições, desde seu interior, pelo acionamento simultâneo de dois botões que movimentavam um cursor que deixava marcas na superfície da tela. Esse brinquedo que me despertava tanta curiosidade me lembra muito o objeto descrito em “Uma Nota sobre um ‘Bloco Mágico’” (1925[1924]), dispositivo que Freud compara à sua concepção do aparelho psíquico em sua capacidade de percepção e de memória.
- 7 Sopa primordial é um termo criado pelo escocês John B. S. Haldane e pelo biólogo soviético Alexander Oparin em 1924. Eles propuseram uma teoria da origem da vida na Terra através da transformação química gradual de moléculas que contêm carbono na sopa primordial. Ver <https://netnature.wordpress.com/2017/04/23/afinal-o-que-e-essa-tal-sopa-primordial/>. Tenho ainda bem vívida minha experiência quando assisti às imagens da animação *Fantasia* (1940) dos estúdios Disney, que trazia um segmento de *A sagração da primavera*, de Igor Stravinsky, apresentando a versão científica da evolução da vida na Terra, desde os primeiros seres unicelulares até os gigantes dinossauros.

que se propaga e faz sentido também para o outro, que nos transporta para mais além da imediatez da experiência, ampliando nossos horizontes de tempo e espaço, pela memória, pela fantasia, pela palavra, nos desdobrando em oportunidades em que nos jogamos no futuro, numa disposição para criação de projetos no mundo e com o outro?

Muitas vezes me peguei num exercício em que tento imaginar como teria sido minha existência antes de a mágica da função simbólica ter se dado, como teria sido minha experiência antes de a “nova ação psíquica” – na expressão consagrada de Freud, em *Introdução ao narcisismo* (1914) – ter se efetivado, como teria experienciado os estímulos oriundos de fora e de dentro de meu organismo ainda antes da constituição de um invólucro de mim, numa experiência periclitante de iminência de sua dissolução, quando ainda vivia em porosidade e mistura com o entorno, quando ainda não havia constituído um interno e um externo de mim mesma, quando ainda não dispunha da capacidade representacional e simbólica para dar forma para minha experiência no mundo e para construir um sentido para o processo de criação de minha própria organização vital.

Só consigo imaginar essa experiência do originário como caos, e nomeio como angústia e desamparo o que possa ter experimentado, ainda que sem esses nomes, para contornar a experiência vivida.



*como se buscasse construir,
por meio de minhas associações,
imagens que oferecessem
uma companhia apaziguadora
para o que pareceria ser a angústia
do psicanalista de Dario*

Pois como é que aquele quase aquele, um ser ainda em potência, um organismo disperso e es-traçalhado em seu desamparo, poderia traduzir, por si próprio, como prazer ou dor, a infinidade de estímulos recebida, se não for ele mesmo acolhido pela presença simbolizante de um outro tradutor – certamente não um outro qualquer –, para que seu vir a ser possa se constituir num ser agora e já? Seria indispensável, vital, a presença de um outro intérprete, aquele que diz ou afiança que está frio ou quente, que se está com fome ou com sono, que se está saudável ou doente, que se está vivo ou, ainda, que nem se existe...

Mas, e se nada disso acontecesse? O que seríamos se aqueles nossos primeiros humanos se ausentassem de nós, se aqueles seres que deveriam oferecer a primeira guarida até que nossa continuidade de ser fosse sustentada por nós mesmos – quando ainda não tivéssemos consolidado nosso sentimento de si mesmos – não se mantivessem mais a nosso lado, não respondessem a nossos chamados, a nossas necessidades que nem sabemos que temos? O que aconteceria conosco se não encontrássemos em nossa chegada ao mundo uma primeira morada contornante, que nos oferecesse colo, carinho, continuidade, cor, cheiro, sabor, calor, olhar, ritmo, palavras...? O que aconteceria conosco se nos faltasse um ninho no grau zero de nossa existência, um primeiro abraço e que perdurasse, se não houvesse tempo suficiente para que nossa potência simbólica corporal e linguageira, ainda só potência, pudesse ganhar forma antes ou, ao mesmo tempo, de sermos despejados nesse caos de estímulos que chamam de mundo, nesse lugar onde somos condenados a habitar?

Seríamos capazes de nos constituir, numa espécie de autoengendramento, apoiados no vácuo? Seríamos capazes, por nós mesmos, de fazer presentes no mundo essa potência simbólica que poderia vir a ser nossa?⁸

Ou ainda, uma vez se configurando uma falha na recepção do pequeno bebê em sua chegada ao mundo, seria possível sanar mais à frente, e numa relação com um outro consistente,

os rombos provocados por um desencontro inaugural?

São importantes questões e desafios para a clínica psicanalítica que a apresentação escolhida para esta sessão de Debate Clínico da *Revista Percorso* convoca.

Qual o alcance de um processo psicanalítico com um analisando que se apresenta como um ser que não teria sido suficientemente bem recebido ao nascer? Qual o poder e quais os instrumentos que teríamos, nós psicanalistas, para resgatar um ser que ficou, digamos, flutuando no vácuo da existência⁹, que não foi dado à luz e a quem ainda não foi oferecida a luz?

Fiat Lux.

Parece ter sido esse o sentido de meu intenso exercício clínico brotado após a leitura e releituras dessa narrativa, no qual minhas poucas teorias sobre as origens do universo foram sendo convocadas, também numa sucessão associativa de imagens visuais e sonoras¹⁰, que pareceriam ser o resultado de minha tentativa de compreender, contornar, algo dos inícios desse psiquismo, trazendo-o para uma malha simbólica, imaginando se seria possível que a mágica responsável pelo “salto vital”, por essa faísca de vida, por essa espécie de ressurreição, poderia se dar também num processo de análise.

Como se buscasse construir, por meio de minhas associações, imagens que oferecessem uma companhia apaziguadora para o que pareceria ser a angústia do psicanalista de Dario, tentando fortalecer seu desejo e sua aposta na potência da dupla. Como encontrar/receber



*a narrativa apresentada
nos permite acompanhar
o intenso trabalho analítico realizado,
como numa gestação do embrião
psíquico Dario,*

Dario para que ele enfim pudesse surgir? Como acompanhá-lo bem perto para viabilizar seu advento, para que fosse possível agora, passados 35 anos, a construção de uma experiência de si que se sustente, e desde dentro, e que se mantenha consistente, que não se desfaça uma vez mais na repetição daquela experiência dilacerante de abandono inicial? Como amearhar e investir energia suficiente nesse ser, nesse vínculo, para abrigá-lo e alimentá-lo, buscando reencetar um novo *big bang*, criando no processo analítico uma sustentação fecunda, uterina, para seu desenvolvimento?

A narrativa apresentada nos permite acompanhar o intenso trabalho analítico realizado, como numa gestação do embrião psíquico Dario, alentando a afirmação do si mesmo do analisando. É surpreendente que esse objetivo pareça ser implementado como que externamente ao trabalho realizado pelo próprio analisando, à própria relação analítica. Ele parece se dar quase que integralmente no psiquismo do analista, em seu desejo e em sua aposta, em

- 8 Lembrei também, em meio a essa catarata de associações, vários filmes que se debruçam sobre vida, morte e o surgimento da capacidade simbólica: *O enigma de Kaspar Hauser*, de Werner Herzog (1974); *O garoto selvagem (L'enfant Sauvage)*, de François Truffaut (1969); *Tempo de despertar (Awakenings)*, de Penny Marshall (1990) com Robin Williams e roteiro do neurologista Oliver Sacks, e *O sétimo selo*, de Ingmar Bergman (1956).
- 9 Como o personagem Major Tom de *Space Oddity* (1969), música de David Bowie.
- 10 Daí apresentar aqui imagens tão conhecidas de artistas europeus que habitam minha mente.
- 11 In *Poemas da recordação e outros movimentos*, Belo Horizonte, Nandyala, 2008.

seu convite, em seu chamado. Como se a sustentação e a construção desse novo psiquismo dependessem unicamente da potência desejante e fantasiante do próprio analista, que agiria como, digamos, uma prótese psíquica, um HD externo (na falta de uma imagem melhor), ou um útero gerador de um psiquismo embrionário, frágil e incipiente, como um demiurgo criador. Isso se torna também evidente quando acompanhamos a hipótese clínica desse caso de melancolia, hipótese que subtende toda a compreensão do caso trazida no texto, tão bem configurada pela expressão “vazio de infância” de Daniel Munduruku. Poderíamos dizer, de outro lado, que essa infância que foi constituída no vazio configura também um outro ao qual devemos nos atentar: a mãe ou o ambiente supostamente faltantes nos inícios de sua existência e igualmente excessivos na sequência da vida de Dario.

Dessa gestação analítica surgem então questões fundamentais para todos nós: como comparecer no momento exato para acudir esse bebê que foi despejado no mundo? Como receber uma criança sendo uma mãe suficientemente boa, sendo uma analista suficientemente boa, sendo um ambiente político, social e cultural capaz de sustentar o momento de ilusão, esse momento fundante de continuidade, oferecendo aquilo mesmo que nem se sabe que se deseja, no momento exato do nascedouro do desejo, para, só depois, desiludir, para, só depois, decepcionar, abrindo espaço para o desencontro, desencontro como abertura para o futuro, desencontro que permite o nascimento do novo.

Seria o estabelecimento do momento inaugural de ilusão, esse em que não podemos falhar, a grande mágica do encontro psicanalítico?

Da calma e do silêncio, de Conceição Evaristo¹¹

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,

quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

Deslocamentos da branquitude: Como fazer diferença na diferença?

Paula Patrícia Serra Nabas Francisquetti

Resenha de Lia Vainer Schucman, *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo. Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, São Paulo, Veneta, 2020, 216 p.

O livro *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo. Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, de Lia Vainer Schucman, fruto de tese de doutorado, é preciso ao abordar as formas de dominação presentes nas relações raciais. Elas são colocadas sob uma lupa de modo a encontrar fissuras a partir das quais desenhar possibilidades de transformação da branquitude. No contexto da psicologia social, inclui-se no campo dos estudos críticos da branquitude. Inicialmente é importante explicitar que branquitude diferencia-se de brancura. Enquanto a primeira expressa processos sociais de identificação, a segunda diz respeito a características fenotípicas (pele clara, traços finos e cabelos lisos).

Os norte-americanos foram precursores nos estudos críticos da branquitude, difundidos posteriormente por diversos países envolvidos em processos históricos de colonização. Em 1920, W.E.B. Du Bois, primeiro negro a graduar-se em Harvard e pioneiro do pensamento sobre identidade racial branca, escreveu o ensaio “As almas do povo branco” sobre a institucionalização do

racismo. Na obra de 1935, *Black reconstruction in the United States*, ao comparar trabalhadores brancos e negros, entrelaçando as categorias de classe, de raça e de *status*, Dubois apontou o racismo por parte dos brancos como forma de apropriação de privilégios.

No âmbito dos estudos raciais, considerar exclusivamente os negros seria alimentar a ideia equivocada de que o branco é a norma, o universal, enquanto o negro é quem tem raça. Assim, desde os anos 1990, esses estudos deixaram de focar somente os negros para abranger os brancos, estabelecendo-se o campo dos estudos críticos da branquitude. Essa mudança retira a suposta neutralidade do branco e assinala que o processo de racialização dos brancos é concomitante ao dos negros, abrindo brechas no campo identificatório e social para deslocamentos em direção ao antirracismo.

Ao apresentar a perspectiva da investigação no primeiro capítulo, Schucman delinea o racismo brasileiro como a ideologia do branqueamento no processo histórico gerador de desigualdades sociais e, além das referências epistemológicas dessa forma de subjetivação, traz indagações importantes sobre o sentimento de “superioridade” da branquitude.

Do ponto de vista metodológico, escolhe trabalhar a partir de experiências pessoais, de conversas informais, de entrevistas, privilegiando o cotidiano, os microlugares e o “campo-tema”, pois não se trata mais de um campo específico, mas de um campo processual e situado, como indicado por Peter Kevin Spink, em “Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista” (p. 33). Participam do grupo de entrevistados pessoas autodeclaradas brancas, de diferentes classes sociais, bairros paulistanos, gêneros e gerações. Não formam um grupo homogêneo, apresentando diferentes formas de identificação com a branquitude. Ao longo da obra, são explorados os meandros das formas de exercício de poder da branquitude a partir de falas singulares, familiares a todos socializados como brancos.

Paula Patrícia Serra Nabas Francisquetti é psiquiatra e psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professora do curso de Psicanálise do ISS. Participa do grupo de trabalho “A cor do mal-estar”, do Departamento de Psicanálise.

De início, Schucman explicita o lugar de fala que lhe cabe como mulher branca, paulista, de classe média e descendente de imigrantes judeus, pois sabe que esse lugar interfere no processo investigativo. Ao identificar-se, pela via da descendência, com quem sofre o racismo, ela dirige as perguntas de pesquisa aos brancos, com quem também se identifica. Não faz um estudo sobre os negros, e sim um estudo em que questiona a si mesma e ao grupo em que foi socializada. A pesquisa é uma oportunidade, para si mesma e para o leitor, de deslocamento do racismo entranhado em cada um de nós, uma chance de transformação. Schucman faz do livro um ato político potente.

Com a conceituação da branquitude, apresentada no segundo capítulo, a autora começa a destrinchar um nó: “a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados” (p. 60-61). Ao trazer a ideia para o coração da pesquisa, ela torna visível o papel da branquitude na manutenção dos lugares de poder, justamente o que insiste em permanecer invisível e silenciado.

As páginas do livro fazem-nos encarar de frente e dimensionar a fratura social imensa que o racismo estabeleceu entre nós, dimensão comumente recoberta pela ideia de democracia racial. Para pensar sobre essa dimensão do recobrimento, do apagamento da história, produzido pelo impulso à mestiçagem e ao branqueamento, a articulação do potente conceito de história recobridora, elaborado por Tatiana Mazzarella, com o mecanismo da recusa é instigante. A história recobridora:

constitui uma história congelada em sua significação, uma história que, ao preencher o vazio, estabelece uma significação imóvel que não permite ao sujeito reposicionamentos, ressignificações, reelaborações, tão necessários à continuidade da vida.¹

Compreender o racismo e a constituição da identidade racial dos brancos é mais uma das contribuições de Schucman à desconstrução da noção de democracia racial. O pacto narcísico, proposto

por Cida Bento, como estrutura de negação, de desresponsabilização e de manutenção do racismo (p. 70-71)², é revelado de modo contundente na fala dos entrevistados. As linhas de Schucman rompem o silêncio em torno de um tema continuamente evitado, que não deixa de provocar diversas formas de mal-estar, como constrangimento, vergonha, angústia, medo...

São citados autores que mantêm posições diferentes em relação à invisibilidade da branquitude. Para alguns, faltaria aos brancos a percepção da própria racialização. A invisibilidade da branquitude não possibilitaria o questionamento dos privilégios decorrentes desse lugar. Cabe um questionamento: trata-se da falta ou da recusa da percepção? No mecanismo psíquico da recusa, ocorre a cisão entre a percepção e o pensamento, uma suspensão do juízo. Não é possível, então, a partir do percebido considerar as consequências.

Schucman detém-se não no racismo individual, e sim nas formas de poder da branquitude, nas materialidades e nos efeitos desse poder, na rede em que os sujeitos brancos, consciente ou inconscientemente, atuam no cotidiano, reproduzindo o que leva às desigualdades sociais e aos próprios privilégios. A dimensão psicanalítica, metapsicológica, dos processos inconscientes, com seus caminhos e seus descaminhos, não é explorada. Não é a proposta da autora, embora o estudo tenha muito a contribuir para que psicanalistas avancem nessa direção.

No terceiro capítulo, Schucman discorre sobre a construção da ideia de raça no século XIX. Há uma análise da dimensão conceitual, histórica e política de raça e de racismo em um contexto global e nacional. Retomando Antonio S. A. Guimarães, ela aponta que o conceito de raça “foi usado como suporte para justificar a subordinação permanente de outros indivíduos e povos” (p. 73). Nesse ponto, entre diversos autores citados e articulados, encontram-se: Tzvetan Todorov, Kabengele Munanga, Jean-Jacques Rousseau, Lília Schwarcz, Carlos Moore, Michel Foucault, Charles Taylor.

O conceito de raça utilizado na pesquisa é o de raça social de Guimarães. As raças seriam

“construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (p. 85). Sem apoio na biologia, esse conceito tem existência no mundo social, no qual, a partir dele, indivíduos são identificados, classificados de forma valorativa e colocados em termos desiguais.

Schucman faz ressoar a afirmação de que a existência do racismo aponta para a construção cotidiana da categoria de raça e de que, sem considerar essa categoria, não teríamos como combatê-la. Segundo ela, a categoria de raça faz-se necessária pela importância de reconhecer e de positivar os negros e a cultura negra, assim como pela necessidade de construir políticas sociais de enfrentamento e de reparação da desigualdade social. A autora admite o risco de polarização a partir de uma política da diferença entre brancos e negros e chama a atenção, com Joan Scott, para a importância do trabalho de desconstrução da diferença, da diferença na diferença, pois nem brancos, nem negros são todos iguais entre si. Há nuances subjetivas, modos de ser múltiplos.

É importante explicitar que o conceito de identidade com o qual Schucman opera não diz respeito a uma identidade fixa e estável como o conceito que Freud criticou, ensinando-nos sobre o sujeito dividido e constituído por uma constelação de identificações. Segundo ela, a identidade social se refere a fronteiras e à alteridade; permite compreender sujeitos e coletividades, semelhanças e diferenças. Assim, a pesquisadora considera a dimensão posicional e relacional da identidade, assim como a fluidez. Essa proposição coincide com o apontado por Mara Caffé, a partir de Stuart Hall, sociólogo jamaicano, que diz: “o sujeito contemporâneo constitui identidades mais abertas, contraditórias e fragmentadas, dadas as novas condições de seu contexto histórico”³.

Para Alberto Melucci, é preciso “analisar as identidades como sínteses de múltiplas identificações e nunca como um conjunto de características fixas e permanentes”⁴. Na mesma direção, Schucman segue com Boaventura Sousa Santos, salientando o caráter fictício da identidade social negra e, ainda, que o ser negro não é uma identidade fixa e estável, mas fundamental e necessária na luta por direitos.

Com agudeza, a autora propõe como objetivo último livrarmo-nos da categoria de raça, o que implica considerarmos que essa categoria é uma construção relacional racista a ser desconstruída no decorrer de um processo histórico de luta política. E, no quarto capítulo, considera a especificidade da branquitude na cidade de São Paulo, dado o caráter histórico e relacional. Para isso, percorre narrativas da história da cidade desde a fundação há mais de quinhentos anos. Nessas narrativas estão presentes o colonialismo, o extermínio de povos indígenas, a escravização de povos africanos e as migrações.

Evidencia-se, por meio dos mapas de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), de renda média familiar e de porcentagem da população negra e parda, a situação de extrema desigualdade da população paulista quanto ao padrão de ocupação urbana e à possibilidade de circulação na cidade. A região central da cidade mostra a correspondência entre brancos, renda mais alta e IDH mais elevado.

No quinto capítulo, a autora analisa, a partir das entrevistas realizadas, a dinâmica psicossocial da branquitude na cidade. Destaca os sentidos atribuídos à brancura, as semelhanças e as diferenças no exercício da branquitude. Emergem das entrevistas três categorias para a análise da constituição da noção de raça no século XIX: padrões de beleza; a noção de superioridade moral e intelectual; formas de manutenção de poder e “medo branco”. Apesar de Schucman considerar que os sujeitos possam produzir significados diferentes dos construídos historicamente, ela nota que, no material analisado, isso ocorre pouco, o que se

1 T. Mazzarella, *Histórias recobridoras*, São Paulo, Blucher, 2022, p. 105.

2 C. Bento *apud* L. V. Schucman, *op. cit.*

3 S. Hall *apud* M. Caffé, “Identificação e transidentidade: noções para uma psicanálise intergênero e inter-racial”, *Percorso* n. 66, 2021, p. 36.

4 A. Merlucci *apud* L. V. Schucman, *op. cit.*, p. 93.

deve provavelmente à inserção dos entrevistados em uma sociedade que não favorece a desconstrução desses significados.

Segundo ela, a branquitude paulista mostra o racismo por meio de ideias de superioridade estética, intelectual e moral. As formas de exercício e de manutenção do poder da branquitude abordadas são a ambiguidade e a fragmentação dos discursos. Ambas maneiras de abstenção da responsabilidade em relação ao racismo para a manutenção do poder. A autora mostra ainda o sentimento de medo da branquitude em relação à inserção do negro em posições de poder e traça um interessante paralelo com o medo nos períodos abolicionista e pós-abolicionista, retomado a partir de *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*, de Célia Marinho de Azevedo.

Destaca-se, nas narrativas apresentadas, o medo do desvelamento da própria branquitude, da autodeterminação do negro e de ele não desejar o branqueamento. Para a autora, o medo branco cresceria nos momentos de maior reivindicação por parte dos negros e de perda de poder por parte dos brancos. Os sujeitos brancos atuam cotidianamente, consciente e inconscientemente, para manter as posições de poder e não perder privilégios.

Os psicanalistas devem aprofundar-se nas raízes inconscientes do medo branco. Considerando o campo social brasileiro, eu apostaria em uma mudança significativa da branquitude brasileira na direção antirracista, pois, a favor da superação desse medo, nós, brasileiros, temos em comum a luta por um mundo mais justo em um país de grandes contrastes em termos de desigualdade social.

Por fim, no sexto capítulo, a autora procura compreender como aparecem as diferenças no que denomina identidade racial branca, pois há, no grupo de pessoas brancas, ao mesmo tempo, diferenças e semelhanças. Para isso, lembrando Kátia Maheirie, apresenta o conceito de identidade de grupo da psicologia sócio-histórica “como um processo histórico aberto e inacabado

que se caracteriza pela unificação de histórias, projetos e significados comuns, construídos socialmente e compartilhados em contraposição a outros grupos”⁵.

É possível reconhecer, na pesquisa, falas ambíguas atravessadas pelo racismo estrutural. Entretanto, Schucman observa com peculiar astúcia fissuras que apontam para a possibilidade de transformação. No sétimo capítulo, “Fissuras entre a brancura e a branquitude: possibilidades de desconstrução do racismo”, afirma que cada sujeito daria significados e sentidos para a própria brancura, sendo os significados apropriados da cultura e o sentido inventado por cada um na elaboração das experiências, dos afetos e das possibilidades de mediação.

Também observamos quão interessante é o estudo etnográfico da antropóloga afro-americana France Windance Twine, invocado e contraposto à investigação. A partir de uma experiência etnográfica com cento e vinte e um casais inter-raciais na Inglaterra e nos Estados Unidos, Twine chegou ao entendimento de que a convivência inter-racial oferece um microsistema político propício à crítica da branquitude por meio da percepção e da desconstrução da racialização.

Diferentemente de Twine, ao considerar as relações amorosas inter-raciais, Schucman não encontra o mesmo resultado, e sim uma percepção que neutraliza a racialização, associada à ideia de que haveria, no Brasil, uma suposta democracia racial, que sabemos ser história recobridora. É significativo que grande parte das pessoas entrevistadas por ela tivessem parceiros pertencentes “a uma minoria negra em um mundo de brancos” (p. 190).

A hipótese em relação aos poucos com *racial literacy*⁶ ou letramento racial crítico, como Schucman traduz, é de que eles tiveram relações de afeto não hierarquizadas que permitiriam deslocamentos e alteridade, ou seja, que, a partir do outro, puderam perceber a si mesmos em outro lugar e olhar para si mesmos de outra maneira. É nesse campo de afetação e de experiência que a desconstrução do racismo e a diferença em relação

ao normatizado podem acontecer. Essa pista da experiência de quebra de hierarquia e da possibilidade de abertura à alteridade é fundamental para as proposições antirracistas.

Em uma mesa do VI Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura, a psicanalista Jô Gondar⁷ discorreu sobre dois traumas fundantes de nosso país: o trauma do genocídio de povos indígenas e o trauma da escravidão de povos africanos.

Segundo Gondar, não haveria, no Brasil, somente a segregação racial presente em outros países, como os Estados Unidos, e sim também o racismo do desmentido, ligado às propostas de branqueamento pela via da mestiçagem presentes ao longo da história em nosso país. Para ela, no racismo da segregação, estaria envolvido o mecanismo de defesa psíquica do recalque, ou seja, de expulsão do intolerável ao inconsciente, enquanto, no racismo resultante da proposição de mestiçagem, o racismo do desmentido, estaria em curso o mecanismo psíquico da recusa, comentado anteriormente.

É possível articular o silenciamento da branquitude e a dificuldade em reconhecer-se como

brancos com essa forma de racismo indicada por Gondar? O enfrentamento do racismo em nosso país passaria tanto pela desconstrução da ideia de democracia racial, como pela elaboração individual e coletiva do trauma subjacente ao racismo do desmentido, ou seja, pela integração do recusado, pois o não reconhecimento dele faz proliferar o traumático.

Assim, considero a leitura do livro fundamental para psicanalistas, que têm muito a aprender com a psicologia social e com a sociologia. A pesquisa tem a contribuir para a ampliação e para o aprofundamento da escuta das marcas do racismo, assim como para a teorização metapsicológica correlata. Que psicanalista não depara, na vida, no consultório ou nos serviços de saúde, com o sofrimento produzido pelo racismo? A psicanálise comprometida com a ética tem como tarefa responsabilizar-se por – e transformar – essa situação, não apenas na dimensão psíquica, mas também, o que não é pouco. Um movimento de dimensão histórica está em curso. As mudanças urgem. Trata-se de inventar, com outros, outras formas de vida, menos violentas, mais hospitalares para todos os viventes.

5 K. Maheirie *apud* L.V. Schucman, *op. cit.*, p. 149.

6 O conceito *racial literacy* refere-se a “um conjunto de práticas que pode mais bem ser caracterizado como uma prática de leitura – uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social – que inclui o seguinte: (1) um reconhecimento do valor simbólico e material da Branquitude; (2) a definição do racismo como uma problema social atual, e não como legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e resultado de práticas sociais; (4) a posse de gramática e de um vocabulário racial que facilitam a discussão da raça, do racismo e do antirracismo; (5) a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e as práticas racializadas de nossa sociedade; (6) uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade” (F.W. Twine *apud* L.V. Schucman, *op. cit.*, p. 189).

7 Disponível em: <<https://youtu.be/oUdlzkG5f8w>>. Acesso em: ago. 2022.

Psicanálise, Ferenczi e a força criativa em situações de traumas coletivos

Marina Bialer

Resenha de Daniel Kupermann, Jô Gondar e Eugênio Canesin Dal Molin (orgs.), *Ferenczi: Pensador da catástrofe*, São Paulo, Zagodoni, 2022, 286 p.

138

PERCURSO 68 : junho de 2022

Vivemos tempos sombrios: números assombrosos de mortos na pandemia de COVID-19, movimentos de extremismo e de violência rodam o mundo. O escritor Salman Rushdie acaba de ser atacado em uma tentativa de homicídio enquanto dava uma palestra em Nova York, culminando em mais um exemplo da intolerância cada vez mais forte no mundo inteiro. Isso sem falar nos horrores que presenciamos cotidianamente no nosso Brasil, que tem como norte, no governo, o que muitos consideram ser uma necropolítica.

Enquanto escrevo esta resenha, estamos todos mais esperançosos quanto a essa pandemia chegar um dia ao fim. Quase todos nós retomamos parte significativa dos encontros presenciais – consultório e vida social. Mas se essa catástrofe desaparece do cotidiano presente, embora muito viva em seus rastros em todos nós, já deparamos no horizonte com o perigo iminente de ameaça nuclear. A guerra entre Ucrânia e Rússia coloca novamente a humanidade inteira em risco, e irrompe justamente em um momento em que a pandemia se acalma mundialmente.

Marina Bialer é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro do Grupo de Pesquisa Psicanálise Experimental USP.

Logo que explodiu a guerra, lembro de fazer uma visita a meus pais em que comentava sobre as origens de minha avó materna, que havia nascido e crescido perto de Kiev, na época parte do Império Russo. Hoje ela seria considerada ucraniana, embora sua língua fluente e cultura materna fosse predominantemente judaico-russa. Rússia, para onde ela fugiu para escapar do extermínio nazista, sobrevivendo anos ao ganhar uns trocados cantando músicas russas para os soldados bolcheviques. Enquanto comentávamos essa história familiar, descobri um acontecimento sobre o qual nunca tinha ouvido falar. Em 1979 havia um forte burburinho de ameaça de ataque nuclear da Rússia à Suécia, e havia treinos da população local sueca para se esconder nos abrigos subterrâneos, buscando cada vez mais reduzir o tempo entre o alarme e a chegada ao esconderijo. Isso ocorreu quando em minha primeira infância eu morava na Suécia, em uma pequena cidade para a qual meu pai fora transferido a trabalho. Como meu pai era engenheiro, apaixonado por física nuclear, ele foi convidado para ajudar a comunidade a pensar a logística de sobrevivência. Assim, enquanto ele ficava no *headquarters*, minha mãe cuidava de minha irmã e eu, a caçula que dava os primeiros passos na vida e esboçava em sueco e português algumas palavras. Nunca tinha ouvido falar da ameaça nuclear até o *revival* russo-ucraniano quando descobri que na cidade haviam pintado todos os abrigos subterrâneos com obras feitas por artistas suecos. E que era naquele minimuseu que eu e minha irmã ficávamos brincando, enquanto meu pai perdia noites de sono angustiado pensando que estávamos presos lá sem que ele conseguisse um avião para voltarmos ao Brasil. Ao escutar meu pai comentar esse ponto de encontro entre a ameaça da destrutividade mortífera e a beleza da poesia da arte, cruzou a minha mente um arco de tempo em que eu pensava em meu pai que, em sua primeira infância, ia embora de uma Europa destruída pela Segunda Guerra Mundial, partindo todos de navio de Paris com destino à América do Sul para começar uma nova vida, com esperança de tempos de paz. Tempos de paz... que saudade dessa utopia.

Nesse cenário me parece que hoje, talvez mais do que nunca em nossa geração, precisamos de livros que nos ajudem a pensar o que ocorre no mundo, mas também nos ajudem a impulsionar a força criativa em situações de traumas coletivos. *Ferenczi: Pensador da catástrofe* nos presenteia com isso e muito mais.

Em “Quando nada será como antes: a elasticidade da técnica psicanalítica em tempos de COVID-19”¹, Denise Goldfajn começa o texto utilizando como epígrafe o recorte de uma música enviada a ela, por WhatsApp, por uma analisanda comentando que associara a música à sessão daquele dia. Essa música, lançada por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos em plena ditadura militar, era agora remixada por artistas que estavam em vários cantos do mundo, mas que juntos – virtualmente – cantavam. Nesse *mashup*, que une poeticamente traumas, que abarca ditaduras e pandemia, que une distintas gerações de músicos, é ofertada a possibilidade de analista e analisando, cada qual em um lugar, e mesmo cada um assistindo a seu tempo aquela música, se encontrarem pela arte, pela melodia, pela poesia. É o poder da “resiliência poética e onírica que insiste em perseverar diante da destrutividade agressiva que nos invade corpo e alma”².

Ferenczi: Pensador da catástrofe, que vale a pena ser lido e relido, nos inspira com um exemplo paradigmático da riqueza coletiva que pode surgir de trocas psicanalíticas, de trabalhos elaborativos frente ao traumático, e revela possibilidades abertas por essa experiência, para que possamos fazer frente a tanta força destrutiva que tem devastado a humanidade. Organizado pelos psicanalistas Daniel Kupermann, Jô Gondar e Eugênio Canesin Dal Molin, trata-se de um livro que se debruça sobre os desafios enfrentados (especialmente no campo psicanalítico) durante a pandemia causada pela COVID-19.

Estruturalmente, a arquitetura do livro possui como pilar blocos de dois textos principais redigidos a partir de *lives* realizadas pelo Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi – disponíveis no YouTube – seguidos de um texto redigido por um mediador/leitor/debatedor que tece alguns comentários acerca das *falas* principais. Isso me pareceu um mérito do livro, pois além da escrita mais próxima do estilo oral, há um diálogo já incrustado em cada bloco, o que faz surgir espontaneamente uma polifonia. Assim, o livro parece conter convites à troca no interior de cada bloco, dando maior organicidade ao que, caso contrário, poderia ter sido uma junção de textos desconexos (como ocorre em vários livros coletivos). Todavia, outro mérito do livro é permitir que o leitor realize percursos alternativos, lendo separadamente textos ou montando outra ordem de leitura independente dos blocos temáticos delimitados.

“Elasticidade da técnica psicanalítica”, texto de Ferenczi originalmente publicado em 1928, será presença marcante nos diversos artigos, desvelando a relevância da posição ferencziana para abordarmos a clínica contemporânea, situações traumáticas como as atuais pandemias e guerras, e as novas tecnologias digitais.

Essa elasticidade se mostrou propícia e necessária no momento em que todos os analistas tiveram que se haver com a entrada de novos fatores no *setting*. A elasticidade da técnica psicanalítica passou a abarcar, nesse momento, o paciente na circunstância em que ele se encontrava e com os meios tecnológicos de que ele e seu analista dispunham. Poderíamos dizer que todos os analistas tiveram que admitir algo que Ferenczi sempre nos convocou a enxergar: quem recebemos em tratamento não é apenas um sujeito, mas um sujeito e sua circunstância; se não a levamos em conta, não poderemos tratá-lo.³

Um dos principais eixos temáticos desse instigante livro engloba as especificidades da psicanálise *on-line*: as condições de uma análise começar ou ser mantida *on-line*, as diferenças entre sessões presenciais e *on-line*, as nuances de quais casos poderiam

1 D. Goldfajn, “Quando nada será como antes: a elasticidade da técnica psicanalítica em tempos de COVID-19”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *Ferenczi: Pensador da catástrofe*, p. 17.

2 D. Goldfajn, *op.cit.*, p. 20.

3 J. Gondar, “Novas tecnologias e a elasticidade da técnica psicanalítica”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 55-56.

(não) ser beneficiados com essas modalidades de tratamento analítico, se haveria efeitos iatrogênicos para o atendimento de casos mais graves ou limites para o alcance de acordo com as estruturas clínicas. Outras tantas questões éticas e técnicas de relevância são assinaladas como os impactos da falta do corpo (sensorial) de analista e analisando, ou as dificuldades na manutenção do sigilo. Ou ainda, reflexões acerca de “até onde se pode esticar o elástico sem provocar rupturas? Quais os desafios para a sensibilidade do analista, para o tato, para o enquadre e para a metapsicologia?”⁴.

Se o ciclo de *lives* do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi começou com o tema da elasticidade da técnica, vale retomar a afirmação de Dallazen de que “em tempos de pandemia: a elasticidade da técnica é o psiquismo do analista”⁵. Assim, vários textos discutem como o enquadre não deve ser algo que vira ele mesmo um empecilho ao tratamento, e isso também abarca o valor de o analista se entregar para novas explorações psicanalíticas que se façam necessárias. Se a teoria da técnica e a prática a ela associada já encontraram várias versões ao longo da história psicanalítica, agora temos o *e-setting*⁶. A metapsicologia do analista em tempos pandêmicos e de sessões *on-line* será discutida por Mezan⁷ ao comentar a alteração do silêncio e do ritmo (abordados no texto da psicanalista Zerbinatti)⁸ e seus impactos na atividade do psicanalista, notadamente, na atividade psíquica dos psicanalistas e em seus modos de presença na sessão. Outros aspectos elencados por Mezan se referem a mudanças do enquadre *on-line* como a ausência da preparação para a sessão analítica que ocorria no trajeto até o consultório do analista (e podemos também mencionar a transição da sala de espera) e da ruptura temporal ou interrupção das atividades cotidianas que acompanhavam esse percurso. Nesse sentido, o psicanalista irá argumentar que uma vez que são maiores os riscos de interferências externas, o analista deveria suplementar o enquadre externo fragilizado pelo enquadre interno, assegurando as condições que tornariam possível a continuidade do tratamento analítico.

Para elaborar como se dá a transferência na clínica psicanalítica *on-line* o psicanalista Fabio Belo⁹ recorreu em seu texto ao aporte da teorização do psicanalista Roussillon acerca do médium maleável – conceito forjado por Marion Milner. Aqui o enquadre psicanalítico é focado com a maleabilidade de uma massinha de modelar, ou mesmo um quadro de pintura que irá acolher as pinceladas de cada analisando (e dupla analítica), como oferta para o trabalho de simbolização singular de cada analisando. E que agora tomaria outras formas de existência: a do ciberespaço e a da presença desterritorializada de analista e analisando.

Outro norteador do livro abarca mais especificamente os efeitos psíquicos de uma pandemia, com destaque para os impactos traumáticos desta. Nesse eixo, vários textos retomam a relevância da conceituação ferencziana de trauma para analisar essa vivência em que foi marcante “a perda da dimensão compartilhada da experiência e das referências internas e externas, a agonia solitária do confinamento, o brutal descrédito da realidade operado pelo poder governamental”¹⁰. Perante a catástrofe que foi viver essa pandemia com um governo negacionista, os autores acentuaram a importância de os analistas suportarem e elaborarem tanto luto e tanta perda, mas também o valor da “firmeza e criatividade no enfrentamento da necropolítica característica desse contexto atual. Estes são os lutos e as lutas que a vida exige hoje de nós, brasileiros”¹¹.

Nesse cenário de negacionismos, a escuta clínica assim como a produção coletiva de *lives* e livros como o supracitado são respostas éticas que validam a experiência compartilhada de sofrimento e dos horrores pandêmicos. E, assim, ao recorrerem ao espírito de Ferenczi, os autores nos ensinam um caminho para lidar com os impactos da pandemia, e que nos auxilia a elaborar os potenciais efeitos traumáticos de uma catástrofe dessa ordem de grandeza. Aqui gostaria de salientar justamente quanto um dos elementos marcantes do livro será essa ênfase no psicanalista como analista da cultura – seguindo assim a tradição do próprio Freud em seus clássicos textos sociais.

Em contraponto a um governo negacionista que luta a todo custo (inclusive um número absurdo de mortes que poderiam ter sido evitadas) para manter uma fantasia autoritária onipotente, Eugenio Dal Molin¹² salienta a importância de uma posição antiautoritária tanto na política quanto na análise. Após traçar as bases de uma relação analítica elástica que não seja baseada na dominação e no autoritarismo, Dal Molin se utiliza da conceituação de Christopher Bollas de um estado de mente fascista para caracterizar a posição de aniquilamento da complexidade do mundo, dos pontos de vista diversos, divergentes, excluindo toda alteridade em prol da pureza fascista, muitas vezes sustentada por meio da projeção em um inimigo de tudo o que se rejeita em si mesmo.

Aqui um importante aporte do texto é o destaque dado à existência do estado de mente fascista nas mentes democráticas, revelador de uma propensão a relações em que predomina a dinâmica dominador-dominado, expressando um desejo de poder. Assim, ao contrário de pensar em fascistas por *natureza*, assinala-se o risco

de qualquer um adotar um estado de mente fascista, se defendendo das incertezas e das angústias, abandonando a pluralidade de vozes que o habitam e que povoam o mundo em toda sua diversidade. E assim se destaca a importância de uma mente democrática que não exclua a pluralidade, as contradições. E no campo analítico, isso se articula à concepção deste como uma democracia psíquica em que podem se expressar todas as vozes, em que se pode falar livremente, em que se é tolerante ao que se rejeitava, em que não se projeta nos inimigos as contradições. Essa posição antiautoritária funciona para o psicanalista se posicionar contra os negacionismos, o denegado social em questões da nossa época como o racismo, o fundamentalismo, a imigração, o deserto, a segregação, o ódio projetado no estrangeiro, mas que também pode esclarecer a relação dos psicanalistas com sua prática e a teoria psicanalítica.

Vários dos textos se alinham com esse eixo que privilegia o antiautoritarismo ferenciano como baliza para pensar a clínica e a política. Sob esse prisma, podemos conceber a pandemia como uma possibilidade para a psicanálise reinventar-se, encontrar novas modalidades de psicanalisar, ressoando aspectos denegados ou invisíveis. Ou, como sugere Julio Verztman, “ocasionalmente, a capacidade criativa diante da catástrofe vai além de seu contexto de origem e se torna um patrimônio que ultrapassa fronteiras temporais e espaciais”¹³. Nesse contexto, será que a pandemia será um destes acontecimentos transformadores para a Psicanálise? Será que retirar o véu do desmentido em relação à necropolítica brasileira que acarretou tantas mortes será acompanhado da remoção de outros tantos desmentidos sociais que estruturam a sociedade brasileira? Em seu texto, Pinheiro indaga: “a pandemia inventará uma nova sociedade?”¹⁴. Podemos pensar em uma psicanálise “antes da pandemia (AP), depois da pandemia (DP)”¹⁵. Será que com a pandemia “a psicanálise [foi] lançada ao século XXI”¹⁶?

Sobre as soluções criativas, alguns textos do livro já nos trazem em primeira mão algumas

- 4 D. Goldfajn, *op. cit.*, p. 19.
- 5 L. Dallazen, “Leitura. Em tempos de pandemia: a elasticidade da técnica é o psiquismo do analista”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 171.
- 6 D. Goldfajn, *op. cit.*, p. 18.
- 7 R. Mezan, “Silêncios e presença do analista em sessões on-line”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*
- 8 B. Zerbinatti, “Ritmo e cansaço em sessões presenciais e não presenciais”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*
- 9 F. Belo, “Do tabu de tocar ao isolamento social: sobre a clínica psicanalítica on-line em tempos de pandemia”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*
- 10 D. Viana, “Fé, finitude e pandemia de Covid-19 – reflexões a partir de Ferenczi”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 97.
- 11 D. Romão-Dias, “A pandemia e dois lutos: sobre as mudanças do setting analítico e a tentativa de apagamento da Covid-19 no Brasil”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 137.
- 12 E.C. Dal Molin, “O jogo antiautoritário”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*
- 13 J. Verztman, “Catástrofe, trauma, dor e sofrimento”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 88.
- 14 T. Pinheiro, “Estados melancólicos nos invadem?”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 120.
- 15 A.P. Barbosa, “Leitura. Sobre o trabalho do sofrimento e do luto na catástrofe pandêmica”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 109.
- 16 P. Peron, “A psicanálise lançada ao século XXI”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 151.

das invenções psicanalíticas, como no texto de Bouwman¹⁷ em que ele relata o caso de uma analisanda, apaixonada por literatura, que decidiu continuar sua análise por intermédio de e-mails trocados com o analista. Nas palavras da analisanda, assim ela pôde livre associar de maneira próxima a como fazia no divã. E isto foi possível porque o analista se deixou fazer elástico o suficiente para acolher as condições de análise propostas pela analisanda. Em outro relato, Jô Gondar¹⁸ nos conta de analisandos que falavam *on-line* de temas que nunca haviam podido abordar presencialmente, e outros analisandos que enfatizavam se sentir mais íntimos e podendo se expressar de modo mais livre (ou ao menos diferente) quando estavam fazendo a sessão *on-line* na intimidade de seus lares. Nesse sentido, a psicanalista argumenta que “falar por Skype ou por WhatsApp instaura outros limites entre o público e o privado, outro ritmo, outra forma de engajamento, de hierarquia, outras formas de relação pessoal e de relação política”¹⁹, destacando a quebra das ortodoxias, da verticalidade, e o ganho em termos de relações mais horizontais.

Aliás, se vamos comentar sobre a criatividade da psicanálise (dos psicanalistas) precipitada pela pandemia, é preciso salientar a própria *live* (pretexto para o presente livro) como modalidade de transmissão da psicanálise, como um gesto coletivo criativo, elástico. Tenho, aliás, a impressão de que esse instigante livro, e de tão agradável leitura, será

um marco na história da psicanálise não somente pela análise aprofundada (e não dogmática) do trabalho psicanalítico nesses tempos de pandemia, mas como testemunho desse rasgo no cotidiano que todos vivemos (e, com sorte, sobrevivemos): “um tempo de isolamento, um tempo congelado, confuso, desequilibrado”²⁰. “Um tempo fora dos eixos, louco, fora de seu lugar”²¹; parte de uma abrupta realidade distópica.

Ao comentar a obra ferenciana, Kupermann propõe que podemos pensar que haja uma *pulsão de repouso*²² que se articularia à “alegria de existir, fonte de aceitação dos fatos necessária para o trabalho de luto, e também da força e da energia da luta que mantém o sujeito capaz de desejar e de criar”²³, de modo que o psicanalista nos incita a pensar se esse seria um dos destinos dessa catástrofe. Catástrofes transformadas pela alegria de viver, pelo desejo de vida, de criar.

Diante de tanto horror e de tanto sofrimento, *Ferenczi: Pensador da catástrofe* nos oferece um tratamento coletivo, que transformou parte de tanto desalento, morte e destruição – que fez parte de nosso dia a dia pandêmico, sobretudo nos primeiros dois anos da pandemia – em gestos criativos, de pensar colaborativo. Um livro que nos faz sonhar sobre a potência criativa do coletivo, testemunho de um grupo de psicanalistas que ousou repensar o contemporâneo e a teoria e a clínica psicanalíticas a partir desses tempos.

17 M. Bouwman, “A elasticidade anímica do psicanalista em tempos de pandemia”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*

18 J. Gondar, *op. cit.*

19 J. Gondar, *op. cit.*, p. 62.

20 V. Ungar, “Entre o negacionismo e a paranoia: a psicanálise em tempos de catástrofe”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.*, p. 263.

21 V. Ungar, *op. cit.*, p. 264.

22 D. Kupermann, “A catástrofe e seus destinos: os negacionismos e o efeito vivificante do ‘bom ar’”, in D. Kupermann, J. Gondar e E.C. Dal Molin (orgs.), *op. cit.* p. 260.

23 D. Kupermann, *op. cit.*, p. 260.

Em defesa da arte e da vida

Miriam Chnaiderman

Resenha de Edson Luiz André de Sousa, *Furos no futuro, psicanálise e utopia*, Porto Alegre, Artes&Ecos, 2022.

O livro *Furos no futuro, psicanálise e utopia* chega até mim quando, no seminário “Teoria das Pulsões” do Curso de Psicanálise, que coordeno neste ano, estávamos discutindo “Para além do princípio do prazer”, texto contundente de Freud, de 1920. Ou seja, estava às voltas com a pulsão de morte e suas implicações. A partir da leitura do livro de Edson André de Sousa e da proposta de uma psicanálise que tem como eixo a utopia, fui vasculhar o texto de Freud “Por que a guerra”, de 1932, carta de resposta à pergunta de Einstein. A amargura desse texto sintoniza com os “terroríficos”¹ tempos que vivemos. Transcrevo aqui um impressionante parágrafo dessa carta:

[...] quando os homens são incitados à guerra, neles há toda uma série de motivos a responder afirmativamente, pobres e baixos, alguns abertamente declarados, outros

Miriam Chnaiderman Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, professora do Curso de Psicanálise. Documentarista premiada no Brasil e no exterior. Acaba de filmar *Afirmando a vida*, um vídeo engajado na luta pelas ações afirmativas. Ensaísta tem vários artigos publicados em jornais e revistas do Brasil e do exterior, tendo como tema central a relação entre arte e psicanálise. Publicou os livros *O histo convexo* e *Ensaio de Psicanálise e Semiótica*.

1 Neologismo muito utilizado na língua oral corrente.

2 S. Freud, “Por que a guerra?”, in *Obras completas*, São Paulo, Cia. das Letras, vol. 18, p. 417-435.

silenciados. [...] O prazer na agressão e na destruição é certamente um deles; as inúmeras crueldades que vemos na história e na vida cotidiana confirmam sua existência e sua força [...]. Às vezes temos a impressão, ao saber de atos cruéis acontecidos na história, de que os motivos ideais só teriam servido como pretexto para apetites destrutivos (p. 428)²

Tanto nos jornais cotidianos quanto no texto freudiano podemos ver sanguinolentos momentos de nossa história. E ficamos doloridos, adoentados.

Quando propõe uma psicanálise que se fundamenta na utopia, Sousa não está desconhecendo a amargura presente no texto freudiano e em nosso cotidiano. A publicação desse livro nesse momento é um ato analítico. Intervém no pensamento e na concepção de mundo propondo a criação e a vida. O sonho e a arte são formas de resistência e luta. É preciso a força da utopia para que a amargura não nos consuma... a leveza deve se opor à truculência que nos assola.

Sousa não está simplesmente propondo a já conhecida ideologia do *peace and love*, o que seria bastante ingênuo e ultrapassado. Seu pensamento é rigoroso. Impressionou-me como sua conceituação do que é a utopia está fundamentada na teoria do desejo tal como foi teorizada por Lacan.

No capítulo “Psicanálise e utopia”, no item “Utopia e objeto a”, Sousa assim conceitua o objeto a:

O objeto a vem, assim, introduzir uma desordem, denunciando a falácia do encontro do objeto do desejo. Temos que pensar esse objeto sempre em queda [...] o objeto a introduz uma fissura no discurso, apontando sempre um lugar de falta, de buraco no texto, exatamente como propõe o discurso utópico (p. 34).

O importante aí é que a utopia não é completez... nem negação da castração. Pelo contrário! Sousa recorta do seminário 16 “De um Outro ao outro” uma reflexão de Lacan sobre a utopia. A questão de Lacan era “como dar forma ao que escapa ao pensamento” (p. 35). Para Lacan, “o pensar se debate entre a norma e sua transgressão”

(p. 35). E, afirma o autor, a força dos utopistas sempre foi “pensar contra” (p. 35). Para Lacan, “É lá que a função de pensamento pode tomar algum sentido ao introduzir a noção de liberdade” (p. 35). Seria então esse o *pensamento da utopia*. A utopia seria um lugar de lugar nenhum. Objeto a como pura falta movente do desejo. A falta passa a ser potência.

Um bom livro em psicanálise é sempre aquele que nos faz refletir sobre como teorizamos nossa clínica e nosso fazer. É o livro que irrompe em esquemas de pensamento desorganizando ao propor formas inusitadas de leitura de conceitos. É como se Sousa atualizasse a utopia como desconstrução. Para mim, a forma como o autor pensa a utopia e sua original leitura trouxeram importantes reflexões sobre como venho pensando o desejo a partir do documentário “De gravata e unha vermelha”, em meu contato com formas singulares de corpo e amor. Fiz críticas bastante contundentes a um certo lacanismo que pensa a “transsexualidade” como negação da falta ou como impossibilidade de simbolização. Pensar o desejo desviante como dificuldade de aceitar a castração parecia-me moralizante e redutor. A partir da leitura do livro de Sousa, pude pensar esses corpos como campos onde “a utopia” se faz presente, escancarando buscas poéticas. Pois poético é “transgressão que salva”, conforme diz Adorno citado por Sousa (p. 85). Minha admiração pelos personagens de meu filme aumentou. São pessoas que lutam para viver o desejo e o corpo de forma plena e, com isso, mostram sua rebeldia a formas pré-estabelecidas de viver a sexualidade. Vivem a utopia em seus corpos.

O livro *Furos no futuro* é construído também dando forma à utopia. A presença de Elida Tessler, doce companheira de Sousa, se faz sentir, nessa crença de que é possível construir um futuro digno. Sousa agradece a Elida e Manoel Ricardo de Lima, embora acentue o diálogo com vários artistas. Todos participam do livro-objeto “disruptor”, pois, coerente com o que propõe, é através da arte que se presentifica a vida. As imagens vão permeando os capítulos, reafirmando

que “a arte nos confronta com percursos na contramão” (p. 130).

O livro percorre romances, poesia, política, infinitamente. O autor vai transmitindo seu encantamento e nos envolve em seu rico repertório. É um “zanzar” infinitamente, como *a Galáxia* de Haroldo de Campos. Vejamos esse movimento no capítulo “Imagens perfuradas”, que escreveu com Tessler:

[...] Linhas são desenhadas a partir de espaços vivenciados. No ir e vir de conquistadores, rasuras e apagamentos tornam imprecisas algumas de nossas rotas. Tudo depende da hora, tudo depende de ir embora, como escreveu Haroldo de Campos em sua galáxia/odisseia, viagem sem bússola e sem leme, sem vírgula ou outras pontuações gramaticais (p. 129).

Esse capítulo do livro parece realmente ter como paradigma a proposta haroldiana de *começo-fim-começo*, como definida pelos autores. É uma contramão ao infinito. A “obra, como um mapa sem contornos definidos, fora de foco...” (p. 131). Em movimentos surpreendentes de repente é Artur Bispo do Rosário que surge. E “como tudo é uma questão de passagem”, é Amílcar de Castro que guia o mergulho nos bordados, mantos, painéis de canecos, colheres, botões do marinheiro internado na Colônia Juliano Moreira.

A linha não existe
mas quando feita
pela mão do homem
é desenho
obedece como um rio
conspirando com as margens
é pensamento pensando
e pensa e risca e divide
e desvela justiça entremeio
entumecendo espaços opostos:
mapa de um destino.³

Em seguida, poucas linhas depois, vertiginosamente, Bispo e Carlos Drummond de Andrade é que se aproximam (p. 133):

Ela se delinea
espantosa batalha
entre o ser inventado
e o mundo inventor.

Por fim terminam o minucioso trabalho em torno da obra de Bispo do Rosário contando-nos de uma visita ao Museu do Holocausto na Cidade do México, onde depararam com uma obra anônima, “que apresenta uma coleção de inscrições realizadas pelos prisioneiros do Campo de Concentração de Auschwitz” (p. 141). São 70.000 mortos escritos pelos sobreviventes. São *Nomes Pedra*, título da obra. Tessler e Sousa terminam falando da luta imensa que temos para fazer registro de todos os nomes esquecidos. A frase final desse texto é: “As obras deixadas pelos artistas reescrevem continuamente nossa história, perfurando-a” (p. 143).

A utopia, nesse empolgante livro, é muito mais “interdição do presente do que... promessa de um paraíso perdido” (p. 100). É radicalmente nova essa concepção do que é a utopia. E a arte é o que pode realizar essa utopia. “A transgressão da arte interrompe o fluxo dos circuitos automáticos, abrindo outros espaços de significantes que nos ajudem a desenhar outras geografias de mundo” (p. 107).

A utopia aposta em outras formas de vida.
A utopia é um sonhar para a frente.

Não pude deixar de lembrar-me de meu texto de 2012, “O cavaleiro medieval e a fuligem da cidade grande” no livro *Psicanálise em trabalho*⁴.

A utopia e a realização de desejos caminham juntas na possibilidade de transformar o mundo. Não é por acaso que, ainda em situações extremas de dor e objetualização, o homem sonha. O sonho parece ser aquilo que faz com que permaneça vivo, parece ser esse fio que nos liga à humanidade, esse narcisismo básico que nos leva à identificação com a cultura. Com aquilo que nos faz humanos (p. 40).

O sonho como forma de resistência viva já era uma questão. Passados dez anos, o livro de Sousa dá continuidade e aprofunda o que eu aí pensava. Quando escrevi esse texto eram tempos de Dilma, tempos de esperança. Hoje, unimo-nos na militância em oposição ao fascismo vigente.

Furos no futuro é de uma enorme coragem. Coragem tão necessária nos tempos que correm. Uma coragem onde a política se torna condição da vida. Nos tempos que vivemos, o sonho e a arte, sintetizados na proposta de uma utopia, são formas de resistência ao mortífero que vem governando nosso Brasil.

3 A. Castro, *Catálogo da Exposição Amílcar de Castro: diálogos*. Curadoria de Marcelo Ferraz, Porto Alegre, Santander Cultural, 2002, p. 184 *apud* Souza, p. 132.

4 L. Fuks, F.C. Ferraz, S.L. Alonso, *Psicanálise em trabalho*, São Paulo, Escuta/Sedes, 2012.

Uma viagem no tempo: Ecos do pensamento de Sabina Spielrein na contemporaneidade

Marcia R. Bozon de Campos

Resenha de Renata Cromberg, *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise* – Obras completas, vol. 2, São Paulo, Blucher, 2021, 558 p.

146

PERCURSO 68 : junho de 2022

Dando continuidade ao primeiro volume das *Obras completas* de Sabina Spielrein, Renata Cromberg, com rigor e sensibilidade, nos apresenta o resultado final de sua pesquisa arqueológica que fez emergir do soterramento o pensamento de uma das pioneiras em psicanálise. Para além da importância histórica de reunir a obra de uma psicanalista cuja presença foi marcada nos diversos círculos psicanalíticos de sua época, a recuperação dos escritos de Sabina Spielrein, como o leitor poderá perceber, dialoga com questões fundamentais abordadas pela psicanálise contemporânea.

A escrita fluida de Renata nos conduz a uma viagem no tempo, transportando-nos para um ambiente ao mesmo tempo efervescente e aterradorizante, no qual personagens familiares como Freud, Jung, Abraham, Wulf, Piaget, Vygotsky, entre tantos outros, trabalham intensamente na construção de um pensamento capaz de ampliar a compreensão do humano em meio a um ambiente hostil permeado pelos horrores da guerra.

Marcia R. Bozon de Campos é psicanalista, membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde coordena o “Grupo de leitura sobre a obra de Winnicott” e o curso de aperfeiçoamento “O corpo na clínica”. Membro do Conselho Editorial da Revista *Percurso*. Doutoranda no IPUSP.

Dividido pelos ambientes pelos quais Sabina Spielrein circulou durante a época em que atuou como psicanalista ao mesmo tempo que se tornou mãe – Berlim, Genebra e Moscou –, o livro nos apresenta em ordem cronológica textos contendo o desenvolvimento de suas ideias singulares ancoradas na experiência clínica e materna, inseridas num contexto histórico no qual percebemos sua vitalidade para se impor na condição de mulher e de judia numa sociedade machista, na qual o ódio aos judeus tomava corpo.

O interesse pelo grupo de psicanalistas que se formara em torno de Abraham leva Sabina a viver em Berlim, o primeiro ambiente apresentado nesse volume, entretanto, sua insistência em integrar alguns conceitos de Jung à metapsicologia freudiana dificultaram sua interlocução com a Sociedade Psicanalítica. Mesmo sob forte insistência de Freud, que a aconselhava a abrir mão de ideias externas à psicanálise, sentia necessidade de ser fiel à sua experiência, mantendo-se independente e afastada de Abraham. Nos dois anos em que esteve em Berlim, Sabina publicou diversos artigos em revistas de psicanálise, entre os quais “Contribuições para o conhecimento da alma infantil” (1912), no qual afirma-se como pioneira na análise de crianças, seguido por outros escritos contendo material clínico de sua experiência como analista infantil: “Amor maternal” (1913); “Autossatisfação pela simbólica do pé” (1913); “Sonho com o padre Freudreich” (1913); “O trauma inconsciente em *O duelo*, de Kuprin” (1913); “Simbólica animal e fobia em um menino” (1914); “Dois sonhos menstruais” (1914) e “O nome esquecido” (1914).

A esse período intensamente produtivo segue-se um aparente intervalo no qual, por causa do início da guerra entre Alemanha e Rússia, Sabina Spielrein é impelida a mudar-se para a Suíça, onde, além de se sentir segura, contava com amigos e colegas.

Embora esta época tenha sido marcada por inúmeras dificuldades, a experiência de acompanhar o desenvolvimento de sua filha nesses primeiros anos de vida, com especial atenção aos processos de aquisição da linguagem, colaborou

para que Sabina refletisse sobre os aspectos não verbais presentes na comunicação, estando atenta ao papel do ritmo e da melodia da voz acompanhados da linguagem tátil, gestual e visual.

Os cinco anos em Lauzanne, aparentemente improdutivos profissionalmente, representam um tempo de gestação de ideias inéditas no campo da psicanálise sobre o surgimento da linguagem na criança, relacionadas à formação de símbolos e à relação da palavra com a vida pulsional. Estas ideias foram articuladas em uma comunicação oral intitulada “Sobre a questão da origem e do desenvolvimento da fala articulada”, apresentada no Congresso de Haia em 1920, do qual também participaram Anna Freud e Melanie Klein.

Após o Congresso de Haia, é convidada a integrar o Instituto de Psicologia Experimental e de Investigação do Desenvolvimento Infantil Jean Jacques Rousseau, mudando-se para Genebra, local que sediava uma revolução educacional internacionalista e pacifista após a Primeira Guerra Mundial. Spielrein encontrou nesse contexto um ambiente propício para dar continuidade às suas investigações psicanalíticas sobre as origens da linguagem e a formação de símbolos, estabelecendo trocas importantes com diversos educadores, incluindo Jean Piaget, além de ter contato com a linguística nascente por meio da interlocução com Charles Bally.

Entre 1920 e 1923, Sabina publicou dezoito ensaios e artigos, reunidos nesse volume em quatro grupos. Do primeiro grupo constam artigos sobre a literatura russa de 1909 a 1914 e as principais traduções da obra freudiana para o russo, com o intuito de que fossem divulgadas no ocidente, assim como um artigo que traz uma crítica à peça teatral de cunho psicanalítico intitulada “O comedor de sonho”, de Henri-René Leonormand. O segundo grupo traz reflexões a respeito das teorias sexuais infantis escritas a partir de registros da primeira infância de sua filha Renata e da análise com crianças realizadas no Instituto Jean Jacques Rousseau. O terceiro grupo reúne artigos nos quais o sonho constitui o tema central: “Sonho com selo postal”; “Estrelas cadentes em

sonho e em alucinação” e “O automóvel – símbolo da potência masculina”. No quarto grupo estão os artigos sobre a origem da linguagem e do pensamento infantil, assim como da noção de tempo, entre eles “A origem das palavras papai e mamãe: algumas observações sobre diversos estágios no desenvolvimento da linguagem”, escrito a partir de sua palestra proferida no congresso de Haia. Neste artigo, Spielrein apresenta uma teoria da construção da linguagem, refletindo sobre o significado da amamentação e do ato de sugar no desenvolvimento da criança. Sua hipótese consiste em que a origem das palavras *mamãe* e *papai* seriam derivadas do ato de mamar, inaugurando o pensamento sobre o papel da relação mãe-bebê no processo de aquisição da linguagem. Estas primeiras palavras infantis seriam atravessadas pelo prazer sentido pela criança no momento da amamentação, constituindo signos expressivos de um heteroerotismo incipiente. Propõe também uma reflexão a respeito da distinção entre as linguagens que não teriam por objetivo a comunicação (autista e mágica) e as linguagens sociais dirigidas ao outro.

Numa abordagem inovadora, cujos ecos podem ser ouvidos na psicanálise contemporânea, Sabina Spielrein aprofunda a reflexão sobre a importância da escuta psicanalítica dirigida à comunicação não verbal, incluindo outras linguagens para além (ou para além) do universo simbólico composto pelas palavras. Destaca que a linguagem se desdobra em melódica, gestual, imagética e tátil, destituindo a linguagem verbal de seu lugar preponderante, absoluto e acima de tudo inaugural. Afirma ser a linguagem melódica, em sua forma mais primitiva de ritmo e de inclinação tonal, a primeira a se manifestar na relação entre a mãe e seu bebê, hipótese amplamente desenvolvida por psicanalistas na atualidade como Marie Cristine Laznik e Bernard Golse.

Da mesma forma, sua investigação sobre a relação entre a palavra e a ação, que confere à experiência originalmente vivida o papel de atribuir sentido à palavra que evoca aquilo que é desejado, representa uma inovação na psicanálise da época.

Essa forma de pensar a relação entre a palavra, a ação e desejo remete em certa medida à afirmação de Dolto de que as palavras com as quais pensamos estiveram na origem das palavras e dos grupos de palavras que acompanharam a formação da imagem corporal durante a experiência de contato com o ambiente. No pensamento de Spielrein, palavra e corpo são indissociáveis, pois ela compreende o surgimento da palavra a partir da “[...] relação tornada constante entre o som e um grupo de elementos intelectuais e afetivos, ou seja: as sensações e a própria reação sentimental que as acompanha” (p. 291).

Deste modo, ao pronunciar um determinado som ou grupo de sons, as sensações corporais experimentadas pela criança serão registradas de modo a serem evocadas a cada repetição sonora, constituindo “germens de palavra”. Sua hipótese de que a palavra mamãe reproduz o ato de mamar, enquanto a palavra papai emerge do ato da criança de brincar com o seio após saciada, relaciona a experiência primordial da mamada com o universo de sensações que a acompanha, indo além da sensação de saciedade em direção à descoberta de que o mundo exterior, ainda por ser descoberto, oferece um refúgio. Impossível não identificar a semelhança com as ideias posteriormente apresentadas por Winnicott, reconhecendo em Spielrein o germen do pensamento psicanalítico sobre os primórdios do desenvolvimento infantil.

O ano de 1923 marca seu retorno a Moscou, movido pelo desejo de estar perto de sua família e pela esperança depositada naquele momento de abertura do país sob o comando de Lenin.

No ambiente Moscou encontra inicialmente um cenário propício para seguir desenvolvendo seu trabalho, vislumbrando boas perspectivas junto à sociedade psicanalítica que florescia sob a direção de Wulff e Emakov. Entre 1923 e 1931, Sabina produziu alguns artigos que registram a última etapa de sua trajetória em psicanálise. Seu último artigo publicado, “Desenhos infantis de olhos abertos e fechados”, reúne suas últimas reflexões sobre a origem do pensamento e do símbolo, nas quais afirma sua hipótese de que o

pensamento lógico-abstrato não representa um estágio superior do pensamento cinestésico-visual ancorado no corpo. Seu escrito é resultado de um estudo realizado a partir de desenhos de crianças de olhos abertos e fechados, no qual ela investiga a influência das experiências cinestésicas sobre a estrutura do pensamento, movida pelo questionamento sobre como pensamos. Ressalta o valor do desenho de olhos fechados como instrumento diagnóstico e como recurso para a prevenção do sofrimento psíquico, analisando a sincronia entre o pensamento lógico-abstrato, que resulta na expressão verbal, e o pensamento alucinatorio imagético ou *orgânico*, pensamento próprio da primeira infância que se origina da experiência cinestésica.

Sua pesquisa aprofundada com os desenhos de olhos fechados feitos por crianças antecipa muitos desenvolvimentos posteriores a respeito da imagem corporal, destacando as hipóteses clínico-teóricas de Dolto a respeito da Imagem Inconsciente do corpo, que versam sobre a existência de uma linguagem arcaica, linguagem de sensações experimentadas pela criança que se expressa através do corpo de forma inconsciente. Como Sabina Spielrein anteviu, Dolto ressalta a importância de que o analista esteja atento a essa linguagem silenciosa, pois muitas vezes caberá a ele colocá-la em palavras. Além de Dolto, muitos psicanalistas se dedicaram e seguem se dedicando aos aspectos não verbais presentes no encontro clínico, cuja importância é amplificada na clínica psicanalítica das patologias narcísicas na contemporaneidade. A hipótese de Sabina Spielrein sobre o fato de a psicanálise trabalhar somente com o pensamento alucinatorio visual está relacionada ao fato de as imagens cinestésicas serem absorvidas pelas imagens visuais que são mais facilmente objetivadas. Esse derradeiro artigo aponta para uma possível teoria da formação do símbolo gestada por Spielrein desde 1920, mas que infelizmente nunca foi escrita.

Os últimos capítulos deste volume reúnem um material precioso no qual Renata Cromberg apresenta uma pesquisa minuciosa sobre a

história da psicanálise na Rússia, seguida de um resumo das ideias de Sabina Spielrein com ênfase em sua relação com Freud, Piaget e Vygotsky, situando sua teoria sobre a formação do símbolo numa metapsicologia própria.

O livro se encerra com o capítulo “Considerações sobre a ética da psicanálise de Sabina Spielrein”, no qual mais uma vez podemos perceber o quanto suas reflexões sobre a postura do analista no que se refere à não interferência excessiva, ou à necessidade da flexibilidade da psicanálise para se adaptar às diferentes patologias, idades ou ambientes, revelam seu pioneirismo. Nas palavras de Cromberg, “Sabina Spielrein nos deixa um devir

pela maneira transdisciplinar com a psiquiatria, com a educação e com a neurociência, campos nascentes que pôs em contato de maneira inédita, preservando a psicanálise como força imanente central dos desdobramentos de suas criações...” (p. 551).

Referências bibliográficas

- Dolto F. (1984). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva.
- Golse B. (1999). *Du corps à la pensée*. Paris: PUF.
- Winnicott D.W. (1969b/1994). A amamentação como forma de comunicação. In *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, p. 19-27.
- _____. (1945d/2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, p. 218-232.

Uma intelectual entre fronteiras

Paula Regina Peron

Resenha de Siri Hustvedt, *Mães, pais e outros – ensaios* (Mothers, fathers and others – essays¹), Nova York, Simon and Schuster, 2021, 304 p.

150

PERCURSO 68 : junho de 2022

O diálogo com a literatura nasceu junto com a psicanálise. Freud escreveu diretamente sobre esta relação, e sobre sua admiração pelos escritores, alguns deles “os mais profundos observadores da mente humana”². Podemos encontrar inúmeros exemplos desta interlocução na obra dos psicanalistas da primeira geração e também nas seguintes. Há muitas formas de engajarmos nesta complexa interlocução – a psicanálise pode ser meio de leitura do texto literário, por exemplo. No caso desta resenha, a motivação foi o interesse em compartilhar um livro que evidencia a capacidade da literatura de enunciar, organizar ou antecipar sentidos múltiplos para experiências e características da vida humana. Afinal, como bem coloca nossa colega Miriam Chnaiderman, “não é mais a psicanálise que tem a verdade sobre a obra artística; pelo contrário, aprendemos muito da psicanálise e nos transformamos a partir de nosso mergulho na arte e no mundo”³. A fala é por onde nós psicanalistas caminhamos, buscando construir palavras onde há silêncios e não ditos. Somos também narradores, ainda que

Paula Regina Peron é psicóloga pela PUC-SP, Psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

não solitários, daí nossa necessidade de literatura e toda sua sabedoria sobre a linguagem, nosso campo comum.

A escritora americana Siri Hustvedt coloca em palavras aspectos que nós, como psicanalistas, já sabemos ou ouvimos, mas geralmente sabe fazê-lo com maior clareza e beleza. Além disto, como outros grandes autores, descreve problemas humanos complexos, também encarados pela psicanálise, e nos fornece maneiras esclarecedoras de explorá-los. Frente a seu trabalho identifiquei o que Sérgio Telles afirma: “ao ler a obra, o psicanalista surpreende-se com a acuidade com a qual o escritor apreendeu as secretas regras do funcionamento psíquico inconsciente”⁴. Telles também nos adverte que, além do conhecimento sobre o inconsciente que escritores demonstram, há neles um conhecimento incorporado, tanto teórico sobre o inconsciente quanto sobre nossa prática, o que torna possível falar em uma literatura “pós-psicanalítica”⁵, da qual Hustvedt é certamente uma representante.

Ela escreve um texto atual, em grande sintonia com elementos de nossa época. Seu trabalho tangencia a psicanálise, a psicologia, a filosofia, as neurociências, o feminismo, a crítica artística, a antropologia, entre outros campos. É autora de sete romances, quatro coleções de ensaios e dois trabalhos de não ficção.

Muitos de seus livros estão traduzidos para o português, mas não este último, que consiste de vinte ensaios escritos em sua maioria entre 2017 e 2020, com o pano de fundo da presidência de Donald Trump e a chegada da pandemia de COVID-19 em Nova York, onde reside. Veio de Minnesota, para obter seu Ph.D. em literatura inglesa, sobre Charles Dickens, na Universidade de Columbia. Seu pai, Lloyd Hustvedt, foi professor de literatura escandinava e tanto ele quanto a mãe de Siri vieram da Noruega. É casada há 40 anos com o também escritor americano Paul Auster, cuja literatura contrasta muito com a literatura de Siri Hustvedt. Em muitas obras, ele parece ser mais intimista, introspectivo, examinando os meandros subjetivos dos personagens, enquanto

Siri apresenta uma literatura mais aberta aos problemas do mundo que cerca os personagens e que incide de maneira explícita sobre eles.

Em julho de 2021, Siri Hustvedt foi a convidada para a abertura do 52º Congresso da IPA⁶, bem como participou de apresentações no Museu Sigmund Freud em Viena⁷, o que evidencia sua familiaridade e a hospitalidade a ela em nosso campo. A seguir mais alguns detalhes do livro, apenas para incentivar a leitura de uma intelectual relevante de nosso tempo, que dialoga diretamente com a psicanálise, leitora de Freud e Lacan, mas também de Melanie Klein e D.W. Winnicott, e outras áreas com as quais a psicanálise tem interlocuções.

O livro em questão é composto de vinte ensaios, que cobrem temáticas mais diretamente concernentes ao psicanalista – a memória, a percepção, os sonhos, e a mente, por exemplo, bem como temas da literatura – ensaios sobre Jane Austen e Emily Brontë. Outros ensaios versam sobre a necessidade da leitura durante a pandemia de COVID, sobre o futuro da literatura, os enigmas da tradução, da linguagem, e dos encantos pela leitura, e outros ainda sobre sua própria literatura e a sombra de seu marido escritor na leitura que fazem dela.

Há ainda capítulos ligados às artes, sobre nossa relação com a arte, sobre sua relação com determinada pintura, e sobre Louise Bourgeois.

Neste ensaio analisa amplamente as produções da artista e desafia o que considera interpretações reducionistas de Juliet Mitchell, Lowenfeld e outros psicanalistas que comentaram a obra de Bourgeois (a capa de *Mães, pais e outros* traz a obra Autorretrato, de L. Bourgeois). Todos estes escritos discutem de alguma maneira as contribuições da filosofia, em especial Platão e Sócrates, mas também da filosofia mais contemporânea. Na leitura do livro, encontramos trechos belos e afetivos que retomam memórias de sua família, em especial de sua mãe, falecida em 2019 com noventa e seis anos.

Alguns dos textos de Siri são cruelmente desafiadores aos psicanalistas, como por exemplo “O que um homem quer”, tematizando a misoginia e questões de gênero, ou sobre como se formam grupos capazes de torturar e assassinar pessoas, em “Bode expiatório, sobre o assassinato da criança americana Sylvia Marie Likens”. Em “Fronteiras abertas: histórias da vida de uma intelectual errante”, explora os limites entre conceitos e campos de pensamento, onde conta como transita entre disciplinas vizinhas, como se alimenta delas para sua escrita ficcional e não ficcional, criticando os fechamentos das especialidades. Ela não quer ser categorizada em bordas muito restritas, e neste ensaio discute também as relações entre bordas corporais e bordas sociais; faz isto de maneira muito inspiradora, e com inteligência articula as dimensões mais sociais às dimensões subjetivas.

Hustvedt perdeu a mãe recentemente, o que parece ter motivado alguns dos capítulos, ainda que a família seja tema recorrente mesmo antes desta perda. A partir disto, ela fala diretamente dos mistérios e rituais que envolvem a morte, do ponto de vista social e também subjetivo, e de nossas necessidades de preservar aquilo de nós mesmos que perdemos no outro, citando Antígona: “São os mortos, e não os vivos, que fazem as demandas mais longas”⁸. Nestes ensaios, explora como nossas memórias constroem-se afetivamente e ressalta aspectos fundamentais de nossas relações, por exemplo quando afirma que

- 1 O livro não foi publicado em português, e todas as citações em inglês foram traduzidas livremente para esta resenha.
- 2 S. Freud, “O delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen”, in *Obras completas*, vol. IX, Londres, The Hogarth Press, 1959. p. 9.
- 3 M. Chnaiderman, “O noturno de todos nós: o conto-sessão”, *Percurso* n. 63, p. 194.
- 4 S. Telles, “A literatura como o *Doppelgänger* da psicanálise – a relação de Freud com Schnitzler”, in *Posto de observação*, São Paulo, Blucher, 2017, p. 368.
- 5 S. Telles, *op. cit.*, p. 373.
- 6 International Psychoanalytical Association, “A conversation with Siri Hustvedt”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Broomhills100/search?query=siri%20hustvedt>>. Acesso em: 12 maio 2022.
- 7 Sigmund Freud Museum, “Sigmund Freud lecture by Siri Hustvedt”. Disponível em: <<https://youtu.be/KijZUUUmKIQ>>. Acesso em: 12 maio 2022.
- 8 S. Hustvedt, *Mães, pais e outros – ensaios*, Nova York, Simon and Schuster, 2021, p. 19.

“adquirimos os sentimentos de outros, especialmente outros que amamos, e imaginamos que aquilo que nunca vimos ou tocamos pertence a nós, também, por uma conexão imaginativa”⁹.

Ela discute também a prevalência das histórias paternas nas lembranças compartilhadas em sua família antepassada, vinda da Noruega. A autora percebe que nestas histórias a linhagem materna ocupa pouco espaço, o que também a motivou a escrever sobre as avós, ressaltando a questão da omissão e de como o que não é dito pode também falar alto. Percebemos seu interesse na exploração das questões do nascimento, gestação; aponta como elementos do corpo materno – útero e placenta, em especial, são evitados pela cultura ocidental, discutindo as práticas discursivas incidentes sobre os corpos que gestam. Central também é a discussão de sua experiência como mãe, bem como da experiência da própria mãe, de maneira sensível e crítica às idealizações em torno do tema, em especial no universo digital americano e no discurso da maternidade como responsabilidade de uma mulher, que ignora toda a rede de pessoas e instituições envolvidas nos cuidados a uma criança. A temática da misoginia está onipresente no livro, para falar da diferença sexual ou da história da anatomia, por exemplo, ou das representações

científicas da reprodução humana na embriologia, ou ainda de como os resíduos corporais femininos são significados como elementos sujeitos, a partir de um horror ao fato de que todos nós começamos a vida dentro da barriga de alguém, evidenciando que as histórias dos corpos são sempre também políticas.

Em seus textos, ao mesmo tempo que explora aspectos profundos e subjetivos – como empatia e resiliência –, examina as demarcações sociais das experiências, sempre contextualizadas e historicizadas: “Nenhuma pessoa pode ser alçada do mundo no qual vive. Nenhuma pessoa pode ser tirada de contexto”¹⁰. Opõe-se às teorias que privilegiam determinações genéticas – como de Richard Dawkins, o biólogo inglês, ou teorias que pensam a mente como inteiramente individual e isolada, ou que enxergam o eu como estável e separado – e adere claramente à ideia de que a repetição é que constrói e sustenta nossos traços.

A memória, como apontei, é ponto chave em seus textos. Somos feitos de memória, afirma, tanto as visíveis e repetidas, como as memórias incorporadas, que não entendemos, adotadas de outros, justamente aquelas das quais falaremos e escutaremos em nossas análises. Lendo Hustvedt, também revemos nossas memórias e inspiramos nossa escuta – boa leitura!

9 S. Hustvedt, *op. cit.*, p. 3.

10 S. Hustvedt, *op. cit.*, p. 24.

Começar do princípio, para o bebê, e voltar ao princípio, para seus pais, interrompendo o mortífero do transgeracional

Eloisa Tavares de Lacerda

Resenha de Maria Cecília Pereira da Silva (org.), *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares: Pensando a clínica da primeira infância*, São Paulo, Blucher, 2022, 358 p., volumes 1 e 2.

Devo reconhecer que em minha escuta coloco uma “orelha” do lado da metapsicologia individual dessa criança (perspectiva intrapsíquica), e a outra “orelha” no desejo dos pais e sua influência na formação (ou consolidação) do sintoma da criança (perspectiva intersubjetiva). Por isso dou muita importância às entrevistas prévias ao tratamento.
[Victor Guerra]

Fazer a resenha de um livro sobre uma temática que me é tão cara já me diz de um enorme prazer, que veio se configurando e se confirmando ao longo de minha leitura dos dois volumes. A responsabilidade revela-se também enorme, dado o rol de autores – experientes que são em seus fazeres clínicos respaldados por aportes teóricos importantes para a área – e o alcance de suas

Eloisa Tavares de Lacerda é psicanalista, membro do Depto. de Psicossomática Psicanalítica e do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae de SP. Participa do Grupo de Psicossomática da SBPSP e do Grupo de Trabalho/Estudos com a psicanalista Diana Tabacof do IPSO de Paris. Coordenadora do Grupo de Estudos: Clínica Psicossomática dos Primórdios do Depto. de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae de SP. Fonoaudióloga, profa. aposentada da PUC-SP.

reflexões teórico-clínicas profundas e sensíveis, colocando-nos diante da possibilidade de reconhecer nesses textos que compõem o livro um *curso escrito* de altíssima qualidade!

Ao longo dos dois volumes do livro, chamam a atenção os nove artigos da psicanalista Régine Prat, autora que reflete pontualmente sobre a parentalidade e sua *missão impossível*, os primeiros debates sobre o trabalho com bebês, a observação clínica, as primeiras abordagens sobre a vida psíquica, o lugar do traumático e a página em branco que impede a inscrição do trauma. Em ambos os volumes, todos os outros artigos reiteram a possibilidade de pensar que estamos de fato seguindo um curso ministrado por autores de renome nessa clínica dos primórdios. Acredito que, para falar aqui da *página em branco*, e porque com essa metáfora Régine Prat nos conta que a inscrição do trauma fica impedida, vou usar suas próprias palavras para iniciar a elucidação da metáfora, já começando pelo título do capítulo “O branco do traumático: a estratégia defensiva da terra queimada”, que aborda esse tema.

[...] Esses pacientes viveram, no início de suas vidas, experiências de não sintonia, de não encontro emocional, e não puderam ser objeto de uma atenção suficiente do meio ambiente: a capacidade deles de se representar e de dar sentido ao mundo psíquico interno, tanto ao seu próprio quanto ao dos outros, foi entravada” (p. 220).

[...] A lembrança dos acontecimentos não é apagada e não é objeto de um recalçamento; ela pode até, ao contrário, ser de uma grande nitidez. Mas serão lembranças desencarnadas, vividas como exteriores a si mesmas [...] aspectos traumáticos expulsos da experiência infantil do paciente [...] (p. 224).

Nessas fronteiras para pensar a clínica da primeira infância, o livro organizado por Maria Cecília Pereira da Silva convoca os profissionais que estão se iniciando na área e, talvez mais ainda, os profissionais que já estão mergulhados nela, ora interrogados pelas problematizações levantadas pela leitura, ora identificados com o que se pontua nesse percurso.

Não é por acaso que a palavra *recursos* aparece no título do livro e nos títulos de todas as sete partes que compõem os dois volumes desse livro imprescindível para nossa clínica. *Recursos* que, além do ato de recorrer, descrevem também meios de vencer dificuldades, possibilitando pela via transfero-contratransferencial do processo analítico a retomada do desenvolvimento psíquico do analisando – o bebê, a criança ou mesmo o bebê do adulto. Assim como a palavra *parentalidade*, cuja construção, como trazem as autoras Ana Maria Rosenzvaig e Eliane Muszkat, tem origem na dinâmica estabelecida pelo termo maternalidade, que, por sua vez, leva também à paternalidade.

Vale salientar aqui que sair dos lugares de filha e de mulher – de filho e de homem – para ocupar um novo lugar na vida, qual seja, o de mãe e o de pai, não é uma tarefa nada fácil mesmo que nada de perturbador (como antecipação do parto, doença genética, trauma perinatal etc.) venha a acontecer por ocasião do nascimento. Esse bebê, geralmente tão esperado e tão temido; esse *estranho*, a partir de sua chegada, vai se fazendo tão *familiar* sem maiores complicações.

A travessia dessa barreira, dessa passagem aparentemente natural para esse novo lugar, depende de um grande trabalho psíquico e gera um enorme gasto de energia. Além disso, eles têm que deparar com a trabalhosa tarefa de reencontrar a mulher que a mãe não deixou de ser, o homem que esse pai não deixou de ser, o casal que eles foram antes de ter seu filho... Muitas vezes o homem encontra aí uma função a mais: a de exercer a função do homem – tornado agora pai, procura não somente recuperar sua mulher como também procura proteger o bebê para que este não corra o perigo de ser *engolido* pela mãe. Muitas depressões paternas pós-parto comparecem quando esse homem *momentaneamente* perdeu sua mulher e ainda não encontrou seu filho. Embora de forma e características diferentes da depressão materna pós-parto, a depressão paterna também gera muito sofrimento para o pai, para a mãe e para o bebê. Podemos ver entre os autores desse livro o acolhimento e a escuta dados ao pai.

Importante as abordagens aqui expostas porque, infelizmente, ainda deparamos com situações em que os pais são pouco contemplados com uma escuta que, na atualidade, dê a eles algum contorno, como já vem acontecendo com as mães.

Os recursos teórico-clínicos que cada vez mais se mostram tão importantes e necessários vêm fazendo uma enorme diferença nesse percurso de *tornar-se mãe de seu próprio filho*, como nos alerta a psicanalista Regina Orth de Aragão¹. O alerta diz respeito ao fato de que, como observa a autora, o nascimento de um filho não necessariamente faz da mulher a mãe, e eu acrescento parafraseando-a que, para o pai, o nascimento de um filho não faz dele necessariamente o pai daquele bebê. Regina Aragão nos diz da importante questão presente nessa clínica daqueles que se ocupam das temáticas desse livro tão fundamental àqueles que se debruçam sobre as *fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares*, com a autora colocando da seguinte forma: “como se transmitem, entre mãe e bebê, os conteúdos inconscientes que farão marca no psiquismo nascente do *infans*?”².

Cabe ao analista dispor-se à escuta de falas da criança e de seus pais, de modo a reduzir os efeitos traumáticos, e oferecer uma intervenção precoce, *a tempo*, isto é, preciosos recursos interpretativos nessas relações tão iniciais. Percebi, ao longo da leitura dos capítulos, como vai sendo falado, descrito e abordado esse complexo grupo de competências/recursos auxiliares preciosos e necessários à mãe, ao pai, ao bebê e aos profissionais que se ocupam deles, como a possibilidade de escutar tanto as queixas vindas dos pais como as vindas do bebê em sua sensorialidade inicial que ainda não se fez verbal. Essas queixas nos trazem seus sofrimentos mais arcaicos, marcando esse importante e intenso encontro nas cenas clínicas carregadas ou não de recursos deles, mas que geralmente precisam ser nomeados e/ou construídos e movimentados tanto na direção dos pais quanto na direção do bebê e da criança pequena. Recursos esses que possibilitam a constituição da parentalidade (maternidade e paternidade) e do

psiquismo nascente do bebê. Resumindo, o recurso primeiro que é o de suportar a intensidade desses tempos primeiros e inaugurais.

Como nos apresentam, entre outros, o artigo da organizadora e da psicanalista Mariângela Mendes de Almeida, que mostra uma já conhecida clínica psicanalítica desenvolvida na SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), a Clínica de o a 3 – Intervenções nas relações iniciais pais-bebê do Centro de Atendimento Psicanalítico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), desde 2005. O registro inaugural pode ser encontrado no texto “O monstro do beleléu” (p. 271), que descreve as cenas filmadas de intervenções realizadas nas relações iniciais de pais-bebês entre o e 3 anos que relatam uma experiência de vários encontros com o pai, a mãe, o filho já com 4 anos e as incidências transgeracionais – situações traumáticas das vidas dos avós paternos e maternos. Ao longo de todo o texto, aparecem as transferências com seus deslocamentos da relação de objeto dos tempos primeiros na vida para um novo objeto – no caso aqui pontuado, temos as duas psicanalistas presentes em todas as cenas clínicas, que, recebendo as transferências ao longo do processo, possibilitam movimentos de mudanças importantes para a criança, assim como para seus pais.

Vários artigos desse livro tão fundamental vão nos contando sobre a importância desses serviços existentes em vários lugares do Brasil, bem como em vários lugares do mundo. Sob diversos ângulos, diversos autores e diversos aspectos da Parentalidade e de seus Recursos Auxiliares que os autores nos mostram ao longo do livro, sabemos da importância de um fazer clínico que acompanhe, muitas vezes em tempo real, o desenvolvimento físico-psíquico-linguístico dos bebês e crianças tão pequenas, que nos chegam conjuntamente com seus pais que também nos solicitam um contorno robusto para que eles possam suportar a intensidade dessa passagem

à parentalidade. E é nessa dinâmica transferencial-contratransferencial que tanto os pais quanto o filho deles podem recriar ou resignificar seus passados – o *recurso* como caminho de volta –, movimentando o tempo do agora, graças aos manejos desses e dessas experientes analistas e dos profissionais que compõem as dinâmicas de uma clínica multidisciplinar. Importante e muito atual é a temática dos recursos tecnológicos que, como podemos ler nos artigos na Parte V do livro, abre a questão da tecnologia como “andaimes construtivos ou substitutos imediatos dos cuidados parentais?” (p. 257).

Com temáticas tão importantes, *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares* se endereça a todos aqueles que se ocupam do bebê e seus pais, buscando transformar em narratividade os acontecimentos traumáticos que não podem ou não puderam se transformar em vivências, muitas vezes até paralisando a vida do bebê e dos adultos à sua volta...

Existe um comparecimento ético em todas as suas dimensões ao longo de todos os artigos, sempre fundamentados na teoria psicanalítica. Importante ressaltar que vários profissionais de áreas afins se inspiram nas ricas trocas com os psicanalistas das várias instituições representadas nesse livro, assim como os psicanalistas se inspiram nessas trocas interdisciplinares com os profissionais de áreas afins que também se ocupam dos bebês/crianças pequenas e seus pais; trocas essas que não implicam necessariamente a sobreposição de fazeres. Implicam, sim, consistentes diálogos transdisciplinares entre todos os autores em seus grupos de trabalho institucionais que vão nos fazendo reconhecer ao longo das leituras a dimensão do traumático tanto nos bebês/crianças pequenas quanto nos adultos.

Nas trilhas dessa leitura, somos instados também a reconhecer a construção do laço primeiro do bebê com seu primeiro objeto e a construção do laço dos pais com os clínicos que ocupam as cenas ao longo dos atendimentos.

Cabe-me finalizar explicitando minha disposição ética de propor uma resenha de uma obra

1 R.O. Aragão, *Tornar-se mãe de seu próprio filho*, Curitiba, Honoris Causa, 2011.

2 R.O. Aragão, *op. cit.*, p. 11.

que trata de temas interdisciplinares mais abrangentes do que aqueles a que leitores assíduos desta revista podem estar acostumados. No cômputo geral, pode-se dizer que a diversidade pode trazer novos saberes e sabores às leituras, e pode despertar maior ou menor interesse pelas diversas abordagens, sem deixar de mais uma vez destacar a consistência teórica dos autores.

Para quem, como eu, se interessa muito pela *causa dos bebês*, valeu a rara oportunidade da leitura completa do livro, de tê-lo lido com o cuidado e com a atenção redobrados para preparar este texto. E mesmo para aqueles que têm muito claramente o critério – ou o tempo – de se dedicar mais a textos que conversem mais diretamente com suas linhas de pesquisa, ainda digo que vale a pena a leitura

rica e complementar de todos os capítulos do livro. Até porque a clínica contemporânea nos faz chegar cada vez mais perto do “bebê no adulto”³.

Finalizo esta leitura com uma brincadeira de criança: a dança das cadeiras, re-formulada em uma dança de palavras:

clínica dos primórdios, libidinização, intrapsíquico, intersubjetivo, transgeracional, irrepresentável, narratividade, simbolização, contorno, ritmo, continuidade, descontinuidade, manhês, diálogo tônico-gestual, pele, tato, teatro das mãos, encantamento, sensorialidade, aberturas-fechamentos, função materna, censura da amante, depressão materna pós-parto, depressão paterna pós-parto, clínica transcultural, prevenção e NUNCA predição!

3 R. Roussillon, “Prefácio”, in E. Rache, *Travessia do corporal para o simbólico corporal*, São Paulo, CLA, 2014, p. 9-27.

Vozes dos feminismos

Ana Lúcia Panachão

Resenha de Silvia Leonor Alonso; Danielle M. Breyton; Marcia R. Bozon de Campos (orgs.), *Feminismos em trânsito*, São Paulo, Zagodoni, 2022, 136 p.

Feminismos em trânsito é a quarta publicação com a qual nos brindou o grupo de trabalho e pesquisa “O feminino e o Imaginário Cultural Contemporâneo”, do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. O lançamento do livro se deu sob os auspícios de uma transição muito aguardada: pela primeira vez, depois de um longo confinamento ocorrido em função da pandemia, nos encontramos presencialmente para celebrar a mais recente produção do grupo. Desde sua fundação em 1997, o grupo coordenado por Silvia Alonso trabalha sobre questões que se apresentam na clínica cotidianamente entrelaçadas aos ecos das transformações sociais permeadas pela cultura e seus efeitos sobre as subjetividades. Ao interrogar-se sobre os saberes que investigam o feminino, o lugar social da mulher, a maternidade, a sexualidade, reprodução assistida, a introdução do conceito de gênero na pesquisa psicanalítica e suas consequências políticas, o grupo promove uma interlocução profícua dentro do Departamento e que vai além, estendendo-se para fora dele.

O título do livro sugere a abertura e a maleabilidade na abordagem do tema. Tomado no

Ana Lúcia Panachão é psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora do curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Psicanalítica Contemporânea.

plural, “feminismos” já evoca a ideia de que os feminismos e os movimentos feministas são muitos e diversos, como testemunha a história de sua construção, sempre em transformação, conforme o contexto social, histórico e político em que é produzido e em consonância com as reivindicações de uma determinada época. O significante trânsito pressupõe movimento, percursos, idas e vindas, veredas, múltiplas direções.

O livro estruturado em sete capítulos convida o leitor à escuta das singularidades que compõem as narrativas recolhidas em rodas de conversa nas quais jovens e adultos de diferentes gerações juntamente com psicanalistas integrantes do grupo transitaram no campo dos feminismos. Nesse movimento, o grupo se propôs a pesquisar os discursos presentes no imaginário cultural contemporâneo e ampliar o campo de reflexões sobre o tema indicando lugares de rupturas e conflitos em busca de abertura para novas reflexões. Dentro desse espírito, é importante salientar que as autoras e o autor não tiveram a intenção de provar hipóteses ou chegar a conclusões generalizáveis sobre os feminismos, tampouco se propuseram a seguir uma metodologia uniforme na análise dos conteúdos das rodas tomando-as uma a uma a partir das inquietações surgidas. É justamente nesses movimentos que reside o mérito da pesquisa: acolher as vozes que falam das experiências vividas, sobretudo das mulheres, na interação com os discursos feministas. Essa profusão de narrativas e a riqueza do trabalho de elaboração dos conteúdos tornam a leitura muito interessante, ao mesmo tempo que dificultam o trabalho da resenha. Assim, não sendo possível contemplar o trabalho de cada autor, ao privilegiar determinados recortes em detrimento de outros, aceita-se o risco de, nesse processo, deixar de fora importantes contribuições.

Na introdução, Silvia Alonso já demarca que a luta das mulheres para assegurarem uma posição de sujeito no mundo vem de longa data, e sublinha os pontos de inflexão sobre os lugares sociais que elas ocuparam no decorrer da história. A autora retoma o conceito de sexualidade em

psicanálise e aponta que a introdução do conceito de gênero no campo psicanalítico produziu interrogações e impôs novos desafios à teoria, a partir dos quais se iniciaram importantes pesquisas sobre questões de desigualdades que levaram ao estudo das feminilidades. A ideia de essencialismo foi questionada e demonstrou que feminilidades e masculinidades são construções históricas que determinam lugares sociais ocupados por homens e mulheres e, portanto, sempre em movimento.

O primeiro capítulo, “Subjetividades em trânsito”, foi escrito a partir da experiência iniciada em duas rodas de conversa com adolescentes de escolas públicas e privadas, que acompanharam movimentos de ocupações das escolas – ou deles participaram – nos anos de 2015 e 2016. As autoras partiram de reflexões sobre a partícula “trans” e escutaram os jovens em seus trânsitos: “seja em relação à diversidade sexual e de gênero, seja em relação à posição subjetiva e sociopolítica” (p. 29). Essa proposta se desdobrou posteriormente na pesquisa desenvolvida sobre os feminismos e ensejou o desejo do grupo de desenvolver um pensamento próprio a partir de uma leitura psicanalítica dos movimentos feministas em transformação. A pesquisa percorreu o tema dos feminismos trilhando os caminhos de sua própria construção, suas contradições, seus avanços e retrocessos, que respondem a movimentos e lutas históricas e plurais cujas conquistas são transmitidas geracionalmente e ampliadas no encontro com questões atuais. Os feminismos interrogam e questionam os fundamentos da teoria psicanalítica como lugares de reprodução de ideologias, convidando os analistas a uma importante revisão. Por sua vez, os psicanalistas oferecem seu principal instrumento de trabalho contra o fechamento dogmático – a escuta –, que possibilita reabrir discursos e sustentar a tensão necessária para trabalhar conflitos. Atentos ao acirramento de discussões contemporâneas paudadas nas lutas identitárias, os psicanalistas propuseram ouvir os discursos que por vezes tomam formas questionáveis e impossibilitam o diálogo ao desconsiderar a alteridade.

Nessa perspectiva, criaram um dispositivo de escuta coletiva em forma de rodas de conversa sem objetivo de intervenção clínica. Formaram-se quatro rodas, sendo cada uma coordenada por uma dupla de psicanalistas do grupo e compostas por um número diferente de participantes, de diferentes faixas etárias, gêneros, etnias e classes sociais.

O trabalho dessas rodas consistia na apresentação de uma seleção de fotos que retratavam acontecimentos sociais variados da atualidade, principalmente de mulheres em diferentes situações e atividades, como disparadores da discussão. A consígnia foi que os participantes falassem sobre suas experiências de vida relacionadas ao feminismo a partir do que as imagens escolhidas suscitaram neles, aproximando-se, desse modo, do método de associação livre, tão caro à escuta psicanalítica. O leitor encontrará um exemplo dessa dinâmica de trabalho no capítulo 5: “Descoladas de si – Entre o empoderamento e o submetimento”, no qual uma das participantes, que é policial militar, escolheu a foto de uma mulher que, numa manifestação, usou o escudo de um policial militar como espelho para passar batom e sobre a qual comentou:

Eu passo meu batom mesmo, para manter aquela feminilidade que acho que precisa; indiferente da profissão, eu sou mulher, né? E não vou perder isso nunca, mesmo tendo que ser um pouco mais incisiva na hora que tem que ser. Eu mantenho a minha postura de mulher (p. 78).

A análise do material colhido no trabalho das rodas resultou na produção de cinco textos escritos em parceria pelos dois psicanalistas que coordenaram as rodas e um terceiro que participou das discussões como interlocutor. O trabalho de elaboração desse material suscitou debates respaldados pela leitura de vários autores que se debruçam sobre essa temática.

As diversas narrativas que emergiram de vozes singulares nas diferentes rodas compuseram o trânsito dos feminismos pelos mais variados caminhos.

Inicialmente pelo trânsito da transmissão entre gerações: as diferenças entre as rodas apontam

as passagens que provocam transformações, caminhos de transmissão e abertura de uma geração à outra. Diferentes perspectivas sobre a transmissão geracional relativa aos movimentos feministas transitaram nas rodas de conversa das quais participaram mulheres com idades acima de 60 anos, mulheres com idades entre 20 e 30 anos e mulheres com idades entre 30 e 50 anos. As primeiras fazem parte da geração que vivenciou os feminismos entre os anos 1960 e 1970 e participaram da história em que o movimento feminista se mesclava ao discurso político de resistência e luta contra a ditadura. Essas mulheres que participaram das lutas pela igualdade de direitos que marcaram avanços nos aspectos sexuais e amorosos, curiosamente, não se consideram feministas. Entretanto, reconhecem essa posição feminista nas atitudes de suas filhas e netas, das quais se orgulham pela coragem ao mesmo tempo que temem pelas consequências desse posicionamento. Uma dessas mulheres comenta sobre a filha militante: “ela sofre retaliação porque assumiu uma posição feminista. Acha que dificulta os rapazes de se aproximarem, porque confundem com essa coisa chamada de sexismo. Ser feminista não quer dizer não gostar de homem” (p. 108). As mulheres mais jovens construíram narrativas que confluíram para o reconhecimento e a valorização da força feminina, encarnada nas histórias de suas mães. Tais narrativas invocam a luta contra as violências de uma estrutura que coloca as mulheres em condições de desigualdade e inferioridade e fazem interrogar o lugar dos homens na atualidade. Ao revisitarem as trajetórias maternas, evidencia-se na fala dessas mulheres uma mudança de discursos entre gerações, presentificada em diferentes modos de pensar e desejar. Elas reconhecem nas atitudes de suas mães uma posição feminista transmitida como legado e, apesar de as mães não se nomearem como feministas, investiram fortemente no desejo de emancipação das filhas. As filhas resignificaram as lutas de suas mães por melhores condições de vida, identificando-se com esse lugar de potência ao qual atribuem um sentido político e coletivo. Na roda

de conversa composta pelas mulheres com idades entre 30 e 50 anos, transpareceram conflitos geracionais diante das mudanças no campo da sexualidade. Essas mulheres comentaram com horror diversas situações nas quais consideram que as mulheres mais jovens estão submetidas à violência dos homens. Identificadas a um discurso machista, falam com desaprovação das atitudes das jovens em relação às liberdades sexuais conquistadas e demonstram ambivalência em relação ao lugar de empoderamento que desejam para as mulheres e os temores no enfrentamento dessas mudanças expressos, por exemplo, neste comentário:

Acho uma época muito difícil essa geração delas. São “superfeministas”, “minha roupa é meu corpo”. “O direito das mulheres” e blablablá... Esses bailes funk tratam a mulher como lixo. Isso é muito contraditório, não consigo entender... (p. 81).

Outro caminho construído pelos participantes no decorrer das rodas diz respeito às diferenças entre os feminismos: o movimento feminista nasceu das lutas pela liberdade e igualdade de direitos, bem como contra a opressão de uma organização patriarcal. Desde então, vem enfrentando desafios ao longo da história e sofrendo várias transformações, dando lugar a uma série de correntes feministas organizadas por diferentes pautas e reivindicações. A experiência dos feminismos hoje, diferentemente das vividas pelas gerações anteriores, passa pela mobilização de mulheres no espaço público e pelas denúncias da violência e do abuso. O corpo se apresenta como lugar de protesto político nas lutas feministas, que por sua vez foram se ampliando e tornando-se mais abrangentes, no decorrer da história. Houve um deslocamento da suposição de que as mulheres são uma categoria universal e homogênea para a constatação da diversidade de experiências determinadas por seu lugar de inserção no laço social.

Nesse sentido, torna-se importante sublinhar que as experiências com os feminismos, vividas cotidianamente e relatadas pelas pessoas que

participaram das diferentes rodas, são determinadas pelo lugar que ocupam dentro do contexto social, econômico e racial. Os participantes ressaltaram as diferenças entre as lutas feministas das mulheres brancas, que reivindicavam inicialmente igualdade de direito ao estudo, ao trabalho e à circulação, e os movimentos feministas vividos pelas mulheres negras, ainda em busca do direito a uma existência digna e contra o preconceito racial. Tomadas em conjunto como mulheres, todas estão sujeitas e podem sofrer violências socialmente e culturalmente naturalizadas. No entanto, os efeitos disso atingem as mulheres brancas, negras, indígenas, trans e mulheres de diferentes classes sociais de maneira diversa. Os relatos apontam principalmente para uma diferença relativa à desigualdade social que atinge mais as mulheres negras, prejudicadas por uma dupla exclusão: por serem mulheres e por serem negras. Essa situação pode ser abordada a partir da teoria do feminismo interseccional que aponta para a junção de dois ou mais fatores sobrepostos – gênero, etnia e classe social – numa intersecção que cria desafios adicionais e dificulta o acesso das pessoas aos seus direitos. O conceito de interseccionalidade¹ nos ajuda a compreender a manutenção das desigualdades sociais ao mostrar a coexistência e a subordinação desses fatores e como se interseccionam gerando efeitos singulares de opressão, dominação e discriminação.

Finalmente, o caminho pelos quais os jovens transitaram nesse trabalho: as rodas de conversa compostas por jovens dos sexos masculino e feminino, com idades entre 15 e 20 anos, de diferentes etnias e estratos socioeconômicos, diferentemente das outras, coordenadas por um psicanalista e uma psicanalista com o intuito de propiciar uma escuta mais plural. Essa experiência demonstrou a forma pela qual os jovens estão apropriados das questões relativas aos feminismos, com as quais se identificam, e como transitam pelos discursos sobre sexualidade e diferença de gênero. Um interessante exemplo disso foi expresso por um dos participantes que, diante da foto de um rapaz transgênero, considerada por ele a que melhor

representa o seu pensamento, comentou: “o mais interessante nessa conversa do feminismo são os diferentes, também nas expressões da sexualidade” (p. 43). A partir disso considerou casos que poderiam ser mais comuns: “de homens que viraram mulher do que os de mulheres que viraram homens” (p. 44), supondo que pudesse ser o efeito de os homens serem mais autorizados socialmente a assumirem seus desejos do que as mulheres. Eles problematizaram as construções imaginárias que sustentam mitos a respeito do que é ser homem e ser mulher e como esses mitos produzem violência de gênero. Ao aceitarem o desafio de participarem desse encontro com outros, exercitaram entre eles o confronto nas diferenças de posição frente a temas delicados, e produziram narrativas sobre os desafios impostos pela complexidade dos relacionamentos amorosos e sexuais. No que concerne à diferença de gêneros, indagaram-se sobre a diversidade de caminhos da expressão da sexualidade e levantaram questões sobre transexualidade, transgenereidade e transfeminismo. Falaram da importância dos movimentos feministas sem se furtar a criticar seus extremos que podem levar a movimentos de exclusão. Destacaram também uma dimensão de violência sempre presente na relação entre homens e mulheres e afirmaram a importância do consentimento nas relações sexuais ao apontarem que a “cultura do estupro” reproduz socialmente lugares de dominação para os homens e de submissão para as mulheres.

Além do trabalho de escuta nas rodas o grupo estendeu a pesquisa para o campo das comunicações descrita no capítulo 7 e intitulado: “Feminismos e as mídias – Entre o singular e o coletivo”. Este aponta para a ampliação da escuta dos discursos que circulam nas mídias, nas redes, nas mídias tradicionais, nas propagandas, nos movimentos culturais das periferias e em todos os veículos de amplificação e difusão de discursos sobre as relações amorosas, sexuais, posições de gênero e lugares das mulheres e suas reivindicações. Mídias essas que se configuram como lugares de potência criativa e que também podem

favorecer a circulação de discursos autoritários e fanatismos. As redes sociais têm um impacto sobre os movimentos coletivos e emergem como novo espaço público de debate que transforma o modo de acesso à informação e modifica a forma de produção de conteúdo. É um espaço que favorece a autonomia e a ação direta entre pares. Nesse sentido, esse espaço das redes sociais torna coletivas narrativas pessoais que acabam por alcançar um maior número de pessoas. O espaço de fala propiciado pelas redes sociais em movimentos como *#Primeiro Assédio*, *#Me too* e *#Agora é que são elas* se constituiu como espaço de troca coletivo de denúncias, um lugar para reclamar direitos, e pode ser considerado como uma antena que reverbera reivindicações relativas a lutas identitárias. Como ondas vindas do imaginário social e cultural, captam as mudanças na cultura e também seus conflitos.

A prioridade desse trabalho repousou na experiência de escuta sobretudo de mulheres de idades variadas, que puderam trocar narrativas sobre suas vidas, seus sofrimentos e conquistas e falar de sua relação com os discursos feministas.

As rodas de conversa se constituíram em verdadeiros espaços de escuta de histórias singulares e de partilha de experiências que permitiram novas descobertas, facilitando o trânsito de ideias e de trocas e assim fazendo a palavra circular e alcançar sua potência transformadora na construção de novos saberes. Essa experiência foi marcante tanto para os participantes quanto para os psicanalistas que coordenaram as rodas.

À guisa de conclusão: a dominação histórica dos homens sobre as mulheres continua a

se reproduzir, apesar do vigor das lutas feministas. Essas lutas se apresentam como resistência e produzem debates que abrem outras perspectivas potencialmente transformadoras das dinâmicas próprias do sistema patriarcal. Entretanto, todos os que estão fora do discurso heteronormativo são convocados a defender diariamente seu direito à existência vivenciando na pele e no corpo essas lutas. Essas pessoas que lideram uma tentativa de transformação, sem a qual estariam fadadas a violências de toda ordem, são sujeitos que sustentam novos espaços de circulação numa sociedade cujos valores vigentes não oferecem garantias.

O machismo estrutural capilarizado nos discursos tanto de homens quanto de mulheres reproduz o poder de dominação nas relações entre ambos, nas quais a mulher ainda é colocada num lugar inferiorizado e sem valor. Transformar tais discursos naturalizados em interrogações pode gerar transformações de atitudes e novas construções de lugares sociais que romperiam o circuito de dominação. O mesmo acontece com o racismo estrutural: para mudar a situação de desigualdade que impossibilita aos negros os mesmos acessos que favorecem os brancos, as ações transformadoras exigem um posicionamento ativamente antirracista por parte de cada um. São sempre essas vozes dissonantes do discurso social hegemônico e heteronormativo que fazem ressoar (uma vez mais?) a voz de Caetano Veloso nos versos da canção “Podres poderes”:

“Enquanto os homens exercem seus podres poderes índios e padres e bichas, negros e mulheres

E adolescentes fazem o carnaval...” e abrem alas para o desfile das diversidades.

1 Conceito criado por Kimberlé Williams Crenshaw, estudiosa da teoria crítica da raça, professora da Faculdade de Direito da UCLA e fundadora do Centro de Interseccionalidade e Estudos de Política Social da Columbia Law School (CISPS).

Os estudos fanonianos de Faustino e a revolução pelas palavras

Cláudia Ribeiro

Resenha de Deivison Faustino, *Frantz Fanon e as encruzilhadas*, São Paulo, Ubu, 2022, 336 p.

[...] aurora
ozônio
zona orógena
por algumas palavras perseguindo um
torpor e o acolher e o despertar de cada
um dos nossos males enuncio o teu nome
[Frantz Fanon]

riscas o ferro
riscas as grades das prisões
riscas o olhar dos carrascos
guerreiro-sílex
regurgitado
pela goela da serpente do mangue.
[Aimé Césaire]¹

Ao deparar com a capa da edição nº 57 da revista literária *quatrocinco*, cujo o título é *A febre Fanon*, senti um incômodo. Naquele momento, estava me preparando para iniciar a escrita desta resenha do novo e terceiro livro de Deivison Faustino: *Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade*, lançado este ano pela Ubu editora. Pensei em febre como algo passageiro, um estado e, talvez, isso tenha entrado em choque com meu desejo de

Cláudia Ribeiro é psicanalista; jornalista, aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, docente e coordenadora clínica do curso “Fundamentos da Psicanálise – Brasil/Moçambique” – projeto de pesquisa de pós-doutorado de Helena Maria Medeiros Lima, pesquisadora do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise – LATESFIP/USP.

acompanhar a *continuidade* das pesquisas antirracistas, em especial no cenário brasileiro.

Tomando a “febre” sob outra perspectiva, pode-se entendê-la como um sinal que denuncia algo em conflito. Inflamado, o corpo luta em direção à cura. Portanto, assim como o sintoma da febre, o livro de Faustino pode ser considerado como um alerta tanto para o racismo que se perpetua desde o tempo colonial, quanto para a inércia ratificadora da violência no meio intelectual, a qual leva o autor a questionar: “Por que o pensamento crítico não discutiu o racismo até hoje? Discute agora porque está na parede, encurralado pelo pensamento antirracista. A discussão racial só aparece de forma periférica”².

Frantz Fanon e as encruzilhadas é o resultado de sua tese de doutorado intitulada *Por que Fanon, por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil* (2015)³, um trabalho acurado de pesquisa e edificação de dialéticas entre o pensamento fanoniano e diversas correntes filosóficas, entre elas as de Hegel, Marx, Freud, Sartre e de Simone de Beauvoir, sendo esta última uma influência relevante, que teve de ser como que resgatada por Faustino durante suas investigações (p. 130). Ele conta que durante todo o ano de 2021 revisou o material e adicionou sugestões, reparações e sobretudo questões que eclodiram junto a “um vertiginoso crescimento do interesse pelo pensamento de Frantz Fanon” (p. 289). O autor acrescenta ainda em nota de rodapé: “Só nos últimos dois anos foram traduzidos e publicados no Brasil mais livros de Fanon do que em todo o século passado”.

Deivison Mendes Faustino, ou Deivison Nkosi, é cientista político e professor da Unifesp, esteve desde a adolescência engajado com o Hip-Hop, com a capoeira de Angola e com o movimento negro⁴. O autor dedicou-se durante quase duas décadas à obra de Fanon, desde que foi a ela apresentado por Milton Barbosa⁵, “o Miltão”, um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU).

Faustino é um dos principais autores e o pesquisador mais conhecido da atualidade no Brasil desta retomada da obra fanoniana iniciada por pioneiras como a psicanalista Neusa Santos

Souza e a filósofa Lélia Gonzalez, restritas durante décadas ao contexto acadêmico.

Destas páginas sairão muitas encruzilhadas, as de Fanon, as de Faustino e as nossas, como o diz o próprio autor:

Esse é um aspecto que eu abordo no livro [Frantz Fanon e as encruzilhadas]: a relação do Fanon com o contexto intelectual como uma relação de encruzilhada. Eu me apoio nas discussões afrobrasileiras, na Leda Maria Martins, na concepção de encruzilhada, que pressupõe não só um beco sem saída, mas também um ponto de encontro entre elementos até antagônicos ou contraditórios.⁶

O autor explica o que pretende com a publicação: Traçar caminhos possíveis para ler Frantz Fanon. Parece-me que o objetivo de Faustino sobretudo é fazer-se escutar pelas obras que se misturam, ou seja, sua leitura e escrita e o pensamento Fanoniano. Por algumas vezes, interrompi a leitura para me perguntar se o que estava lendo era Fanon ou Faustino. O encontro entre os autores é nítido a cada página, as quais demonstram como é viver em um mundo onde a cor de sua pele o determina. Por outro lado, uma das diferenças entre eles está marcada pelo contexto vivido. Embora este seja reencenado de maneira trágica até os dias atuais, é atualizado pela luta de classes minorizadas que buscam cada vez mais reivindicar sua visibilidade e lugar de direito.

A partir disso, existe um empenho do autor brasileiro em reparar um traço da escrita do psiquiatra martinicano, que marca apenas a posição

do homem negro. Faustino resgata estudiosas do “fanonismo” no Brasil como Souza e Gonzalez. Esta última sendo incluída na obra somente após a crítica da antropóloga Rosânia do Nascimento (p. 224). O apagamento naturalizado não só das autoras negras, assim como da mulher negra, é também apontado pela escritora Grada Kilomba no prefácio da reedição brasileira de *Pele negra, máscaras brancas*. Ela compara a relação do homem branco com a mulher branca, do homem branco com o homem negro e do homem branco ou negro com a mulher negra, demonstrando o tornar-se o outro do outro na escala de poder e sinalizando que:

A mulher *negra*, não sendo branca nem homem, neste esquema colonial representa então uma dupla ausência que a torna absolutamente inexistente. Pois ela serve como a *outra* de *outrxs*, sem status suficiente para *outridade*.⁷

Faustino realiza também mais uma modificação relevante da primeira versão desta obra. Ele investiga a importância do diálogo com o pensamento fanoniano para outros campos de estudos, “a transfobia, o afropolitanismo, o afropessimismo, a psicanálise, a esquizoanálise, e as teorias *queer* e *crip*” (p. 16). O que abre possibilidades de novas pesquisas de valor inquestionável para o entendimento e para a problematização do sofrimento na sociedade atual:

O que se procura demonstrar, na presente publicação, é que a análise cuidadosa da recepção póstuma do pensamento de Fanon é reveladora, em primeiro lugar, da diversidade dos pensamentos antirracistas e, em segundo lugar, do fato de esse campo ser simultaneamente objeto e sujeito privilegiado para a tematização dos principais debates teóricos e políticos de nosso tempo (p.12).

Vida e obra

Assim como a vida e a pesquisa de Freud se misturam na construção de suas obras, como podemos acompanhar em *A interpretação dos sonhos*

1 A. Césaire, *Por todas as palavras guerreiro-sílex*. Poema do livro *eu, laminária...: últimos poemas*. Tradução, posfácio e notas de Lilian Pestre de Almeida. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2022. *Revista Piauí* n. 189, p. 82, jun. 2022.

2 D. Faustino, “Fanon na encruzilhada” [Entrevista concedida a Paulo Werneck], revista *quatrocinco*, n. 57, abr. 2022.

3 Recebeu menção honrosa do Prêmio Capes de Teses.

4 Cf. <https://www.esquerdadiario.com.br/Entrevista-com-Deivison-Nkosi-sobre-vida-e-obra-de-Fanon-Parte-1>. Acesso em: 10 maio 2022.

5 Cf. < <http://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/milton-barbosa/>>. Acesso em: 10 maio 2022.

6 D. Faustino, “Fanon na encruzilhada” [Entrevista concedida a Paulo Werneck], revista *quatrocinco*, n. 57, abril, 2022.

7 G. Kilomba, “Prefácio: Fanon, existência, ausência”, in F. Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020, p.15-16.

(1900), onde utilizava suas próprias análises oníricas, expondo-se à crítica – para citar apenas um dentre tantos exemplos –, Fanon, em seus breves 36 anos, construirá sua investigação sedimentada em seu sofrimento, indignação e sobretudo na militância clínica, intelectual e no real dos campos de batalha.

Sabemos que ambos os autores são considerados grandes pensadores do século xx, com aproximações aceitáveis, mas sobretudo com distanciamentos de extrema pertinência. Fanon foi desconsiderado, apagado e subjugado, não por sua obra também revolucionária, mas por ser um pensador *negro*, aquele que está colado à designação de inferioridade pela “epidermização do olhar”⁸.

Faustino nos traz informações bibliográficas minudentes e estudos compilados, fluidos, com didática convidativa, muito embora angustiantes, desse amálgama entre a vida e a pesquisa de Fanon. O autor sintetiza a trajetória do médico, seu nascimento, seus estudos, o sofrimento pelo preconceito racial, sua “clínica política” (p. 27) e sua “política clínica” (p. 33) nos campos de batalha durante a revolução Argelina, sua vida interrompida pela leucemia, além de detalhar seus principais conceitos, construídos a partir da dialética com diversos autores e cânones que ajudarão os iniciantes no aprofundamento da literatura fanoniana.

Como sociólogo, pareceu-me útil agrupar os estudos mapeados conforme o uso do pensamento fanoniano... criar grupos analíticos que não podem ser tomados como fechados. O ponto que quis explicitar é menos a identidade – por vezes arbitrária – dos grupos analíticos aqui delimitados e mais as diferenças nas leituras de Fanon (p. 287).

Assim como nos apoiamos nas biografias freudianas para acompanhar sua obra, a história do psiquiatra martinicano é delineada cuidadosamente por Faustino, que vai guiar a leitura pela trajetória de Frantz Fanon, suas idealizações e frustrações.

Em 1944 [...] no *front* de guerra francês, junto aos franceses brancos metropolitanos, percebeu amargamente

que a sua cor o impedia de ser visto como igual pelos supostos “compatriotas”. Assim, por mais que pensasse, sentisse ou desejasse o contrário, em face ao branco era visto e tratado apenas como negro (p. 21).

Este momento é inaugural para Faustino, momento no qual o médico se descobre não francês, e a “percepção dessa morte social será objeto central de seus futuros escritos e da prática política” (p. 22). Inicia sua tentativa de “descida até o inferno”, para contar-nos que existe praticamente uma impossibilidade de a pessoa negra acessar o núcleo de suas contradições e poder se desalienar, porque para isso é preciso ser, em vez de servir de objeto ao outro que o reifica.

Desde o início, é nítido que Fanon está disposto a descer ao mais profundo da existência humana e encontrar-se consigo como “um homem entre outros homens” (Fanon[1952]2020:128). Mas o problema sobre o qual alerta é que a sociabilidade colonial impede que o negro empreenda “essa descida ao verdadeiro inferno” (Fanon[1952]2020:22), dificultando, assim, a vivência plena e, sobretudo, a superação dos conflitos existenciais que nos tornam humanos (p. 50-51).

Recém-formado, o psiquiatra fez residência com François Tosquelles no hospital psiquiátrico de Saint-Alban, na França, cujas práticas terapêuticas eram inovadoras no campo da psiquiatria. Esse encontro resultou em programas antimaniacômicos constituídos por Fanon em instituições psiquiátricas em Blida, na Argélia e em Manouba, na Tunísia. “É nesse período de estágio, também, que Fanon publica *Pele negra, máscaras brancas*, sem, contudo, gerar grande impacto no debate público francês” (p. 30). Faustino assinala que, em 1953, quando o médico aderiu ao movimento revolucionário anticolonial para independência Argelina, radicalizou seu pensamento contra a institucionalização da loucura, e distanciou-se das práticas adotadas por Tosquelles.

Dr. Fanon tomou partido, clandestinamente, da Revolução Argelina, recebendo e abrigando militantes

torturados no hospital ou treinando outros em técnicas de primeiros socorros e até, em alguns casos, em táticas psíquicas de resistência à tortura, principal arma de guerra utilizada pelos militares franceses (p. 31).

Esse giro da práxis de Fanon aconteceu diante da crueza vivida nos atendimentos e no compartilhamento da angústia encontrada na guerra e, assim, volta-se inteiramente para a luta anticolonial e para os efeitos traumáticos do colonialismo até seu último texto em 1961, *Os condenados da terra*, publicação póstuma que ficou mais conhecida pelo prefácio escrito por Jean Paul Sartre do que por seu conteúdo anticolonial.

Estudos antirracistas e a psicanálise

É fundamental que se leia e se deixe atravessar por essa obra sem perder de vista as diferenças no reconhecimento diante da leitura e na emoção que possa ser despertada no branco transgeracionalmente reeditor da colonização do negro, ou seja, o que a dor do outro que desconsideramos por séculos pode reverberar em nós. *Frantz Fanon e as encruzilhadas* traz reflexões fundamentais sobre os estudos antirracistas que podem ajudar a amplificar a escuta clínica em uma psicanálise formada em sua maioria por profissionais brancos.

No livro *Tornar-se negro*⁹, publicado pela primeira vez em 1982, Neusa Santos Souza reclamava a transformação da escuta psicanalítica diante do racismo. Quarenta anos depois, ainda precisamos ser lembrados da segregação e do apagamento da pessoa negra, muitas vezes, reafirmados no próprio *setting* analítico¹⁰.

Souza terá suas pesquisas e teorias interpretadas por Faustino pelo viés do “como vir a ser”. O

autor defende que para a psicanalista a luta por vir a ser humano e o estar em relação ao outro implicam a rejeição dos lugares minorizados que o branco reserva ao negro. Esse pensamento estabelece um diálogo direto com as ideias fanonianas, já que a autora “não faz apenas meras referências a Fanon, indo muito além e refletindo com ele” (p. 238).

Trazer Neusa Santos Souza ao debate é interessante não apenas por ela ser uma das primeiras mulheres dessa longa lista masculina de autores, mas também porque escreve de um lugar pouco usual aos autores negros brasileiros: fala como psicanalista, conhecida inclusive por outros assuntos que transcendem o debate sobre racismo, problematizando questões como a importância da obra lacaniana, e o seu enfoque sobre a psicose, a angústia, o Eu e o Outro, o sujeito psicanalítico (p. 239).

Na aproximação de Souza com Fanon, Faustino aponta para os conceitos freudianos de eu ideal e ideal de eu, os quais a psicanalista explora em sua obra evidenciando que o ideal do eu do negro é branco e que ele precisa estar frequentemente atento a seus movimentos, falas e escolhas da infância à vida adulta para que não seja “atacado, violentado, discriminado”; o resultado disso é a cisão do universo psíquico” (p. 245). Para Fanon, “o jovem negro [...] identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca”¹¹.

Alinhado com esta concepção de que o ideal de eu é branco, Faustino nos introduz a um conceito chave do filósofo jamaicano Lewis Gordon, escritor e pesquisador da literatura fanoniana nos EUA, o conceito de teodiceia, que consiste na “divinização” do branco, sendo este o único representante da humanidade, “o caminho, a verdade e a vida” (p. 68). Portanto, para Gordon, ninguém chega ao humano se não pelo branco. Além disso, as contradições do branco são recusadas e colocadas para fora na figura do negro, que vai ser o depositário do que é primitivo, selvagem, sexual e somente corpo.

Assim, a racionalização teodiceica do Ocidente atua como um mecanismo ideológico de autoengano que

8 S. Hall apud Faustino; “Por que Fanon, Por que agora?”, in *Frantz Fanon um revolucionário*, particularmente negro, São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018, p. 14.

9 N.S. Souza, *Tornar-se negro*, Rio de Janeiro, Cia. das Letras, 2021.

10 Cf. Colonialismo, racialização e sofrimento psíquico em Frantz Fanon, Disponível em: <<https://youtu.be/ceN8OmAjS14>>. Acesso em: 12 maio 2022.

11 F.Fanon, “O negro e a psicopatologia”, in *Pele negra, máscaras brancas*, São Paulo, Ubu, 2020, p. 163.

transfere falsamente “para fora” do sistema – colonial capitalista – todas as contradições que lhes são próprias (o mal, a corrupção, a violência, a rapinagem), apresentado a si mesmo como perfeito e a esses atributos como próprios das vítimas que assujeita pelo caminho, *i.e.*, divinizando o branco (p. 70).

Faustino demonstra que o branco nesta clivagem por ele criada também adoce psiquicamente por não viver suas contradições, depositadas no outro. Ele cita Fanon dizendo que “É o branco que cria o negro” e a partir disso também o branco é forjado como grupo racializado sujeito às restrições impostas por representações de oposição (p. 68).

A partir do conhecimento desses estudos políticos e filosóficos e do aprofundamento teórico de diferentes autoras e autores presentes nesta obra, cujos percursos foram construídos em uma realidade opressora, colonialista e ditatorial, a psicanálise pode dialogar com o pensamento fanoniano na construção de uma prática clínica menos isenta e mais ativa diante da alienação colonial.

A leitora poderá escolher várias entradas instigantes que surgem nesses estudos comparados para desenvolver suas próprias pesquisas e aceitar, com isso, o chamado de Faustino à reflexão:

E em que medida todas essas perguntas – bem como as respostas aqui oferecidas – podem nos auxiliar na formulação de outras, que busquem enfrentar todas as formas de violência, opressão e exploração? (p. 11).

Por intermédio do autor, compreendemos que Fanon, com sua erudição e dialética, não se

fixa em nenhuma corrente, pelo contrário, vai se aprofundando tanto no existencialismo de Sartre e Beauvoir, no Marxismo, na psicanálise freudiana e lacaniana para realizar sua crítica e construir teoria e práxis singulares, criadas e vividas na revolução pela independência da Argélia junto à Frente de Libertação Nacional, FLN, onde realizava seus atendimentos tratando os distúrbios decorrentes da guerra, defendendo o pan-africanismo e idealizando a transformação do mundo para o desaparecimento da racialização.

A resposta para a alienação colonial seria uma “reestruturação do mundo” que rasgasse radicalmente o tempo e o espaço presentes, superando o mundo tal como conhecemos (colonial-capitalista) em direção a outras possibilidades de organização social e, sobretudo, a novas formas de humanidade não baseadas na negação de outrem (p. 89).

Ler Faustino e conhecer o pensamento antirracista é improrrogável na pesquisa psicanalítica, pois a obra oferece provocações que fazem refletir sobre qual é a responsabilidade de cada um de nós na construção de políticas afirmativas e, assim, quem sabe, assumirmos um papel transformador diante do privilégio da branquitude e sermos partícipes na análise desta encruzilhada entre psicanálise e o racismo.

Para tanto, *Frantz Fanon e as encruzilhadas* abre diversas portas para futuras pesquisas e a partir dessas um convite à criação de novas e consistentes aparelhagens na luta contra a racialização. Oxalá, esta oportunidade não seja só mais um livro em nossa estante repleta de volumes.

A expressão simbólica do inconsciente

Maria Aguilera Franklin de Matos

Resenha de Janaina Namba, *Expressão e linguagem: Aspectos da teoria freudiana*, São Paulo, Blucher, 2020, 260 p.

Não é desconhecido que a questão da linguagem foi uma preocupação fundamental da pesquisa freudiana desde seu início: anos antes da invenção da psicanálise, o jovem Freud já se dedicava a pensar o complexo tema das afasias e travava uma batalha teórica com a neurologia da época, que explicava o distúrbio por meio de uma concepção anatômica topográfica, estática e de ordem puramente fisiológica. O texto sobre as afasias, de 1891, é o ponto de partida da cuidadosa incursão que Janaina Namba faz pela obra freudiana em *Expressão e linguagem: Aspectos da teoria freudiana*. O livro explora o processo de aquisição da linguagem tal qual é pensado por Freud, como inerente ao desenvolvimento psicosssexual infantil. Mas o mergulho nos fundamentos da psicanálise é feito à luz da filosofia, em especial do pensamento de Friedrich Schelling, cuja concepção de *símbolo* é mobilizada pela autora para ampliar a reflexão acerca da linguagem e da simbolização em Freud.

Maria Aguilera Franklin de Matos é psicanalista, tradutora e mestranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. É aluna do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

- 1 R.R. Torres Filho, “O simbólico em Schelling”, in *Ensaio de filosofia ilustrada*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 114.
- 2 J-P. Sartre *apud* R.R. Torres Filho, *op. cit.*, p. 115.

Namba acompanha detidamente o difícil caminho das primeiras elaborações acerca do aparelho psíquico, que, como mencionado, aparecem inicialmente no texto *Sobre a concepção das afasias*, vão se transformando na “Carta 52”, enviada em 1896 a Wilhelm Fliess e, logo em seguida, resultam nas formulações do célebre capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Assim, ao “ver na aquisição da linguagem o próprio desenvolvimento do aparelho psíquico” (p. 52) e ao destrinchar seus vários tempos, a psicanalista propõe que chame-mos de período *simbólico* aquele no qual as palavras ainda são “tratadas como coisas” (p. 13), isto é, quando não existe ainda uma separação entre conceito e palavra, representação-objeto e representação-palavra, ou, nos termos da primeira tópica, quando consciente e inconsciente não teriam se separado. Mas a palavra *simbólico*, aqui, é tomada antes em sentido schellinguiano que freudiano.

Resumidamente, a pertinência do recurso a Schelling estaria em que, para o filósofo, nenhuma cisão incidiria sobre a noção de símbolo. O símbolo (*Sinnbild*, “imagem-sentido”, em alemão) seria uma forma de exposição tão concreta quanto a imagem e tão plena de sentido quanto o conceito; o símbolo “fala por si mesmo” e “de si mesmo” (p. 13). Para ficarmos com um exemplo do plano das artes, poderíamos lembrar, com Rubens Rodrigues Torres Filho – no texto “O simbólico em Schelling”, central na reflexão de Namba –, de um comentário elucidativo de Sartre a respeito de uma pintura italiana: “Esse esgarçado amarelo do céu sobre o Gólgota, Tintoretto não o escolheu para *significar* a angústia, nem tampouco para *provocá-la*; ele é a angústia, e céu amarelo ao mesmo tempo”². Diferentemente da alegoria, o símbolo não aponta para nada que não seja ele mesmo enquanto signo e, portanto, não *significa* algo – ele simplesmente é. A alegoria, por sua vez, é uma forma de representação que remete a outra coisa, de maneira que ela supõe uma cisão entre aquilo que quer significar e a imagem mobilizada para remeter a tal significado. Pensando dessa maneira, a língua corrente teria um caráter alegórico, porque usamos palavras para designar conceitos e objetos que são “externos” a elas.

A acepção de *símbolo* usada pela psicanalista, portanto, não é a mesma de Freud: foi recolhida das correntes filosóficas e literárias do idealismo e romantismo alemão. Todavia, a aproximação dos dois campos – psicanálise freudiana e filosofia pós-kantiana – não é arbitrária ou sem precedentes. Cita-se muito a fala em que Freud atribui a descoberta do inconsciente aos filósofos e poetas, reivindicando para si apenas o método científico que permitiria estudá-lo. A despeito de qualquer aspiração positivista que ele pudesse ter – e sem diminuir a importância da preocupação científica de nosso pesquisador –, o fato é que sua obra é atravessada pela filosofia e, mais explicitamente, pela literatura, aspecto que já foi bastante explorado. Para citar um dos muitos exemplos, Jacques Rancière sustenta em *O inconsciente estético* que a revolução no âmbito da arte iniciada justamente pelos idealistas alemães seria um dos fundamentos do pensamento psicanalítico, o que tornaria a presença da estética em Freud algo estrutural e não mera ilustração de conceitos³.

Talvez houvesse em Freud um quê daquela figura do pensador que se dedica à filosofia e à ciência ao mesmo tempo – campos do saber que outrora conviveram e até coincidiram –, figura que sobrevivia, ao menos parcialmente, nos filósofos que Namba mobiliza em seu texto. Dito isso, não estou afirmando que possamos encontrar o Schelling da teoria do *símbolo* explicitamente em Freud – embora o idealista de fato apareça citado em *Das Unheimliche* e seja mencionado de passagem no primeiro capítulo de *A interpretação dos sonhos*. A própria autora afirma que os laços entre essa tradição filosófica e a psicanálise não são estritos (p. 58), porém, me parece que a aproximação que ela faz diz respeito a questões que circulavam na época do criador da psicanálise. A discussão em torno do simbólico e do alegórico foi muito relevante na primeira metade do século XIX, época que Freud não viveu, mas cujos ecos seguramente chegaram até ele.

Figurava entre os protagonistas desse debate ninguém menos do que Goethe, escritor cuja importância para Freud dispensa comentários.

Segundo Torres Filho, o poeta teria dito em uma carta endereçada a Schelling como considerava “a diferença entre o tratamento alegórico e o simbólico” importante, pois “muita coisa girava em torno desse eixo”⁴. Por sua vez, E.T.A. Hoffmann, estrela do *Unheimliche*, colocara na boca de seu pintor fictício Berklinger a seguinte fala: “Só os fracos e ineptos pintam quadros alegóricos. Minha imagem não deve *significar*, mas *ser*”⁵. A questão, portanto, perpassou a obra de diversos autores que foram referências para Freud, e não é à toa a aproximação que Namba faz do arcabouço teórico do idealismo alemão, utilizando-se dos conceitos de símbolo e alegoria para desdobrar as ideias freudianas.

Além disso, o recurso à filosofia não se restringe a Schelling: a abordagem do filósofo francês Condillac com relação à origem da linguagem, por exemplo, tem certa convergência com as ideias de Freud; a concepção de um prazer da “existência originária” que aparece na obra do romântico alemão Novalis assemelha-se à ideia freudiana de desejo. Porém, como é próprio de uma psicanalista e professora de filosofia, a autora toma o cuidado de não colocar em estrita equivalência as duas teorias, que, no entanto, conversam e se iluminam sem perder suas particularidades.

Mas retornemos à via mestra do livro de Namba: o estudo dos aspectos relacionados à linguagem que atravessam toda a teoria freudiana. Talvez essa qualidade de Freud tenha ficado um tanto ofuscada para nós, depois que Lacan elaborou o grosso de sua obra sobre os alicerces da linguística estruturalista. Mas se é verdade que “há quem pense que foi só a partir dele que a linguagem foi abrangida pela psicanálise”, como anota Camila Salles Gonçalves na quarta capa do livro, basta ler Freud para saber que a linguagem é estruturante desde o início da psicanálise, e esses fundamentos são a matéria da reflexão de Namba. As ideias de *transcrição* e *representação*, por exemplo, já aparecem nos primeiros textos. Nas formulações iniciais de modelos do aparelho psíquico, Freud refere-se à *tradução* que é feita na passagem do material psíquico de um sistema do

psiquismo a outro e que, por vezes, ficaria impedido pelo mecanismo da repressão. Essa ideia de *tradução*, como a autora propõe, poderia ser pensada nos moldes da tradução literária, tomando os eventos externos como um texto original que é transformado em uma linguagem adequada ao aparelho psíquico (p. 48). Nossos órgãos seriam tradutores de estímulos, e as pulsões seriam eventos que não foram apenas traduzidos, mas incorporados.

O caminho trilhado é longo. São diversos os textos e conceitos psicanalíticos com os quais a autora trabalha, e o que começa pelas formulações iniciais segue para a primeira tópica do aparelho psíquico e chega aos textos metapsicológicos, aos conceitos de pulsão e repressão, à teoria do narcisismo e à segunda tópica. O itinerário teórico cria, porém, uma base de sustentação para a reflexão central do texto: o período que ela chama de *simbólico*, que seria anterior à diferenciação entre representação-coisa e representação-palavra e, portanto, anterior à língua corrente e ao pensamento, os quais pressupõem a cisão do psiquismo. E aqui é crucial relembrarmos que a acepção de *símbolo* que a autora mobiliza é a de Schelling. Ela vai pensar em três momentos: a linguagem motora, ato motor alucinatório que buscaria na percepção algo idêntico à representação de desejo e que seria a primeira forma de expressão *simbólica*; o grito como origem da linguagem simbólica verbal, que inicialmente não teria a finalidade de comunicar algo, mas apenas expressar desprazer, ganhando somente *a posteriori* um sentido outro atribuído pelo “auxiliador externo”; e, por fim, uma primeira linguagem verbal de caráter ainda simbólico, que ocuparia o período autoerótico. Posteriormente, a unidade do ego funda uma linguagem não simbólica, que envolve uma referência analógica à linguagem dos outros – imitando os adultos, a criança “cria uma linguagem própria,

que diz respeito às coisas e não mais à própria linguagem [...]” (p.139). A linguagem verbal não simbólica envolveria os processos de *nomeação* e *significação*, a partir da ligação de uma representação-palavra a uma representação-coisa⁶.

Em seguida, ainda pensando no momento em que consciente e inconsciente não estariam separados, a autora vai refletir sobre o *simbólico* na cultura, recorrendo especialmente a alguns antropólogos e ao mito psicanalítico *Totem e tabu*. Por fim, ela propõe que existiriam algumas formas de nossa linguagem que recuperariam esse período primordial no qual as palavras eram tratadas como coisas: o chiste, a obra de arte e a própria clínica psicanalítica. Isso porque essas formas do discurso promoveriam uma suspensão da barreira da censura – nos termos da primeira tópica – e, por isso, seriam um “verdadeiro mergulho da consciência a resgatar tanto forma como conteúdo do inconsciente” (p. 13). Logo, elas operariam uma espécie de nova instauração do período simbólico, porque idealmente suspenderiam, ainda que talvez por apenas um instante, a linguagem cindida e alegorizante da consciência.

Namba aponta como “a expressão artística é, para Freud, uma *linguagem simbólica*: linguagem intransitiva, que se expressa a si mesma, que se encerra em si mesma e que conjuga em si mesma impulsos conscientes e inconscientes” (p. 190). Aliás, a reflexão estética é justamente o terreno privilegiado por Schelling em sua filosofia do *símbolo*, e a forma artística seria a expressão mais bem acabada do simbólico. Não é por outra razão que a arte se aproxima do chiste, que ao modo de um símbolo sem cisão conjuga forma e conteúdo, de tal maneira que seria impossível traduzi-lo. Brincadeira com a linguagem, o chiste suspende a censura e permite que o inconsciente figure no discurso na forma do humor. Mas, se expressado de outra maneira, ele perde a graça e, por isso, é intraduzível. Nas palavras da autora, tanto no chiste como na obra de arte, haveria um “deslocamento do acento psíquico [que] promove uma confluência dos pensamentos conscientes e inconscientes ou um mergulho do pensamento consciente

3 J. Rancière, *O inconsciente estético*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo, Editora 34, 2009.

4 Goethe *apud* R.R. Torres Filho, *op. cit.*, p. 111.

5 E.T.A. Hoffman *apud* R.R. Torres Filho, *op. cit.*, p. 111.

6 Ver capítulo 3, p. 107-139.

no inconsciente” (p. 211). Não à toa, o crítico Ernest Gombrich diz que o texto de Freud sobre o chiste tem importância decisiva para a teoria das artes⁷. Como no chiste, não é possível colocar em palavras o que uma obra de arte “quer dizer” sem, de certa forma, falseá-la. Arrisco dizer que é justamente nisso que reside a incessante tensão da crítica de literatura e arte, na constatação da falácia da paráfrase, na sabedoria de que a busca de compreensão e reflexão sobre uma obra jamais alcançará seu sentido pleno. Algo semelhante, talvez, à interpretação onírica, que jamais alcança o umbigo do sonho?

Por aí chegamos ao final do trabalho de Namba: a clínica psicanalítica. A sessão de análise, pensada como um sonho, como conteúdo manifesto que guarda conteúdo latente deslocado e condensado, oferece à escuta do analista cadeias associativas através das quais uma história outra do sujeito, até então oculta, se revela. O tratamento analítico, por meio da compulsão à repetição própria da transferência, criaria uma espécie de *espaço simbólico* que, ao suspender resistências,

permitiria a recapitulação do período simbólico infantil, realizando um mergulho da consciência no inconsciente. Por outro lado, o próprio processo de cura dependeria, nos termos da psicanalista, de uma *alegorização* do *símbolo*, isto é, que o símbolo abandonasse sua natureza intransitiva, seu encerramento em si mesmo, “para ganhar um sentido outro, o sentido escondido que se busca na análise” (p. 233).

No final desse caminho, a autora terá explicado o que postula em seu primeiro capítulo:

[...] se, para Schelling, a meta da filosofia é construir uma poesia filosófica/filosofia poética que se expressa simbolicamente, podemos dizer que, para Freud, uma das “metas” da psicanálise é dar à expressão simbólica do inconsciente uma vazão coerente em meio a um sistema alegórico tal como o da consciência” (p. 61).

Ao que parece, Goethe tinha razão quando disse que muita coisa gira em torno do eixo símbolo-alegoria – mais coisas até do que ele poderia ter previsto.

7 Este texto também participa da reflexão de Namba. E. Gombrich, “Verbal Wit as a Paradigm of Art: the Aesthetic Theories of Sigmund Freud”. In *The Essential Gombrich: Selected Writings on Art and Culture*, Londre,: Phaidon Press, 1996, p. 199.

Colaboradores deste número

Ana Carolina de Camargo Cortes

R. Conselheiro Brotero, 931/4
01232-011 São Paulo SP
Tel.: (11) 99610-3734
contato@anacortes.com.br

Ana Claudia Patitucci

R. Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
anapatitucci@hotmail.com

Ana Gebrim

R. Ministro Godói, 836 ap. 4113
05015-000 São Paulo SP
acgebrim@gmail.com

Ana Lúcia Panachão

R. Ásia, 73
05413-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 97336-5095
apanachao@uol.com.br

Bela M. Sister

R. Maranhão, 584/ 42
01240-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3666-6443
belasister@terra.com.br

Cláudia Ribeiro

R. Carlos Weber, 1389 ap.132
05303-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 96600-7171
contato@claudiarib.com.br

Cristina Parada Franch

R. João Moura, 647 cj. 103
05412-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-4386
crisfranch@uol.com.br

Danielle Melanie Breyton

R. Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
danibreyton@gmail.com

Deborah Joan Cardoso

R. Inácio Pereira da Rocha, 142 cj. 305
05432-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 3032-1385
deborah@santacruz.g12.br

Edson Luiz André de Sousa

R. João Telles 542/702
90035-120 Porto Alegre RS
edsonlasousa@uol.com.br

Eloisa Tavares de Lacerda

R. Pascal, 66 ap. 32
04616-000 São Paulo SP

Jean-Michel Vivès

98, Bd Edouard Herriot
PB 3209 06204 Nice Cedex 3
Tel.: 33(0)6 13 42 17 39/33(0)4 94 42 44 97

Jean-Pierre Pinel

jeanpierre.pinel75@gmail.com

Jô Gondar

R. General Cristóvão Barcelos, 24 ap. 701
22245-110 Rio de Janeiro
Tel.: (21) 99782-5791
joogondar@gmail.com

Leda Tenório da Motta

Tel.: (11) 99144-4193
ltmotta@pucsp.br

Leopoldo Fulgencio

R. Marcos Azevedo, 93
05428-050 São Paulo SP
Tel.: (11) 98140-2103
lfulgencio@usp.br

Luciana Lafraia
Av. Daumesnil, 207
Paris 7501
lulafraia@gmail.com

Luis J. Martín Cabré
Joaquin Bau 7, 9D, 28036
Madrid, Spain
ljmartin@telefonica.net

Marcia R. Bozon de Campos
R. Joaquim Antunes 727 cj.122
05415-012 São Paulo SP
Tel.: (11) 99157-5069
marciarbozon@gmail.com

Maria Aguilera Franklin de Matos
maria.aguilerafm@gmail.com

172 Maria de Lourdes Caleiro Costa

Av. Paulista, 509, cj. 05
01311-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 99271-2485
lourdescosta@uol.com.br

Marilsa Tafarel
mtaffare@gmail.com

Marina Bialer
R. Joao Ramalho, 257 cj 24
05008-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 98279-7951
mbialer@hotmail.com

Miriam Chnaiderman
R. Maranhão, 620 cj. 33
01240-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3666-4537
chnaide@uol.com.br

Noemi Moritz Kon
R. da Consolação, 3367 cj. 51
01416-904 São Paulo SP
Tel.: (11) 99221-5490
noemi.m.kon@gmail.com

Paula Patrícia S. N. Francisquetti
R. Ilhéus, 135
01251-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 99246-0615
paulapsnf@gmail.com

Paula Regina Peron
R. Silvio Portugal, 61
01247-060 São Paulo SP
Tel.: (11) 99107-1276
prperon@uol.com.br

Paulo César Endo
R. Turiassu, 127 cj 82
05005-001 São Paulo SP
pauloendo@uol.com

Renata Udler Cromberg
R. Atlântica 776
01440-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 992.790.487
renatauc@uol.com.br

Silvio Hotimsky
R. Ilhéus, 135
01251-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-7743
silvohotimsky@hotmail.com

Tatiana Inglez-Mazzarella
R. João Moura, 1096
05412-002 São Paulo SP
Tel.: (11) 3891-0837
timazza@uol.com.br

Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na Revista *Percorso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os artigos deverão ser encaminhados ao Conselho Editorial através do e-mail deptodepsicanalise@sedes.org.br do Departamento de Psicanálise. Deverão também ser entregues três cópias impressas, pessoalmente ou por correio (não é necessário ser via Sedex), à Secretária do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, aos cuidados de Claudia Dametta, Rua Ministro Godoy, 1484, CEP 05015-900, São Paulo SP, Brasil.

1.1 Os artigos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por duas páginas contendo, separadamente, os seguintes dados:

♦ **PÁGINA 1:**

Título e nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail. A página de rosto é destacada quando o artigo é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor.

♦ **PÁGINA 2:**

Resumo do artigo enviado, com até cinco linhas, em português, e traduzido para o inglês, com redação ou revisão feita por um profissional da área. Enviar igualmente até seis palavras-chave, em português e inglês. Nesta segunda página também devem figurar o número exato de caracteres do texto, inclusive espaços, e a data de envio do artigo para a revista.

Em todas as páginas devem constar o número da página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

1.2. Os artigos enviados devem ter até 35 mil caracteres (com espaços), incluídas as notas de rodapé e não incluídas as referências bibliográficas do final. Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

2. As resenhas devem ser encaminhadas, via email, ao Conselho Editorial de Resenhas:

Camila Salles – camila_salles@uol.com.br;
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;
Lia Novaes Serra – lianovaesserra@gmail.com

2.1 As resenhas enviadas para publicação, sempre originais e inéditas, deverão observar as seguintes especificações:

♦ **PÁGINA 1:**

Deverá conter o título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz,

Freud e as psicoses: primeiros estudos, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p.

Incluir também o número de caracteres e até seis palavras-chave da resenha (não é necessário apresentar resumo ou abstract).

Em todas as páginas devem constar o número de página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

Na última página deve constar o nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail.

2.2 As resenhas devem ter até 20 mil caracteres (com espaços). Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

3. Todos os artigos serão analisados em detalhe pelo plenário do Conselho Editorial de Artigos, que poderá, eventualmente, solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres.

Todas as resenhas serão analisadas pelo Conselho Editorial de Resenhas.

Uma vez aceito o trabalho, um membro destes Conselhos Editoriais transmitirá ao autor do artigo ou resenha eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, a fim de adequá-lo aos padrões da revista.

4. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por *Percorso*:

- ♦ **DESTAQUES:** O que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.
- ♦ **INTERTÍTULOS:** Colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- ♦ **PALAVRAS ESTRANGEIRAS E TÍTULOS DE LIVROS:** Devem vir em itálico, sem aspas, quando mencionados no texto.
- ♦ **TÍTULOS DE ARTIGOS:** Devem vir entre aspas, em estilo normal, sem destaque.
- ♦ **CITAÇÕES:** Devem vir entre aspas, com chamada de nota de rodapé contendo a respectiva referência bibliográfica (ver tópico 5 para mais detalhe sobre as notas). As citações de até três linhas devem ser incluídas no corpo do texto; citações de quatro linhas ou mais devem ser destacadas do texto, em parágrafo escrito em fonte menor.

5. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

♦ **NOME DO AUTOR:**

Em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.

♦ **CAPÍTULOS DE LIVROS:**

Título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem e página citada precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleichmar e C. Bleichmar, “Os pós-kleinianos: discussão e comentário,”

in *A Psicanálise depois de Freud*, p. 286. Para livros sem menção a capítulo, apenas o título do livro em itálico e página.

♦ ARTIGOS DE REVISTAS OU PERIÓDICOS:

Título entre aspas, seguido do nome da revista em itálico, indicando número ou volume, e página citada. Exemplo: R. Zygouris, "O olhar selvagem", *Percurso* n. 11, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).

♦ TEXTOS CITADOS MAIS DE UMA VEZ:

A partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder, *A arte de formar*, p. 45; segunda citação, Marcia Neder, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte...*, p. 134; e assim sucessivamente.

♦ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: **Levisky D.** (2007). *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo; **Mezan R.** (2002). *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

6. Procedimentos finais:

6.1. Para artigos:

Uma vez atendidas as recomendações do Conselho Editorial de Artigos, o artigo finalizado deve ser enviado, via e-mail,

para o seguinte endereço virtual: artigos.percurso@gmail.com. O próprio Conselho Editorial se encarregará de encaminhar o arquivo definitivo do artigo para a Coordenação Editorial.

6.2. Para resenhas:

Uma vez atendidas as recomendações do Conselho Editorial de Resenhas, o texto finalizado deverá ser enviado, via email, para:

Camila Salles – camila_salles@uol.com.br;
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;
Lia Novaes Serra – lianovaesserra@gmail.com

que se encarregarão de encaminhar o arquivo definitivo da resenha para a Coordenação Editorial.

7. Uma vez publicado, cada autor receberá um exemplar do número em que o trabalho figura. Também receberá por e-mail o arquivo do seu texto no formato em que é apresentado na revista, e o arquivo da capa do número. Isto lhe permitirá imprimir separatas e a capa do respectivo número. Os trabalhos recusados não são devolvidos.

8. O *copyright* dos textos publicados em *Percurso* pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na Revista *Percurso*, número tal, ano tal, páginas x-y. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no *site* da revista: <http://revistapercurso.uol.com.br>.

Onde encontrar *Percurso*

Belo Horizonte

Livraria do Psicólogo
Av. do Contorno, 1390
Floresta
Tel.: (31) 3303-1013 / 3428-5000
livrariadopsicologo@livrariadopsico
logo.net

Fortaleza

Livraria Lua Nova
Av. Treze de Maio, 2861
Benfica
Tel.: (85) 3214-5488

Goiânia

Dimensão
R. 1121, nº 249 – setor Marisa
Tel.: (62) 3281.4135
dimens@terra.com.br

Porto Alegre

Livraria Cultura
Av. Túlio de Rose, 85 loja 302
Tel.: (51) 3028-4033 / 3170-4033
dqmanzano@livrariacultura.com.br

Ribeirão Preto

Núcleo Tabela – Instituto de Formação e Pesquisa em Psicanálise, Psicologia e Ciências Humanas
R. Visconde de Abaeté, 210
Tel.: (16) 3623.5780
contato@nucleotavola.com.br

São Paulo

FNAC Brasil – Pinheiros
Praça Omaguás, 34
Telefax: (11) 3815.1099 r. 271
revistaria@fnac.com.br

Livraria APG
R. Monte Alegre, 948
Perdizes
Tel.: (11) 3871-2023 / 3862-9065
livrariaapg@terra.com.br

Livraria Cultura – Villa Lobos
Av. das Nações Unidas, 4777 loja 245
Tel.: (11) 3024-3599 / 3024-3570
rodrigoh@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Market Place
Av. Dr. Chucrí Zaidan, 902 loja 222
Tel.: (11) 3474-4033
gaalmeida@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Paulista
Av. Paulista, 2073 loja 153
Conjunto Nacional
Tel.: (11) 3474-4033
cgtorres@livrariacultura.com.br

Livraria da Vila
R. Fradique Coutinho, 915
Vila Madalena
Tel.: (11) 3814-5811

Livraria Pulsional
R. Min. Gastão Mesquita, 132
Perdizes
Tel.: (11) 3865.8950 / 3675.1190
pulsional@uol.com.br

Maura Book's
Vila Guilherme
R. José Gonçalves Gomide, 545
Tel.: (11) 2909.1959 / 3865-1232
mbooks@uol.com.br

Sorocaba

Psicologia no Cotidiano
Av. Presidente Kennedy, 316
Jardim Paulistano
Tel.: (15) 3327-2104
contato@psicologianocotidiano.com.br
www.psicologianocotidiano.com.br

Salvador

Colégio de Psicanálise da Bahia
Urania Tourinho
R. Alfredo Magalhães, 96, 1º andar
Barra
Tel.: (71) 3264-3202

Uberaba

Ilcéa Borba Marquez
R. Alfen Paixão, 599
Mercês
Tel.: (34) 3312.7761

175

Onde encontrar *Percurso*



A Dr. Contábil consiste na prestação de serviços contábeis, tributários, trabalhistas e societários e é composta de profissionais qualificados em constante atualização com o objetivo de atender com segurança nossos clientes.

Nosso objetivo é fornecer serviços de qualidade, com postura ética, diferenciada, competência e eficácia.



Acesse nosso site:

www.contabil.net

Avenida Caxingui 94 Butantã
CEP 05579 000 São Paulo Capital
Telefone (11) 3724 9440
menossi@contabil.net

Um produto desenvolvido por:

MEN0551
CONSULTORIA CONTÁBIL

Impresso em São Bernardo do Campo sp, em novembro de 2022,
no parque gráfico da Paym Gráfica e Editora,
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae